

**Arqueologia Conventual de Tavira: Contributo para o seu
conhecimento**

Tomé Mourão Horta Machado e Silva

Dissertação de Mestrado em Arqueologia
(Versão corrigida e melhorada após a sua defesa pública)

Orientador: Doutora Rosa Varela Gomes

(Setembro, 2015)

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção
do grau de Mestre em Arqueologia, realizada sob a orientação científica da Professora
Doutora Rosa Varela Gomes

Agradecimentos

Após a conclusão da dissertação pretendo manifestar o meu agradecimento a todos aqueles que contribuíram para que esta dissertação fosse realizada.

Agradeço, à Professora Doutora Rosa Varela Gomes os ensinamentos transmitidos, os conselhos e apoio prestado durante a minha investigação. Agradeço-lhe igualmente a motivação para a exploração do recente tema da Arqueologia Conventual ajudando-me a desenvolver conhecimentos em áreas nunca antes estudadas.

Deixo também um especial agradecimento ao Dr. Marco Santos pela sua disponibilidade permanente, pelos seus valiosos conselhos e críticas que ajudaram ao desenvolvimento da dissertação.

Quero ainda expressar um enorme agradecimento à CMT (Câmara Municipal de Tavira) e ao SACR (Serviço de Arqueologia Conservação e Restauro) pela disponibilidade na consulta do espólio arqueológico dos conventos e mosteiro da cidade de Tavira aqui estudados, assim como pelo apoio concedido durante a minha estadia para a análise do mesmo.

Agradeço à comunidade Franciscana de Tavira pela cedência de plantas inéditas do Convento de S. Francisco de Tavira, aumentando a qualidade da minha dissertação, um especial agradecimento à Doutora Elvira Gonçalves que tudo fez para que me fossem concedidos esses materiais.

Agradeço igualmente a ajuda na transcrição de documentos paleográficos aos colegas João Joaquim, Tiago Simões da Silva, Koldo Trapaga.

Por último, gostaria de agradecer aos meus pais que sempre me apoiaram desde o primeiro dia que entrei na Licenciatura em Arqueologia até ao dia de hoje, à minha namorada que apesar da distância me apoiou nos bons e nos maus momentos ajudando-me a ultrapassar diversas barreiras durante a realização desta dissertação.

Índice

Capítulo I: Introdução

1.1. Objectivos.....	5
1.2. Metodologia.....	5
1.3. Estado de arte.....	7

Capítulo II: Integração física, histórica e cultural

2.1 Ambiente Físico.....	10
2.2 Contextualização Histórica	
2.2.1 Antecedentes.....	12
2.2.2 A Idade Média.....	12
2.2.3 A Idade Moderna	14

Capítulo III: Epítome da História da Igreja em Portugal

3.1. Contextualização Histórica.....	19
--------------------------------------	----

Capítulo IV: O convento de S. Francisco

4.1. Contextualização Histórica.....	26
4.2. Obrigações conventuais.....	35
4.3. Inventário do Convento de S. Francisco de Tavira.....	38

Capítulo V: O Mosteiro das Bernardas

5.1. Ordem de Clunny & Ordem de Cister	39
5.2. A Ordem de Cister em Portugal.....	41
5.3. Características dos Mosteiros da Ordem de Cister.....	42
5.4. Contextualização Histórica do Mosteiro	43
5.5. Monjas e Conversas.....	53

5.6. Intervenções Arqueológicas.....	56
Capítulo VI: O Convento de Nossa Senhora da Graça	
6.1. A ordem de S. Agostinho	63
6.2. Contextualização Histórica.....	65
6.3. A Arquitectura do Convento de Nossa Senhora da Graça	68
6.4. Intervenções Arqueológicas.....	71
Capítulo VII: O Antigo Convento de S. Paulo	
7.1. A ordem de S. Paulo	76
7.2. Contextualização Histórica.....	78
Capítulo VIII: O Antigo Convento de S. António	
8.1. A Ordem de S. António.....	82
8.2. Contextualização Histórica.....	83
Capítulo IX: O Convento de Nossa Senhora do Carmo	
9.1. A Ordem do Carmo.....	86
9.2. Contextualização Histórica.....	88
9.3. Intervenções Arqueológicas.....	93
Considerações finais	99
Fontes, Bibliografia e Webgrafia	111

Resumo

PALAVRAS-CHAVE: Arqueologia Conventual; Idade Moderna; Tavira

A dissertação começa por fazer uma introdução ao concelho de Tavira, exaltando a fertilidade dos solos para o cultivo de produtos hortícolas que posteriormente seriam trocados por bens têxteis com os parceiros comerciais. Faz-se uma contextualização histórica a partir da Idade Média até finais do primeiro quartel do século XIX, nela incluindo a história da igreja por forma a explicar o nascimento das ordens religiosas que vêm a instalar-se no concelho. O estudo da importância destes conventos no planeamento urbanístico e o seu reflexo nas zonas limítrofes, entre a Idade Média e a Idade Moderna, no concelho de Tavira, é efectuado com base no levantamento sistemático das estruturas conventuais edificadas, de relatórios arqueológicos dos conventos. Por último é feito um estudo com o principal objectivo de interpretar a cultura material de cada estrutura religiosa e o seu impacto nos quotidianos da Idade Moderna. Conclui-se pela adequação da metodologia adoptada uma vez que esta permite tecer algumas considerações que se julgam relevantes no que respeita aos quotidianos de cada convento.

Abstract

KEY-WORDS: Conventual Archaeology; Modern Age, Tavira

The thesis begins with an introduction to the municipality of Tavira, extolling the fertility of the soil for growing vegetables that would later be redeemed for textile goods with trading partners. It makes a historical context from the Middle Ages until the end of the first quarter of the nineteenth century, including her church history in order to explain the birth of the religious orders coming to settle in the county. The study of the importance of these convents in urban planning and its reflection in the border areas between the Middle Ages and the Modern Age, in the municipality of Tavira, is made using the systematic survey of the convent built structures, archaeological reports of monasteries, .. Finally we study with the main objective to interpret the material culture of each religious structure and its impact on everyday of the modern age. The results confirmed the validity of the approach adopted since this allows some considerations that deem relevant with regard to daily at a convent.

Introdução

Objetivos

Esta dissertação contribui para a compreensão da importância dos conventos durante a Idade Média até finais da Idade Moderna. Pretendemos efetuar um levantamento sistemático das estruturas conventuais edificadas, entre a Idade Média e a Idade Moderna, no atual concelho de Tavira, bem como compreender o impacto dos conventos no planeamento urbanístico do núcleo urbano e o seu reflexo nas zonas limítrofes. Será feito um estudo detalhado de todos os aspetos intrínsecos aos próprios conventos de maneira a compreender o seu valor histórico durante a Idade Moderna. A introdução começa por fazer uma síntese da História da Igreja em Portugal começando por clarificar a emergência de ordens mendicantes. Nos capítulos seguintes, referimos o momento em que a ordem de S. Francisco chega a Portugal e se instala no concelho em estudo. Finalizado o estudo do único convento pertencente à Idade Média em Tavira, será feito um estudo sistemático ao período correspondente à Idade Moderna em Tavira compreendendo assim todas as suas transformações e condicionantes que permitiram a instalação de mais quatro conventos e um mosteiro e as razões que levaram ao seu abandono no século XIX (1834). Este estudo, terá como principais objetivos, a compreensão da arquitetura conventual, atendendo às diversas fases de construção e de reconstrução dos conventos ao longo da Modernidade. O estudo sobre o quotidiano de cada convento será feito recorrendo a fontes históricas e arqueológicas. O estudo do espólio arqueológico encontrado durante as escavações arqueológicas permitirá desenvolver propostas de como seriam os quotidianos dos diversos conventos.

Metodologia

A Arqueologia conventual é uma área de especialização recente e inovadora que não tem critérios metodológicos definidos. Para a realização de uma tese desta natureza foi imprescindível a consulta de fontes históricas, iconográficas, geográficas, arqueológicas e arquivistas. As fontes históricas consultadas ajudaram na consolidação de conhecimentos sobre a História da Igreja em Portugal e no quadro europeu. Através da consulta de fontes históricas conseguimos depreender os fatores que contribuíram para o nascimento das ordens religiosas, assim como todas as transformações ocorridas entre a Idade Média e a Idade Moderna no atual território de Tavira. As ordens religiosas acabariam por desafiar o poder papal e conseguiriam reunir um vasto número de crentes que através de esmolas e doações garantiam a sobrevivência dos conventos e mosteiros.

Rapidamente os mosteiros e conventos ganharam uma maior preponderância tendo-se instalado por toda a Europa e, obviamente em Tavira. A primeira ordem a chegar a Tavira terá sido a ordem franciscana em inícios do século XIV; para tal recorremos a crónicas históricas para compreendermos o impacto do convento franciscano na malha urbana de Tavira e, em conjunto com fontes arquivistas, conseguimos compreender os elementos caracterizadores do convento tanto no exterior como no interior. Foram também realizadas tabelas em Excel com base em registos arquivistas de maneira a garantir uma maior disponibilidade de informação sobre diversos aspetos relacionados com os conventos. Uma dessas tabelas apresenta dados inéditos sobre a naturalidade dos frades que habitaram o convento de S. Francisco de Tavira até à sua extinção. Graças à colaboração da Ordem Franciscana foram igualmente consultadas plantas inéditas pertencentes ao convento franciscano de Tavira permitindo assim elaborar uma possível proposta, com base nestas, da organização do convento. Posteriormente foi feita uma análise idêntica a todos os conventos e mosteiros pertencentes ao concelho em estudo tentando interpretar as diversas diferenças entre cada um e o impacto que tiveram na Idade Moderna. Dos cinco conventos e um mosteiro em estudo apenas três foram alvo de campanhas arqueológicas tendo em vista a construção de pousadas, condomínios fechados e um museu de ciência viva. Para tal, recorremos às fontes arqueológicas tendo como propósito interpretar a realidade conventual através da sua cultura material. A consulta de relatórios de escavação acabou por ser fulcral, na medida que foi possível determinar os espaços associados aos conventos, tendo sido, em alguns casos, interpretada a sua funcionalidade, ajudando assim a desmistificar e a interpretar aspetos ligados à sua constituição. A cultura material, considerada pelos arqueólogos como o fósil diretor de qualquer intervenção arqueológica, é essencial para o estabelecimento de tipologias cronológicas ajudando a clarificar a origem das peças, a contextualizar o ambiente económico e social (conventos dos frades, freiras e monges) entre outras questões. Foi feito um trabalho de prospeção no terreno recorrendo-se à fotografia dos conventos no seu interior e exterior, para assim perceber, e avaliar indícios de elementos arquitetónicos presentes na documentação histórica. No que respeita à cerca conventual, embora esta esteja completamente urbanizada foi feita uma proposta sobre os seus limites com base em mapas e cartas militares e fotografaram-se ainda elementos associados a lajes e bases de coluna que atualmente são utilizados como estilo decorativo, mas que no passado estariam associados às casas conventuais e monásticas. A consulta de espólio arqueológico no SACR (Serviço de Arqueologia Conservação e Restauro) de Tavira foi

também importante para perceber se efetivamente os vestígios arqueológicos poderiam dar respostas às perguntas realizadas anteriormente. O espólio apresentado, relativo à Idade Moderna, era muito escasso, sendo difícil fazer uma interpretação científica da sua funcionalidade nos conventos em estudo. O espólio pertencente aos conventos em Idade Moderna foi fotografado, excetuando o espólio associado à segunda campanha de escavações do Mosteiro de Nossa Senhora Piedade que se encontra por estudar. O espólio representa cerca de trezentos contentores e torna-se imperativo o seu estudo completo para uma melhor interpretação da realidade conventual do mesmo.

Para o estudo dos materiais fotografados recorreremos a artigos e obras publicadas tentando realizar uma síntese dos resultados obtidos.

Estado de Arte – A Arqueologia Conventual na Idade Moderna

A Arqueologia da Idade Moderna é um ramo da Arqueologia que carece de estudos histórico-arqueológicos. Os períodos cronológicos por ela compreendidos situam-se entre o século XV e o último terço do XVIII. O estudo da cultura material permite perceber a importância de um dos períodos mais áureos da história portuguesa, tanto nos núcleos urbanos, rurais e marítimos.¹ Recentemente realizaram-se intervenções arqueológicas em estruturas conventuais, culminando com o nascimento de uma especialização da Arqueologia de Idade Moderna, a Arqueologia Conventual. A Arqueologia Conventual permite estudar a arquitectura dos edifícios conventuais, as ordens religiosas que nelas habitaram e os seus quotidianos desde os finais da Alta Idade Média até finais da Idade Moderna. Esta área interdisciplinar tem ajudado a compreender a importância da Expansão portuguesa na disseminação da construção, por vezes exagerada, de inúmeras estruturas conventuais em todo o território português, especialmente no concelho de Tavira onde chegaram a ser construídas mais de dezanove igrejas, cinco conventos e um mosteiro. Os contributos de inúmeros autores como Almeida Fortunato, Ana Catarina Marado, Arnaldo Casimiro Anica, Carlos Jacinto Fernando Neves, Daniel Santana, Jaqueline Covaneiro, Sandra Cavaco, foram determinantes para compreender alguns aspectos importantes da história conventual de Tavira. Os contributos de Carlos Jacinto

¹GOMES, Rosa Varela (2012) – “ A Arqueologia da Idade Moderna em Portugal- Contributos e problemáticas ” Lisboa. Arqueólogo português, série V. pág. 13

Neves na obra “Mosteiro de S. Bernardo, em Tavira: Proposta de valorização arquitectónica” e a obra de Fernando Calapéz “ O convento cisterciense de Tavira” ajudam a perceber a importância da ordem religiosa de Cister em todo o mundo desde a Idade Média até à sua extinção. Esta ordem nasceu com o intuito de combater os infiéis, através da concessão de bulas papais e privilégios aos guerreiros que combatiam nas cruzadas; tinha como principal lema, restaurar a regra de S. Bento e viver dos votos de pobreza.

A ordem de Cister viria a instalar-se no norte do território português a partir do século XII (Lafões, Viseu, Sever de Vouga, Bouro, Salzedas entre outros) uma vez que o sul ainda se encontrava em período de reconquista dificultando a sua penetração nestes territórios.

Em 1140 é fundado o primeiro mosteiro masculino associado à ordem de Cister, em Tarouca(distrito de Viseu) tendo sido considerado por Luís Sebastian como dos mosteiros mais emblemáticos do território português .

A partir do século XVI a ordem de Cister estende-se para sul do Tejo e expande-se até ao Algarve, chegando inclusive, a edificar um mosteiro com a ajuda do bispo de Silves, Fernando Coutinho, no concelho de Tavira. Os autores (Fernando Calapez e Carlos Neves) efetuam uma extensa caracterização da arquitetura Manuelina e da organização do mosteiro revelando aspetos do quotidiano de monjas conversas, que supervisionavam toda a gestão do mosteiro, e de monjas profetas que executavam todos os trabalhos relacionados com a agricultura de maneira a garantir a subsistência da casa monástica. Curiosamente numa intervenção arqueológica realizada ao antigo mosteiro pelo SACR (Serviço de Arqueologia Conservação e Restauro) terá sido encontrado um conjunto considerável de cascas de ovo, o que poderá ajudar a confirmar as fontes históricas que defendem que as monjas seriam especialistas na arte de coinfecção de doçaria, especialmente no fabrico de caramelos e na feitura de lâminas.

A obra de Ana Catarina Marado sobre os “Antigos Conventos do Algarve: Um Percurso pelo património da Região “é essencial para se compreender o surgimento das ordens religiosas no sotavento e barlavento algarvio. Esta obra alude para uma questão que seria debatida por Marco Sousa Santos na obra “Tavira: O Convento ou o Mosteiro das Bernardas?” Onde se questiona a atribuição do sinonimo “convento” ao intitulado convento das Bernardas afirmando que a ordem de Cister é uma ordem monástica logo a atribuição de mosteiro não é um preciosismo, mas sim um erro que deve ser corrigido. O

mesmo acontece com a diferenciação entre freiras e monjas, sendo as primeiras associadas a recintos conventuais e as monjas a casas monásticas.

Por último executa um extenso inventário de todos os recintos conventuais de todo o território algarvio, revelando um pouco de história de cada um deles e o impacto que tiveram na malha urbana dos concelhos algarvios.

Devemos ainda referir os textos de Daniel Santana sobre o convento de Santa Graça “*O Convento de Nossa Senhora da Graça de Tavira*” e “*Memorial do Convento de Nossa Senhora da Graça*” como artigos fulcrais para entendermos como terá nascido um dos conventos mais emblemáticos do concelho de Tavira. Os textos começam por explicar a importância que teve a reforma dos Eremitas de S. Agostinho, que opôs claustrais e observantes. Os frades claustrais afirmavam que as normas severas, o desrespeito pela obediência e a falta de cumprimento das cerimónias litúrgicas eram fatores que não abonavam a favor da observância, defendiam a abertura das ordens religiosas ao mundo eliminando o conceito de enclausuramento como sendo uma ideia que não permitia a larga difusão da fé cristã.² A classe observante via com maus olhos a reforma clerical iniciada pelos monges de clausura temendo perder toda a hegemonia que detinha no concelho. Os textos de Daniel Santana fazem referência ao fundador do convento Frei Pedro Vila Viçosa, à origem do convento, aos aspetos ligados à demora da sua construção e a um conjunto de fatores como o desaparecimento do seu fundador e o episódio de S. Valentim. Daniel Santana faz também uma exaustiva caracterização do convento ajudando a compreender a real dimensão desta casa conventual.

Destacam-se ainda os contributos de Joaquim Romero Magalhães, sobre o Algarve Económico, na compreensão da construção de tão grande número de igrejas e conventos em Tavira. A prosperidade de Tavira nos primórdios da Idade Moderna, com a expulsão dos mouros e judeus, permitiu ao rei D. Manuel realizar uma enorme campanha de obras públicas permitindo assim o desenvolvimento urbano do concelho.

De referir ainda o artigo da Doutora Rosa Varela Gomes sobre a Arqueologia Moderna em Portugal. O artigo é constituído por três partes. Numa primeira parte o artigo faz uma síntese crítica do atual estado da Arqueologia Moderna em Portugal, defendendo que a

²SANATANA, Daniel (2001) “*O Convento de Nossa Senhora da Graça de Tavira*”, in Monumentos, nº14, Lisboa, Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, Março de 2001, pp.124-133

Arqueologia Moderna é uma área que carece de estudos que se diferencia de toda a ciência arqueológica, não só, devido, ao período cronológico em estudo, mas também no quadro teórico, onde é adotada uma perspectiva holística, permitindo o cruzamento de dados de outras arqueociências contribuindo para uma melhor compreensão da realidade arqueológica. Numa segunda parte começa por dar ênfase ao contributo da Arqueologia para uma melhor compreensão da realidade histórica. Por norma os historiadores acabam por omitir nos registos históricos as demolições, reconstruções e destruições e, muito em parte, graças à Arqueologia é possível compreender todas essas transformações nas estruturas permitindo assim um avanço no conhecimento científico. Na terceira parte o artigo retracta a importância da Arqueologia Urbana e Arqueologia Conventual.³

Em Portugal, o estudo desta temática ainda se encontra a dar os primeiros passos havendo apenas um pequeno conjunto de obras que abordam a temática conventual, como é o caso das publicações sobre o convento cisterciense de Tarouca de Luís Sebastian.⁴

Capítulo II – Integração física, histórica e cultural

O concelho de Tavira insere-se num sistema montanhoso que separa a Peneplanície alentejana da Serra do Algarve “ (...) *O sistema montanhoso algarvio (...) denominado por Serra do Algarve (...) é o elemento físico que separa esta região da Peneplanície alentejana, constituído pelas serras do Espinhaço de Cão e de Monchique, ambas no Barlavento e na parte oriental, pela serra do caldeirão (...)*”⁵

A Serra Algarvia apresenta características típicas do Maciço Antigo Ibérico. Durante a época paleozoica começaram-se a formar diversos tipos de solos que subsistiram até à atualidade. Os solos mais comuns são compostos por xisto, argila, quartzito e grauvaques.⁶ Porém, nem todos os solos são férteis, os solos em xisto e argila devido ao seu alto nível de acidez e impermeabilidade tornam os solos pouco produtivos e não permitem a criação de novos cursos de água. Este tipo de solos é também bastante

³GOMES, Rosa Varela (2012) – “A Arqueologia da Idade Moderna em Portugal – Contributos e problemáticas”. O Arqueólogo Português. Série v, 2. Pág. 15-2

⁴SEBASTIAN, L (2010) – “A Faiança portuguesa no mosteiro de S. João de Tarouca: da restauração à reforma pombalina. As Idades Medieval e Moderna na Península Ibérica. IN actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular. Faro: DHAP da Universidade do Algarve. “. SEBASTIAN, L; PEREIRA, H; GINGA,M; CASTRO, A.S. e (2010) – “ O levantamento gráfico da igreja e área de escavação do Mosteiro de S. João de Tarouca. A Idade Medieval e Moderna na Península Ibérica”. IN actas do IV congresso de Arqueologia Peninsular. Faro. DHAP da Universidade do Algarve.

⁵PAULO, Luís Campos (2006) – “Tavira Islâmica, a Cidade e o Território”. Lisboa. FSCH-UNL. Pág. 23

⁶Ibidem pág. 24

resistente aos fatores erosivos condicionando assim a orografia e as hidrografias da serra.⁷ No algarve litoral, onde se inclui a região de Tavira os solos apresentavam uma base geológica composta por calcários duros e margas pertencentes à Era Mesozoica⁸. Estas características possibilitam a criação de solos moles, permeáveis e solúveis, sendo assim ideais para a prática agrícola.⁹ Tavira, encontra-se igualmente numa das três sub- regiões morfo ecológicas da província administrativa do Algarve, o Barrocal. O Barrocal é “ (...) *um território de relevo ondulado constituído por terrenos datados do Jurássico (...) o Barrocal desenvolve-se entre a Serra e o litoral, (...) desde o Cabo de S. Vicente até as proximidades de Castro Marim (...) é limitado a norte por uma estreita faixa de terrenos datados to Triásico, onde dominam as rochas como os grés, ofites, basaltos e doleritos (...) a sul limitada pela faixa litoral que é constituída essencialmente por rochas carbonatadas e detríticas (...)* ”¹⁰

Os solos de Tavira são fértil dada a geologia do Barrocal “ (...) *região formada por calcários duros e margas (...) da Era secundária (...) do período Jurássico (...) estas características permitem a existência de solos pouco duros, permeáveis e solúveis, quando não argilosos, com boa aptidão hidrológica e considerável capacidade agrícola (...)* ”¹¹

Beneficiando de solos ricos e férteis o concelho de Tavira manteve-se “fiel” à tradição muçulmana dando especial primazia ao cultivo de leguminosas, produtos hortícolas e produção de árvores de fruto. A hidrologia de Tavira foi essencial para a comunicação de recursos naturais com o *hinterland* desde a Proto-História até à Idade Moderna¹². Graças aos registos arqueológicos é possível comprovar que existe uma maior concentração de povoações que habitaram perto da linha costeira ajudando assim a perceber a importância que os cursos de água representavam para a antiga vila.¹³ Beneficiando destes cursos de água e da proximidade do mar começou a desenvolver-se sobretudo na Idade Média e Idade Moderna uma atividade que seria a base da economia em Tavira, a pesca. A pesca do atum, peixe muito cobiçado nos mercados europeus através das armações conhecidas

⁷Idem

⁸Ibidem pág. 25.

⁹Idem

¹⁰GOMES, Carlos José Pinto (1998) – “ *Estudo Fitossociológico do Barrocal Algarvio (Tavira – Portimão)* ”; Évora; Universidade de Évora pág. 9-13

¹¹PAULO, Luís Campos (2006) – “ *Tavira Islâmica, a Cidade e o Território*”. FSCH-UNL. Pág. 24

¹²Ibidem pág. 25

¹³Ibidem pág. 26

como almadravas garantia a sustentabilidade das populações. A recolha de bivalves, ameijoas, lingueirão, bem como a do sal foram importantes para o comércio e contribuíram para um aumento da riqueza deste conselho durante as épocas em estudo. Toda esta pujança económica viria a chamar a atenção da pirataria muçulmana que em meados da Idade Moderna começaria a atacar a região de Tavira tentando capturar recursos naturais e, em particular, o atum obtido com as almadravas.¹⁴[anexo 1-2]

Contextualização Histórica

Antecedentes

Tavira apresenta uma diocese histórica bastante rica conferindo a esta cidade um estatuto importante no seio da comunidade algarvia. O concelho de Tavira foi marcado pela ocupação de várias culturas desde os finais da Pré-história até finais da Idade Moderna. Com a chegada dos romanos à Península Ibérica, a freguesia da Luz, situada a dezasseis quilómetros de Tavira assistirá ao nascimento de uma cidade conhecida como Balsa. Um dos arqueólogos, o Dr. Luís Fraga da Silva, defende que Balsa terá sido uma importante cidade portuária romana que ficava situada entre a Torre D'Aires, a Quinta das Antas e Quinta do Arroio.¹⁵ A cidade de Balsa começou o seu processo de crescimento a partir do reinado de Cláudio I (41-54 d.C.), desconhecem-se as razões, porém teoriza-se que a entrada da Mauritânia no Império terá aumentado as relações entre Balsa e o Norte de África, aumentando assim as trocas comerciais e consequente o aumento da riqueza. Um sismo no século IV faria esquecer qualquer possibilidade de retoma económica. A cidade caiu no esquecimento e foi abandonada.

A Idade Média

Com a queda do rei visigótico após a batalha de Guadalete iniciada por *Tariq Ibn Ziyad*¹⁶ inicia-se a conquista islâmica do território peninsular. No século X, Tavira investia na produção de leguminosas, árvores de fruto e no sector piscatório. O reino de Taifas de Sevilha começou a crescer até que, em 1091, o rei juntamente com o seu filho e herdeiro

¹⁴COUTINHO, Valdemar (2006) – “*Estratégias Defensivas na Costa Algarvia nos Séculos XVI e XVII. O caso de Tavira.*” IN “Espirito e Poder. Tavira nos tempos da Modernidade”. Tavira. Câmara de Tavira. Pág. 49-53

¹⁵SILVA, Luís Fraga (2007) – “*Balsa, cidade perdida*” Ed: Campo Arqueológico de Tavira e Câmara Municipal de Tavira. Tavira. Pág. 21.

¹⁶General Bérbere que comanda a invasão em 711 e conquista à Península Ibérica.

do trono foram mortos pela invasão Almorávida.¹⁷Foi no reinado Almorávida que se dá início à edificação de um castelo em Tavira. As primeiras referências históricas ao castelo são relatadas no século XVII. Um estudo do arquiteto e engenheiro Alexandre Massai, defende que o Castelo Almorávida teria boas estruturas e que teria um papel centralizador no processo urbanístico de Tavira: “ *cercada de bons muros, a modo antigo, mas já em parte arruinados (...) e o arrabalde que é o melhor da cidade não está cercado*”¹⁸O castelo apresentava uma planta sub-trapezoidal com uma área de 845 m² sendo o acesso ao interior feito pela Medina.

Em 1144, *Ibn Qasi* revolta-se contra os Almorávidas tomando vários territórios e garantindo a independência de todo o *Gharb*.¹⁹ *Ibn Qasi* ocupou Silves e Tavira viria a ser entregue a *Ámir ibn Mahib*. No século XII, em 1154, *Alî Al- Wahîbî* chefio uma revolta, tendo como objectivo a expulsão das forças Almóadas em Niebla; a reacção a essa revolta foi fulminante obrigando o líder a refugiar-se em Tavira. Este chefe Almorávida estabeleceria acordos com as forças cristãs e juntos tentaram expulsar os Almóadas do *Gharb Al-Andaluz*. Em 1157, *Abû Iaqûb Iûsuf* ataca ferozmente a cidade de Tavira. Apesar de Tavira não ter sido conquistada foi gravemente destruída e *Alî Al- Wahîbî* abandona o concelho deixando-o completamente destruído.²⁰ Surge um revoltado conhecido como *Abdalá Ibn Ubaidalá* que toma o lugar do antigo líder. Em 1167 os Almóadas fazem um novo cerco e após uma longa batalha, Tavira perde o domínio e entrega a cidade ao novo chefe Almóada, *Zakariya Ibn Sinan*.²¹

Os Almóadas reconstruíram o castelo e instalaram novas torres, uma destas octogonal. Reforçaram igualmente o pano de muralha pois encontrava-se bastante danificado dos ataques, anteriormente mencionados, e instalaram outro conjunto de torres quadrangulares e circulares, seguindo o modelo militar da fortaleza de Sevilha. A partir de 1170 os castelhanos e portugueses começam a exercer pressão sobre os muçulmanos e muitos territórios começam a ser reconquistados. Tavira viria a ser reconquistada pelo mestre da ordem militar de Santiago, D. Paio Peres Correia em 1242.²² Com a chegada de D. Dinis ao poder, Tavira viria a recuperar a força económica que detinha. O rei acabaria

¹⁷Ibidem pág. 22.

¹⁸Ibidem pág. 68

¹⁹VV.AA. [s.d] –“*Tavira, Território e Poder*”. Tavira. Câmara de Tavira. Pág. 134-135

²⁰VV.AA. [s.d] –“*Tavira, Território e Poder*”. Tavira. Câmara de Tavira. Pág. 134-135

²¹Idem

²²Ibidem pág. 186-193

por capitalizar investimentos na zona portuária melhorando as estruturas e o seu armamento. Em 1320, D. Dinis consegue uma bula papal e dá continuidade ao desenvolvimento de uma frota naval nos territórios algarvios.²³ Em 1341, uma nova bula denominada de *gaudemus et exultamus* foi concedida a D. Afonso IV com a finalidade de canalizar esse investimento para a guerra com os opositores da fé cristã.²⁴ Tavira beneficiaria muito deste investimento naval e revelar-se-ia uma cidade com grande importância durante a Época dos Descobrimentos.

A Idade Moderna

Em 1411 é assinado um tratado de paz com os castelhanos e, em 1415, os portugueses iniciam a expansão ultramarina conquistando Ceuta.²⁵ O início da expansão portuguesa está ligada a Tavira, porque foi do seu porto que saíram muitas embarcações para Ceuta em 1415.²⁶ O desenvolvimento progressivo das estruturas portuárias mais a concessão de forais e bulas papais permitiu um desenvolvimento progressivo da cidade, considerada assim, uma das mais importantes cidades do Algarve. Tavira era reconhecida pelo seu esplendoroso porto que atraía mercadores de toda a Europa que desejavam comercializar os seus produtos. Com o início da expansão portuguesa, todas as regiões do Algarve iriam desenvolver acordos comerciais com os navegadores africanos de Ceuta e Marrocos [anexo 3]

Tavira chegou a receber 200 navios, 25 galés e 45 000 homens²⁷ que partiam com o intuito de explorar territórios além-mar, aumentando a riqueza de Portugal e combatendo os muçulmanos.

Em 1425 é criado um hospital conhecido como Albergaria do Corpo do Espírito Santo; tinha como principal função receber todos os militares que combatiam ferozmente os muçulmanos nas praças marroquinas. Em 1454, D. Afonso V doou alguns terrenos com o intuito de aumentar o primitivo hospital.²⁸

²³Idem

²⁴Idem

²⁵Veja-se MARTINS, Susana (2009) – “*A Evolução Urbana da Cidade de Tavira*” Coimbra. Universidade de Coimbra. Pág. 78-80

²⁶Idem

²⁷Idem

²⁸Susana (2009) – “*A Evolução Urbana da Cidade de Tavira*” Coimbra. Universidade de Coimbra. Pág. 80-81

Damião Vasconcelos no seu livro “Notícias *Históricas de Tavira*” afirma que o hospital teria sido criado no ano de 1425 e apelidado de Albergaria. Contudo outros investigadores, baseando-se numa carta de 1454 conhecida como Sesmaria, asseguram que a construção do mesmo hospital ocorreu no mesmo ano.²⁹ Arnaldo Casimiro Anica, graças aos conhecimentos de paleografia consegue compreender que há referências deste local desde 1425, nas folhas 27 e 28 de uma escritura de 1456, e uma outra referente ao ano de 1425 “ (...) dou a santa Maria a nova hua casa em que ora está feita a albergaria caminho de S. Francisco pela amla de Violante Myz ”³⁰ Há um pequeno hiato histórico na década de setenta sobre este hospital, sabe-se apenas que a partir de 1480 o hospital já estava em funcionamento e fora apelidado de Hospital do Espírito Santo.³¹ Os portugueses combatiam os muçulmanos do Magreb porém as baixas eram elevadas, os muçulmanos estavam no seu território podendo assim mobilizar diversos exércitos para combater os portugueses.³² A distância dos portos portugueses em relação às praças africanas obrigaram a uma readaptação e reforço, dos portos algarvios que se tornavam mais seguros e com capacidade para reabastecer tanto em termos militares como em bens essenciais. Tavira, beneficiava de estruturas portuárias e uma excelente localização em relação aos portos africanos, gozava de autonomia própria para combater a pirataria muçulmana.³³ D. Afonso V concedeu alguns privilégios a este concelho, um dos quais tratava de assegurar que Tavira não podia ser entregue a qualquer pessoa, excetuando a um membro pertencente aos quadros da coroa portuguesa, privilégio esse conhecido como “Realenga e Coroa dos Reinos”. Tavira passou assim a ser considerada *Terra Realenga e Coroa dos Reinos*. Já no reinado de D. Manuel, o “Venturoso” seguiria a mesma linha de pensamento do seu antecessor D. João II, dando continuidade ao investimento nas regiões algarvias. Em 1504 D. Manuel concede forais à alcaria de Tavira dando continuidade ao seu progressivo desenvolvimento; em 1520, D. Manuel concedeu o título de cidade a Tavira não só pelos enormes serviços prestados contra o reino de

²⁹ ANICA, Arnaldo Casimiro (1983) – “ *O Hospital do Espírito Santo e a Santa Casa da Misericórdia da Cidade de Tavira (Da fundação à actualidade – notas)* ” Tavira; pág. 19

³⁰ Idem

³¹ Ibidem pág. 20-24

³² MAGALHÃES, Joaquim Romero (2012) – “ *O Algarve na Época Moderna*”. Coimbra. UALG. Pág. 80-81

³³ MAGALHÃES, Joaquim Romero (2012) – “ *O Algarve na Época Moderna*”. Coimbra. UALG. Pág. 81

Castela mas também por ser uma localidade com extrema importância no reabastecimento de recursos para o norte de África.

O aumento de riqueza levou a uma maior fixação da população no concelho de Tavira e a um aumento da mesma. Porém a população seria drasticamente reduzida após um acordo que D. Manuel iria estabelecer com o rei de Espanha. Numa tentativa de forjar boas relações com Castela o príncipe de Portugal aceita casar com a herdeira do trono de Castela. Esta proposta era aceite, com a condição de que o rei português ordenasse a expulsão imediata de todos os judeus e mouros do reino, caso estes não aceitassem converter-se à fé cristã. Em Tavira criaram-se comunidades que se auto intitulavam de “comunas” de mouros e judeus. Estes grupos possuíam órgãos de governo próprios, similares às comunidades que seguiam a fé católica.³⁴ O alcaide era o governador mais importante destas comunidades, enquanto os dos judeus obedeciam ao seu rabi. A presença judaica era significativa na Península Ibérica, porém, em 1496 D. Manuel expulsa os judeus e mouros das judiarias e mourarias. Aqueles que não se converteram fugiram ou foram mortos pela inquisição. Com a expulsão de parte da população, a cidade de Tavira ficou menos povoada, facto que permitiu a D. Manuel desenvolver uma campanha de obras públicas. O rei dá luz verde para a construção de edifícios religiosos e não religiosos. Edificou uma praça, conhecida como a Corredoura que fazia a ligação entre o caminho da passagem do gado e os pastos localizados perto das salinas; são construídas várias ruas, sendo as mais conhecidas a rua Nova e paralelamente a esta, a rua Direita da ribeira.³⁵ Apesar da falta de documentação existente sobre as medidas urbanísticas de Tavira foi feita a descoberta de uma planta do século XVI, desenhada pelo pintor *Leonardo di Ferrari*, que possibilita a teorização sobre algumas das modificações feitas na cidade de Tavira ao longo dos séculos.³⁶ Pensa-se que no primeiro quartel do século XVI, terá ocorrido a construção do bairro do Mal Foro, este bairro seria uma possível expansão da judiaria que assentava num local central onde se crê que haveria uma sinagoga. A zona mais perto do rio assemelha-se muito ao bairro do Mal Foro, onde

³⁴ANICA, Arnaldo Casimiro (1993) – “*Tavira e o Seu Termo, Memorando Histórico*”; Edição da Câmara Municipal de Tavira; Tavira; pág. 83

³⁵PAULO, Luís Campos (2007) – “*Tavira islâmica – A Cidade e o Território*”. Lisboa. FCSH-UNL. Pág. 197-198

³⁶MARADO, Catarina Almeida (2010) – “*A Cidade, os Conventos e as suas Hortas*” IN Cidade e Mundos Rurais – Tavira e as sociedades agrárias. Tavira. Cartólogo de exposição “Cidades e Mundos Rurais”. Pág. 110-111

a área mais distante dá a entender que não é organizada por quarteirões mas sim por casas que delimitam vazios interiores de ocupação agrícola, o sector denota um núcleo bastante reticulado.

Em 1509 D. Manuel organiza um pequeno contingente armado para combater os muçulmanos que tinham feito o cerco à cidade de Arzila.³⁷ Em 1516, houve um novo cerco por parte das forças muçulmanas às praças marroquinas, besteiros e moradores de Tavira socorreram a cidade e conseguiram salva-la.³⁸ Em 1522, Marrocos seria atacado por uma epidemia, conhecida como peste bubónica, esta acabaria por dizimar não só os habitantes como também as colheitas, originando grandes perdas económicas e humanas³⁹. No mesmo ano todas as pessoas que estavam doentes eram enviadas para o Hospital de Todos os Santos em Tavira. O Porto de Tavira conferia então essa segurança adicional, que permitia às pessoas confiarem nesta cidade para poderem tratar a terrível enfermidade. Tavira tornou-se o principal foco de combate à epidemia, para evitar que a doença se propagasse pelo resto do território foi promulgada uma lei em 1525 onde se estabeleceu que “ *toda a pessoa que vier do loguar empedido de peste terá de degredo xxx dias onde quer que lhe for ordenado* ”⁴⁰ Em meados do século XVI iniciam-se constantes ataques piratas aos territórios algarvios, a pirataria muçulmana podia ser entendida como uma manifestação associada ao conceito militar e religioso de *Jihad* contra a população cristã. Os piratas muçulmanos pretendiam não só as grandes riquezas naturais do território (solos férteis, a enorme variedade de produtos hortícolas, leguminosas e árvores de fruto, a pesca e as almadras) como pretendiam capturar homens e mulheres para serem usados como escravos. Os ataques muçulmanos eram realizados a partir do mês de Abril até Setembro pois era esta a época em que os pescadores saíam para a pesca do atum, os portos ficariam menos guarnecidos e seriam um alvo mais fácil de ataque. A falta de soluções para combater a pirataria muçulmana era preocupante e D. João III encontrava-se sem ideias. Em 1549 um capitão de Tavira conhecido como Manuel Mendes propôs uma estratégia defensiva e de vigia “ (...) *ancorada em uma em cada um dos principais portos, Tavira, Faro, Portimão e Lagos, para actuarem com rapidez, assim que fosse pressentida a aproximação mourisca e, por*

³⁷MARTINS, Susana (2009) – “ *A Evolução Urbana da Cidade de Tavira*” Coimbra pág. 83

³⁸MAGALHÃES, Joaquim Romero (2012) – “ *O Algarve na Época Moderna*”. Coimbra. UALG. Pág. 81-82

³⁹MAGALHÃES, Joaquim Antero Romero (1970) – “ *Para o estudo do Algarve económico durante o século XVI*”; Lisboa. Cosmos. Pág. 18-19

⁴⁰Ibidem pág. 19

outro, em dar-se sinais de fumo durante o dia e de fogo durante a noite, feitos a partir de certos lugares (...)”⁴¹ Assim tornar-se ia mais fácil comunicar entre as várias regiões do sotavento, permitindo prevenir possíveis saques e evitar pesadas pilhagens. No reinado de D. Sebastião há uma preocupação com o estado dos sistemas defensivos e readaptam-se novos equipamentos militares, são também edificadas algumas fortalezas, em Tavira é erguida a fortaleza do forte de Santo António ou de Rato, para conferir uma maior protecção aos recursos mais importantes da economia taviense. Este forte era construído em alvenaria de pedra. Ainda no reinado de D. Sebastião foram edificadas torres atalaias sendo as mais conhecidas a atalaia da Abóbora (cabanas); as atalaias grandes e pequenas (perto do rio Gilão); a torre Nuno Pereira (perto do rio Gilão); a torre dos três irmãos (praia do Barril) e a torre de Aires ou Ares de cronologia medieval. Muitas destas estruturas eram construídas em forma de estrela e guarnecidas com baterias e um fosso. Foram construídas trincheiras, junto à costa, para maior segurança da população residente, sobretudo dos marinheiros e dos pescadores que viviam do mar.⁴² Apesar das incorporações feitas por D. Manuel no século XVI o castelo era vulnerável face à ameaça marítima. A construção do castelo, executada em plena época medieval, tinha como intuito fortalecer o núcleo taviense dos ataques terrestres e não se defender ou atacar por via marítima e a um longo alcance. Os panos de muralha não conseguiam suportar sistemas de artilharia capazes de fazer frente aos perigos do mar. A partir do século XV o castelo começa a perder a simbologia associada a centro da cidade, e as populações começam a deslocar-se para perto da linha costeira, fora do núcleo amuralhado, beneficiando de um porto muito evoluído e com um temível arsenal capaz de fazer face às incursões muçulmanas. O litoral era agora o centro da cidade onde diversas classes sociais (povo, burguesia e nobreza) efectuavam negócios e prosperavam dia após dia. Prosperidade que durou até ao primeiro quartel do século XVII. No final do século XVII observa-se a progressiva decadência de Tavira. Em 1622, Tavira começa a sofrer com o assoreamento do rio. Este acontecimento traduz-se em consequências desastrosas para o comércio. O assoreamento provoca um efeito negativo nos estuários e rios obstruindo-os por via da deposição de sedimentos e areias que condicionam a navegabilidade das embarcações. As grandes galés, cheias de mercadorias, já não conseguiam atracar no

⁴¹VV.AA. (2006) – “*Espirito e Poder, Tavira nos tempos da Modernidade*”; Tavira. Câmara Municipal de Tavira. Pág. 48

⁴²COUTINHO, Valdemar (2006) – “*Estratégias defensiva na Costa Algarvia nos séculos XVI e XVII. O Caso de Tavira* IN “*Tavira nos tempos da Modernidade*”. Tavira. Câmara de Tavira. Pág. 49-51

porto de Tavira; o contacto com os mercados europeus e africanos foi assim completamente destruído. Os nobres perderam toda a sua pujança económica e foram destituídos dos grandes cargos administrativos. Com o terramoto de 1755 as estruturas militares e eclesiásticas são afectadas e muitas delas deixadas ao abandono. Os conventos e mosteiros seriam abandonados em meados do primeiro quartel do século XIX.

Capítulo III - Epítome da História da Igreja em Portugal

Contextualização Histórica

Após a implantação da monarquia portuguesa a igreja adquire um papel importante na gestão social e territorial do país. Apesar de se desconhecerem as principais razões que levaram à emergência do poder eclesiástico o que é sabido, é que foi consentido e apoiado no ocidente europeu.⁴³ O papado assumia um papel de gestão territorial, estabelecendo normas e directrizes fundamentais para a vivência em sociedade, funcionando como agente de regulação. Assim, para além do papel evangelizador, o papado intervinha em situações de instabilidade política e militar apelando ao bom senso e a Deus “ (...) *quando a força bruta prevalecia sobre os princípios de direito (...) a força moral do papado com a sua intervenção poupou muitas guerras, salvou a liberdade dos povos contra o despotismo dos tyrannos (...) semeou na europa o espirito de justiça e ordem (...)*”⁴⁴ É neste contexto que D. Afonso Henriques, depois da assinatura do tratado de paz em Zamora, não tendo ficado convencido de que o império leonês cumprisse a sua palavra e receando uma possível invasão leonesa, recorre ao órgão máximo da Igreja Católica, o Sumo Pontífice. O rei oferece todo o seu reino à Igreja e declara-se vassalo de S. Pedro e do Pontífice, compromete-se a pagar os censos anuais e obriga-se a não reconhecer outro domínio eclesiástico; em troca pede protecção contra o poderoso império leonês. Em 1144 o papa Lúcio II louva o acto de D. Afonso Henriques e garante-lhe protecção contra as forças castelhanas. Neste parecer, D. Afonso Henriques perde o título de Rex, ficando apenas confinado ao título de *dux portugallensis* adquirindo o título de *rex* em 1179 pelo pontífice Alexandre III.⁴⁵ Durante o século XIII o papado era detentor de grande parte do poder político e económico, contribuindo para o “ (...) *afrouxamento da disciplina e da*

⁴³ALMEIDA, Fortunato de (1910) – “*A história da Igreja em Portugal*”. Coimbra. Imprensa Coimbra. Pág. 16

⁴⁴Ibidem pág. 166.

⁴⁵Idem

moral (...) o que despertou na igreja a energia reformadora própria do carácter divino e pela qual acudiu sempre de remédio a todos os males (...) ”⁴⁶ Como resposta a este problema, começam a surgir as primeiras ordens mendicantes, de que é exemplo a ordem de S. Francisco de Assis e S. Domingos de Gusmão. Ambas se regiam pelos mesmos princípios (pobreza e a caridade) e rapidamente ganharam apoiantes e redobram a sua hegemonia social e religiosa. A ordem dos Frades Menores fundada em inícios do século XIII era regida pelos princípios da obediência, castidade e pobreza; foi aprovada provisoriamente por Inocêncio III, e em 1233 foi aprovada definitivamente por Honório III.⁴⁷No ano seguinte, seguindo o mesmo padrão, fundou uma ordem para mulheres conhecida como a ordem de S. Clara aprovada por Inocêncio IV.⁴⁸ Foi igualmente criado um instituto de frades que se regia pelos princípios da caridade e da compaixão pelo sofrimento. Este instituto albergava todos os príncipes, vassallos, nobres e outros titulares que não podiam enveredar pela vida conventual. Estes homens contribuíram e permitiram aos franciscanos e aos dominicanos levar às famílias o espírito da piedade. O caso português não foi muito diferente, muitas destas ordens começaram a chegar a Portugal após a fundação da monarquia portuguesa. Graças ao sucesso da inauguração do Mosteiro de Claraval por S. Bernardo, os monges cistercienses vão conseguir atrair várias comunidades portuguesas e cativá-las a juntarem-se à ordem de Cister. Destacam-se as comunidades de Tarouca, Lafões, Salzedas, Sever do Vouga, Bouro e São Pedro de Águias.⁴⁹ No século XIII assiste-se ao rápido crescimento de mosteiros femininos, ligados à ordem de Cister, destacam-se os conventos de Lorvão, Arouca, Celas e Odivelas. O sul português ainda pertencia ao poder muçulmano e só depois da reconquista cristã é que a ordem de Cister tenta penetrar nas regiões do baixo Alentejo e Algarve. A ordem de S. Francisco aparece em Portugal nos inícios do século XIII, instala o primeiro convento franciscano em Bragança sob o cunho do próprio S. Francisco. Dois anos mais tarde após o crescimento da ordem Franciscana no território português, constroem-se conventos em Coimbra, Lisboa e Guimarães.

⁴⁶Ibidem pág. 265.

⁴⁷Ibidem pág. 269

⁴⁸Idem

⁴⁹CORRÊA, FERNANDO CALAPEZ (1991) – “*O convento Cisterciense de Tavira, Nossa Senhora da Piedade*”. Faro. Delegação Regional do Algarve. Pág. 11

Em 1224 instala-se um convento Franciscano em Évora, em 1232 em Leiria, em 1233 no Porto e em 1312 o concelho de Tavira alberga o primeiro convento da Ordem de S. Francisco. A Ordem dos Frades Menores era uma instituição que tinha como princípios os votos de pobreza, castidade e obediência tendo como principal objetivo a evangelização assente na “ *comunhão fraterna, por meio de uma vida de contemplação e de penitência (...) na atividade intelectual e material (...) no exercício do múnus pastoral em paróquias ou outras instituições eclesásticas (...) e no testemunho da simples presença franciscana (...)* ”⁵⁰ Após a reconquista cristã em 1249, Tavira é o primeiro território algarvio a receber uma comunidade conventual, a ordem mendicante de S. Francisco. Após a chegada da ordem ao território foi planeado a edificação de uma casa conventual em meados da década de 70. Apesar de ser consensual que o projeto de construção deste convento é posterior a 1272, certos autores como João Miguel Simões defendem o oposto. Este defende que os conventos de S. Francisco de Tavira e de Loulé terão sido fundados por Afonso X, entre 1253 e 1267, numa época em que o monarca disputava os territórios com D. Afonso III. Em 1269 D. Afonso III acaba por conceder privilégios e um foral aos mouros forros. Este foral garantia liberdade e segurança a todos os mouros que permanecessem no território e não se convertessem ao cristianismo⁵¹ desde que procedessem ao pagamento de um tributo. Estes mouros teriam direito a uma mouraria com autoridades civis e religiosas estando só dependentes do rei, teriam igualmente alcaides, escrivães, mesquitas e banhos públicos.⁵² Devido a estes constantes atritos entre a coroa castelhana e a coroa portuguesa o convento não terá sido contemplado no inventário realizado em 1272.⁵³ Porém esta teoria acaba por ser bastante discutível dada a falta de documentação e por isso carece de apoio por parte de outros investigadores. Segundo o cronista Frei Jerónimo Belém o convento de São Francisco terá pertencido à ordem dos templários. Após o processo de reconquista cristã, a ordem dos templários acabaria por ser extinta, passando o convento para as mãos do rei D. Dinis que, por sua vez, o viria a doar à ordem dos frades menores⁵⁴. Em 1311 e 1312, o concílio

⁵⁰ <http://www.ofm.org.pt/franciscanos/quem-somos.html> (Consultado a 11/5/2014)

⁵¹ VASCONCELOS, Damião Augusto de Brito (1937) – “*Noticias Históricas de Tavira 1242-1840*”. Lisboa. Livraria Lusitana. Pág. 22

⁵² Ibidem pág. 23

⁵³ SIMÕES, João Miguel (2008) – “*O convento da Graça, Antigo mosteiro de São Francisco de Loulé*” – monografia histórico-artística pp. 15 a 22

⁵⁴ SOUSA, Bernardo de Vasconcelos (2006) - “*Ordens Religiosas em Portugal: Das Origens a Trento - Guia Histórico*”, pág. 310-315

ecuménico de Viena⁵⁵, ditaria a dissolução da ordem dos templários e adicionalmente o aparecimento de várias reformas monásticas dando origem ao movimento claustral, que vigoraria em Portugal até ao século XIV e à ordem observante que se iria impor no século XVI.⁵⁶ Esta ideologia teria como base a doutrina de Martinho Lutero, vulgarmente conhecida como reforma protestante⁵⁷. A mesma ideologia apoiada pelo Papa Leão X, conhecido como Giovanni di Medici, filho de Lorenzo di Médici cria a ordem dos franciscanos observantes “*Os Observantes defendiam a observância integral da Regra. Os seus conventos eram simples e privilegiavam a oração mental e a pregação popular e eram construídos em sítios ermos e em meios rurais (...)*”⁵⁸ Até ao século XIV o convento de S. Francisco adoptaria uma ideologia claustral, ou seja, o convento estaria apetrechado com todo os equipamentos que permitissem a satisfação pessoal dos monges proibindo o desempenho de qualquer actividade no exterior do recinto conventual.

Tavira no século XVI representava, “*(...) não só na grandeza da povoação e dotes que a natureza repartiu com o solo do seu sítio mas também na nobreza dos moradores dela (...) que são três excelências que fazem uma terra nobre e que razão se pode gloriar delas (...)*”⁵⁹. Era um concelho de enorme prestígio social, económico, político e religioso. Foi a partir deste século até finais do século XIX que se dá um enorme “boom” religioso, com a construção de mais de 19 igrejas 4 conventos e 1 mosteiro. Em 1509, D. Manuel I manda edificar um mosteiro dedicado às freiras clarissas após o levantamento de um cerco muçulmano feito na cidade de Arzila. Porém, o mosteiro terá sido entregue em 1526 ao antigo Bispo de Silves, Fernando Coutinho que terá prometido concluir a obra em curto prazo. O Rei D. João III concordou com a proposta e concedeu doações para ajudar o bispo na construção do mosteiro. O mosteiro viria a ser concluído em 1530. Porém, o mosteiro não é entregue às freiras clarissas que optaram por ingressar num convento em Faro, mas sim às monjas de S. Bernardo, pertencentes à ordem de Cister. Este terá sido o único mosteiro feminino da Ordem de Cister em todo a região Algarvia.⁶⁰ Em 1542, Frei Pedro de Vila Viçosa, após uma breve viagem de Azamor ao porto de

⁵⁵ http://www.pr.gonet.biz/kb_read.php?head=0&num=1708 (Consultado a 2/10/2014)

⁵⁶ <http://www.editorialfranciscana.org/portal/index.php?id=5653> (Consultado a 2/10/2014)

⁵⁷ VV.AA. (1996) – “*História Geral da Europa. Do começo do século XIV ao fim do século XVIII*”. França. Publicações Europa-América. Vol. 2. Pág. 245 - 25

⁵⁸ <http://www.editorialfranciscana.org/portal/index.php?id=5653> (Consultado a 10/5/2014)

⁵⁹ LAMEIRA, Francisco e CARRUSCA, Susana (2006) “*A Retabulística em Tavira nos séculos XVII e XVIII*” IN “*Tavira nos tempos da Modernidade*”. Tavira. Pág. 77

⁶⁰ MARTINS, Susana (2009) – “*A Evolução Urbana da Cidade de Tavira*” Coimbra pag. 83

Tavira, acabaria por edificar o convento de Nossa Senhora da Graça associado à ordem de S. Agostinho. Esta obra foi alvo de inúmeras paragens, tendo demorado mais de duas décadas a ser concluída. Apontavam-se inúmeras razões, sendo a mais preocupante o desaparecimento do seu fundador e o famoso caso do padre S. Valentim que será abordado no decorrer da dissertação. O convento só seria finalizado, já sob a chefia do Frei João de S. José em 1569.⁶¹

Com o abandono das praças africanas ocorreu uma abrupta crise económica. Já em pleno século XVII, Tavira sofre uma queda generalizada em todos os sectores, sendo o comércio o mais afectado.

Apesar desta queda socioeconómica do concelho de Tavira a partir do primeiro quartel do século XVII, é de salientar a edificação de duas casas conventuais. Em 1606 foi edificado o Convento de S. Paulo, associado à ordem eremítica de S. Paulo. Esta ordem já possuía uma casa conventual nos arredores de Tavira que terá sido edificada ainda no século XV, porém apenas no século XVII edificou um convento perto do núcleo urbano de Tavira. Esta comunidade praticava a fé observante, mas era no que respeitava à decoração das mais exuberantes de toda a região Algarvia.⁶²

Em 1612 foi edificado o convento de S. António, associado à ordem dos frades capuchos. Os Frades capuchos representavam a fé da observância, caracterizada por ser a mais a austera de todas as ideologias religiosas. Finalmente, no século XVIII foi edificado o convento mais recente de Tavira, o convento de Nossa Senhora do Carmo, associada à ordem dos Carmelitas descalços. Os Tavirenses incentivaram a construção deste convento para conseguirem cobertura legal para a ordem terceira do Carmo.⁶³

No século XIX ocorre uma guerra civil que viria a opor Absolutistas e Liberais. Os liberais pretendiam solucionar dois graves problemas: a consolidação política e a crise financeira.⁶⁴ O partido liberal começava-se a afirmar perante o absolutismo e começou a promover medidas de maneira a erradicar os pilares do absolutismo. Uma destas medidas foi a abolição de várias instituições que apoiavam a causa absolutista e em 1834 de acordo

⁶¹SANTANA, Daniel (2006) – “*Memorial do Convento de Nossa Senhora da Graça*” IN AAVV, Pousada do Convento da Graça, ENATUR- Empresa Nacional de Turismo. Pág. 51-69

⁶²http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5657 (Consultado a 10/5/2014)

⁶³MARADO, Catarina de Almeida (2006) – “*Antigos Conventos do Algarve. Um percurso pelo património da região*”. Edições colibri. Pág. 189-190

⁶⁴SILVA, António Martins da (1993) – “*A extinção das ordens religiosas, a Dispersão do Património Artístico e o Destino dos Colégios Universitários de Coimbra*” Coimbra. Instituto de História de Arte. Pág. 353

como o decreto 30 da convenção de Évora Monte todas as ordens religiosas foram abolidas.⁶⁵ Todas as ordens religiosas masculinas foram abolidas, sendo apenas abolidas as ordens femininas em meados dos anos sessenta. Esta medida garantia que o absolutismo não receberia mais apoio financeiro por parte do clero e pretendia ainda distribuir toda a riqueza material dos conventos pelos cidadãos com o intuito de os integrar no sistema político e seria uma maneira de garantirem propriedade privada e de combate à dívida pública (caso os bens nacionalizados fossem efectivamente vendidos).⁶⁶ As razões que terão levado o partido liberal a tomar estas decisões prendem-se com duas razões: A sobrevivência do próprio partido e a estabilidade das instituições.⁶⁷ Foram extintas mais de 448 casas religiosas sendo 356 conventos masculinos e 12 conventos femininos onde o rendimento anual ultrapassava os 500 contos de reis. O estado procurava agora soluções para o destino dos habitantes destes conventos e dos bens materiais associados às mesmas instituições.⁶⁸ Sabe-se que foram atribuídas pensões que permitiam alguma dignidade de vida aos religiosos, porém na prática os valores atribuídos eram substancialmente mais reduzidos do que os que se esperava e não eram pagos com regularidade. Houve inclusive alguns dos religiosos que por não terem família, amigos, ou outro abrigo, acabariam por morrer de fome ou de doença. Quanto aos bens materiais, sabe-se que a partir de 1835 os bens começaram a ser inventariados e classificados. Estes bens terão ido divididos em várias categorias: os bens móveis e imóveis. Dentro dos bens móveis incluem-se objetos domésticos, frutos, pendentes, alfaías agrícolas, cereais, aves e gado. Estes bens foram em grande parte vendidos em hasta pública.⁶⁹ Desta categoria fizeram parte os capitais, rendas, títulos, juros, etc, que passaram a pertencer ao tesouro nacional. Os bens imóveis como as propriedades rústicas, urbanas e foros foram arrendados a particulares ou à administração por conta da fazenda.⁷⁰ Porém rapidamente se percebeu que os novos proprietários não faziam manutenção às estruturas acabando muitas delas por sofrer danos irreparáveis culminando com a venda em hasta pública.⁷¹

Porém o que mais intrigou os historiadores, como é o caso do Dr. Marco Sousa Santos, foi a súbita mudança do acrónimo mosteiro, para convento.

⁶⁵Idem

⁶⁶Ibidem pág. 354

⁶⁷Idem

⁶⁸Ibidem pág. 355

⁶⁹Idem pág. 356

⁷⁰Idem

⁷¹ Idem

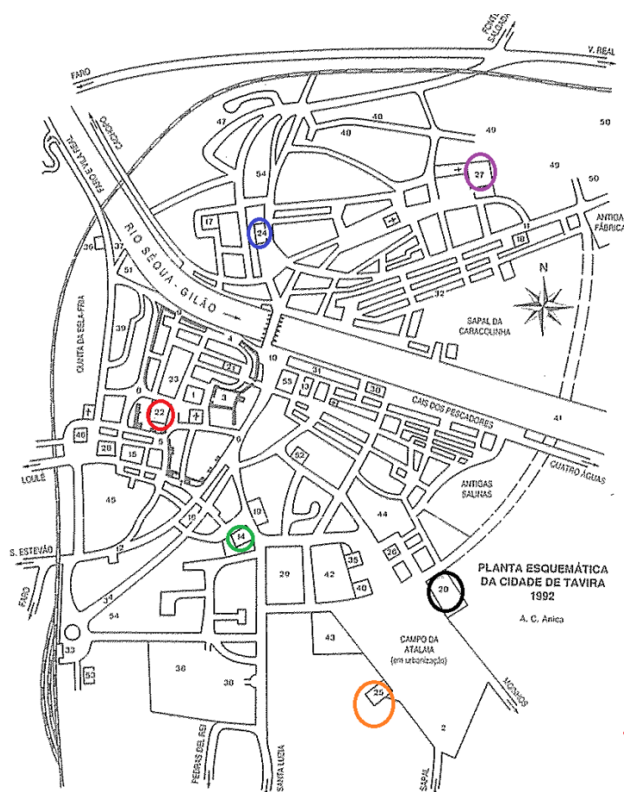
O mesmo considera “grosseira” a atribuição deste novo acrónimo e uma falta de consideração por cinco séculos associados à história do mosteiro. Defende ainda que apenas as ordens mendicantes (Franciscanos, Carmelitas, Domiciano e Agostinhos) é que estabeleciam casas conventuais e as ordens monásticas (Jerónimos, Cister e Beneditinos) fundariam mosteiros. Se tivermos em conta que o mosteiro de S. Bernardo estava associado à ordem de Cister e se a ordem de Cister é uma ordem monástica, não há motivos que justifiquem a mudança de nome. Por definição não existem conventos de S. Bernardo, mas sim mosteiros. Estes fundamentos são reforçados na crónica de D. Manuel, onde se lê, a determinado passo “(...) *fundou de novo na cidade de Tavilla ho mosteiro de freiras da ordem de Sancta Clara (...)*” (Parte IV, cap LXXXV). Inicialmente o mosteiro de S. Clara, hoje vulgarmente conhecido como Convento das Bernardas, terá sido destinado às freiras clarissas e por essa razão, durante algum tempo, terá sido designado Convento de S. Clara. Porém com a entrada das monjas de S. Bernardo o termo convento deixa de fazer sentido passando a mosteiro das Bernardas.⁷² Era importante fazer alguns esclarecimentos sobre esta terminologia para que ficassem bem patente pois este mosteiro de Tavira foi o único mosteiro em toda a região algarvia (visto que as outras ordens seriam mendicantes e eremíticas) o que devia “ *constituir um motivo adicional para preservar e até enaltecer a sua verdadeira identidade*”⁷³

No século XXI, os dois conventos (Convento de Nossa Senhora da Graça e Convento de Nossa Senhora do Carmo) e o mosteiro de Nossa Senhora da Piedade, foram alvo de campanhas Arqueológicas para a readaptação das estruturas religiosas a pousadas (Convento de Nossa Senhora da Graça e Mosteiro de Nossa Senhora da Piedade) e o Convento de Nossa Senhora do Carmo foi transformado num Museu de Ciência Viva. Esta dissertação apresenta os resultados das campanhas efectuadas, assim como uma síntese de todos os relatórios de progresso e finais de cada um dos conventos e mosteiros.

⁷²LIMA Luís Caetano (1736) - “*Geografia Histórica dos Estados Soberanos...*” Tomo II, Lisboa, pág. 306

⁷³SANTOS, Marco Sousa (2015) – “*Tavira: O Convento ou o Mosteiro das Bernardas*”. Algarve.

JAMagazine IN Jornal do Algarve n.º 3026



Legenda da planta esquemática da cidade de Tavira, anexa ao capítulo «Áreas de desenvolvimento da Cidade»

1. Igreja paroquial de Santa Maria.
2. Ponto onde foi descoberto, em 1981, um Cemitério romano.
3. Castelo - último reduto da cintura amuralhada.
4. Largo em que se situava a «Porta da Vila».
5. Largo exterior à Porta do Postigo.
6. Porta da Alfaição.
7. Porta do Buraco.
8. Porta da Vila Fria.
9. Porta dos Pelómes.
10. Praça da Ribeira, hoje chamada da República.
11. Porta de S. Lázaro.
12. Porta do Malfor.
13. Local onde eram as taracenas em 1338.
14. Igreja do antigo Convento de S. Francisco.
15. Centro da antiga Mouraria.
16. Zona do Bairro do Malfor.
17. Alto de Santana. Igreja do mesmo nome.
18. Leprozaria de S. Lázaro. Igreja do mesmo nome.
19. Hospital do Espírito Santo.
20. Convento das Freiras.
21. Igreja da Misericórdia.
22. Convento dos Frades de Santo Agostinho.
23. Palácio da Galeria e quintais anexos.
24. Convento de S. Paulo e respectiva Igreja.
25. Convento dos Frades Capuchos de Santo António e Igreja anexa.
26. Igreja de São Sebastião, propriedade Municipal.
27. Convento dos Frades Carmelitas.
28. Edifício do antigo Hospital Militar, hoje messe de oficiais e sargentos.
29. Quartel Militar.
30. Mercado Municipal, construído em 1837.
31. Jardim Público da Praça, construído em 1890.
32. Bairro Jara, construído em 1896.
33. Estação do Caminho de Ferro.
34. Avenida da Estação.
35. Cadeia Civil, construída em 1916.
36. Matadouro, idem.
37. Local onde existiu a fábrica de conserva de frutas.

Figura 1: Os conventos e mosteiros pertencentes ao concelho de Tavira.⁷⁴

Capítulo IV - Convento de S. Francisco de Tavira

4.1- Contextualização Histórica

O convento de S. Francisco [anexo 4] está localizado no Largo Dr. Vasco Gracias com as seguintes coordenadas, 37.122925 de Latitude e -7,650920 de Longitude. A existência de uma pedra localizada perto do Claustro, com uma inscrição gótica, comprova que este convento terá sido fundado pela Ordem dos Templários em 1232, em plena reconquista cristã⁷⁵ [anexo 5]. Em 1312, após o concílio ecuménico a ordem dos templários é dissolvida e o convento de S. Francisco foi entregue ao rei D. Dinis que o doou à ordem dos Frades Menores que nele habitaram até 1517. A partir de 1517 surgiu a ordem observante e o convento de Tavira acabaria por albergar as duas ordens no mesmo

⁷⁴ ANICA, Arnaldo Casimiro (1933) – “*Tavira e seu termo: Memorando histórico*”. Tavira. Câmara Municipal de Tavira. Pág. 31

⁷⁵ OFM, Província dos Algarves. Província, maço 96, documento 9, pág. 1 (<http://digitalq.dgarq.gov.pt/details?id=1991107>)

convento utilizando apenas espaços distintos. Apesar desta partilha de espaços com a ordem claustral o convento viria a adoptar uma postura mais observante e acabaria por ficar sobre a jurisdição da Observante província de Portugal. Em 1532 terá ficado sob o encargo da Província dos Algarves e os frades passaram a ser apelidados de Xabreganos⁷⁶.

O convento foi construído numa zona extramuros, a sul do núcleo amuralhado e no seu exterior onde encontra um arrabalde. É neste arrabalde que no século XIV se construía um dos primeiros bairros fora de portas que ligaria o convento à mouraria⁷⁷.

A casa conventual seguia a arquitectura padrão de todas as casas mendicantes. É possível observar no convento, uma planta em forma de cruz, uma cabeceira poligonal situada à nascente, duas capelas colaterais [anexo 6], três naves, um transepto. O convento apresentava um corpo com 104 palmos de comprimento e 37 de largura; o cruzeiro, um comprimento de 30 palmos de comprimento e 85 de largura e a capela-mor 85 palmos de comprimento e 37 de largura. O convento possui uma sacristia velha [anexo 7,8], uma sala de capítulo, que durante o século XVIII ainda se encontrava incompleta, algumas oficinas, um refeitório e dois dormitórios. Um deles estava situado à nascente e seria constituído por 6 celas e o outro situado a sul com 17 celas habitadas por 12 religiosos. No total viviam cerca de 40 religiosos e um noviciado que era composto por 6 cubículos e o mestre de noviços, porém, tal como a casa do capítulo esta secção ainda se encontrava incompleta⁷⁸. A porta principal da igreja localizava-se a ocidente e no lado oposto encontrava-se a capela-mor [anexo 9]. A capela teria sido erguida e reestruturada segundo a reforma implementada por D. Manuel no ano de 1517. Em 1579 ainda eram visíveis boceis dos seus artesãos com as quinas portuguesas, a esfera e a divisa de D. Manuel.⁷⁹

A capela-mor era constituída por um altar central tendo uma tribuna dedicada à Nossa Senhora da Conceição [anexo 10]. O altar colateral direito era dedicado a Nossa Senhora da Graça, S. João e S. Diogo. O altar colateral esquerdo prestava tributo à Nossa Senhora do Rosário. No lado direito da capela-mor localizava-se a capela de Nossa Senhora da Graça [anexo 11], também conhecida como Santa Ana e no lado esquerdo da capela podia

⁷⁶MARADO, Catarina Almeida (2006) - “ *Os Antigos Conventos do Algarve, um percurso pelo património da Região* ”. Lisboa. Edições colibri. Pág. 165-167

⁷⁷Ibidem

⁷⁸OFM, Província dos Algarves. Província, maço 96, documento 9, pág. 1-4.

⁷⁹OFM, Província dos Algarves. Província, maço 96, documento 9, pág. 1-4.

ser identificada a figura de S. Gregório. Descendo o cruzeiro [anexo12] identificava-se a capela de Santo António juntamente com a sua irmandade. Ao longo do tempo foram implantadas novas capelas ao longo do convento sendo as mais importantes a capela de S. Gonçalo de Amarante, Santo André, Lopo de Melo e sua mulher D. Isabel de Brito, a capela dos Costas, a capela dos Machados e a capela do Coração de Jesus. No século XVIII a ordem terceira de S. Francisco terá mandado construir uma capela para poder enterrar os seus defuntos. Esta capela terá sido finalizada em 1729 e localizava-se no braço esquerdo da igreja conventual que confinava com o largo de S. Francisco, perto do Hospital do Espírito Santo.⁸⁰ Catorze anos mais tarde a ordem manda executar a casa do despacho, junto ao santuário. Segundo as escrituras o canteiro Francisco Pereira terá sido um dos principais responsáveis pela casa do despacho, tendo fornecido cinco janelas de sacada por 12\$000 reis cada, com ombreiras inteiriças de 10,5 palmos de altura, três frestas para a colocação de um corrimão de pedra e um portal, a troco de 7000\$ reis.⁸¹ Em 1797 a ordem contratava José Rocha Pereira, morador em Tavira para executar uma pintura na capela; esta pintura incluía o apainelado do retábulo, o arco do cruzeiro e cadeias que estão pendentes, as lâmpadas no dito arco, seis castiçais de talha e quatro chumaceiras de cinco luzes.⁸² Em 1834 com a revolução liberal dá-se o abandono das casas conventuais, o estado permitiu às irmandades continuarem com os seus bens; não nacionalizou os bens da ordem terceira, porém terá ficado com parte da igreja conventual que pertencia aos frades franciscanos. Esta parcela terá sido vendida a um dos presidentes da Câmara Municipal de Tavira, José Nicolau da Conceição Correia de Melo. Do convento de S. Francisco, sabe-se que em 1840 o corpo da igreja passou a servir de cemitério [Anexo 13]. Posteriormente a abertura para o altar-mor foi colocada a descoberto e a capela-mor foi cedida à Ordem Terceira. Em 1843 o convento sofreu uma derrocada acabando por dizimar grande parte da igreja e das suas dependências. A partir desse ano o corpo da igreja passaria a servir de cemitério e a capela-mor estabeleceu-se na capela dos terceiros.⁸³ Em 1850 a ordem franciscana de Tavira terá comprado àquele

⁸⁰ANICA, Arnaldo Casimiro (2001) – “Tavira e o seu termo”. Camara Municipal de Tavira. Tavira. Pág. 98-99.

⁸¹Ibidem

⁸²Ibidem

⁸³MARADO, Catarina Almeida (2006) - “Os Antigos Conventos do Algarve, um percurso pelo património da Região”. Lisboa. Edições colibri. Pág. 165-167

residente o que restava da igreja conventual.⁸⁴ Em 1867 foi comprado um paramento branco para usar em dias festivos e em 1877 a ordem compra um sino por 200\$000 reis.

Em 1881, um raio destruiu grande parte da igreja. Em 1884 o convento é readaptado a igreja e aberto novamente ao público. Esta nova igreja foi reconstruída a partir dos restos da igreja primitiva e entregue à ordem terceira; o espaço restante foi transformado em Jardim sendo possível, ainda hoje, observar os vestígios das capelas. Actualmente a cerca conventual está completamente urbanizada, porém a autora Catarina Marado no artigo “*A cidade, o convento e as suas hortas*” executam uma proposta onde tenta interpretar e delimitar a cerca conventual. A autora acaba por realizar a mesma abordagem para os restantes conventos e mosteiros. [Anexo 14] Arnaldo Casimiro Anica sugere que a horta do Convento de S. Francisco se encontrava compreendida entre a estrada de Santa Luzia, a estrada das Pardinhas e a rua do Mal Foro, o que pode ajudar a clarificar as suas reais dimensões.⁸⁵

Em 1897 a ordem contrata um pintor, algarvio, José Filipe Porfírio, para ornamentar as novas paredes da nave principal, estas pinturas viriam a ser benzidas no próprio local onde se encontram. Dois anos depois, a ordem investe novamente comprando um “harmónio” por 208\$000 reis. Finalmente em 1903 a ordem terá mandado construir, na nova capela-mor, o cadeiral para catorze lugares para treze mesários e um padre-comissário e cobriu com taipa a porta que ligava a capela.⁸⁶ No interior do convento [anexo 15] é ainda possível localizar uma nave com uma capela de cada lado, limitada por pilastras e um arco pleno com retábulo de estuque; uma capela-mor com arco triunfal pleno, com um retábulo em estuque; duas portas laterais cobertas com estuque e frontão triangular interrompido por duas edículas (oratório) de estuque ladeadas por colunas com caneluras; um transepto com cúpula no cruzeiro assente em quatro trompas; uma capela lateral com arco pleno assente em pilastras de massa com cúpula central e retábulo de talha; um santuário com retábulo de talha barroca e seis nichos de talha barroca com imagens processionais; janelas emolduradas; uma tela de Nossa Senhora da Piedade; uma sacristia com fresta ogival e cobertura em abóbada estrelada com finas nervuras de cantaria fechadas por bocete central; um lavatório de

⁸⁴ANICA, Arnaldo Casimiro (2001) – “*Tavira e o seu termo*”. Camara Municipal de Tavira. Tavira. Pág. 100-101

⁸⁵ANICA, Arnaldo Casimiro (2001) – “*Tavira e o seu termo*”. Camara Municipal de Tavira. Tavira. Pág. 236

⁸⁶Ibidem pág. 102

cantaria com cornija curva; um guarda-vento de madeira [anexo 16]; um coro alto assente em dois arcos abatidos de massa e uma inscrição gótica incrustada numa parede.⁸⁷

No total o convento totalizava oito capelas; duas das mesas de altar, localizadas abaixo do transepto, apresentam-se em posição lateral, característica algo incomum nas casas mendicantes.⁸⁸ Identificou-se igualmente uma zona de nave ligada à igreja e nos telhados do convento dois campanários. Atualmente ainda subsistem no convento de São Francisco duas capelas: a capela dos Costas [anexo 17] e a capela dos Machados [anexo 18].

A capela dos Machados é a mais antiga e terá sido construída no final do século XIV.⁸⁹ Esta encontrava-se adossada a “ (...) *à parede norte da nave da igreja do convento de S. Francisco com o qual comunicava através de um arco apontado, confinava a Este o transepto e a oeste com a outra capela, a dos Costas (...)* ”⁹⁰. Esta capela é caracterizada por “ (...) *uma abóbada de cruzaria quadripartida, com arcos que arrancam de mísulas decoradas com motivos vegetalistas e remata por um lanterim de iluminação (...)* ”⁹¹

Na abóbada estão representados um machado e um escudo que simbolizam a ideia de espaço sagrado pois do ponto vista Heráldico, o machado não está relacionado com nenhuma família importante portuguesa. [anexo 19] Por sua vez o arco de entrada desta capela é constituído por “ (...) *duas pilastras, com formato rectangular e ângulos chanfrados (...)* no topo das pilastras constituem o corpo inferior do arco, foram escavado orifícios (...) *que poderão ter servido para fixar algo (...)* eventualmente uma grade que limitasse o acesso ao interior da capela (...) ”⁹² Junto à base do arco, nos ângulos das pilastras encontram-se vestígios decorativos associados a elementos vegetalistas e zoomórficos. Identificaram-se ainda dois machados e um réptil junto à base das pilastras. Historiadores intrigam-se com o significado das decorações existentes, afirmam que possivelmente estas decorações seriam associadas à ideologia apotrópica, ou seja, de protecção do espaço sagrado. Na pilastra que se encontra lateralmente ao Evangelho, perto da base, foram descobertas duas inscrições bastante degradadas com

⁸⁷ http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5661 (Consultado a 7/10/2014)

⁸⁸ <http://www2.fesh.unl.pt/iem/medievalista/MEDIEVALISTA10/santos1006.html> (Consultado a 10/5/2014)

⁸⁹ DIAS, Pedro (1994) – “ *A arquitectura gótica em Portugal*”. Lisboa. Estampa pag. 149.

⁹⁰ <http://www2.fesh.unl.pt/iem/medievalista/MEDIEVALISTA10/santos1006.html> (Consultado a 10/5/2014)

⁹¹ Idem

⁹² Idem

caracteres góticos que remetem para nomes próprios.⁹³ Nesta época, era costume todos os artesãos deixarem uma rubrica do seu trabalho e estes nomes poderão ser associados aos mestres pedreiros das mesmas capelas. Na primeira pilastra é possível identificar o nome Álvaro (Avlº) seguido de uma inscrição com o apelido Martins [anexo 20] (miz). Na segunda inscrição é visível o nome Vasco (Vº) e novamente o apelido Martins (miz).⁹⁴ A capela dos Costas localizava-se a Este da capela dos Machados e a Sul da casa conventual. A ligação entre a capela dos Costas e a capelas dos Machados era feita através de uma passagem aberta numa parede lateral.

A capela dos Costas localizava-se a sul da nave da igreja conventual, a Este com a capela dos machados e a Oeste com o espaço por onde se abria o portal lateral do templo. Não existem evidências deste portal lateral, porém vislumbra-se numa parede a poente, uma janela geminada característica do período gótico. Esta janela encontrava-se na confluência de duas capelas laterais situadas perto do Evangelho e antecedia o espaço consagrado ao portal principal da igreja conventual⁹⁵. O arco de acesso à capela dos Costas é mais alto que o arco existente na capela dos Machados e é formado por “ (...) *colunelos de fuste cilíndrico, três de cada lado, com intercolúnios côncavos, bases poligonais, multifacetadas e capitéis decorados com representações de motivos vegetalistas e objectos do quotidiano (...)* ”⁹⁶ Tal como acontece na capela dos Machados, os colunelos constituem o corpo inferior do arco e apresentam frestas escavadas.⁹⁷ Os capitéis existentes na capela dos Costas apresentam um vasto leque de representações e decorações [anexo 21]. Uma das representações mais emblemáticas está associada ao apóstolo Santiago e ao seu culto. É ainda possível visualizar elementos ictiológicos num dos capitéis e duas cabaças na epístola. Estes elementos normalmente estão associados a romeiros e peregrinos. Há ainda vestígios de elementos vegetalistas como as romãs que estão associadas ao imaginário cristão. Esta capela lateral funcionava como jazigo familiar tendo sido pensada para albergar o fundador e instituidor da mesma. Os elementos heráldicos visíveis em algumas das cantarias são bastante elucidativos dessa realidade [anexo 22,23]. Apesar do desgaste das cantarias conseguiu-se identificar no 1º

⁹³ <http://www2.fcsh.unl.pt/iem/medievalista/MEDIEVALISTA10/santos1006.html> (Consultado a 10/5/2014)

⁹⁴ Idem

⁹⁵ <http://www2.fcsh.unl.pt/iem/medievalista/MEDIEVALISTA10/santos1006.html> (Consultado a 10/5/2014)

⁹⁶ Idem

⁹⁷ Idem

e 4º quartel a representação heráldica das armas da família Costa. O 2º quartel apresenta uma representação da flor-de-lis e o 3º quartel, uma cruz em aspa, isto é, uma cruz cujos braços partem dos quatro ângulos do escudo, cruzando-se no centro.⁹⁸ Há ainda evidências que levam a afirmar que esta cruz tem uma decoração similar à que encontramos no 2º quartel com a representação da flor-de-lis. O professor Pedro Dias, defende que a capela dos Costas terá sido construída já em meados do século XV. Pedro Dias faz ainda uma analogia entre a capela dos Costas e o Mosteiro de Batalha no que toca à arquitectura e à multiplicidade de linhas utilizadas no arco de entrada, na configuração das bases dos colunelos de entrada, das mísulas prismáticas e ainda aos elementos decorativos presenciados nos capitéis.⁹⁹ Fontes documentais mencionam a fundação de uma capela funerária nos anos 50 do século XV, porém os dados não permitem compreender a posição desta capela, apesar de se ter chegado à conclusão que é uma capela lateral. Em meados do século XVI, é visível na planta de Leonardo Di Ferrari, a presença de três capelas laterais, sendo a mais antiga a capela dos Machados (século XIV). Parece admissível, segundo Pedro Dias que a capela dos Costas, fosse a capela mencionada na documentação, fundada no século XV. Sabe-se ainda que a capela referida nas fontes não foi fundada pela família Costa, mas terá sido instituída pelo morador e mercador, Luís Afonso Painho. Os historiadores debatem-se com a questão de quem terá então sido o verdadeiro fundador desta capela. Em termos cronológicos, e tendo em conta as características arquitectónicas, nada impede que a capela tenha sido fundada por Luís Afonso Painho. Se efectivamente esta capela foi da responsabilidade de Luís Afonso Painho, existirá alguma explicação para a presença das armas dos Costas na pedra de fecho da abóbada? Em 1458, pouco antes do falecimento de Luís Afonso Painho, este terá escrito no seu testamento que era de sua vontade que fosse edificada uma capela no convento de S. Francisco. Após a sua morte, a sua mulher Leonor Vasques ficou encarregue de cumprir o desejo do seu ex-marido. Não obstante ter contraído matrimónio, seis anos depois, com Diogo Costa, irmão de Vasco Anes Corte Real casado com Mor Anes, filha de Leonor Vasques, Leonor garantiu a realização do desejo do marido, e em 1469, foi construída uma capela pela alma de Luís Afonso Painho e Mor Afonso. Em 1470 Leonor Vasques falece deixando o seu marido como administrador da capela de Luís Afonso. Porém no testamento, Leonor explicita a vontade de que o seu neto (Gil Vasques

⁹⁸Idem

⁹⁹DIAS, Pedro (1994) - *A Arquitectura Gótica em Portugal*. Lisboa: Estampa. Pág. 150

da Costa) fosse igualmente administrador da capela, o que acabaria por gerar uma disputa. Assim estabelece Diogo da Costa que seria o administrador e, só após a sua morte, Gonçalo Gil assumiria a posição de administrador. Porém surge outra questão, será que efectivamente Gil Vasques da Costa como pretendia a sua avó (Leonor Vasques) foi verdadeiramente administrador? Ou terá a capela continuado na posse de Diogo da Costa? Se a vontade de Leonor foi cumprida a capela terá ficado na posse de Gil Vasques e mais tarde passou para os seus filhos (Tristão da Costa e Vasco Anes Corte real). Porém Gil Vasques terá falecido pouco depois do casamento deixando apenas filhos menores, e Diogo Costa terá ganho automaticamente o título de administrador da capela. Coloca-se a hipótese da morte do neto e de Diogo da Costa na mesma altura pelo que a capela passava automaticamente para as mãos da família Corte Real e Mor Anes.¹⁰⁰ Se Luís Afonso Painho é então o verdadeiro fundador da capela, qual será a razão para estarem representadas armas da família Costa? O historiador Marco Sousa Santos teoriza que terá sido alguém muito próximo da família Costa que terá marcado o símbolo das armas no 1 e 4 quartel, porém coloca também a hipótese desta capela não ter pertencido a Luís Afonso Painho, pois segundo as fontes, não há nenhuma ligação entre este e a família Costa. Poderão ser estas as armas de Gil Vasques da Costa, filho de Vasco Corte Real e Mor Anes? Esta hipótese seria viável na medida em que consegue justificar a utilização de armas dos Costas associadas a Vasco da Corte Real. Uma outra hipótese colocada é a de a própria Leonor Vasques ter mandado inscrever numa pedra a representação heráldica do seu neto Gil Vasques, garantindo assim que fosse eleito o administrador da capela. Em resumo, os historiadores concluem que esta capela pode ter pertencido a Luís Afonso Painho, pois a capela é cronologicamente datada entre 1458 e 1469, ano em que terá sido construída ou que poderá ter havido uma ligação próxima entre Luís Afonso Painho e a família Costa devido à presença dos elementos heráldicos na pedra perto da abóbada. No interior, ainda é visível no topo de uma capela anexa à igreja do convento, o retábulo associado à ordem terceira de S. Francisco. As paredes laterais estão preenchidas por doze nichos em talha estando destinados às imagens das procissões das cinzas e de Nossa Senhora das Dores.¹⁰¹ Este retábulo é datado do barroco final e desconhece-se o autor responsável pelo risco e entalhe; é constituído por um sotabanco, banco, corpo único, três

¹⁰⁰ <http://www2.fcsh.unl.pt/iem/medievalista/MEDIEVALISTA10/santos1006.html> (Consultado a 15/1/2015)

¹⁰¹ LAMEIRA, Francisco e CARRUSCA, Susana (2006) “ *A Retabulistica em Tavira nos séculos XVII e XVIII*” IN “ Tavira nos tempos da Modernidade “. Tavira. Pág. 82

tramos ático. Apresenta uma composição tetrástila¹⁰² com quatro meninos hercúleos recentemente restaurados de forma inadequada. As colunas apresentam uma variante do modelo original, berminaino. O fuste é caracterizado por cinco espiras lisas sendo a garganta ornamentada por uma grinalda de flores. No tramo principal é visível um nicho reentrado onde surge um vulto em honra a Nossa Senhora.¹⁰³ O entablamento é contínuo; no ático regista-se uma composição tripartida em que sobressai no painel central uma cartela com as armas franciscanas delimitadas por pilastras compósitas e uma arquivolta abatida.¹⁰⁴ Por último realça-se a presença de dois pequenos anjos situados no remate de uma pilastra e ainda uma mísula na parte central do sobrearco, que ostentaria um anjo de maiores dimensões.¹⁰⁵

A concessão de uma bula papal pelo Santíssimo papa Bonifácio III em 1726 a ordem do Sagrado Coração de Jesus faz com que se observe um crescimento destes devotos em Portugal. Esta ordem religiosa apela aos seus crentes para que realizem um conjunto de indulgências e obrigações. Em troca a confraria oferece aos crentes indulgência plenária, remissão de culpa e pena.¹⁰⁶ A confraria do Santíssimo Coração de Jesus apela a que todos homens e mulheres participem no principal dia da festa do Sagrado Coração de Jesus para a invocação de Deus, para a paz, a concórdia entre cristãos, a eliminação de heresias, a redução dos infiéis, a conversão dos pecadores, a realização de missas cantadas e rezadas (Ave Marias e Pais Nossos).¹⁰⁷

Apelam inclusive, para que todos os cristãos ouçam a missa no altar da confraria, assistindo assim aos divinos ofícios. No que toca à morte, a confraria defende que todos os acompanhantes dos defuntos devem ter 140 dias de perdão e se forem acompanhantes de um confrade do Santíssimo Coração de Jesus têm 280 dias de perdão.

Como obrigações, todos os confrades do Sagrado Coração de Jesus devem dar bons exemplos, exercitarem-se, acorrer aos que têm mais necessidades, pagar pequenos tributos monetários à capela, jejuar todas as sextas feiras, confessar-se de oito em oito

¹⁰² Composição constituída por quatro colunas num pórtico

¹⁰³ Ibidem pág. 83

¹⁰⁴ Idem pág. 83

¹⁰⁵ Idem pág. 83

¹⁰⁶ “*Summario das graças, E Indulgencias concedidas aos confrades do Santissimo Coração de Jesus, sita no convento de S. Francisco da Cidade de Tavira pelo Santissimo Papa Benedito XIII*”. Pág. 1-5

¹⁰⁷ Ibidem pág. 1-5

dias ou de quinze em quinze, venerar o santíssimo Coração de Jesus e a Senhora da Boa Morte, fazer confidências aos padres, assistir a missas rezadas e cantadas, trazer sempre ao pescoço um pendente com a figura de Beneditino do Santíssimo Coração de Jesus. Sempre que um confrade falecer, deverão acompanhar o defunto debaixo da cruz e usar vestuário apropriado para a cerimónia religiosa.

Finalmente terão que encomendar a Deus o santíssimo papa Benedito XIII fundador da ordem religiosa pelas suas indulgências e o mesmo farão ao papa Clemente XII pelas suas ofertas e indulgências às confrarias.¹⁰⁸

A capela do Sagrado Coração de Jesus foi fundada por Domingos Fernandes Drago em 23 de Novembro de 1736, a par da capela dos Machados e do Costas, foi uma das maiores e mais importantes capelas do convento de S. Francisco. Apesar da falta de fontes sobre esta capela, sabe-se que terá tido um retábulo bastante primoroso e no meio da tribuna uma custódia com o Coração de Cristo com uma relíquia do Santo Lenho.¹⁰⁹

4.2 - Obrigações conventuais

As obrigações eram práticas comuns para o bom funcionamento das casas conventuais. Foi possível elaborar um estudo sistemático sobre as obrigações dos administradores das capelas em prol do convento de S. Francisco. Foram analisadas 83 capelas pertencentes às freguesias de Tavira e arredores. Este estudo revela que os administradores de todas as capelas são proprietários de fazendas, quintas, herdades, hortas, morgados e casas rurais situadas nos arredores da cidade ou em locais centrais da cidade, nomeadamente na rua direita do concelho.¹¹⁰ As obrigações exigidas a cada capela diferem consoante o poder económico de cada administrador. Os administradores com base na sua condição social e económica (podiam pertencer a diferentes estratos sociais) estabeleciam o contributo para as obrigações a exigir a cada um, variando tanto em termos financeiros como “espirituais”. Para evitar o pagamento excessivo os responsáveis pelo convento efectuavam análises, aos rendimentos pessoais dos administradores e das capelas, tendo como principal finalidade, determinar um valor justo para o pagamento tributário. Estes

¹⁰⁸ Ibidem

¹⁰⁹ VASCONCELLOS, Damião Augusto de Brito (1999) - “*Notícias Históricas de Tavira 1242-1840.*” Camara Municipal de Tavira. Tavira. Pág. 210-211

¹¹⁰ OFM, Província dos Algarves. Província, maço 96, documento 9, pág.1 -11

tributos eram pagos de diversas maneiras e consoante o orçamento de cada capela e administrador. As obrigações poderiam atingir custos entre os 500 reais e os 30 000 reais podiam ser pagas através de esmolas para azeite ou cera; missas cantadas e/ ou rezadas, sermões, aniversários, festas e missas em dias Santos. Todos estes eventos apesar de cariz religioso / espiritual, envolviam despesas que por vezes ultrapassavam os 1000 reais.¹¹¹ Todas as capelas eram obrigadas a pagar este tributo para serem reconhecidas pelo convento de S. Francisco. Porém, nem sempre era possível identificar o proprietário, ou as despesas e receitas de determinada capela. Nessa condição, os priores apenas exigiam um pagamento mínimo ao administrador, evitando assim que este pagasse um tributo demasiado alto para os seus rendimentos. Normalmente esse pagamento era feito através de esmolas para alqueires de azeite e cera ou através de encomendas de um conjunto pequeno de missas cantadas ou rezadas. Este pagamento nunca ultrapassaria os 1000 reais [anexo 24].

O concílio de Trento (1545-1563) viria a revolucionar as ideologias teológicas em todo o mundo. Esta doutrina pretendia “ (...) *reformular o clero e centralizá-lo de novo para a função pastoral a fim de que os homens da igreja viessem a ser os artesãos zelados de uma cristianização profunda das populações paroquiais* (...) ”¹¹² Impulsionados pelo paradigma do concílio de Trento, competia agora aos bispos e padres das dioceses instruir o povo fiel. Os prelados deveriam ser obrigados a convocação de um sínodo regional de três em três anos e à promoção de visitas às dioceses a cada dois anos. Os padres, chefes supremos e bispos ficavam encarregues de dar formação aos quadros clericais, organizando seminários, colégios com o propósito de habilitar novos padres com conhecimentos teológicos de modo a ficarem aptos a comandar diversas instituições religiosas. D. Jerónimo Osório terá sido um dos principais bispos reformadores, sobretudo da região algarvia, onde fomentou a reorganização da estrutura organizativa diocesana, fundou escolas de Latim e Teologia em Faro, Lagos, Portimão e Tavira.¹¹³ Após a sua morte, houve um período de estagnação sendo seguido por outros bispos e padres que deram continuidade ao movimento mas só em finais do século XVII é que surgiria um novo reformador, D. Francisco Barreto II. Este organizou novos sínodos regionais,

¹¹¹OFM, Província dos Algarves. Província, maço 96, documento 9, pág.1 -11

¹¹²LEAL, Bruno (2006) – “ *Igreja e Vida Religiosa no Algarve no século XVII e XVIII*” IN Tavira nos Tempos da Modernidade”. Tavira. Pág. 60-65

¹¹³Ibidem pág. 66

promoveu a realização de novos estatutos e terá dado continuidade ao trabalho desenvolvido pelo antigo compatriota D. Jerónimo Osório. Durante o processo de seriação para aprovação destes novos frades, em frades do coro, eram realizadas inúmeras questões ao candidato. As questões acabam por se tornar um importante fator para a determinação e preparação para um novo cargo no seio religioso. Uma das questões mais populares pretendia saber se o frade era descendente de muçulmano ou mouro, judeu e/ou herege, este tipo de perguntas era para clarificar que não haveria nenhuma tentativa de ataque à fé cristã. Joaquim Romero Magalhães refere que qualquer um que esteja inserido numa misericórdia deve possuir sangue puro, ou seja, sangue cristão “ (...) *Ser irmão da misericórdia atestava da pureza de sangue: Os irmãos não estavam infectados de raça judaica* (...) ”¹¹⁴ O frade não poderia igualmente ter antecedentes criminais, doenças psicológicas e garantir que era por vontade própria que pretendia ascender ao cargo de frade do coro e não obrigado por terceiros. Todos estes factores eram determinantes para um frade do coro ser aprovado ou não perante o “olhar de Deus”. Caso o frade fosse aprovado e posteriormente se descobrisse que este teria omitido a verdade, seria automaticamente destituído do cargo e era obrigado a abandonar a casa conventual.

A tabela 1 permite constatar que a maior parte dos frades leigos que pretende ascender a frade de coro e seus familiares são provenientes de outras localidades de Portugal. Tavira, até finais do segundo quartel do século XVI e inícios do século XVII, era uma cidade atractiva, capaz de satisfazer as necessidades primárias e secundárias da população.¹¹⁵ [Anexo 25].

¹¹⁴MAGALHÃES, Joaquim Romero (2006) – “ *Tavira nos século XVII e XVIII*” IN “Tavira nos Tempos da Modernidade”. Tavira. Pág. 15

¹¹⁵Profissões de vários conventos [Manuscrito] – “*Convento de S. Francisco de Tavira, entre 1647-1671* (f. 77-130); “ [Microfilme]

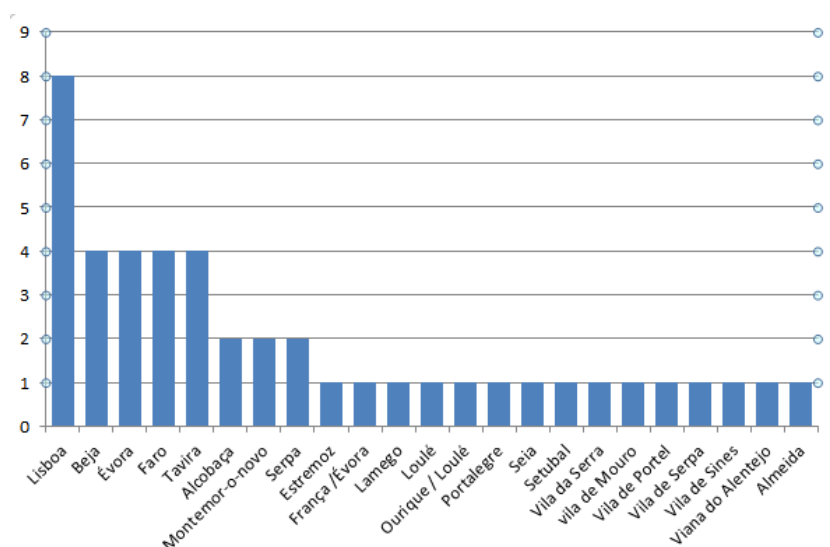


Tabela 1: Tabela referente á naturalidade dos frades leigos e seus familiares oriundos do Convento de S. Francisco de Tavira.

4.3 – “Inventário do Convento de S. Francisco de Tavira”

D. Manuel terá mandado uma carta ao juiz de fora de Tavira, Dr. Francisco Dias a 3 de Agosto de 1517 com o objectivo de fazer um trelado de um inventário sobre a prata e outros ornamentos de Tavira referentes ao mosteiro de S. Francisco de Tavira.

O rei oferece ao juiz toda a ajuda para levar a cabo a tarefa e pede-lhe que faça chegar a carta ao guardião e aos frades do convento, de modo a garantir realização o mais exata possível do inventário, “ (...) *que forem e dise de nosa parte ao / guardiam frades e convento do / djto moestejro que ho mandamos asy / fazer por ho avermos por seluiço / de deos e bem da djta casa e por / que elles posam dar das cousas / della aquella conta que devem / e feyto asy ho djto Jmventajro / no quall asjnaram (...)* ”¹¹⁶

O inventário, que posteriormente seria assinado pelo guardião e pelos frades, seria entregue a uma pessoa de confiança do juiz que o envia para a corte do rei. Sabe-se que o juiz, acompanhado pelo pequeno alcaide António Mourato e pelos procuradores do conselho António de Sequeira Diogo e Diogo Vasques, dá a conhecer o teor da carta aos guardiões do mosteiro de S. Francisco, que rapidamente se apressaram a seguir as ordens. Dos diversos objectos inventariados destacam-se: cálices de prata branca, dourados, dois cálices que estavam na posse de António Mourato, cujo valor se

¹¹⁶ <http://digitarq.dgarq.gov.pt/details?id=3767883> (Consultado a 22/3/2015)

aproximava dos dezasseis mil e quatrocentos reis, panos, pratos, crucifixos, colheres, navetas de prata, lambeis entre uma vasta diversidade de outros objectos. O convento de S. Francisco viria a beneficiar com esta migração; no estudo efectuado em epígrafe, conseguiu apurar quarenta e um novos frades, oriundos de diferentes partes do território nacional, que entraram no convento de S. Francisco atingiram posições hierárquicas de relevo ao longo dos anos, tendo alguns deles acabado com guardiões e chefes supremos das casas conventuais. [anexo 26]. Observa-se que a maioria dos candidatos a frades do coro provinha de Lisboa, seguindo-se Beja, Évora, Faro e Tavira. Este convento que pertence à ordem Claustral até o século XV, posteriormente à ordem Observante, possuía uma enorme riqueza material e desempenhava um papel importante no espaço urbano. Apesar do convento nunca ter sido alvo de campanhas arqueológicas impossibilitando assim o estudo completo da cultura material do convento, o inventário do juiz de fora do convento de Tavira revela a sua riqueza material. Toda esta riqueza terá sido destruída em finais do século XIX com a extinção das ordens religiosas na convenção de Évora Monte, como anteriormente referido.

.

Capítulo V: Mosteiro de Nossa Senhora da Piedade

5.1 - Ordem de Cluny e Ordem de Cister

A primeira abadia da ordem de Cluny foi instituída no primeiro quartel do século X pelo abade Bernon. Este era um clérigo reformador, que tinha sido eleito pelo duque de Aquitânia (Guilherme de Aquitânia), para criar um mosteiro que se regesse pela regra beneditina e que conferisse um espaço no qual os monges fossem intermediários entre o céu e a terra.¹¹⁷ Neste mosteiro os monges dedicavam-se à *lectio divina*, isto é, à oração e remissão do pecado.

O sucessor do abade, de 926 a 942, foi Santo Odon; este clérigo terá sido um dos principais responsáveis pela introdução do conceito “casa-mãe” e consegue a unificação com a Santa Sé. Rapidamente a ordem de Cluny começa a ganhar uma nova dimensão, instalando mosteiros pelo mundo inteiro. Estes mosteiros eram centrados na figura do abade que era protegido pelo papado, e neste caso, pela nobre dinastia da Aquitânia. Esta dinastia possuía boas relações diplomáticas e oferecia doações e servos para ajudarem no mosteiro. A ordem tornava-se assim uma das maiores potências da cristandade da Idade

¹¹⁷ <http://rotascister.home.sapo.pt/P1.html> (Consultado a 29/3/2015)

Média. Nos finais do século XI, a ordem de Cluny consegue penetrar na Península Ibérica, esta entrada teria sido vedada anteriormente devido à forte presença muçulmana no território, porém com o processo de reconquista cristã foi possível garantir a entrada da ordem em solo português.

Nos finais do mesmo século uma nova corrente religiosa começa a percorrer a Europa, a Ordem de Cister. Esta nova força religiosa apelava à pobreza, funcionando como escape ideológico para os ricos, apoiava as cruzadas e através de concessões e bulas papais, fomentava o crescimento comercial, o renascimento urbano e o desenvolvimento das artes.¹¹⁸

No início do século XI foi elaborada uma “carta de caridade” com o intuito de regular as relações de interdependência entre a ordem de Cister e as quatro abadias que ajudaram na sua fundação: La Ferté, Pontigny, Claivaux e Morimond. Em 1098, um grupo da abadia de Molesme chefiado por Robert, funda um mosteiro de Cister deixando de obedecer à ordem de Cluny. Este mosteiro iniciou uma reforma que acabaria por ser reforçada com a entrada de S. Bernardo já em inícios do século XII.¹¹⁹

A Ordem de Cister defendia o caminho para a salvação e apelava ao cumprimento da regra beneditina “(...) *reencontrar o caminho para alcançar a salvação e restabelecer a pureza originada condição monástica, restaurando a regra redigida por S. Bento de Núrsia (480-547), o pai do monaquismo ocidental* (...)”¹²⁰. Segundo a lei beneditina, a vida devia ser levada com simplicidade e pobreza; porém, cada abadia devia ser autónoma economicamente, e como tal, para um melhor controlo e gestão dos foros e cumprimento da lei, a ordem observante responsabilizou-se pelo seu controlo e nomeou dois organismos para supervisionar. Estes seriam controlados com visitas anuais e pelo capítulo geral.

A ordem estabeleceu alguns princípios que considerou fundamentais para a instalação de mosteiros no território português; uma dessas condições garantia que todos os mosteiros teriam que ser edificadas fora do perímetro urbano. Esta regra estava canonizada na ordem de Cister desde 1134. Para a Ordem de Cister o núcleo urbano era visto como um

¹¹⁸<http://rotascister.home.sapo.pt/P1.htm> (Consultado a 29/3/2015)

¹¹⁹CORRÊA, Fernando Calapez (1991) – “*O Convento Cisterciense de Tavira: Nossa Senhora da Piedade*”. Faro. Direcção regional do Sul. Pág. 5-7

¹²⁰NEVES, Carlos José Jacinto Fernandes (1995) – “*Mosteiro de S. Bernardo, em Tavira. Proposta de Recuperação e valorização Arquitectónica*”. Dissertação de mestrado em Recuperação do Património Arquitectónico e Paisagístico Universidade de Évora. Pág. 38

presságio de “tumulto de gentes” e que seria uma condição que poderia afectar a meditação dos monges e a ligação com Deus¹²¹. A ordem defendia que o núcleo urbano seria uma prisão, acabando por descobrir na solidão, o paraíso onde cada irmão se aproxima de Deus pela sua oração. Estas ideias transpõem-nos para o ideal de espaço rural, um local desértico com abundância em água e completamente isolado da sociedade.¹²² Outra condição seria localizarem-se em locais com solos férteis e perto de locais aquíferos para a rega das suas hortas e para alimentar o moinho.

6.2 - A ordem de Cister em Portugal

O sucesso da ordem de Cister seria exponencial e Portugal não ficaria indiferente à sua presença, muito em parte devido ao sucesso do abade de Claraval, S. Bernardo.

No final do primeiro quartel do século XII, várias comunidades religiosas associam-se à ordem de Cister como é o caso de Lafões, Viseu (Tarouca), Sever de Vouga, Bouro, Salzedas e S. Pedro de Aguias. O século XIII foi o século onde houve o maior crescimento da ordem de Cister em Portugal especialmente entre a região do Tejo e Douro. A sul do Tejo a ordem não conseguiu penetrar pois ainda decorria o processo de reconquista em Portugal.

No século XIV e XV sofre um duro golpe devido ao aparecimento da peste negra, em 1347, e ao grande cisma do Ocidente, que acabaria por abrandar a política da observância em todas as casas conventuais.¹²³ S. Bernardo de Claraval, o abade mais importante deste movimento, propunha o regresso ao antigo modo de vida cristã regido pela regra beneditina.¹²⁴

O século XIV e XV foram duros séculos para a história eclesiástica do país, pelos motivos anteriormente referidos. O estado de decadência dos mosteiros em Portugal obrigou os monarcas a iniciarem novas políticas de obras públicas. No princípio do século XV procedeu-se à sua reconstrução e ao seu repovoamento, de forma a evitar que os recursos do território continental continuassem a baixar. Nos finais do século XV, D. Manuel colocaria o seu filho infante D. Afonso como abade do mosteiro de Alcobaça numa

¹²¹Ibidem pág. 14

¹²²Idem

¹²³Idem

¹²⁴NEVES, Carlos José Jacinto Fernandes (1995) – “*Mosteiro de S. Bernardo, em Tavira. Proposta de Recuperação e valorização Arquitectónica*”. Dissertação de mestrado em Recuperação do Património Arquitectónico e Paisagístico Universidade de Évora. Pág. 13

tentativa de “ressuscitar” a ordem de Cister em Portugal. A partir do século XVI a ordem de Cister penetrou no território a sul do Tejo e expandiu os seus horizontes até ao Algarve, chegando inclusive a edificar um mosteiro através do bispo de Silves, Fernando Coutinho, no concelho de Tavira. Esta ordem tal como muitas outras sobreviveu até 1834, ano em que se dá a extinção das ordens religiosas.

6.3 - Características dos mosteiros da Ordem de Cister.

A ausência de decoração escultórica (capitéis lisos com motivos vegetalistas ou geométricos) garantia um carácter austero aos mosteiros cistercienses. Os edifícios da ordem eram assim considerados pouco atractivos, na medida que não apresentavam esculturas que engradecessem o edifício. Ostentavam, contudo, uma estrutura arquitetónica elaborada que é considerada por muitos historiadores como uma das mais belas formas de arte existentes no tempo gótico.¹²⁵ O aparecimento da arte sacra acabaria por oferecer aos mosteiros um toque de requinte e classe, disfarçando assim o estilo austero dos mosteiros.¹²⁶

Para além da austeridade relativamente à sua decoração, eram igualmente exigentes no que tocava ao trabalho manual. Todas as monjas ou monges do mosteiro deviam trabalhar para garantir as necessidades básicas do mosteiro. O trabalho passou a assumir um valor de redenção, traduzido na máxima “ A dor do corpo resgatava as fadigas”.¹²⁷

A ordem exigia também um padrão de construção que precisaria ser assimilado por cada casa monástica. Os mosteiros deviam ser constituídos por uma igreja, claustro e dependências conventuais refeitórios, cozinha, sala de aquecimento e dormitório estando este último obrigatoriamente virado para Este.¹²⁸ A igreja deveria ser construída a norte do claustro, estando a sua cabeceira virada a nascente. A igreja era também responsável pela divisão dos monges conversos dos restantes monges.

No piso inferior encontrar-se-ia o dormitório e por cima do dormitório, o locutório, onde os monges e monjas debatiam sobre aspetos administrativos e questões relacionadas com a gestão dos mosteiros. A sala do capítulo era o local onde os monges e abades se reuniam para realizar o culto beneditino.¹²⁹ No lado oeste do claustro instalavam-se a despensa e

¹²⁵Ibidem pág. 40-41

¹²⁶Ibidem pág. 42

¹²⁷Idem

¹²⁸CORRÊA, Fernando Calapez (1991) – “ *O Convento Cisterciense de Tavira: Nossa Senhora da Piedade*”. Faro. Direcção regional do Sul. Pág. 8

¹²⁹Ibidem pág. 9

os quartos para os irmãos leigos e conversos. O noviciado tinha a duração de um ano e cada abadia e garantia sua autonomia.

6.4 - Contextualização histórica do Mosteiro de S. Bernardo

O mosteiro de Nossa Senhora da Piedade, vulgarmente conhecido como mosteiro das Bernardas está localizado na Rua do Mártires da República e apresenta como coordenadas geográficas 37,121324 de latitude e -7,645768 de longitude. [anexo 27]. Segundo a crónica de D. Manuel é possível identificar uma citação alusiva à fundação deste mosteiro na cidade de Tavira. Inicialmente este mosteiro terá sido edificado para as freiras de Santa Clara. “*Fundou de novo na çidade de Tavilla ho mosteiro de freiras da ordem de Santa Clara*”.¹³⁰

Primitivamente o mosteiro das Bernardas da ordem da Nossa Senhora da Piedade, estaria associado às freiras clarissas da Ordem de Santa Clara.¹³¹ Sabe-se ainda que este mosteiro seria futuramente edificado pelo bispo do Algarve Fernando Coutinho, porém as fontes históricas, segundo o ilustre historiador José Manuel Vargas, apresentam alguma falta de rigor histórico distorcendo um pouco a verdade histórica relativa a este mosteiro. Sabe-se que o mosteiro foi fundado pelo bispo Fernando Coutinho, porém, este é referido como sendo o conde de Marialva e não o bispo de Silves, o que representa uma falha grave no rigor histórico do mosteiro. D. Fernando Coutinho terá efetivamente entregue o mosteiro às monjas de Cister, mas não como conde, por mera casualidade o bispo de Silves também se chamava Fernando Coutinho, sendo esse o verdadeiro responsável pela edificação.

O mosteiro das Bernardas terá sido idealizado durante o reinado de D. João II e viria a ser edificado numa das naves do Hospital do Espírito Santo. Porém as obras nunca se chegaram a iniciar e D. João II acabaria por falecer sem ver o levantamento do desejado mosteiro. Desconhecem-se as razões, mas sabe-se que a proposta do rei foi rejeitada pelos irmãos das diversas misericórdias. D. Brites Pacheco, viúva de um ilustre homem da antiga nobreza de Tavira resolve então tentar edificar por conta própria um mosteiro para albergar as filhas das grandes famílias e a ela própria. Porém esse projecto não teve seguimento. Uma notícia de 1492 reforça a ideia de que D. João II planeava edificar um mosteiro no concelho de Tavira: “*Dom João, etc. A quantos esta nossa carta virem fazemos saber que havendo nós respeito como é obra piedosa a que se faz em a edificação*

¹³⁰Fólio 109. Crónica de D. Manuel, parte IV, cap. LXXXV

¹³¹LIMA, Luís Caetano (1718) – “*Geografia Histórica dos Estados Soberanos...*” Tomo II, Lisboa. Pág. 306

da igreja de Nossa Senhora Santa Maria da Piedade, que é em a nossa vila de Tavila, e assim pela devoção que em a dita casa temos, como por fazermos serviço a Nosso Senhor e à dita Nossa Senhora, a nós praz fazermos, como de feito por esta fazemos, pura e irrevogável doação e esmola, deste dia para todo sempre à dita casa de Nossa Senhora da água que se ora abriu na Atalaia, entre as nossas hortas, que estão junto com a dita vila, a qual queremos que possam levar à dita casa e onde aprouver aos administradores dela, e assim se se aproveitar dela como lhes aprouver (...) Dada em a nossa cidade de Lisboa, a 12 dias do mês de Abril, Tomé Lopes a fez, ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil e 492”¹³²

Em 1495, D. Manuel ascende a Rei de Portugal e no mesmo ano envia uma carta aos confrades do Hospital do Espírito Santo, perguntando se poderia dar continuidade ao projecto iniciado por D. João II. A carta referia mais uma vez a intenção de edificar um mosteiro de freiras no hospital do Espírito Santo para o que se solicitava a concessão de uma nave para a igreja.¹³³

Adicionalmente, através desta carta, sabe-se que uma viúva conhecida como D. Brites Pacheco estava igualmente interessada no estabelecimento deste mosteiro, ““ *Confrades do Hospital do Santo Espirito de Tavilla: N’os El rei vos enviamos muito saudar, dizeis lá que o requerimento dos moradores d’esse povo, El-Rei meu senhor cuja alma Deus haja houve por bem que se fizesse um mosteiro de freiras na ditta villa, como creio que sabeis, ordenou que fosse no dito hospital para que se dê uma nave da igreja, se parou com a obra d’este convento, escrevo ao dito Reino que em suas esmolas quisessem ajudar a dita obra: Agora depois do falecimento do dito senhor Brites Pacheco, Dona viuva, em quem confiamos que o fará bem, o quis tomar o carregamento de dar ordens e aviamento como a dita casa fosse feita pela dita ordenança, e envio para ella outras taes cartas nossas, e ordenamos aos mamposteiros que hama de receber esmolas, e porque o dito Senhor Rei tinha ordenado, que no dito hospital senão fizesse coua alguma sem o vosso conselho, parece-nos que era bem que vo escrevesse-mos acerca d’isto porém vos incommodamos que por esta causa de tanto serviço de Deus, e nosso, e pois que é tão necessário de haver o dito mosteiro n’esse reino, onde tantas pessoas honradas vivem, qe n’elle quererão meter as suas filhas, façais cabido segundo vossa ordenança sendo ahi chamados Marcos*

¹³²T.T., Chancelaria D. Manuel, Liv. 34, fl. 55v.

¹³³VASCONCELOS, Damião Augusto de Brito (1999) – “ *Notícias Históricas de Tavira*” ed. anotada por Arnaldo Casimiro Anica, C. M. Tavira, pág. 222)

*Affonso e lopo Pereira que d'isto também são encarregado, e assim a dita Brites Pacheco, e em tudo o que vós e por eles for requerido para o dito custo lhe deis aquela ajuda e bom aviamento que espero para que se a dita obra se acabe de fazer como de vós esperamos e muto vo-lo agradecemos. Escripta em Cintra a 16 de Dezembro de 1495 Rei”.*¹³⁴

Em 1498, D. Manuel ordena que seja dada toda a ajuda a esta viúva que viria a canalizar investimentos para iniciarem a construção do mosteiro, todavia este pedido foi novamente declinado pelos confrades do Hospital do Espirito Santo.¹³⁵

Em 1509 D. Manuel ordena irreversivelmente a construção do mosteiro dedicado às freiras clarissas de Nossa Senhora de Santa Clara na Atalaia junto à igreja de Nossa Senhora da Piedade. Poucos anos mais tarde da construção do convento, o Bispo de Silves, Fernando Coutinho pede permissão ao rei, para edificar um mosteiro prometendo concluir a obra o mais cedo possível. Para ajudar nos gastos materiais do convento, o papa Leão X, em 1517, concede uma bula papal denominada de *Nuper Volantes* onde pede ao provincial de S. Francisco que entregue todas as rendas do seu convento ao mosteiro que estaria a ser construído. Em contrapartida as religiosas de Santa Clara que viessem a habitar o mosteiro ficariam obrigadas a cumprir todos os pedidos e obrigações pelo convento de S. Francisco.

Porém este mosteiro acabou por não ser entregue às freiras clarissas de Santa Clara porque foi criado um convento em Faro, desaparecendo assim, o interesse no mosteiro de Santa Clara. O mosteiro, apesar de não ter então nenhum destinatário, continuou a ser construído. Em 1526, já sob o reinado de D. João III, o próprio rei, pretendeu continuar o projecto elaborado pelo seu pai, D. Manuel I, nesse sentido D. João III faz uma doação de água para a rega das futuras hortas monásticas. Em 1527, D. Fernando Coutinho apela para que o mosteiro seja entregue às monjas Bernardas.

O rei garante uma licença aprovada pelo apostólico D. Martinho de Portugal que concedia autorização para que o mosteiro fosse entregue às monjas Bernardas. Foi igualmente confirmada que “*a ele se applicassem os bens (...) de raiz do mosteiro de S. Francisco, dos Claustrais, que possuía antes de se reduzir à observância*”¹³⁶. Aproveitando a maré

¹³⁴Idem

¹³⁵CORRÊA, Fernando Calapez (1991) – “*O Convento Cisterciense de Tavira: Nossa Senhora da Piedade*”. Faro. Direcção regional do Sul. Pág. 14

¹³⁶Bibl. Nacional, Alcobacenses, Cód. 116, fls. 462-462v

de doações, foi concedida em 1526 a primeira mercê régia elaborada por D. João III, ainda o edifício estava em processo de construção. Dois anos mais tarde o mosteiro seria finalmente concluído. Em 1528 foi nomeada D. Branca Coutinho da Silva como primeira abadessa do mosteiro.¹³⁷ Em 1529 as monjas de S. Bernardo já habitavam o mosteiro. Esta afirmação é reforçada com uma segunda mercê régia concedida por D. João III em 1529, cujo teor está relacionado com a fundação do mosteiro, tratava-se de uma ordem aos Almotacés de Tavira “ (...) *as monjas fossem servidas com a maior brevidade no açougue da cidade, sob pena de cada infracção ser punida com 2000 reis metade para a remissão de cativos e a outro metade para a cameara (...)* ”.¹³⁸

Em 1530 o rei D. João III entrega oficialmente o mosteiro ao bispo de Silves, D. Fernando Coutinho.

Em 1536 surge uma nova ordem de D. João III que exigia que os foros em dívida ao convento fossem pagos em dívidas reais. Em 1547 o rei mandou uma carta ao responsável pelo convento de Tavira a exigir explicações sobre a ida das monjas de S. Bernardo ao convento Franciscano. No decorrer do mês de Agosto doze monjas e duas escravas pertencentes ao mosteiro de Nossa Senhora da Piedade deslocaram-se ao convento de S. Francisco tendo permanecido o dia inteiro no convento. Este acontecimento foi encarado como um escândalo e todo o concelho de Tavira estaria a par. Uma das condições existentes nos estatutos da ordem de Cister é a proibição e/ ou abandono das monjas das casas monásticas. A única condição que permitia às monjas seria *por “ peste grande e por fogo e por outra alguma urgente e perigosa necessidade ”*¹³⁹

O corregedor Diogo Gascão redige então uma carta a D. João III a explicar o motivo da ida das monjas ao convento de S. Francisco. A carta foi traduzida e pode ser lida na íntegra:

Senhor:

“A 22 deste Agosto me foi dada uma carta de Vossa Alteza, em que me mandava que soubesse na verdade o mo[do] com que a abadessa de Nossa Senhora da Piedade fora a

¹³⁷VARGAS, José Manuel (2008) – “ *Sobre a fundação do convento das Bernardas* ”. Faro. Jornal sotavento nº396

¹³⁸CORRÊA, Fernando Calapez (1991) – “ *O Convento Cisterciense de Tavira: Nossa Senhora da Piedade* ”. Faro. Direcção regional do Sul. Pág. 18

¹³⁹GOMES, Saul António (1998) – “ *Visitações a Mosteiros Cistercienses em Portugal: Século XV e XVI* ”. Lisboa, pág. 399-405

São Francisco e lá estivera, o que eu senhor já tinha sabido que tanto que lá foi, daí a dois ou três dias o soube e me fui a São Francisco e me apartei com o padre guardião e lhe estranhei o caso por o ter por mui bom prelado e muito religioso e ele me disse que era verdade que vindo ter a seu convento os dias antes o padre ministro, foram ambos visitar a abadessa e a acharam mal disposta, e ela rogou ao ministro que lhe desse licença para mandar dizer uma missa em São Francisco e a ouvir com algumas religiosas e o ministro o houvesse assim por bem e mandasse ao guardião que a deixasse ir a seu convento, pela qual razão fora com as freiras. E, posto que a ele lhe parecesse mal tantas freiras, não pudera al (= outra coisa) fazer, por estarem à portaria antes que fosse manhã virem amanhecendo. E aferindo eu também o caso, a abadessa me disse como fosse por estar maldisposta havia muitos dias e como na casa não tem jardim nem água, nem refresco nenhum, por se ir espairecer de sua doença e cumprir uma devoção que tinha prometida em São Francisco fora e por ter licença e parecer do padre ministro e porque já fizera outro tanto em vida do bispo Dom Fernando, seu pai, sendo mulher moça, que com mais confiança o podia ora fazer, por ser de cinquenta anos e muito enferma. O modo, senhor, que tiveram, foi partirem de seu convento ante manhã e chegarem a São Francisco que é perto, e todas juntas entrarem pela portaria, e com elas foi o seu padre confessor da ordem de São Bernardo e um Belchior Afonso, seu síndico, e a mulher do mesmo Belchior Afonso, as quais pessoas estiveram sempre com elas até se tornarem que foi saírem-se às ave-marias e as freiras todas se recolheram em casa de Belchior Afonso até ser mais tarde e que colhesse menos gente, a abadessa se foi para sua casa em uma besta por ir muito mal disposta. E as freiras, tanto que foram no mosteiro de São Francisco, entraram pela crasta (= claustro) e daí todas juntas se meteram na casa do capítulo com o padre guardião e alguns frades velhos e honrados e aí se lhe disse uma missa que todas ouviram, e à missa do dia se saíram do capítulo e foram ao coro todas juntas e estiveram a uma parte do coro, ouvindo a missa, e daí se tornaram à casa do capítulo. E os padres foram jantar a seu refeitório e acabado de comer foram com suas preces ao coro. E então o guardião levou a abadessa ao mesmo refeitório, onde a abadessa e freiras jantaram todas juntas, sendo presente o guardião e um frade ou dois de autoridade, e acabado de comer se tornaram à casa do capítulo, onde tiveram todas a sesta e lhe tangeram um manicórdio, onde algum religioso que tanger sabia, tangeu. E bem tarde, foram a uma horta do mesmo mosteiro, onde tem umas fontes a se recrearem nelas e foram todas juntas com o síndico e sua mulher e seu confessor e o guardião e dois frades honrados, sem nenhuma coisa de escândalo, mas antes segundo tive por

informação certa, com toda a honestidade do mundo, e daí se foram como disse. As religiosas que foram com a abadessa foi dona Maria da Silva, sua irmã, mulher de 45 anos, filha do bispo Dom Fernando, dona Antónia, filha do barão, mulher moça que dizem que será de vinte anos, dona Antónia de Melo, irmã de Lourenço Moniz, fidalgo que vive nesta cidade, dona Francisca de Meneses, da ilha Terceira, mulher que passa de quarenta anos, Inês da Costa, de gente honrada desta cidade, mulher de sessenta anos, muito religiosa, Francisca Pessanha, filha de Gaspar Pessanha, de trinta e cinco anos, Violante de Azevedo, filha de Lopo de Azevedo, alcaide-mor que foi de Albufeira, de trinta e quatro anos, Isabel de Sequeira, filha de Baltasar de Sequeira, de trinta e oito anos, Mécia de Meneses, velha, Leonor das Aves, filha de um pintor de Beja, de trinta e cinco anos, e Guiomar de Moura, sobrinha da abadessa da parte de sua mãe, e duas escravas com a abadessa. E isto, senhor, que escrevo a Vossa Alteza, passa tudo na verdade, e sei que não houve no caso mais que minha má tenção e o caso ser um pouco escandaloso. De Tavira, aos 24 dias de Agosto de 1547.”¹⁴⁰

Após a morte de D. João III o mosteiro foi entregue a D. Sebastião que terá passado um alvará em 1568 a todos os conventos da ordem de Cister que continuassem a gozar das suas regalias.¹⁴¹

Como se referiu anteriormente, a escolha do local para a construção do mosteiro foi feita tendo em conta o cumprimento dos princípios expressos na constituição da Ordem de Cister delineados no século XII. O mosteiro devia ser edificado perto de um curso de água. A água era um factor determinante e indispensável à vida da comunidade, pois acionava os moinhos e permitia a rega das hortas e pomares, garantindo assim a sustentabilidade económica do convento. A ordem instalava-se em terras insalubres e pantanosas, que depois de secas, se tornavam férteis. Este mosteiro especializou-se sobretudo na produção de azeite, cereais e vinho. O mosteiro apostou igualmente na produção de palmeiras, citrinos, olivais e figueiras.¹⁴²

¹⁴⁰VARGAS, José Manuel (2008) – “*Sobre a fundação do convento das Bernardas*”. Faro. Jornal sotavento nº396

¹⁴¹CORRÊA, Fernando Calapez (1991) – “*O Convento Cisterciense de Tavira: Nossa Senhora da Piedade*”. Faro. Direcção regional do Sul. Pág. 20

¹⁴²NEVES, Carlos José Jacinto Fernandes (1995) - “*Mosteiro de S. Bernardo, em Tavira: Proposta de Valorização arquitectónica*”. Tese de Mestrado. Universidade de Évora. Pág. 13-16

O meio rural era o meio mais favorável à oração, permitindo assim, um maior contacto com Deus, menosprezando o meio urbano. Este mosteiro dispensava quaisquer donativos pois ele próprio garantia a sua subsistência tornando-se economicamente autónomo.

O mosteiro apresentava uma planta em forma de duplo quadrado interrompido, com dois pisos: a norte, a igreja e no extremo oposto, o dormitório, sendo ainda hoje visíveis as janelas das celas em cantaria¹⁴³. Uma característica peculiar deste mosteiro é a ausência de pórtico axial na igreja, sendo a entrada feita por uma porta lateral, característica muito comum nos mosteiros de clausura¹⁴⁴.

Este mosteiro seguia normas muito rígidas e quem não as cumprisse corria o risco de ser expulso; havia uma conduta e regras que teriam que ser cumpridas tanto para as monjas como para os crentes. Estes últimos estariam impedidos de estabelecer contacto visual com as monjas de modo a evitar mau estar no recinto monástico. O mosteiro como cita o Fernando Calapez “*Possuía dois claustros, um no piso térreo e outro, sobreposto a este, no piso superior, mas sem jardim, nem tanque, nem sombra (...)*”¹⁴⁵. O pátio apresenta uma configuração em forma retangular e seria composto por duas hortas. As hortas eram compostas por palmeiras, árvores de fruto, leguminosas e dois poços. A portaria comunicava com o pátio, através de uma porta de acesso a um compartimento que fazia a ligação entre os pavimentos térreos e os superiores, comunicava ainda por meio de um vão sem porta com um outro compartimento, que integra um edifício totalmente construído em alvenaria de pedra, e que provavelmente terá sido adaptado a mirante¹⁴⁶.

Na igreja, além do pavimento térreo, existiam outros dois pavimentos de madeira, a presença de vários elementos em alvenaria construídos, como é o caso dos arcos que definem a capela-mor, o falso transepto e a zona das monjas e das conversas¹⁴⁷, denunciam as obras de adaptação do mosteiro. A capela-mor era constituída por uma planta quadrada, apresentava uma cobertura com estrutura de madeira e era iluminada por uma janela localizada num ponto superior. Na parede norte do convento coexistiam duas portas que

¹⁴³CAVACO, Sandra e COVANEIRO, Jaqueline “*Gostos e sabores: O caso convento das Bernardas em Tavira*” IN XELB 10 actas do 7 encontro de Arqueologia do Algarve Silves 22,23,24 de Outubro de 2009, pág. 637

¹⁴⁴NEVES, Carlos José Jacinto Fernandes (1995) - “*Mosteiro de S. Bernardo, em Tavira: Proposta de Valorização arquitectónica*”. Tese de Mestrado. Universidade de Évora. Pág. 19

¹⁴⁵ CALAPEZ, Fernando (1993) – “*O convento Cisterciense de Tavira: Nossa Senhora da Piedade*”. Faro. Delegação Regional do Sul da S.E.C. pág. 13-15

¹⁴⁶Ibidem pág. 19

¹⁴⁷Idem

estariam abertas para o exterior. Na capela-mor havia dois pavimentos de madeira iluminados por dois janelões que davam para norte. Havia um outro janelão situado no lado oposto correspondente à janela da abadessa.¹⁴⁸ O mosteiro apresentava um conjunto de três celas para dormitórios, uma escada de ligação entre as mesmas e o pavimento térreo. O pavimento superior, era constituído por quatro compartimentos abobadados ligados entre si que apresentam seis vãos de pequenas dimensões¹⁴⁹.

No pavimento superior foi possível identificar um coro alto destruído (situado acima do coro das conversas). O pavimento superior estava dividido por quatro compartimentos interligados entre si e apresentava seis vãos de curta dimensão. Um destes compartimentos possuía uma ligação com uma antiga escadaria bastante sinuosa. No mosteiro foi identificada uma estrutura de alvenaria que se assemelhava a um mirante formado por um conjunto de compartimentos repartidos por três pavimentos cujas funcionalidades se consideraram indeterminadas.¹⁵⁰

Os dormitórios das monjas e das conversas pertenciam ao pavimento superior e localizavam-se nas alas poentes e sul. As instalações das monjas poderiam ser encontradas através do prolongamento do transepto e estavam divididas em dois pisos. No piso inferior, encontrava-se a sacristia e a sala do capítulo. No piso superior foi possível identificar as 64 celas de habitação¹⁵¹ pertencente às monjas. O claustro situava-se contra a igreja, na ala nascente do mesmo era possível identificar um armário que continha livros litúrgicos usados nas leituras das monjas. O armário era fechado durante o período das refeições e durante o período de trabalho.¹⁵²

Uma das alas do convento localizava-se no prolongamento da sacristia e estava reservada às monjas. Para além da sacristia havia uma sala do capítulo onde discutiam assuntos e problemas da comunidade. A sala do capítulo estava dividida por um banco duplo em pedra onde as monjas se sentavam e ouviam atentamente o orador. Numa das alas laterais

¹⁴⁸Ibidem pág. 20

¹⁴⁹Idem

¹⁵⁰Ibidem pág. 21

¹⁵¹CORRÊA, Fernando Calapez (1991) – “*O Convento Cisterciense de Tavira: Nossa Senhora da Piedade*”. Faro. Direcção regional do Sul. Pág. 15-16

¹⁵²NEVES, Carlos José Jacinto Fernandes (1995) - “*Mosteiro de S. Bernardo, em Tavira: Proposta de Valorização arquitectónica*”. Tese de Mestrado. Universidade de Évora. Pág. 30-33

haveria uma passagem que conduzia à enfermaria e jardim a outra ala conduzia aos dormitórios.¹⁵³

Os dormitórios ocupavam em toda a sua extensão o pavimento superior. A comunicação entre ambos os pavimentos era realizada através de uma escadaria. O acesso ao dormitório era restrito à noite ou no intervalo do trabalho para um breve repouso. A ala das conversas era formada por dois pavimentos, sendo que um dos pavimentos correspondia ao lado poente que ligava a ala do refeitório à da igreja. A ala estava reservada para as conversas. Esta ala era composta por sala do capítulo das conversas, refeitório e por uma portaria que faria o acesso ao exterior do mosteiro.¹⁵⁴

A ala que cobre a igreja é composta por inúmeros bancos sendo possível localizar o local onde se sentaria a abadessa, este banco estaria perto de uma estátua associada à virgem Maria.

O claustro era utilizado pelas conversas como um local de leitura e de meditação. Era no claustro que se reuniam com a abadessa para escutar as leituras antes de irem para a igreja fazer as suas orações. O refeitório localizava-se perpendicularmente à ala das monjas e era constituído pelo calefactório, isto é um recinto onde era possível o aquecimento por meio do fogo e uma chaminé. As horas de repasto e regime alimentar eram diferentes para as monjas e para as conversas.¹⁵⁵

Desconhece-se a funcionalidade da ala sul, contudo, teoriza-se que terá albergado celeiros, armazéns, dispensas e adegas. No topo nascente havia um outro compartimento que poderá ter sido utilizado para a instalação de latrinas.¹⁵⁶

Os alçados do mosteiro apresentavam uma arquitectura simples onde a cor branca era predominante. Não apresentava esculturas nem janelas de vidros e não possuía campanários. A torre sineira era de pequenas dimensões sobrando apenas a parte inferior da mesma que com o tempo foi destruída. Os vãos eram simples e compostos de molduras pintadas e cimalkas de pedra. A única excepção foi o portal gótico-manuelino de cantaria. Este subsistiu até aos dias de hoje. Este portal tem 1,88 metros de largura e 2,90 metros de altura.

¹⁵³Ibidem pág. 33

¹⁵⁴Ibidem pág. 33-34

¹⁵⁵Idem

¹⁵⁶Ibidem pág. 36

O alçado principal localizado a poente do mosteiro é descrito como liso, monótono e está quebrado ao nível do pavimento superior por janelas pequenas.¹⁵⁷

As janelas são constituídas por moldura simples com 18cm de largura e vergas com cimalkas de desenho renascentista. O pavimento térreo apresenta um soco cinzento, vãos associados a habitações e platibandas de cor cinzenta protegidos por um telheiro.¹⁵⁸ Existem outros vãos de forma variada mas que não se relacionam com o mosteiro. No alçado principal ainda é possível identificar o mirante com cunhais de pedra de cor cinzenta e molduras adjacentes de idêntica cor. As caixilharias das janelas e portas eram de cor branca.

O alçado norte estava associado à totalidade da igreja. Apresentava uma série de armazéns que estariam adossados a uma antiga parede da igreja ao nível do pavimento térreo.¹⁵⁹ Os alçados eram caracterizados como simplistas e estavam apenas quebrados pelo portal gótico-manuelino e por vãos de função indeterminada. A cêrcea da igreja apresenta uma pequena diferença de altura entre a zona central e poente, em cerca de 1,50 metros.

A cabeceira da igreja, alusiva à capela-mor ostentava um estilo distinto de toda a igreja, o que poderá decorrer de transformações arquitectónicas daquela área do mosteiro ao longo do tempo. Visualizava-se ainda os cunhais beirados fabricados em reboco e pintados em cinzento.¹⁶⁰

O alçado direito apresentava igualmente um grande armazém adossado à parede exterior do pavimento térreo. Contrariamente ao alçado esquerdo, este apresenta um padrão liso com alguns acrescentos relacionados com o espaço das latrinas das monjas e não se encontrava quebrado por vãos.¹⁶¹

O Alçado posterior (nascente) expunha uma entrada para o interior do mosteiro. Seria formado pela cabeceira da igreja, uma ala de monjas e pelos dormitórios. A ala das monjas estava adossada a uma parede ao nível do pavimento térreo. A cabeceira da igreja apresentava uma pequena janela com molduras de cantaria com 17 cm de largura. A ala das monjas apresentava ainda três vãos de forma rectangular com dimensões entre os 2,20 por 1,40. As molduras de cantaria possuíam 25 cm de largura e as vergas eram decoradas

¹⁵⁷Ibidem pág. 23

¹⁵⁸http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=15692 (Consultado a 1/5/2015)

¹⁵⁹ NEVES, Carlos José Jacinto Fernandes (1995) - *“Mosteiro de S. Bernardo, em Tavira: Proposta de Valorização arquitectónica”*. Tese de Mestrado. Universidade de Évora. Pág. 23

¹⁶⁰Ibidem pág. 24

¹⁶¹Ibidem pág. 24

com cimalthas de simbologia renascentista.¹⁶² Há ainda uma referência a uma chaminé de tijolo maciço que seria contemporânea à antiga fábrica de moagem.¹⁶³

O alçado interior nascente apresenta, a par dos outros, um estilo simples e liso. Apresenta um conjunto de três vãos de formato rectangular com molduras em platibandas e vergas trabalhadas em reboco pintadas de cor cinzenta.¹⁶⁴ O alçado interior poente apresenta uma extensão que aquartela todo o pavimento térreo com um armazém adossado ao mosteiro diferenciado dos restantes por ser construído em argamassa (contemporâneo da fábrica de moagem). Os vãos não apresentavam molduras em cantaria, com vergas construídas em alvenaria ou reboco. O alçado interior sul apresentava um pequeno telheiro de chapa de zinco patente no pavimento térreo. Foram encontradas várias mísulas de pedra que foram usadas como apoio à cobertura do obsoleto claustro que estaria associado ao nível de cobertura do pavimento superior.¹⁶⁵ Quanto ao pavimento térreo foi possível identificar um vão com 4 m de largura.

A cerca conventual seria constituída pelos territórios da salina até ao muro que separava o campo da atalaia.¹⁶⁶

6.5 - Monjas E Conversas

Este mosteiro foi construído, para que nenhum dos seus ocupantes, tivesse necessidade de sair para o exterior e era constituído por duas comunidades distintas: as monjas professoras e monjas conversas, sendo estas dirigidas por um abade ou abadessa.¹⁶⁷ Estas comunidades apesar de coexistirem no mesmo espaço possuíam culturas e hábitos completamente diferentes entre si, inclusive na sua dieta alimentar e na hora dos repastos.

Embora habitem os mesmos espaços têm princípios régios distintos. Segundo a regra beneditina deveria haver uma proporção de 12 monjas para 16 conversas. No mosteiro de S. Bernardo essa regra foi transgredida na medida que haveria 77 monjas professoras e apenas 5 monjas conversas.

As monjas conversas dedicavam-se sobretudo à administração do espaço agrícola (granjas e escolas agrícolas). As monjas professoras trabalhavam para garantir a

¹⁶²Ibidem pág. 25

¹⁶³Idem

¹⁶⁴Idem

¹⁶⁵Ibidem pág. 26

¹⁶⁶ANICA, Arnaldo Casimiro (2001) – “Tavira e o seu termo”. Câmara Municipal de Tavira. Tavira. Pág. 235-236

¹⁶⁷Ibidem pág. 30-32

subsistência do mosteiro. Este trabalho era executado nas hortas e no pastoreio de rebanhos.¹⁶⁸ Todas as monjas conversas e não conversas deveriam executar os seus trabalhos até ao final do dia e de seguida deveriam retornar ao convento para executar os seus rituais e orações, antes de regressarem aos seus aposentos.

A primeira abadessa do mosteiro foi a Dona Branca Coutinho da Silva (1497) entre 1527 e 1533. Em seu lugar sucedeu a Dona Maria da Silva (1502) entre 1560 a 1574. Desconhece-se quem terá governado durante os anos de 1553-1559 devido a um hiato de informação histórica.¹⁶⁹

As abadessas partilhavam o sangue nobre entre si, entre elas encontram-se as irmãs do Bispo de Silves (D. Fernando Coutinho) o mesmo que tinha pedido ao rei para continuar a construção do mosteiro. O Bispo de Silves acabaria por ter uma extrema importância na gestão do mosteiro, tanto no ponto vista social como financeiro. Em 1533 este bispo, para ajudar a equilibrar a economia do mosteiro, terá vendido a D. João III um galeão para conquistas na Índia, avaliado em 832 500 reis e uma herdade avaliada em 52 031 reis em 1534.¹⁷⁰

Estas ajudas garantiram assim ao Bispo a permissão para ser sepultado naquele mosteiro aquando a sua morte. As abadessas eram sepultadas junto ao trono tendo um escudo e armas esculpidos na sua laje. Com o falecimento de Antónia de Mello termina a política das abadessas perpétuas e introduz-se o sistema de eleição por triénios.¹⁷¹

As ocupações das monjas religiosas, restringiam-se ao culto, assistência dos ofícios e ao canto. O canto era feito durante as missas e durante a celebração dos ofícios divinos. Este canto era maioritariamente gregoriano e servia para “ (...) *estimular os sentimentos da piedade* (...) ”¹⁷² O canto era executado de forma simples ecoando as vozes em todo o mosteiro procurando “ (...) *traduzir a esperança da humanidade e ao mesmo tempo o seu lamento eterno* (...) ”¹⁷³ No capítulo diário, as monjas realizavam sete orações ao longo do dia e elaboravam reuniões para debater assuntos e problemas da comunidade e realizavam cobrança de foros. As monjas deste mosteiro eram consideradas grandes

¹⁶⁸Ibidem pág. 30

¹⁶⁹Ibidem 30-32

¹⁷⁰CORRÊA, Fernando Calapez (1991) – “ *O Convento Cisterciense de Tavira: Nossa Senhora da Piedade*”. Faro. Direção Regional do Sul. Pág. 14

¹⁷¹Ibidem pág. 15-16

¹⁷²Ibidem pág. 17

¹⁷³Idem

especialistas na arte de confeção de doçaria, especialmente na produção de caramelos e na feitura de lâminas¹⁷⁴tendo sido encontrado em escavações arqueológicas vestígios de casca de ovo [anexo 28]. São igualmente especialistas no fabrico de peças em barro, daí muitas vezes serem apelidadas de monjas barristas. As leituras sobre temas sacro-religiosas seriam uma das poucas actividades feitas pelas monjas. Estas leituras podiam ser feitas na sala do capítulo ou na vastíssima biblioteca que possuíam.

O terramoto de 1755 provocou alguns danos ao mosteiro, seguindo-se na segunda metade do século XVIII, consideráveis campanhas de obras de reconstrução. No século XIX o mosteiro seria abandonado sendo os seus bens penhorados e vendidos em hasta pública. Foram elaboradas algumas tabelas que apresentam dados de alguns bens que foram inventariados A elaboração de tabelas ajuda a compreender a quantidade de bens que foram inventariados e colocados em hasta pública após a extinção e abandono do mosteiro em 1862 [Anexo 33-35].

Após a extinção das ordens religiosas, as estruturas associadas ao mosteiro sofreram drásticas transformações. Estas mudanças iriam ocorrer a partir do ano em que o antigo mosteiro foi readaptado a fábrica de moagem já em pleno século XIX. Ainda em finais do século XIX um arquitecto alemão conhecido como Albrecht Haupt terá realizado uma passagem por Tavira e terá feito uma avaliação sobre o mosteiro das Bernardas. Haupt destacou a conservação do claustro de dois pavimentos e as colunas oitavas de capitéis com calabres entrançados.¹⁷⁵

Há ainda uma evidência de um desenho elaborado por este arquitecto onde aparece uma coluna de um arco antigo do claustro, a ala central seria constituída pelo refeitório, cozinha e calefactório e no pavimento superior encontravam-se as várias celas associadas às monjas.¹⁷⁶

6.6 - Intervenções Arqueológicas

Em 2005 a equipa do SACR (Serviço de Arqueologia Conservação e Restauro) contactada pela Câmara Municipal de Tavira procedeu à realização de sondagens arqueológicas de diagnóstico. Estas sondagens arqueológicas tentam responder um projecto elaborado pelo

¹⁷⁴Idem

¹⁷⁵HAUPT, Albrecht, (1888) - “*A Arquitectura da Renascença em Portugal*”. Lisboa. Pág. 309

¹⁷⁶

CORRÊA, Fernando Calapez (1991) – “*O Convento Cisterciense de Tavira: Nossa Senhora da Piedade*”. Faro. Direcção Regional do Sul. Pág. 19

arquitecto Eduardo Souto Moura, para a reabilitação do mosteiro de Nossa Senhora da Piedade. O objectivo primordial seria compreender o impacto que o terramoto de 1755 teve no edifício religioso, limitar todas as áreas inerentes ao Claustro, avaliar o potencial arqueológico existente e criar medidas de minimização e conservação do local. Posteriormente seria instalado um condomínio fechado.

O antigo mosteiro possuía uma traça arquitectónica funcional que viria a ser completamente destruída com a instalação de uma fábrica de moagem a vapor nos finais do século XIX. A construção da fábrica acontece poucos anos depois da extinção das ordens religiosas e do progressivo abandono do mosteiro. A equipa do SACR montou oito sondagens de 2x2m georreferenciadas no exterior do edifício. (G8, k12, k25, p23, W23, DD28e P32). Estas sondagens localizavam-se perto de um recinto inferior do espaço monástico, nomeadamente numa zona onde viria a ser implantada uma piscina.¹⁷⁷ No interior do edifício não foram realizadas sondagens devido à má sustentação do edifício. O método de escavação utilizado foi o tradicional método de Barker Haris, ou seja, por decapagem de camadas arqueológicas. A recolha de espólio foi sistemática e caracterizou-se, numa primeira fase, por material de construção de cronologia contemporânea. Não foi possível datar as áreas que delimitavam os claustros, porém identificaram-se elementos associados a uma fachada lateral e elementos na ala Este que poderão estar relacionados com o acesso ao pátio. Este acesso seria feito através de um portal Manuelino¹⁷⁸. A instalação da fábrica de moagem e massas a vapor na última década do século XIX terá sido a responsável pela destruição de algumas estruturas associadas ao mosteiro.¹⁷⁹ Os materiais arqueológicos encontrados ao longo da escavação são marcadamente caracterizados por cerâmicas comuns, metal, vidro, fauna malacológica, mamalógica e ictiológica. O espólio datado enquadra-se entre o século XVII e XVIII. No que concerne aos materiais cerâmicos apenas alguns fragmentos foram estudados por serem considerados os mais interessantes, os restantes terão sido inventariados e catalogados.¹⁸⁰ [anexos 29-32; 36-38]

¹⁷⁷ SACR (Serviços de Arqueologia Conservação e Restauro). Relatório pré eliminar. Pág. 14

¹⁷⁸ CAVACO, Sandra e COVANEIRO, Jaqueline “*Gostos e sabores: O caso convento das Bernardas em Tavira*” IN XELB 10 actas do 7 encontro de Arqueologia do Algarve Silves 22,23,24 de Outubro de 2009, pág. 640-655

¹⁷⁹ Ibidem

¹⁸⁰ Foram fotografados alguns dos materiais catalogados. Estes materiais são inéditos e foram gentilmente cedidos pelo Serviço de Arqueologia Conservação e restauro de Tavira (SACR).

Durante o processo de escavação os resultados foram parcos na medida que a escassez de espólio não permitiu tirar ilações que ajudassem na compreensão dos objectivos delineados para esta intervenção. Porém destacam-se alguns registos efectuados nesta campanha: Na quinta camada estratigráfica foi possível evidenciar um muro de cronologia moderna e contemporânea constituída por argamassa e forma tosca.¹⁸¹ As sondagens 13,32 e 48 identificaram faunas, cerâmica, vidro, metal, escória, e azulejos tendo aparecido na sondagem 75 a primeira sepultura feminina associada ao mosteiro. As sondagens, k12, k18, P32, W2 e DD 28, identificaram outras estruturas associadas ao mosteiro. A sondagem W23 evidenciou um muro, um pavimento e uma sepultura secundária. Esta sepultura secundária permitiu identificar um crânio pertencente a um indivíduo. A sondagem 28, não apresentava espólio significativo. Apenas foi possível reconhecer um nível de lixeira e algumas estruturas sem contexto associado.¹⁸² A equipa do SACR (Serviço de Arqueologia Conservação e Restauro), acredita que apesar da escassez de material encontrado *in situ*, é possível fazer uma interpretação das estruturas associadas a uma fase avançada do convento.

As conclusões que se tiram deste relatório são que a escavação não conseguiu estabelecer uma relação entre o convento e o terramoto de 1755. Perante esta realidade as estruturas encontravam-se num estado razoável de conservação, tendo sofrido algumas deteriorações devido a pequenos fenómenos sísmicos ocorridos até à data da escavação.¹⁸³

No estudo de Ana Sampaio e Castro¹⁸⁴ sobre a Cerâmica Europeia do Mosteiro de São João de Tarouca a autora refere a existência de peças associadas a produções lígures com cronologias do século XVII. Estas peças, decoradas no anverso e reverso, esmaltadas a branco e com motivos florais, associados ao vegetalismo, apresentam características semelhantes ao fragmento de prato encontrado [anexo 34] durante as campanhas arqueológicas do Mosteiro de S. Bernardo de Tavira. Esta similitude pode indiciar uma produção comum a ambos os mosteiros.

Em 2007/2008 a equipa da ERA Arqueologia deu continuidade à intervenção arqueológica. Esta intervenção seria realizada a pedido do IGESPAR para a construção

¹⁸¹SACR (2004/2005). (Serviços de Arqueologia Conservação e Restauro). Relatório pré eliminar, pág. 14

¹⁸²Ibidem Pág. 11-13

¹⁸³Idem

¹⁸⁴ CASTRO, Ana Sampaio (2009) – “Cerâmica Europeia do Mosteiro de S. João de Tarouca”. Lisboa. FCSH/UNL.

de um conjunto de balneários, canais, piscinas e uma fonte. Esta área estaria localizada a Este, perto do recinto inferior do Mosteiro.¹⁸⁵ Foi possível identificar na sondagem 11 um pilar cujo material de construção seria idêntico ao material que cobria as paredes do antigo mosteiro de nossa Senhora da Piedade, porém este pilar estaria associado a um das últimas fases da ocupação da fábrica.¹⁸⁶ No que diz respeito ao mosteiro foram associadas 9 fases, sendo a sua maioria aterros, construções e remodelações.¹⁸⁷ Na fase 1 foram evidenciados muros associados ao mosteiro das Bernardas. Os muros integravam a poente um compartimento de grandes dimensões ¹⁸⁸.Na fase 2 foi encontrado um corpo arquitectónico com inúmeras divisões com funcionalidade indeterminada cuja entrada se fazia através de um vão de porta. Este vão que faria a ligação era designado de ambiente 6 e garantia a serventia a outros compartimentos.¹⁸⁹ No mesmo ambiente foram evidenciados dois novos compartimentos (compartimento 1 e compartimento 5) que apresentavam características semelhantes ao corpo arquitectónico encontrado no ambiente 6. A entrada no compartimento 1 fazia-se através de um vão de uma porta localizada a Oeste. O compartimento 5 terá tido um acesso através de um vão situado a sudoeste tendo sido encontrado evidências que comprovam a reconstrução deste compartimento numa fase posterior.

O compartimento 6 (pertencente à fase 4), estaria confinado a estas estruturas, dos quais se identificaram dois nichos que estariam associados a pequenos espaços para arrumações.¹⁹⁰ No exterior deste compartimento foi possível compreender um pequeno pátio com um fontanário. Este pátio estaria ladeado por um conjunto de muros e duas absides localizadas a sul e oeste, porém, os arqueólogos debatem a existência de uma terceira abside a Norte estabelecendo assim um paralelo com os resultados obtidos na fase 6.¹⁹¹ A Este encontra-se um fontanário com azulejos datados do primeiro quartel do século XVII, sendo a bica caracterizada por uma figura em calcário.¹⁹² A fase 3 é associada a uma primeira fase de remodelação e acumulação de depósitos dos compartimentos 1,2 e 5 e com o pátio exterior. Uma das primeiras remodelações é visível ainda na fase 4 sobretudo no compartimento 5 onde se reconstrói uma das paredes localizadas a sul que

¹⁸⁵ ERA Arqueologia (2007/2008). Relatórios de trabalho. pág. 17

¹⁸⁶Idem

¹⁸⁷Ibidem pág. 22.

¹⁸⁸Ibidem pág. 24

¹⁸⁹Ibidem pág. 23

¹⁹⁰Ibidem pág. 25.

¹⁹¹Ibidem pág. 26

¹⁹²Idem

integrava o vã da porta possibilitando assim a ligação com este compartimento e o ambiente 6. No mesmo ambiente observa-se um pavimento em argamassa de cal.¹⁹³ Na fase 4 foi ainda evidenciado uma estrutura semicircular a nordeste do ambiente 6 podendo ser associada a um pequeno pátio existente no mosteiro.

Na fase 3 este pavimento em argamassa de cal viria a desaparecer devido à acumulação de depósitos. Estes depósitos caracterizavam uma tentativa de reestruturação do espaço facilitando assim a construção de outras estruturas. A fase 3 revelou ainda três estruturas em alvenaria de funcionalidade indeterminada e no pátio foi edificada uma calçada de calcário que ladeava o fontanário.¹⁹⁴ A fase 5 revelou uma nova acumulação de depósitos nos compartimentos 1,10 e pátio exterior. Esta acumulação pretende assim ganhar mais espaço para a construção de outros aparelhos construtivos. Nesta fase reconheceu-se uma vala entulhada com sedimentos de pedra, calcário, madeira e espólio arqueológico (faiança, vidro, cerâmica comum, faunas e pregos).¹⁹⁵ Uma segunda remodelação terá ocorrido na fase 6 com a construção de um piso em argamassa, este estaria localizado acima dos aterros encontrados no compartimento 1. Esta construção sugere que terá havido um piso superior relativamente a outros compartimentos do edifício estando confinado a este por uma escadaria.¹⁹⁶ Segundo os arqueólogos é impossível detectar se este compartimento teria aliado a si um piso superior pois não há no registo arqueológico evidências de estruturas negativas onde se vislumbrasse qualquer vestígio associado a um piso superior.¹⁹⁷ Ainda na fase 5 foi possível identificar um revestimento de argamassa e cal e um pavimento com ladrilho cerâmicos e uma sepultura primária, de um indivíduo do sexo feminino. O esqueleto acabaria por ser inumado. Esta sepultura é associada a um enterramento de uma das monjas que habitou este mosteiro entre o século XVI e XVII. Apesar de ter sido o único enterramento encontrado, há registo de um outro indivíduo encontrado numa outra vala aquando os trabalhos do SACR em 2005.¹⁹⁸ No pátio exterior foi edificada uma calçada de calcário, uma abside e dois muros a norte do fontanário.¹⁹⁹ A fase 7 é caracterizada por uma nova remodelação do espaço, um dos muros pertencente ao compartimento 10 foi desactivado tendo sido edificado uma zona de lareira. A

¹⁹³Ibidem pág. 27

¹⁹⁴Idem

¹⁹⁵Ibidem pág. 30

¹⁹⁶Ibidem pág. 31

¹⁹⁷Idem

¹⁹⁸Ibidem pág. 33

¹⁹⁹ Idem

construção desta estrutura é interpretada como um novo espaço onde se confeccionavam alimentos (cozinha), porém os dados arqueológicos são poucos para se corroborar esta teoria. O acesso a esta nova estrutura não foi determinado havendo uma possibilidade de se efectuar pelo ambiente 6.²⁰⁰ Na fase 8 a lareira viria a sofrer uma pequena remodelação onde viriam a ser instaladas duas novas estruturas, uma estrutura de combustão reduzida e um reforço de parede.²⁰¹ A última fase associada ao mosteiro é associada a uma nova remodelação do espaço de lareira onde terá sido construído um muro de forma triangular a sudeste do paramento.²⁰²

No final da segunda campanha de escavações arqueológicas foi possível identificar e estudar um total de 6555 fragmentos com um peso total de 138,846 kg. Predominavam os fragmentos de cerâmica comum, seguidos pela cerâmica vidrada, faiança, cerâmica malagueira, cerâmica vermelha fina, porcelana e materiais de construção. A cerâmica comum apresentava pastas de cozedura oxidante com textura arenosa e com ENP's de tamanho médio e fino. As pastas são maioritariamente caracterizadas com tonalidades laranja e vermelha. Os fragmentos vidrados apresentavam pastas de cozedura oxidante, consistência média, textura homogénea e ENP's de tamanho médio e fino. Destacam-se ainda a presença de fragmentos de cerâmica malagueira onde as pastas apresentam cozeduras oxidantes e consistência compacta. Predominavam ainda as pastas claras de coloração bege, rosa e branco. A pintura azul e branca está associada a peças esmaltadas e à porcelana.²⁰³ Os fragmentos determinados foram encontrados num contexto de lixeira. Dos materiais exumados destacam-se materiais pré-romanos: taças, ânforas, um possível *pithos* e um pote. Identificou-se ainda um godé e uma asa, ambos de cerâmica malagueira datados do século XVI e XVII. Há ainda evidências de louça branca de Talavera. Esta louça terá sido produzida em Portugal a partir da segunda metade do século XV mas rapidamente é substituída pela louça pintada a azul, que terá tido o seu auge no século XVII.²⁰⁴ As cerâmicas vidradas apresentam cores como o verde, castanho onde prevalecem motivos geométricos incisos. Quanto à loiça de cozinha destacam-se as painéis de cerâmica comum caracterizadas por bordos introvertidos, colos cilíndricos curvos e corpo globular; os alguidares teriam sido usados como amassador de pão são

²⁰⁰Ibidem pág. 34.

²⁰¹Ibidem pág. 35

²⁰²Idem pág. 35-36

²⁰³Ibidem pág. 85

²⁰⁴Ibidem pág. 86-90

peças vidrada verde ou castanha com algumas linhas incisadas nos bordos e apresentavam incisões na zona do lábio, bordos extrovertidos e corpos troncocónicos.²⁰⁵ As frigideiras são datadas do século XV, possuíam bordo introvertido, lábio espessado, paredes baixas e pega horizontal. As tampas de cronologia do século XVI serviam como regulador da temperatura e auxiliavam a cozedura tornando melhorando as condições de higiene durante a preparação dos cozinhados. Foram encontrados fogareiros, sendo este um dos objectos mais importantes não só para a confecção dos alimentos como para o aquecimento da casa. Apresentavam um corpo troncocónico invertido, base plana e asa vertical.²⁰⁶ A loiça de mesa apresentava grandes evidências de taças ou escudelas e apresentavam bordo introvertido, lábio arredondado ou semicircular tendo a maioria das louças pé anelar. Os objectos de cerâmica fina vermelha são pequenos e têm pastas muito finas e depuradas em que se recorre a linhas incisadas na decoração das suas paredes.²⁰⁷ Destacam-se pratos e taças em porcelana branca com decoração na cor azul-cobalto sob o vidrado. Os temas presentes nestas louças são marcadamente zoomórficos tendo o grupo um especial enfoque no motivo central da peça²⁰⁸. Estas louças são provenientes dos fornos Jingdezhen (século XVI) e apresentavam inúmeros motivos geométricos. Foram encontrados pratos com bordo extrovertido, arredondado, semicircular e corpo troncocónico. Foram ainda identificados fragmentos das produções de Manisses, Paterna e fragmentos de majólica. As tigelas eram também muito importantes no quotidiano, estariam associadas ao consumo individual de alimentos. Estas peças apresentam bordos introvertidos sendo o corpo da peça troncocónico invertido. Foram encontrados peças associadas ao armazenamento e transporte como é o caso dos cântaros, estes apresentavam bordo introvertido. Outros objectos como os potes, foram utilizados no armazenamento de cereais e leguminosas. No decorrer da escavação foram encontrados inúmeros elementos, como, argamassas, pedras, raízes, nódulos, carvões e faunas. Como se referiu anteriormente, com o início da Idade Moderna e com a expansão além-mar, o território de Tavira começou a ganhar uma enorme preponderância económica, social e política. D. João II começa a oferecer privilégios ao território tendo começado a elaborar a construção de um convento de freiras numa das naves do Hospital do Espírito Santo.

²⁰⁵Idem

²⁰⁶CAVACO, Sandra e COVANEIRO, Jaquelina (2009) - “Gostos e sabores: O caso convento das Bernardas em Tavira” IN XELB 10 Actas do 7 encontro de Arqueologia do Algarve Silves pág. 640-655

²⁰⁷Idem

²⁰⁸Idem

Para além das evidências arqueológicas, apresentamos com base na documentação escrita os bens do mosteiro que foram inventariados nos finais do século XIX, ilustrando a enorme riqueza material pertencente ao mosteiro das Bernardas, sendo posteriormente vendidos em haste pública e a privados. As sabastas, dalmáticas de seda de Damasco, os tecidos de seda branco, paramentos de ouro e frontais de Damasco são alguns dos exemplos que corroboram esta afirmação e ajudam a clarificar o luxo que este mosteiro apresentava, assim como o poder de compra que poderia ter para poder adquirir este tipo de bens. Sabemos igualmente pelas fontes que este mosteiro recebia algumas doações sobretudo de nobres e fidalgos, estas doações poderão ter contribuído para este bem-estar económico. O espólio arqueológico reforça esta proposta na medida que foi possível vislumbrar inúmeras peças importadas de grande qualidade como é o caso das peças produzidas nos fornos de Jingdezhen no século XVI, as peças em cerâmica Malagueira, produções de Manisses e Paterna, pratos e tigelas para consumo individual, faiança e inclusive alguns vestígios em porcelana. Aliado a esta enorme riqueza material as monjas produziam e vendiam produtos hortícolas, doces e feitura aumentando os rendimentos do mosteiro.

O mosteiro das Bernardas do concelho de Tavira representou a única evidência de uma casa associada à ordem de Cister em toda a região algarvia. Durante o século XVI apenas há evidências de edificações da Ordem de Cister em Portalegre com a construção do mosteiro feminino de S. Bernardo ou Nossa Senhora da Conceição que, curiosamente, possui a mesma data de fundação que o mosteiro de Tavira (1530); o mosteiro feminino de S. João de Vale Madeiro em Viseu cuja data de edificação é também de 1530; o mosteiro masculino do Colégio do Espírito Santo em Aveiro em 1550 e o mosteiro masculino de Nossa Senhora do Desterro em Lisboa em 1591.²⁰⁹ Posteriormente foram construídas outros mosteiros da ordem de Cister, sendo o mais recente o Real Mosteiro de Nossa Senhora da Nazaré em Setúbal fundado em 1771.

²⁰⁹http://www.snpcultura.org/ordem_cister_heranca_cultural_portugal_europa.html (Consultado a 14/7/2015)

Capítulo VII: Convento de Nossa Senhora da Graça

7.1 - Ordem de S. Agostinho

A *Ordo Eremitarum Sancti Augustini*, vulgarmente conhecida como ordem eremítica de S. Agostinho foi fundada em Março de 1244 por diversos grupos eremitas. Esta ordem receberia o apoio do papa Inocêncio IV através da concessão de duas bulas; a bula *Incumbit Nobis* e a *Prasesentium Vobis* no ano anterior da sua fundação (1243). A primeira bula fazia menção à carta de fundação e a segunda bula era referente ao processo de União das diversas ordens eremitas²¹⁰. No mês posterior à fundação da ordem foi prescrita a carta *Religiosam Vitam* colocando esta ordem sob protecção papal. Em 1245 foi concedida uma nova bula papal que se dirigia a todos os eremitas da Toscânia, com excepção dos Guilhermitas. As motivações pastorais, responsáveis pela união, pretendiam criar um género de vida regular, com teor apostólico e que se regesse pela regra de S. Agostinho.²¹¹ Os primeiros anos desta ordem foram acompanhados de inúmeras concessões de bulas papais de maneira a ajudar a padronizar os estatutos da ordem e garantir a sua sobrevivência fora do domínio da Toscânia.²¹² Em 1255 é outorgada uma nova bula papal por Alexandre IV que estabelecia a primeira acta associada à ordem dos Eremitas de S. Agostinho. A bula garantia a ratificação do capítulo geral pelo papado. Esta bula terá sido aprovada em Santa Maria de Pópulo, na cidade de Roma.²¹³ Em 1256, o papa Alexandre IV aprova a ordem eremítica de S. Agostinho com a atribuição da bula papal, *Licet Eccleiae Catholicae*. Foram convocados todos os grupos religiosos associados a S. Agostinho, incluindo os Guilhermitas para a unificação da ordem. Porém os Guilhermitas, rapidamente abandonariam a ordem, pois eram fieis à regra de S. Bento. Após a fundação da ordem e passados os primeiros anos, cheios de privilégios concedidos pelo papado, a ordem começa a desviar-se dos princípios básicos que tinha proposto seguir: “ *O nome dos eremitas respeitava a ordem (...) mas não corresponderia ao intento de lhes determinar vida apostólica nas zonas habitadas, próxima das pessoas, em ordem a exercer um missão pastoral (...)* ”²¹⁴.

²¹⁰AZEVEDO, Carlos A Moreira [s.d] – “ *Ordem dos Eremitas de S. Agostinho em Portugal (1256-1834)*. ” Lisboa. Edição da colecção de memórias de Fr Domingos Vieira OESA. Pág. 5

²¹¹Ibidem pág. 5-6

²¹²Idem

²¹³Idem

²¹⁴Idem

A unificação eremítica possuía agora interesses terceiros na sua unificação e pretendia evitar confrontos com outras ordens religiosas, especialmente com a ordem mendicante de Assis (franciscanos). Pretendia reforçar a posição da ordem Eremita como uma ordem superior, chefiada por um Prior geral. Para reforçar a união o papa concede privilégios adicionais nunca antes concedido a outros grupos religiosos. Estas medidas impostas comprovam uma vez mais o poder exacerbado que o papado possuía em plena idade média.²¹⁵ A ordem de S. Agostinho resultou de um longo processo de experiências eremitas que começaram a ocorrer desde a fundação do primeiro convento por parte de S. Agostinho de Hipona em finais do século IV. Estas experiências foram realizadas ao longo dos séculos até que foi fundada a ordem dos eremitas de S. Agostinho em Portugal nos finais da reconquista portuguesa. Há inclusive informações que num ano anterior à sua fundação, João Lombardo já presidam o convento de Santo Agostinho em Lisboa.²¹⁶ No século XIII esta ordem chegou a S. Gens, o convento terá sido edificado no Monte de S. Gens e terá sido mandado erguido por D. Susana em honra à ordem eremítica de S. Agostinho.²¹⁷ Em 1267 foi fundado outro convento da ordem de S. Agostinho em Vila Viçosa e muito outros até meados do século XVI. Destaca-se no final do século XIV a construção do convento de Torres Vedras, no século XV é fundado um convento em Montemor-o-Velho e no século XVI há a construção de uma casa conventual em Castelo Branco. Terá sido no século XVI que terá sido fundada um novo convento em Tavira cujo fundador seria conhecido como Pedro de Vila Viçosa, herdeiro do convento africano de Azamor e do Colégio de Nossa Senhora da Graça em Coimbra. Este convento terá sido iniciado em 1543 sob a protecção de D. João III.²¹⁸ No século XVII, devido ao abandono das praças africanas toda a região de Tavira começa a entrar em processo de decadência económica. As ordens monásticas acabariam por seguir o mesmo caminho, extinguindo-se em 1834.

7.2 – Contextualização Histórica

Em 1535 dá-se a reforma dos Eremitas calçados de Santo Agostinho. Esta reforma contou com o apoio da Santa Sé e do fundador do convento Franciscano de Tavira e deu alento à

²¹⁵Ibidem pág. 7-8

²¹⁶GOMES, Saul António (1992) – “*Um Bulário Medieval da Ordem de Santo Agostinho*”. Coimbra. Lusitânia Sacra. Pág. 371-380

²¹⁷SILVA, Paula Correia (2007) – “*O convento da Graça de Torres Vedras: A comunidade eremítica e o Património*”. Torres Vedras. Camara Municipal de Torres Vedras. Pág. 20

²¹⁸AZEVEDO, Carlos A Moreira [s.d] – “*Ordem dos Eremitas de S. Agostinho em Portugal (1256- 1834)*”. Lisboa. Edição da colecção de memórias de Fr Domingos Vieira OESA. Pág. 10-11

observância conduzindo à construção de inúmeros conventos espalhados por todo o território português incluindo o espaço controlado no ultramar; apelavam à construção de conventos no estado da Índia, no apostolado da arábia, Arménia, Ceilão e Pérsia.²¹⁹ Para além do papado, esta ordem foi muito apoiada pelo monarca D. João III que terá doado e concedido alguns privilégios à ordem incentivando a construção de casas conventuais no seu território. É edificado entre 1536 e 1546 o convento de Nossa Senhora da Graça em Évora, o convento da Luz de Arronches em 1570, o convento de Santa Mónica em 1586, o convento de Nossa Senhora do Pópulo em Braga, entre outros.²²⁰

O convento de Nossa Senhora da Graça de Tavira foi fundado em 1542 por Frei Pedro Vila Viçosa, famoso construtor do convento de Azamor em África que terá desembarcado em Tavira para se reabastecer antes de voltar ao Norte de África., Frei Pedro de Vila Viçosa acabaria por estabelecer um convento na antiga judiaria beneficiando de um espaço intramuros abandonado devido à expulsão dos muçulmanos e judeus nos finais do século XV do território português.²²¹

*“ O (...) mosteiro é de religiosos Eremitas do P.[adre] S.[anto] Agostinho, ao qual deu motivo e principio, no ano de 1542, um religioso da mesma ordem, por nome Fr. Pedro de Vila Viçosa, o qual já antes disto tinha começado outro em Azamor (...). E passado a esta cidade de Tavira (...) fez seu assento na judiaria (...) e da esnoga [sinagoga] fez igreja, a que pôs por invocação de Nossa Senhora da Graça e alcançou pera ela muitos poderes de Roma e adjuntou logo consigo alguns religiosos de sua ordem, com quem vivia pobrementemente, pedindo polas portas fieis, mas tendo muito cuidado que na ca não faltassem sermões, confissões para o povo e todo o género de consolação que nos mosteiros bem ordenados costumam achar que a eles vão(...) ”*²²². A construção do convento demorou mais de 20 anos a iniciar tendo os priores e alguns religiosos habitado numas instalações provisórias da antiga judiaria. Em 1568, frei João de S. José²²³ foi nomeado para chefiar as obras do convento. Os frades agostinhos permaneceram na

²¹⁹SANATANA, Daniel (2001) “O Convento de Nossa Senhora da Graça de Tavira”, in Monumentos, nº14, Lisboa, Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, Março de 2001, pp.124-133

²²⁰Idem

²²¹COVANEIRO, Jaquelina; CAVACO, Sandra (2006) – “ Convento da Graça - Alicerces com história” IN Pousada do convento da Graça “ Tavira. ENATUR. Pág. 51-56

²²²SANTANA, Daniel (2006) – “ Memorial do Convento de Nossa Senhora da Graça” IN AAVV, Pousada do Convento da Graça, ENATUR- Empresa Nacional de Turismo. Pág. 51-69

²²³Autor da corografia do Algarve.

judiaria até 1569; nesse ano seria conferida a autorização para a construção do convento, esta edificação demorou vários anos tendo sido prolongada até meados do século XVII: “(...)Neste lugar e desta maneira viveram muitos anos sem começar novo edifício (...) até o ano de 1568 (...). E assim (...) se começou (...) o ano seguinte de 69 (...) com os trabalhos que as obras de tal qualidade trazem consigo, mas não sem algum gosto de me parecer que, por tempo, poderia vir a ser um dos bons conventos da província ”²²⁴

Desconhecem-se as razões para este atraso, mas especula-se que se terá devido a um conjunto de factores como o caso do desaparecimento de Frei Pedro de Vila Viçosa e o célebre episódio do Frei S. Valentim.²²⁵ Frei S. Valentim foi nomeado para o cargo de padre no convento de Nossa Senhora da Graça onde desempenharia um papel pouco ortodoxo que o levaria a ser perseguido pela Inquisição. O padre era apoiante da doutrina evangélica e tecia duras críticas á doutrina Cristã. Frei Valentim apoiava as doutrinas que defendiam a simplicidade, os valores da humildade, honestidade e caridade “ (...) repúdio da devoção crassamente exterior e formalista que se esgotava na costumeira prática de ritos e observâncias mecânicas sem relação espiritual com a essência do cristianismo. ”²²⁶ O padre considerava que o cristianismo deveria ser “ (...) uma fé interior e pessoal, vivida em liberdade e espírito de modo proposto então pelo grande Erasmo (1467-1536), que por isso desejava o retorno a um religião centrada no homem e depurada da ganga dogmática e dos compromissos espúrios com o poder (...) ”²²⁷ O mesmo padre exigia que “ (...) a sagrada escritura fosse vertida e andasse em língua vulgar para todos os fieis perceberem (...) que se exortasse o rebanho cristão às boas em obras (...) que se pusesse cobro ao mercantilismo (...) e mais porque melhor seria casarem-se os sacerdotes do que estarem amancebados e desejava ver uma igreja em que os sacerdotes fossem poucos e casados (...) ”²²⁸. Este discurso profano chegou aos ouvidos da Inquisição, por intermédio de uma mulher de classe média, conhecida como Maria de Meneses e em 1562 o Santo Ofício condenaria o bispo por heresia acabando por ser julgado e condenado a ser queimado na fogueira. Após estes incidentes o convento da Graça sofreu um abalo social e económico, onde os crentes demonstravam-se

²²⁴SANTANA, Daniel (2006) – “ Memorial do Convento de Nossa Senhora da Graça” IN AAVV, Pousada do Convento da Graça, ENATUR- Empresa Nacional de Turismo. Pág. 51-69

²²⁵Ibidem pág. 51-56

²²⁶ VV.AA (2006) – “ Espírito e Poder; Tavira nos tempos da Modernidade ”; Câmara de Tavira; Tavira; pág. 59.

²²⁷Ibidem pág. 59

²²⁸SANATANA, Daniel (2001) “O Convento de Nossa Senhora da Graça de Tavira”, in Monumentos, nº14, Lisboa, Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, Março de 2001, pp.124-133

descontentes com a situação desencadeada por Frei Valentim. Em 1568, é nomeado Frei João de S. José, famoso autor da “Corografia do Reino do Algarve” para chefiar as obras do convento. Em 1569, Frei João chega ao conselho de Tavira e inicia um projecto que tem por base a construção rápida e eficiente; a presença autoritária deste frei permitiu a progressão das obras do convento. D. Sebastião, impressionado com a atitude do Frei doou em 1573, 200 cruzados para a construção as obras do convento.²²⁹ Frei João José acaba por falecer e as obras do convento voltam a entrar num ritmo lento e precário. Estendendo para além do século XVII, e ninguém sabe ao certo, quando terão sido concluídas. Sabe-se que o estaleiro ainda se encontrava activo em 1598 garantindo assim sustentabilidade teórica para afirmar que o convento só seria finalizado no século seguinte.²³⁰ As obras levadas a cabo no século XVII não devem ter sido facilitadas pois este século representou para Tavira um período muito negativo, perdendo a cidade o título hegemónico que perdurava desde os primórdios do século XV. Neste século observa-se o assoreamento da foz do rio que impossibilita as relações comerciais; a elevada deposição de sedimentos no rio impedia a navegabilidade das embarcações. No mesmo ano o bispo do Algarve D. Fernando Martins Mascarenhas, numa carta escrita ao papa Clemente VIII refere que em Tavira há um convento franciscano com 30 religiosos e um convento de Santo Agostinho ainda em construção com cerca de 8 a 10 religiosos, pelo que podemos depreender que as obras do convento encontravam-se atrasadas.²³¹

7.3 - A Arquitetura do Convento de Nossa Senhora da Graça

O Convento de Nossa Senhora da Graça também conhecido como Convento da Graça está localizado no Largo da Igreja de Santa Maria e apresenta as seguintes coordenadas geográficas, 37,124962 de Latitude e -7,652934 de Longitude. Este antigo convento erguido sobre a antiga judiaria tem um papel importante na remodelação do espaço urbano de Tavira. O convento está localizado defronte a Igreja Matriz no topo de uma colina, e é ladeado pela antiga igreja de Santiago e respectivo templo²³²[anexo 39].

O antigo convento de Nossa Senhora da Graça de Tavira conservou alguns elementos que caracterizam quatrocentos anos de história, desde o período chã, às manifestações artísticas do século XVII culminando com elementos contemporâneos do século XIX e

²²⁹Ibidem pág. 129

²³⁰Idem

²³¹Idem

²³²SANATANA, Daniel (2001) “*O Convento de Nossa Senhora da Graça de Tavira*”, in Monumentos, nº14, Lisboa, Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, Março de 2001, pp.125-133

XX.²³³ Porém, após a extinção das ordens religiosas em 1834 e consequente abandono o convento começaria a sofrer profundas transformações no espaço religioso, o desaparecimento de alfaías religiosas, dependências conventuais, cerca conventual acabando por desvirtuar e descaracterizar este espaço que outrora seria conhecido como convento.²³⁴

O edifício do convento era composto por uma igreja de planta longitudinal apresentando apenas uma nave e uma capela-mor rectangular à qual se anexavam do lado da epístola o claustro e as dependências conventuais.²³⁵ O claustro, estaria localizado próximo da epístola, no piso térreo era considerado a estrutura mais importante de todo o convento. Este piso térreo era caracterizado por cinco arcos de volta perfeita por banda e apresentava colunas toscanas apoiadas em pedestais.²³⁶ Não obstante os acontecimentos referidos como o desaparecimento do Frei Pedro de Vila Viçosa e do episódio de S. Valentim o convento da Graça apresentava algum desafogo económico. Esta afirmação é deduzida da análise da tabela que consta dos anexos 40-41 onde se lêem os montantes pagos pelos devedores, o valor das rendas e foro ao convento. As receitas dos devedores mais os foros e as rendas ultrapassavam os 621\$000 reis gerando assim capital suficiente para uma campanha de obras iniciadas em 1749 que tinham como principal objectivo o restauro do claustro original. As obras iniciadas em 1749 tendo as despesas ultrapassado os 180220 reis. Dos 180220 reis, 59500 reis foram gastos em sete colunas com bases e capiteis e pedras, 96000 reis foram utilizados para a reconstrução dos arcos em cantaria para dois ângulos do claustro e foram gastos 24000 reis para a reconstrução do arco de cantaria da escada e há ainda um registo de 720 reis para a construção de um capitel numa coluna velha. O sobreclaustro foi até ao século XVIII constituído por uma galeria em entablamento recto sobre pequenas colunas.²³⁷ No mesmo século o abobadamento do piso térreo, piso superior e da nova escadaria conventual seriam completamente restaurados.

²³³ Ibidem pág. 128

²³⁴ Idem

²³⁵ Ibidem pág. 129

²³⁶ Ibidem pág. 130

²³⁷ COVANEIRO, Jaquelina; CAVACO, Sandra (2006) – “*Convento da Graça - Alicerces com história*” IN Pousada do convento da Graça. ENATUR. Pág. 57-62

O piso térreo foi o primeiro a ser alvo de campanhas de restauração. Em 1749 as despesas relativamente a este piso ultrapassavam os 43 419 reis. Dos 43 419 reis, 23680 reis foram utilizados nas empreitadas das abobadas do claustro, 12 800 reis para os materiais de construção como é o caso do tijolo e os restantes 4439 reis para pagar o tijolo e os ladrilhos. No piso superior as despesas ultrapassavam os 120000 reis, sendo 88000 reis despendidos em 8 janelas de cantaria e 32000 reis para o pagamento de 12 janelas do claustro.²³⁸ A parte mais rica do edifício, a igreja, sofreu profundas alterações desde o século XVI, passando pelo estilo chão, ao barroco, até à actualidade. Estas readaptações são visíveis sobretudo na capela-mor. A fachada do templo é constituída por alvenaria rebocada o que reflecte uma imagem de sobriedade. A igreja era composta por uma janela com cimalha sobreposta onde se assentaria um nicho que acolhia uma imagem de Santo Agostinho.²³⁹ A portaria seria uma divisão com especial importância arquitectónica e artística. No seu pórtico exterior encontrava-se um frontão aberto com o brasão da ordem dos Agostinhos.²⁴⁰ O arco triunfal apoiado pelas colunas toscanas funcionaria como barreira entre a nave e a capela-mor reconstruída em finais do século XVIII. ²⁴¹ A igreja acabaria por seguir os moldes da planta da igreja de Jesus em Roma, isto é “ (...) *uma igreja rectangular, com transepto inscrito, nave única com capela laterais e cabeceira recta com a capela-mor entre sacristias.*”²⁴² No interior do convento, no centro da abóbada, uma pintura do século XVIII apresentava uma vez mais os brasões de S. Agostinho (águia bicéfala com o coração ardente).²⁴³ Próximo da portaria estaria uma cela destinada a um porteiro. Este porteiro era o responsável pela administração de esmolas a todos os pedintes que fossem bater à porta do convento, a esmola seria em caldo ou em pão. ²⁴⁴ Nos alçados laterais encontraram-se vestígios pertencentes a quatro capelas abertas por arcos de volta perfeitas. Duas das capelas laterais estavam situadas perto da capela-mor correspondendo aos braços do transepto da igreja²⁴⁵. Para além da igreja e do

²³⁸SANATANA, Daniel (2001) “*O Convento de Nossa Senhora da Graça de Tavira*”, in Monumentos, nº14, Lisboa, Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, Março de 2001, pp.131

²³⁹COVANEIRO, Jaqueline; CAVACO, Sandra (2006) – “*Convento da Graça - Alicerces com história*” IN Pousada do convento da Graça. ENATUR. Pág. 57-62

²⁴⁰SANTANA, Daniel (2006) – “*Memorial do Convento de Nossa Senhora da Graça*” IN AAVV, Pousada do Convento da Graça, ENATUR- Empresa Nacional de Turismo. Pág. 51-69

²⁴¹SANATANA, Daniel (2001) “*O Convento de Nossa Senhora da Graça de Tavira*”, in Monumentos, nº14, Lisboa, Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, Março de 2001, pp.131

²⁴² *Ibidem* pág. 132

²⁴³SANTANA, Daniel (2006) – “*Memorial do Convento de Nossa Senhora da Graça*” IN AAVV, Pousada do Convento da Graça, ENATUR- Empresa Nacional de Turismo. Pág. 57-62

²⁴⁴Idem

²⁴⁵Idem

claustro, o piso térreo continha uma serie de outras dependências indispensáveis ao modo de vida monástico como é o caso do dormitório, hospedaria, biblioteca, refeitório, cozinha, sala de aula, enfermaria, casa do capítulo, portaria e uma casa de barbas.²⁴⁶ Este convento encontrava-se integrado num vasto conjunto de terrenos, isolados por um muro alto. O refeitório situava-se no piso térreo e comunicava com o claustro do lado oposto da igreja. O refeitório era constituído por uma sala onde serviam refeições e foi construído entre 1752 e 1754. Caracterizava-se por três colunas de pedra que suportavam a abobada. O Púlpito era onde se realizava as leituras durante as refeições.²⁴⁷ A cerca delimitava os terrenos da margem sul e poente do claustro. Protegendo cinco hectares de terreno, mas também a extensão do terreno monástico graciano que cai para o Largo do Cano e Zona da Bela Fria.²⁴⁸ A cerca simbolizava a barreira entre o mundo religioso e o núcleo urbano “*Barreira contra a contaminação do mundo impuro e barulhento do exterior, um auxílio para o fortalecimento do sentimento comunitário e para a observância da castidade monástica.*”²⁴⁹ Em 1757, no segundo piso foi edificada uma biblioteca, o dormitório construído entre 1752 e 1754 (no mesmo ano que o refeitório) era uma das partes mais salientes do convento, era utilizado para descanso, leitura, estudo e acabaria por ser reconstruído em 1758 por Diogo Tavares e Ataíde. A igreja ostentava um estilo vernáculo típico da arquitectura chã, possuía talha dourada, azulejos e pintura de cavalete. Porém com a extinção das ordens todo este espólio arquitectónico acabaria por ser destruído. O convento seria abandonado sendo os seus bens privatizados e alguns vendidos em hasta pública. Em 1839 o convento e a cerca passam a servir de quartel militar de caçadores. Em 1904 o antigo convento transforma-se em arrecadação militar e em 1999 começou-se a elaborar um plano para a transformação do antigo convento numa pousada histórica associada à ENATUR.

²⁴⁶ Idem

²⁴⁷ Idem

²⁴⁸ SANATANA, Daniel (2001) “*O Convento de Nossa Senhora da Graça de Tavira*”, in Monumentos, nº14, Lisboa, Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, Março de 2001, pp.132-133

²⁴⁹ BORGES, Nelson Correia (1999) – “*Arquitectura Monástica portuguesa na época Modena*” IN MSEV, IV série nº7 pág. 45

7.4 - Intervenções Arqueológicas²⁵⁰

O Convento de Nossa Senhora da Graça terá sido alvo de intervenções arqueológicas tendo em vista a readaptação do convento a pousada histórica da ENATUR. No dia 29 de Abril de 2002 o SACR com o apoio da CMT (Câmara Municipal de Tavira) iniciou os trabalhos arqueológicos no Convento da Graça. Perto de uma zona associada a carreira de tiro foram efectuadas três das sete sondagens pré-definidas (Sondagem D, E e F). As sondagens atingiram um máximo de 3,7 metros de profundidade e apresentavam espólio arqueológico. Foram igualmente montadas cinco sondagens na área do claustro para avaliar o potencial arqueológico²⁵¹ e verificar a existência de um poço ou cisterna de modo a integrar esta estrutura na futura pousada, avaliar as fundações, localizar a cerca conventual. No caso da igreja os objectivos eram semelhantes e pretendiam saber se havia sepulturas associadas para futura inumação.²⁵² A sondagem F correspondia a um aterro generalizado. Foi igualmente encontrado algum espólio de cronologia contemporânea (Século XX). A sondagem E revelou umas estruturas de betão associadas à carreira de tiro. A Sondagem D revelou materiais de cronologia contemporânea. No segundo relatório de progresso procedeu-se ao planeamento de duas sondagens na zona descoberta do claustro. Estas sondagens apresentaram unidades estratigráficas com espólio contemporâneo (cerâmica, vidro, fauna, ladrilhos) e algumas estruturas (muros e valas de fundação). Na unidade estratigráfica (16) foi encontrada uma estrutura de pedra associada a uma lareira com alguns vestígios de fogo. Na unidade estratigráfica seguinte (17) foi encontrada uma estrutura em tijolo burro que serviria de apoio à lareira.²⁵³ No corpo poente do antigo convento identificaram-se estruturas com funcionalidades diversas e de cronologia desconhecida²⁵⁴ O corpo Norte correspondia a um aterro do século XVI / XVIII, no qual foi identificado um troço de um edifício que estaria associado a um muro de 3 metros de altura por 60 de largura e 4 metros de comprimento.²⁵⁵ A poente deste muro

²⁵⁰CAVACO, Sandra; COVANEIRO, Jaquelina (2005) - “*Claustro do Convento da Graça. Análise dos materiais cerâmicos e faunísticos provenientes dos contextos fechados.*” IN Xelb 6 Actas do 3 Encontro de Arqueologia do Algarve

²⁵¹SACR (2001/ 2002) (Serviços de Arqueologia Conservação e Restauro. 1º relatório de progresso pág. 1-4

²⁵²SACR (2001/ 2002) (Serviços de Arqueologia Conservação e Restauro. 1º relatório de progresso. Pág. 1-4

²⁵³SACR (2001/ 2002) (Serviços de Arqueologia Conservação e Restauro. 2º relatório de progresso. Pág. 12

²⁵⁴SACR (2001/ 2002) (Serviços de Arqueologia Conservação e Restauro. Relatório de escavação. 3º relatório de progresso. Pág. 2-3

²⁵⁵Ibidem

estaria um segundo muro com aparelho construtivo semelhante e junto a ele foram identificados dois contentores cerâmicos. Num dos contentores foi possível identificar um ossário correspondente a um cão. Foi também identificado um poço escavado na rocha que apresentava um ossário de dois cavalos e uma mandíbula humana.²⁵⁶

Na cerca conventual planeava-se construir duas piscinas e um desaterro para a construção de um parque de estacionamento. Neste sentido foram realizadas três sondagens para avaliar o seu potencial arqueológico (A, B, C).

A sondagem A, associada ao futuro parque de estacionamento permitiu identificar troços de canalização ao qual desembocava um caneiro em tijoleira.²⁵⁷ Após a remoção mecânica de algumas camadas identificaram-se dois muros com derrubes de telhas associados.

A sondagem B, associada à zona de Parque de estacionamento identificou-se exclusivamente uma vala de funcionalidade desconhecida. A sondagem C, associada à piscina localizou-se um muro de 2.09 metros. Não há informações relativamente ao quarto relatório de progresso. As sondagens efectuadas na cerca conventual acabariam por identificar um bairro islâmico. Foram reconhecidas três casas constituídas por três pátios centrais e compartimentos contíguos (Alcovas, Latrinas, Salões).²⁵⁸ Foram também identificadas canalizações e uma rua em terra batida. O espólio associado apresenta cronologias do século XIII. A arquitectura deste bairro é semelhante às estruturas de Mértola e Cacela Velha.²⁵⁹ Dado que se tratam de evidências anteriores ao convento, não serão apresentadas agora.

Nesta sondagem foram, também, recuperadas algumas cerâmicas classificadas como produções espanholas como é o caso das peças de Valência, Sevilha e Granada. As peças valencianas apesar de não serem abundantes apresentavam características singulares. Os materiais eram datados do século XIV a inícios do século XV e a maioria apresentava formas fechadas. Os temas principais estariam associados a motivos geométricos e vegetalistas. As formas abertas existentes são caracterizadas por taças e tigelas.²⁶⁰ As peças de Sevilha apresentavam inúmeras ligações com Portugal desde a época islâmica.

²⁵⁶Ibidem

²⁵⁷Ibidem

²⁵⁸SACR (2001/ 2002) (Serviços de Arqueologia Conservação e Restauro. 7º relatório de progresso. pág. 15-23

²⁵⁹Idem

²⁶⁰COVANEIRO, Jaquelina; CAVACO, Sandra; LOPES; Gonçalo (2006) – “*Claustro do Convento da Graça. Análise de Materiais cerâmicos e faunísticos provenientes de dois contextos fechados*”. Xelb. Revista de arqueologia, arte, etnologia e história pág. 316-319

As peças eram sobretudo de cronologias entre o século XV e o XVI e eram caracterizadas pelo esmalte branco e verde²⁶¹. [Anexo 42-55]²⁶² As peças de Sevilha mais características do Convento da Graça eram os pratos com fundo em ônfalo esmaltado a branco. Havia igualmente pratos esmaltados a branco com decoração de corda seca total. Há ainda evidências de pratos com esmalte verde e vidrados com inscrições epigráficas. A par dos pratos identificaram-se tigelas e escudelas de perfil carenado com pé anelar utilizando a pintura azul como fundo.²⁶³ As peças de Granada apresentam peças de cronologia nazarí; foi possível identificar um prato esmaltado a branco com a legenda “Al-*afiya*” que significa “bem-estar” pintado a azul. Na sala correspondente ao poço do elevador foram inumadas vinte e quatro sepulturas. A existência de inúmeras características morfológicas transmissíveis por via genética e a utilização de sepulturas levou os arqueólogos a acreditar que esta sala terá sido readaptada a uma pequena capela ou inclusive uma cripta. Acompanhadas das sepulturas foi possível identificar diverso espólio, sendo o mais característico as fivelas, anéis, alfinetes de cabelo, pequenos objetos de culto Cristão, um pequeno crucifixo em osso e várias medalhas.²⁶⁴

Apesar do convento ter acompanhado a crise social, política e económica do século XVII poderá ter gozado de períodos de alguma liberdade económica, como se refere anteriormente as rendas e foros que o convento cobrava aos seus devedores e crentes as doações dos mesmos representavam elevados rendimentos para o convento. Tal facto é corroborado pelo início de obras para restauro e conservação do seu claustro, algo que não acontece em nenhum outro convento. Neste convento observa-se um espaço concedido a uma guarda encarregue de dar sopas e pão a todos aqueles que sem abrigo que fossem pedir ajuda ao convento.

A cultura material encontrada nas escavações sobretudo de peças importadas de Valência, Sevilha e Granada ajudam a complementar estas ideias de autarcia económica e bem-estar no seio conventual. Só um estudo pormenorizado de todo o espólio arqueológico poderá

²⁶¹ Ibidem pág. 318

²⁶²Descrições retiradas do Catalogo do livro “*Tavira nos Tempos da Modernidade*” pág. 140-146

²⁶³Ibidem pág. 319

²⁶⁴COVANEIRO, Jaquelina; CAVACO, Sandra (2006) – “*Convento da Graça - Alicerces com história*” IN Pousada do convento da Graça. ENATUR. Pág. 39

comprovar se efectivamente o convento teve períodos alternados de liberdade económica ou se realmente conseguiu ser sempre autónomo economicamente.

Quanto ao espólio de cronologia moderna encontrado nas escavações arqueológicas constatámos que segundo o catálogo do livro “Espirito e Poder. Tavira nos tempos da Modernidade” poderá ter havido uma falha tipográfica ou mesmo uma datação incorreta no que respeita a algumas das peças associadas ao Convento de Nossa Senhora da Graça. Segundo o cartólogo, algumas das peças associadas a este convento estão datadas do século XV. Se o convento foi mandado executar em 1542, tendo apenas sido finalizado já no século XVII, as peças do convento da graça nunca poderão pertencer ao século XV, eventualmente poderão ter pertencido à antiga judiaria, local onde os frades de S. Agostinho terão reaproveitado para se situar, mas nunca ao convento de Nossa Senhora da Graça. Outra questão que colocamos é a origem dos centros produtores de algumas peças apresentadas no catálogo. As peças encontradas em anexo [43 e 50] são associadas, respetivamente, ao século XV e a produções Valencianas e respetivamente, produções de Teruel. A primeira peça, caracterizada como pucáro [anexo 43] pensamos tratar-se de uma produção autóctone das oficinas de Loulé, estas conhecidas pelas pastas claras e bem depuradas. Quanto à segunda peça caracterizada como pichel das produções de Teruel [anexo 50], achamos tratar-se de uma jarra valenciana. As peças de Teruel apresentam pastas avermelhadas, motivos fitomórficos em castanho e verde e não estão associadas ao território algarvio no século XV. Todavia as peças encontradas apresentam tons beges, rosados e uma delas possui inclusive uma asa polibulada (o tamanho da asa acaba é superior à peça) pelo que somos levados a acreditar tratar-se antes de peças valencianas.

Capítulo VIII - O Antigo Convento de S. Paulo

8.1 – A Ordem de S. Paulo

A ordem de S. Paulo, originalmente conhecida como os paulistas da Serra de Ossa, ter-se-á instalado no Sul do em território português em meados do século XV expandindo-se depois até ao Alto Alentejo. Durante este processo de expansão, criaram inúmeras casas conventuais, especialmente na Península de Setúbal, em locais como Mendoliva, Aferrara e Caparica. Há também testemunhos arquitectónicos que referem fundações em Alenquer e Óbidos. Instalaram-se no século XVII no território tavirense.

A ordem terá sido protegida pela dinastia de Avis que assim assegurou o seu crescimento em todo o território continental português. A presença de certos Eremitas ligados à corte

de Avis como é o caso de João Fernandes, regedor da Serra da Ossa (1376-1434), João Rodrigues (criado de D. João I) e de Gonçalves Vasques, capelão do infante de D. Fernando, garantia não só a protecção régia da ordem, como fomentava a sua expansão, a edificação de novas casas conventuais e ainda fomentavam reformas naquelas já existentes, melhorando assim a qualidade de vida dos eméritos mais despovoados.²⁶⁵

O papel da dinastia de Avis e da nobreza foi fulcral na obtenção de prerrogativas monásticas sendo que era concedida a isenção do pagamento de dízimos e sacramentos.

Nos inícios do século XV, durante o papado de Gregório XII, esta ordem passa a pertencer à jurisdição do Bispo de Évora através da concessão da bula papal *Ad Dominici Gregis*. Uma segunda bula, conhecida como *Decem Romanum Pontificem* garantia a possibilidade desta ordem viver em comunidades de 12 eremitas. Uma terceira bula, a bula *Circa singolurum*, aprovada por Eugénio VI em 1433, garantia o aumento do número de frades a viver em comunidade de 12 para 20.²⁶⁶ A estrutura interna da ordem era simples. A ordem estava hierarquizada pelo fundado rereemítico, um regedor e uma comunidade, na sua maioria laica. Com a concessão das bulas e de inúmeros direitos à ordem, tanto o regedor como os eremitas vêm oportunidade de enriquecer rapidamente.

Para combater essa tendência de corrupção, por parte dos frades, no ano de 1452 D. Afonso V cria uma pequena comissão chefiada por Gonçalo Vasques (clérigo da Serra da Ossa); Francisco (regedor do vale do infante) e Fernando Cicioso (cavaleiro de Évora) com o intuito de administrar e aplicar medidas a todos os membros refractários da comunidade eremítica. O objectivo principal seria evitar a expolição de bens das casas conventuais.²⁶⁷

Em 1466, as comunidades eremíticas defendiam uma reestruturação da organização. A partir daquele ano todas as casas seriam agregadas à ordem paulista da Serra de Ossa, nomeando três elementos para reger os feitos dos pobres. O regedor da Serra de Ossa deveria ser eleito pelos regedores de outras casas e pelas diversas comunidades. Assim evitava-se que os chefes religiosos fossem nomeados com base em interesses terceiros.

Em 1578, após o concílio de Trento o papa Gregório XIII aprova neste congresso a ordem monástica que passaria a ser conhecida por Eremitas de S. Paulo (*Bula creditum nobis*).

²⁶⁵FRANCO, José Eduardo (2010) – “Dicionário *Histórico das Ordens institutos religiosos e outras formas de vida consagrada católica*” Gradiva. [S.l.]. Pág. 152-153

²⁶⁶Idem pág. 153-154

²⁶⁷Idem

Esta bula confere ainda os privilégios de ordem mendicante (obrigatoriedade dos votos canónicos de castidade, pobreza e obediência), define a forma do hábito e implanta os votos perpétuos. A bula é aceite pela comunidade eremítica um ano depois da concessão.²⁶⁸

A partir do século XVIII assiste-se a um novo movimento conhecido como os Paulistas descalços que rapidamente crescerá no território português.

Porém, dada a conjuntura política vivida em Portugal no século XVIII, não só este novo movimento paulista como toda a comunidade eremítica sofre um declínio acentuado. Em 1791 a Junta de Exame das Ordens regulares determina o encerramento de todos os noviciados e em 1822 o número de casas paulistas activas seria apenas de seis, acabando por originar o abandono contínuo das casas conventuais.

Em 1834 todas as ordens religiosas são extintas e a ordem não tem outro remédio senão abandonar as suas propriedades conventuais.

8.2 – Contextualização Histórica

O antigo Convento de S. Paulo está localizado na Praça Dr. António Padinha e apresenta as seguintes coordenadas geográficas: 37,128714 de latitude e -7,649754 de longitude [anexo 56-58]. O antigo convento de S. Paulo, também conhecido como Convento dos Eremitas de S. Paulo terá sido fundado em 1606.

Dada a localização desta Ordem teoriza-se que a ordem de S. Paulo praticava uma ideologia observante pois os seus ideais para a edificação dos conventos eram semelhantes aos princípios dos frades Capuchos²⁶⁹. Estes frades viviam em locais isolados e solitários, completamente afastados do núcleo urbano. As periferias urbanas seriam assim o local apropriado para a instalação de uma casa conventual, uma vez que a tranquilidade lhes permitia uma vida de devoção a Deus. Com o passar do tempo essa corrente teológica terá sido abandonada progressivamente e começa a observar-se uma transferência das casas conventuais para os concelhos²⁷⁰. Assim, em 1448, os frades paulistas instalaram-se no território algarvio, inicialmente no sítio de S. Marcos, nos

²⁶⁸Idem

²⁶⁹ Idem

²⁷⁰MARADO, Catarina de Almeida (2005) – “*Mosteiros e Conventos do Algarve*”. Lisboa. [s.n]. Vol. 1, pág. 148-149.

arredores de Tavira fora do núcleo urbano. No início do século XVII (1606) a ordem terá ficado acomodada junto da Ermida de Nossa Senhora da Ajuda, localizada perto dos limites do espaço urbano na margem esquerda do rio Gilão. Em 1612 a ordem ermita de S. Paulo terá dado início à construção e transladação dos seus pertences, dos arredores para o interior da malha urbana do concelho.²⁷¹

O convento é caracterizado por uma arquitectura de tipo chã. Este tipo de arquitectura terá sido introduzido durante o século XV em Itália, inspirado pela cultura greco-romana. Este tipo de arquitectura terá chegado já em pleno século XVI a Portugal no reinado de D. João III (1521-1557). O Algarve não foge à regra e é assolado por inúmeras obras renascentistas, muitas delas sob o cunho do mestre pedreiro André Pilarte, que acabaria por construir várias igrejas e casas conventuais emblemáticas do concelho; destaca-se a igreja de Santa Maria e o Convento da Graça.²⁷²

O autor George Kubler, um teórico e ilustre especialista em arquitectura ibérica, define este novo estilo como uma “ (...) *Arquitectura Vernácula, mais relacionada com as tradições de um dialecto vivo do que com os grandes autores da Antiguidade Clássica* (...) ”²⁷³. O novo estilo arquitectónico é também conhecido por apresentar uma, arquitectura sóbria, com linhas singelas e simplicidade funcional.²⁷⁴

A proliferação deste estilo arquitectónico em territórios além-mar, no século XVI pode ser explicada pela presença portuguesa nestes territórios. Este estilo promovia o regresso das formas arquitectónicas tipicamente portuguesas, isto é, caracterizadas pelo estilo vernáculo e simples, onde os valores históricos e culturais estão representados. Os interiores dos edifícios davam especial ênfase às proporções e apresentavam motivos decorativos associados aos feitos portugueses como é o caso da expansão além-mar iniciado no século XVI.

O convento apresentava “ (...) *planta longitudinal composta, volumes articulados, cobertura diferenciada de quatro telhados de águas e domo na torre sineira* (...) *fachada principal delimitada por cunhais de cantaria almofadados e frontão semi circular* (...) ”

²⁷¹ VV.AA. (2010) - “ *Tavira, Cidade das igrejas*”. Museu Municipal de Tavira. Tavira. Pág. 49

²⁷² VV.AA. [s.d] – “*Tavira, Território e Poder*” Tavira: Câmara Municipal de Tavira. Pág. 226-230

²⁷³ KUBLER, George (1998) – “*A Arquitectura portuguesa chã: Entre as especiarias e os Diamantes, 1521-1706*” Lisboa. Vega D.L. pág. 3-4

²⁷⁴ VV.AA. (2010) - “ *Tavira, Cidade das igrejas*”. Museu Municipal de Tavira. Tavira. Pág. 49

”²⁷⁵. Possui um portal maneirista e uma fachada aberta por um galilé, cuja abobada apresenta trabalhos alegóricos a S. Paulo²⁷⁶.

O seu interior é caracterizado pela arte sacra com imagens que datam do século XV ao XVIII. Apresentam-se sete altares com retábulo, quatro desses retábulos possuem obras de pintura: uma na capela-mor, duas no transepto e um na nave única. Os restantes encontram-se colocados nas paredes e no transepto. ²⁷⁷ [Anexo 59]

O retábulo principal apresenta características tipicamente seiscentistas como a presença de superfícies planas, talha pouco saliente e detalhes decorativos característicos do período maneirista [Anexo 60]. A grande inovação é a ocupação total do espaço pela talha, esta técnica passa a ser executada a partir do momento em que é instalado um arco em dois pares de colunas ressaltadas. Por sua vez o remate²⁷⁸ em arco denota um óculo central, neste vislumbra-se uma pintura de Eucaristia e a figura de dois anjos turiferários perfeitamente simétricos.²⁷⁹

As quatro tábuas representam um conjunto proeminente de arte sacra datadas do século XVI. Pensa-se que estas quatro tábuas terão sido doadas ao convento de S. Paulo depois de terem pertencido à igreja de Conceição de Tavira e à igreja de Santa Maria de Tavira.

Dois destes quadros que se observam no retábulo não apresentam medidas simétricas e aparecem emoldurados, o que poderá significar que terão sido encomendados noutra região.²⁸⁰ Estas telas, terão sido feitas por um autor ou por vários de origem hispano-flamenga. Um estudo aprofundado de Manuel Batoréo, revela que estas telas apresentam um estilo semelhante à do Mestre Ares, conhecido pintor espanhol residente em Santa Maria de Palau, Solitá ou com ligações hispano-flamengas de Castilla.²⁸¹

O historiador de Arte Manuel Batóreo afirma que estas ligações hispanas flamengas estão também presentes em seis tabuas do convento da Graça de Torres Vedras. Esta teoria veio a ser reforçada por Vítor Serrão quando afirma que esse conjunto de peças do mesmo

²⁷⁵http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5657 (consultado a 10/5/2014)

²⁷⁶ADÃO, Dina; JUNIOR, Miguel Veterano; COSTA, Ricardo (2004) – “*Tavira. Passear e conhecer*”. Casal de Cambra. Caleidoscópio. Pág. 25

²⁷⁷MACIEIRA, Isabel (2004) - “*A pintura sacra em Tavira*”. Lisboa. Edições colibri pág. 107

²⁷⁸“ Ornamento que encima um edifício, um móvel ou uma tampa de um vaso (...)”SILVA, Jorge Henriques Pais; CALADO, Margarida (2004) – “*Dicionário de Termos de Arte e Arquitectura*”. Queluz. Editorial presença. Pág. 317

²⁷⁹MACIEIRA, Isabel (2004) - “*A pintura sacra em Tavira*”. Lisboa. Edições colibri pág. 108-115

²⁸⁰Ibidem pág. 112

²⁸¹Idem

convento de Torres Vedras foi efectuado por dois pintores, Pero Belo de origem salmantina e Francisco Alves que terão igualmente trabalhado em Tavira ao longo do século XVI.²⁸²

Estas tábuas apresentam influências nórdicas, tanto na representação naturalista dos objectos e paisagens, como na figuração das personagens, como também na construção do espaço através da sobreposição dos planos. Possuem ainda elementos tipicamente maneiristas como o alongamento das figuras, os rostos ovais, as mãos e nas “*vincadas e esculturais angulosidades das suas vestes*”²⁸³. Esta pintura acaba por quebrar os cânones da época usando cores muito vivas como o branco e o vermelho nas asas dos anjos em detrimento de cores neutras. Teoriza-se que este artista (Gaspar Coelho) será responsável por muitas outras pinturas expostas nas paredes, no óculo central e nos pequenos painéis, provavelmente ligados à actividade de uma oficina a operar na cidade.²⁸⁴

A tribuna e o trono foram introduzidos durante o século XVIII, sendo o trono de influência barroca. Este convento sofreu várias intervenções ao longo do século XVIII. A fachada leste apresenta três volumes de cunhais de cantaria e quatro vãos. Já a fachada norte apresenta doze aberturas. No primeiro piso observa-se um vão de volta perfeita em cantaria que abre sobre um nártex com guarda em ferro e no interior do nártex um portal recto com a inscrição: *DOMUS DEI EST ET PORTA CELI / PALVS ERMITARUM AVCTOR ET MAGISTER*²⁸⁵ [anexo 61].

No transepto do convento, observa-se um elemento único em Portugal, uma figura associada à Nossa Senhora, de origem Flamenga, datada do século XV.

É ainda possível observar a presença de dois sinos pertencentes às igrejas de Santa Maria do Castelo (1781) e ao convento do Carmo (1852). Ambos os sinos se encontram em mau estado de conservação [anexo 62-63].

²⁸²Idem

²⁸³Ibidem pág. 113

²⁸⁴Idem

²⁸⁵ MARADO, Catarina de Almeida (2006) – “*Antigos Conventos do Algarve. Um percurso pelo património da região*”. Edições colibri. Pág. 182-183

ADÃO, Dina; JUNIOR, Miguel Veterano; COSTA, Ricardo (2004) – “*Tavira. Passear e conhecer*”. Casal de Cambra. Caleidoscópio. Pág. 25

Após a mudança do sítio de S. Marcos para o centro urbano houve a necessidade de delimitar um extenso recinto destinado à horta conventual. Essa área acabou por cobrir todo o convento até ao alto de Santana.²⁸⁶

O convento possuía uma receita anual de 501.728 reis. Deste montante a maior receita era proveniente de censos, foros e pensões. Estima-se que este valor poderá rondar os 301.940 reis, sendo 120.780\$ de receitas de particulares e ações de companhias, 46.000 reis de prédios rústicos, 18.000 de prédios urbanos e 15.000 de tenças reais e ordinárias.²⁸⁷ Em 1834 com a extinção das ordens religiosas o convento foi encerrado. A igreja foi avaliada em 1200\$000 reis, tornando-a, assim, dentro do conjunto das igrejas dos antigos conventos masculinos em Tavira, a mais cara. Para além desta igreja, o estado terá ainda nacionalizado um conjunto de confrarias religiosas ligadas aos frades paulistas. Em finais do século XIX o convento dos Eremitas de S. Paulo terá sido dividido e vendido em hasta pública a instalações conventuais. A cerca e as dependências do convento desapareceram e terão sido urbanizadas, dificultando por isso o processo de estabelecimento total da área do convento em estudo.

Capítulo IX: O Convento de S. António

9.1 - A Ordem de S. António

A partir do século XVI a ordem dos frades menores foi dividida em duas facções os claustrais, de ideologia mais tolerante e a observância, de ideologia mais ortodoxa. Esta ideologia mais austera começa a ganhar inúmeros apoiantes gerando ramificações dentro da própria ordem que são consideradas ainda mais severas que a própria observância. A ideologia considerada a “mais estreita observância” terá ganho inúmeros adeptos na Europa, e Portugal, não foge à regra. No território português instalam-se assim os frades capuchos que estabelecem o seu hábito em cinco províncias. A província da Piedade terá sido a primeira a receber os frades capuchos em 1517, seguida de Arrábida (1560), S. António (1568), Soledade (1573) e Conceição (1705).²⁸⁸

²⁸⁶ ANICA, Arnaldo Casimiro (2001) – “Tavira e o seu termo”. Câmara Municipal de Tavira. Tavira. Pág. 238-239

²⁸⁷ VASCONCELOS, Damião Augusto de Brito (1989) – “Notícias Históricas de Tavira”. Tavira. Pág. 206-207

²⁸⁸ MARADO, Catarina de Almeida “Os frades capuchos no Reino do Algarve: processo de instalação e tipologia de localização” IN *Anais do Município de Faro. Vol.s XXXIII-XXXIV (2003-2004)*. Faro: Câmara Municipal de Faro, 2008, pág 13-15

Em 1498 João Guadalupe introduz uma reforma na província da Piedade, dois anos mais tarde o mesmo frade espanhol funda o convento de Nossa Senhora da Piedade em Vila Viçosa. Este convento serviu de “catapulta” para a expansão da ordem, tendo esta chegado em 1516 ao Algarve; são fundadas casas conventuais em S. Vicente, Faro e Tavira.

A província de Santo António é inaugurada em 1568 através da concessão da bula *Sacrae Religionis Sinceritas*. Dois anos mais tarde é lançada a primeira “pedra” para a edificação do convento de S. António pertencente à ordem capucha.²⁸⁹

No início do século XVII, a pedido dos habitantes locais é mandado edificar o convento pertencente à ordem dos frades capuchos no concelho de Tavira

9.2 – Contextualização Histórica

O Convento de S. António localiza-se no Campo Mártires da República e apresenta as seguintes coordenadas geográficas: 37.119671 de latitude e -7,647834 de longitude e foi fundado pelos frades capuchos em 1612 [Anexo 65-66]. Em 1607 os frades da província da Piedade chegam ao concelho de Tavira e ocuparam a Ermida de Nossa Senhora do Espinheiro, também conhecida como Ermida Nossa Senhora da Esperança na rua da Atalaia, enquanto esperam pela construção da sua casa conventual. A ordem dos Frades Capuchos elaborou dois pareceres para a construção do convento. De acordo com estes, a construção do convento seria levada a cabo perto de uma Ermida, no campo da Atalaia, ou então deveria ter lugar do outro lado do rio Gilão, junto à ermida de S. Brás. Após alguma discussão, a ordem aprova a edificação do convento perto da Ermida no campo da Atalaia. Desconhece-se a razão desta preferência, mas teoriza-se que os frades afirmaram que o convento apenas seria erguido num local sem “árvores verdes”²⁹⁰. A implantação do convento abrangeu uma parte de um rossio público, o que demonstra a aproximação à cidade. No século XVII os critérios, no que respeita ao isolamento delineados por esta ordem, foram alterados, permitindo assim a construção destas edificações em recintos urbanos.²⁹¹ Este convento, apresenta características semelhantes ao convento de S. António, do distrito de Faro. Ambos têm em comum a proximidade

²⁸⁹<http://digitarq.arquivos.pt/details?id=1497383> (Consultado a 13/5/2015)

²⁹⁰MONFORTE, Frey Manoel (1696) - “*Chronica da Provincia da Piedade: Primeira capucha de toda a ordem e regular observância de nosso Seraphico Padre S. Francisco*.” Lisboa: Oficina de Miguel Deslandes. Pág. 653

²⁹¹MARADO, Catarina de Almeida (2006) – “*Antigos Conventos do Algarve. Um percurso pelo património da região*”. Edições colibri. Pág. 189-190

com o mar e apesar de se localizarem um pouco afastados do centro urbano os dois apresentam uma aproximação, ainda que relativa, entre o edifício e a estrutura urbana. Por outras palavras, o convento de S. António de Tavira terá sido construído agregando um Rossio que existira perto do centro urbano e o convento de S. António em Faro terá aproveitado uma importante rua durante a sua edificação.²⁹²

Assim, percebe-se uma mudança nos critérios dos frades menores, eliminando o isolamento da malha urbana e servindo-se até, dos espaços públicos do centro urbano. Seria também criado um novo espaço adjacente ao convento, garantindo assim uma maior visibilidade da fachada da igreja, revelando os limites da cerca conventual e a sua conjugação com o espaço envolvente.

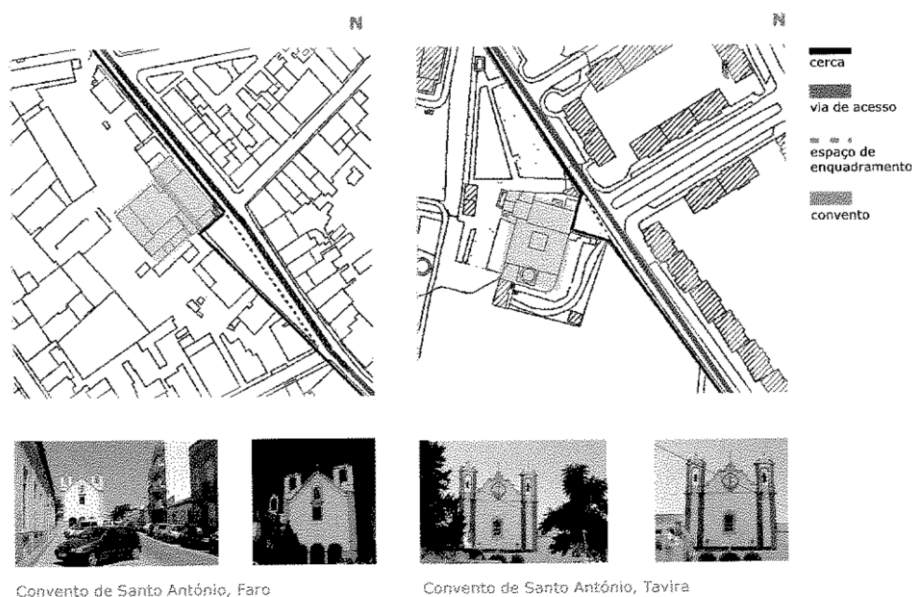


Figura 2: Convento de S. António²⁹³

O convento apresentava uma” (...) *planta rectangular de nave única com capela-mor e uma tribuna coberta por uma abóbada de berço e telhado de duas águas, diferenciados para um destes espaços (...)* ”²⁹⁴

²⁹²MARADO, Catarina de Almeida “Os frades capuchos no Reino do Algarve: processo de instalação e tipologia de localização” IN *Anais do Município de Faro. Vols. XXXIII-XXXIV (2003-2004)*. Faro: Câmara Municipal de Faro, 2008,pág 17-27

²⁹³Ibidem pág. 27

²⁹⁴Idem

A sua fachada (...) “ *semelhante às outras da província da Piedade, com empena rematada por frontão recto hoje massacrado por duas volutas contracurvas e ladeado por dois campanários simétricos (...) dois cunhais escaiolados rematam a composição da fachada, havendo duas pilastras que acompanham e marcam o ritmo dos campanários nascendo na correspondência externa dos arcos da galilé (...)* ”²⁹⁵.

Sabe-se ainda que as dependências conventuais se distribuem em torno de um claustro pequeno com forma quadrangular com três arcos de volta perfeita e arcos abatidos.

No interior do convento destaca-se uma abóbada na capela-mor com decorações maneiristas, com o tecto pintado usando a técnica da pintura ilusionista a fresco, observam-se alguns quadros espalhados pelas paredes e uma pequena colecção de lâminas de cobre pintadas.²⁹⁶ A abóbada da capela-mor apresenta um tecto em quadraturas e elementos ilusionistas onde se destaca novamente as pilastras com capitéis compósitos e panos de parede rematados por cimalkhas salientes.²⁹⁷ [Anexo 67]

O tecto é rasgado por seis medalhões, ladeado por grinaldas e com representações da vida de Santo António; [Anexo 68] no centro é ainda visível um painel que destaca a aparição do Menino Jesus a Santo António com a legenda “ *Gloria Patri et Filio et Spiritu Sancto Gloria tibi António Sancto.* ”

No lado da Epistola há ainda uma inscrição que refere um pacto que Santo António terá desfeito entre um mancebo e o diabo “ *In Hoc ipsum exstavit te ut ostendam n te potentiam seu virtutem meam* ”.

As capelas apresentam uma abertura para a galilé onde se pode ver um exemplar de um fundo de Calvário datado do século XX e ainda um transito associado a Santo António constituído “ (...) *por três grupos escultóricos em barro, de tamanho quase natural, que poderá ser também da autoria das já referidas monjas barristas do extinto convento de S. Bernardo (...)* ”²⁹⁸

²⁹⁵MEDINA, Victor Joaquim Fialho (1994) – “*A Arquitectura capucha da província da piedade*”. Lisboa: UNL, dissertação em mestrado em História de Arte pág. 144-145

²⁹⁶MACIEIRA, Isabel (2004) – “*A pintura sacra em Tavira: século XV a XX*” Lisboa. Edições Colibri. Pág. 258.

²⁹⁷Ibidem pág. 261

²⁹⁸Idem

Nada se sabe sobre a cerca conventual, apenas que terá sido comprada por um ilustre padre que terá igualmente adquirido o convento do Carmo de Tavira.²⁹⁹

No século XVIII, este convento a par de muitos outros, foi muito abalado pelo terramoto de 1755. Foi extinto no século XIX em consequência de movimentos liberalistas.³⁰⁰

Aguarda, actualmente, classificação como imóvel de interesse nacional.

Capítulo X: O Convento de Nossa Senhora do Carmo

10.1 – A Ordem do Carmo

Desconhece-se com exactidão qual terá sido o ano em que nasceu a ordem do Carmo, porém, segundo fontes históricas especula-se que a ordem terá sido fundada em entre o século XI e XII, pelo profeta Elias no Monte Carmelo na Palestina³⁰¹.

Ao longo do século XIII esta ordem sofreu uma enorme pressão por parte de outras classes religiosas e dos seus prelados que contestavam, ao abrigo do quarto concílio de Latrão³⁰², o direito à existência da ordem, uma vez que esta não teria sido aprovada por nenhum pontífice.

Em 1216, os Carmelitas recorrem ao pontífice de Roma, para garantir a aprovação da ordem. Após alguma insistência, o papa Honório IV concede, no mesmo ano, a *Bula Ut vivendi norman* que garantia a regularização da ordem e determinaria o consequente início expansionista pela Europa.³⁰³ Durante o século XIII a ordem instala casas conventuais em Inglaterra e França.

Porém devido ao movimento Islamita em 1237 todas as ordens religiosas foram aconselhadas a voltarem ao país de origem, neste caso, a ordem voltou ao Monte Carmelo. Em 1291, todos os carmelitas residentes no monte Carmelo foram assassinados. Todavia a ordem sobreviveu devido às raízes criadas anteriormente na Europa.³⁰⁴ A vida na Europa

²⁹⁹ANICA, Arnaldo Casimiro (2001) – “Tavira e o seu termo”. Camara Municipal de Tavira. Tavira. Pág. 237

³⁰⁰MARADO, Catarina de Almeida (2006) – “*Antigos Conventos do Algarve. Um percurso pelo património da região*”. Edições colibri. Pág. 189-190

³⁰¹<http://www.ordem-do-carmo.pt/index.php/os-carmelitas/historia.html> (Consultado a 20/1/2015)

³⁰²[DECRETOS DO IV CONCÍLIO DE LATRÃO]. BREVIARIUM EXTRAVAGANTIUM / [COLIGIDO POR BERNARDUS PAPIENSIS. COLLECTIO ALCOBACENSIS II] [MANUSCRITO]

³⁰³<http://www.ordem-do-carmo.pt/index.php/os-carmelitas/historia.html> (Consultado a 20/1/2015)

³⁰⁴<http://www.ordem-do-carmo.pt/index.php/os-carmelitas/historia.htm> (Consultado 20/1/2015)

não era fácil, o papa Gregório IX obrigava a ordem a viver na mais estrita pobreza tal como as ordens mendicantes.

Os carmelitas questionam este tipo de vida e apelam ao papa, em 1247, para aplicar os seus princípios e ideais. Este pedido vem a ser aprovado pelo papa Inocêncio IV e inicia-se assim um novo ciclo da ordem carmelita.

Em 1251 os carmelitas chegam a Portugal e instalam no concelho de Moura o seu primeiro convento. Em 1421 contavam já com mais de 40 religiosos neste concelho.

A partir do século XV esta ordem começa a construir conventos carmelitas em Portugal. A ordem do Carmo terá penetrado no distrito algarvio a partir do século XVI e terá sido dividida em duas secções, os calçados e os descalços. Uma primeira comunidade de calçados, instala uma casa conventual em Lagoa no ano de 1551; uma comunidade da propensão descalça edifica um convento em Tavira em 1745, uma outra comunidade de calçados terá ocupado um antigo colégio jesuíta em Faro, adaptando esta estrutura a convento em 1779.³⁰⁵

A ordem carmelita apresenta como princípios base a contemplação a Deus, apelando a todos os crentes para que oiçam a palavra de Deus e que celebrem o louvor do Senhor; a fraternidade, a ordem pervigília a união interpessoal entre os irmãos, e por último a igualdade, apelando à participação na vida comunitária de todos os irmãos. Através de uma atitude contemplativa, a ordem carmelita comunica com Deus no seu quotidiano, apela a todos os irmãos para que tentem encontrar Deus nos outros, valorizando assim o mistério das pessoas que vivem com eles.³⁰⁶ Os valores da Fraternidade podem ser encontrados na palavra de Deus, eucaristia, oração e, por último “o serviço no meio do povo”. Esta última característica apela à valorização e generosidade entre o “rebanho “de Deus, sendo o convento uma representação da comunidade de Deus que tem como objectivo espalhar a palavra e a fraternidade.³⁰⁷

Estes três elementos que caracterizam o carisma de um carmelita estão ligados entre si, e unidos, criam uma experiência fundamental, a experiência do “deserto”. Os carmelitas encontram as suas raízes no deserto. Este deserto não se trata de um local geográfico ou histórico, mas sim de uma estrutura de vida centrada única e exclusivamente em Deus. O

³⁰⁵MARADO, Catarina Almeida (2005) – “*Mosteiros e Conventos do Algarve*”. Lisboa. [s.n] vol. 1. Pág. 12-13

³⁰⁶<http://www.ordem-do-carmo.pt/index.php/os-carmelitas/historia.htm> (consultado 20/1/2015)

³⁰⁷Ibidem 19

primeiro deserto dos carmelitas era assim um deserto físico onde terão sido levados para uma terra estrangeira, longe da família, para viver exclusivamente em contemplação a Deus.³⁰⁸

A formação carmelita é um processo moroso que tem como principal objectivo instruir os novos frades numa vida de devoção e contemplação a Deus. Esta formação baseia-se em princípios e critérios como o chamamento à vida religiosa, concretização da vocação baptismal, vocação religiosa total, ou seja, o frade não deve exclusivamente aceitar Deus, mas deve entregar-se-lhe por completo, o género de vida evangélico, ou seja uma vida vivida em comunidade e por último o carisma, que engloba os três valores fundamentais referidos anteriormente.

O pré noviciado e o noviciado são as fases que iniciam a vida de um frade carmelita. Um bom noviciado deve possuir um bom nível espiritual, compreender a sagrada escritura saber reflectir sobre a Bíblia e a palavra de Deus, possuir bons conhecimentos nas áreas de cristologia, eclesiologia, liturgia e espiritualidade, teologia religiosa, constituição carmelita e história da fundação da ordem. Um noviciado tem também que ser capaz de avaliar e interpretar os problemas sociais da igreja criando assim soluções práticas para os resolver, bem como desenvolver aptidões de trabalho manual e trabalhos domésticos.³⁰⁹

10.2 - Contextualização Histórica

O Convento de Nossa Senhora do Carmo localiza-se no Largo do Carmo e tem como coordenadas geográficas 37,129083 de Latitude e -7,646445 de Longitude. [Anexo 69-71].

Os primeiros estatutos da ordem terão sido estabelecidos no primeiro quartel do século XVIII, em 1715. É nesta data que se começa a perceber uma rivalidade acesa entre os distritos de Faro e Tavira e entre as ordens monásticas franciscanas e carmelitas. Contrariamente à ordem terceira de S. Francisco, que foi instalada numa capela do convento do seu patriarca, a ordem carmelita terá sido instalada na capela da igreja de S. Paulo, pelo facto de em Tavira não haver ordem ou convento associado aos carmelitas³¹⁰.

Desde cedo as duas ordens entraram em rota de colisão. A ordem Franciscana de Tavira criticava a ordem do Carmo por não estar legalizada, uma vez que não dependiam de um

³⁰⁸Ibidem pág. 20

³⁰⁹Idem pág. 30-60

³¹⁰ANICA, Arnaldo Casimiro (2001) – “Tavira e o seu termo”. Camara Municipal de Tavira. Tavira. Pág. 103-104

convento mariano, e acusavam-na ainda de assediar os membros da sua ordem para a causa carmelita.

Para evitar quezílias e mau estar entre os crentes e a ordem do Carmo, a mesma efectua uma petição ao Provincial Mariano para que este fundasse em Tavira um convento carmelita.³¹¹

A petição foi um sucesso e rapidamente o Provincial elegeu dois padres para encetarem conversações com os representantes tavirenses. Assim, em 1737 é outorgado perante o notário Clemente de Oliveira Matos a escritura onde a ordem terceira do Carmo requer ao provincial, a doação de umas casas perto do Alto de S. Brás destinadas à fundação do convento do Carmo, neste documento salvaguarda-se o reembolso no caso de o convento não ser construído. Dezasseis dias após a assinatura da escritura, a ordem terceira carmelita chefiada pelo prior da mesa Simão Silva, assina o acordo da construção do convento.

Ainda em 1737 a ordem terceira de Nossa Senhora do Carmo de Tavira separa-se do convento de S. Paulo passando a ser supervisionada pela ordem provincial dos Carmelitas Descalços, cuja sede seria em Lisboa³¹². Apesar da separação, a ordem franciscana de Tavira, continuava a criticar a ordem carmelita e censurava todos os apoiantes da sua causa; há inclusive relatos de episódios de expulsão de irmãos franciscanos da ordem terceira franciscana por terem ousado comunicar com a ordem carmelita.³¹³

Esta separação potenciou a construção do convento, que acabaria por demorar um pouco mais do pré-estabelecido na escritura.

No ano anterior à construção do convento, os frades carmelitas doam à ordem terceira uma parcela de terreno para estes edificarem uma capela. A única condição que era obrigatória para a instalação da capela seria incluir uma porta principal para dentro do hospício podendo ainda ser construída uma porta que daria acesso à rua.³¹⁴

Em 1745 começam as obras do convento.

Em 1774 a Ordem Terceira Franciscana e a Ordem Carmelita assinam um tratado conhecido como a União Perpétua que tem como finalidade garantir as boas relações entre

³¹¹Idem

³¹²Ibidem pág. 105-16

³¹³Ibidem pág. 106

³¹⁴Ibidem pág. 107

ambas. Em 1787 o pacto seria “rasgado” após a Ordem terceira Carmelita ter faltado a um dos eventos mais importantes da Ordem Terceira Franciscana, a procissão das cinzas. O convento só seria concluído em 1789.

A ordem terceira carmelita conseguia atrair mais crentes às suas causas, apesar de terem obrigações semelhantes diferenciava-as os privilégios e benefícios que cada uma garantia.

A ordem Carmelita realizava 12 missas (com um valor de 200\$ réis por cada), número que sobe em 1905 para 300\$, porém nesta data, passam a ser realizadas apenas seis missas. Todos os irmãos carmelitas seriam enterrados dentro do corpo da igreja. A ordem franciscana tem mais missas cantadas e rezadas e os defuntos só podem ser enterrados no Santuário se fossem irmãos da ordem, os irmãos do defunto poderiam ficar ao lado das sepulturas e os irmãos carmelitas poderiam acompanhar a sepultura caso dessem um forte contributo monetário.³¹⁵

A capela pertencente à ordem terceira escapa à nacionalização em 1834 durante a revolução liberal. Porém o convento e a sua igreja não terão tido a mesma sorte e foram vendidas a um lisboeta conhecido como José de Jesus Salve Rainha. Este sujeito terá dado à ordem Terceira o foro da igreja por um valor de 5\$000 reis em cada ano.

Em 1921 a ordem viria a ceder a igreja à Junta Geral do Distrito, a igreja conventual foi dada a foro à Ordem Terceira. A 16 de Dezembro de 1996, a Assembleia Distrital de Faro, vende à Camara Municipal de Tavira pelo valor simbólico de 250 000\$00 o imóvel inscrito a favor da então “Junta de Província do Algarve”. Em 2005 a autarquia de Tavira converteu a antiga igreja conventual em Centro de Ciência Viva, encontrando-se as restantes dependências conventuais a albergar instituições como a cruz vermelha (Núcleo de Tavira) e a Banda de Tavira.

O convento de Nossa Senhora do Carmo foi dos poucos conventos que teve uma duração muito reduzida no concelho de Tavira, isto é, foi construído no século XVIII e extinto no século XIX.

O convento de Nossa Senhora do Carmo era formado pelo corpo da igreja de nave única, possuía um transepto, capela-mor e uma sacristia que se encontrava anexa às dependências conventuais. A igreja era constituída por “ (...) *fachada principal a S. com quatro corpos: corpo central de um só registo, delimitado por cimalha com cunhais com*

³¹⁵Ibidem pág. 110

embasamento de cantaria soco e cimalha em massa e frontão recortado com quatro urnas (...) cruz de ferro e painel de azulejos no tímpano (...) ”³¹⁶

O convento apresentava a norte três corpos de dois registos cada, o primeiro corpo situava-se a oeste e era composto por três panos delimitados por pilastras cunhas e cimalha de cantaria. No piso térreo identificou-se um arco entaipado e emoldurado. Finalmente, no terceiro corpo do piso térreo, encontram-se cinco janelas de cantaria e no andar nobre seis janelas sendo uma delas com cobertura em ferro.³¹⁷ O convento possuía um enorme portal adornado por ilustres capitéis e colunas jónicas. Sobre o portal encontrava-se um janelão de verga com frontão triangular e um conjunto de janelões adossados a oeste do campanário ladeados de três sineiras com ornamentação em massa. Na fachada Norte destaca-se um nártex com três arcos planos em cantaria e uma inscrição datada de 1792. No interior, o convento, apresentava uma nave com pavimento em soalho e uma cobertura em abóbada de berço “ (...) *de 4 tramos marcados por arcos torais descarregando em pilastras, ambos de massa pintada a cinza simulando cantaria; coro alto assente em arco abatido de cantaria sobre mísulas pétreas (...)* ”³¹⁸

O pavimento apresenta uma lápide sepulcral epigrafada, três altares encimados por janelas, dedicados a Nossa Senhora da Conceição, Santa Teresa, Santo António, São Simão Stock e de Santo Elias. Todos os altares são em madeira pintada e apresentam retábulos e mesas de altar de madeira e talha dourada policroma.³¹⁹ Ao lado do convento localizava-se a igreja de Nossa Senhora do Carmo, erigida em 1747. Um portal garante o acesso entre a igreja e a casa conventual que possui uma porta para um largo publico.³²⁰

A construção do templo prolongou-se por vários anos, sendo a fachada concluída no ano de 1792, porém no ano de 1751, há evidências que a igreja já estaria em condições de funcionamento, pois no mesmo ano, terá sido enterrado na mesma igreja, o bispo do Algarve, D. Ignacio de Santa Teresa.

³¹⁶http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5677 (Consultado a 12/5/2014)

³¹⁷ ANICA, Arnaldo Casimiro (2001) – “Tavira e o seu termo”. Camara Municipal de Tavira. Tavira. Pág. 111

³¹⁸Ibidem

³¹⁹Idem

³²⁰MACIEIRA, Isabel (2004) – “A pintura sacra em Tavira: século XV a XX” Lisboa. Edições colibri. Pág. 165

A igreja é caracterizada por uma planta em cruz latina; uma capela-mor inspirada na ideologia francesa do rococó, um guarda-vento e seis retábulos laterais.³²¹ O interior da igreja apresenta uma pintura em perspectiva ilusionista na abóbada da capela executada por um artista contemporâneo do século XVIII conhecido como José Ferreira Rocha. Esta pintura de José Ferreira Rocha é inspirada no italiano Vincenzo Baccarelli, pintor italiano que residia em Lisboa, e terá sido um dos principais pioneiros a introduzir novas técnicas decorativas em Portugal, instalando novas concepções artísticas que se perpetuaram ao longo do século XVIII. José Ferreira Rocha inspirado nesta nova corrente artística terá desenhado quadraturas conseguindo criar uma enorme ilusão de espaço (janelas rasgadas). Há ainda vestígios arquitectónicos onde aparecem elementos associados à ordem carmelita e uma representação de Nossa Senhora do Carmo a entregar um escapulário a S. Simão Stock.³²² Quatro telas com imagens associadas ao criador da ordem carmelita, Santo Elias. Estas quatro telas conhecidas como “Passos da vida de Santo Elias” são da autoria de Joaquim José Rasquinho. Este pintor adoptaria um estilo conservador, recorrendo a um tipo de pintura mais clássica onde dá especial primazia à profundidade e à cor das composições.³²³

É ainda possível observar o minucioso trabalho em talha decorativa realizado em toda a estrutura da igreja. Robert Chester Smith, um ilustre especialista americano em arte portuguesa terá classificado a igreja de Nossa Senhora do Carmo como uma das três obras-primas Algarvias.

Ainda antes da edificação do convento a cerca conventual já estaria delimitada através de uma exuberante horta com amendoais, olivais. Esta cerca delimitou todo o convento até à rua de S. Lázaro.

10.3 - Intervenções Arqueológicas

Em 2001 e 2003 realizaram-se intervenções arqueológicas no âmbito da salvaguarda e valorização do IPP no convento de Nossa Senhora do Carmo. Este convento está situado na freguesia de Santa Maria e tem como principal acesso o Largo do Carmo. Foi realizada pela equipa do SACR, dirigida pela arqueóloga Sandra Cavaco, uma sondagem de

³²¹Idem

³²²MACIEIRA, Isabel (2004) – “*A pintura sacra em Tavira: século XV a XX*” Lisboa. Edições colibri. Pág. 167

³²³Idem

emergência tendo em vista a construção de um museu de Ciência Viva. A sondagem foi dividida em duas fases. Numa primeira fase o objectivo era compreender a igreja conventual também interpretada como sala do capítulo³²⁴ e numa segunda fase o claustro. A intervenção iniciou-se na antiga igreja e tinha como principal objectivo minimizar o impacto arqueológico e compreender a estrutura a ser intervencionada. Foram realizadas 10 sondagens arqueológicas no interior da igreja conventual.

As sondagens VI e IX demonstraram alguns problemas durante a sua intervenção. A sondagem VI demonstrou a presença de pouco espólio significativo e o Dr. Manuel Maia, antigo presidente do CAT, alertou para que se a profundidade estipulada fosse atingida, haveria o risco de encontrar novas inumações atrasando por completo os prazos estabelecidos para a peritagem arqueológica. A Sondagem IX foi igualmente interrompida pelo Dr. Manuel Maia que adverte os arqueólogos para o mau cheiro que se fazia sentir durante a escavação. Este mau cheiro era proveniente dos esgotos e o antigo presidente do CAT achou por bem dar por finalizada a intervenção nessa sondagem receando que o mau cheiro trouxesse problemas de saúde a todos os que trabalhavam na zona.

As Sondagens III; IV; VII acabariam por ser alargadas devido à existência de enterramentos. Com a descoberta dos enterramentos os objectivos foram alterados. Era essencial conseguir identificar e clarificar a natureza dos enterramentos, estabelecer uma relação com o recinto conventual e compreender a importância dos mesmos. Foram exumados quinze indivíduos. Estes apresentavam evidências que permitiam, à equipa da camara municipal de Tavira, compreender que os corpos teriam sido envolvidos em sudários e presos com alfinetes; outros foram exumados ainda totalmente vestidos. Do espólio que circundava os indivíduos destaca-se a presença de sapatos, fivelas e botões. Os botões teriam uma inscrição que remetia para a expressão “*pro pátria*” pertencentes a vestuários e fardas de cariz militar. Os cadáveres estariam em decúbito supino com a cabeça direccionada a SW e com as mãos sobre o peito ou no abdómen. Foram também identificados alguns enterramentos colectivos³²⁵. A sondagem III apresentava três enterramentos primários consecutivos; apesar dos enterramentos não apresentarem

³²⁴SACR (2001) (Serviços de Arqueologia Conservação e Restauro). Relatório de escavação final. pág. 2-6

³²⁵CAVACO, Sandra e COVANEIRO, Jaquelina (2003) –“ *Intervenções Arqueológicas em Tavira 2001-2003 Balanço das actividades do serviço de Arqueologia, conservação e restauro*” IN Actas do II Congresso Arqueológico do Algarve. Silves, pág. 215-218

nenhuma sobreposição, conseguiu compreender-se que a cabeceira do individuo 2 viria a ser cortada pela sepultura do terceiro individuo e um pequeno ossário, proveniente do primeiro enterramento, ou seja haveria uma sobreposição de enterramentos. Sobre estes enterramentos sabe-se que o individuo 1 era uma inumação primária de uma criança com menos de 6 anos e estava situada dentro de uma caixa de madeira com aplicações de metal e tecido. O seu corpo estava em decúbito supino (dorsal), tinha a cabeceira a sul e estava coberta por um sudário com alfinetes em bronze e cal. A conservação dos ossos foi classificada como péssima, dificultando assim o processo de registo e inventariação³²⁶. O individuo 2 seria uma inumação de um adulto, novamente em decúbito supino, que se localizava numa fossa simples escavada na rocha. A mão esquerda estava sobreposta na mão direita na zona do abdómen. A metade inferior do corpo ultrapassava o limite da sondagem, acabando por não ser exumada. De acordo com os antropólogos que seguiram esta intervenção, este individuo teria uma volumosa robustez e um conjunto de calcificações e ossificações na zona laríngea e no tórax. A cabeceira estava localizada a norte e não foi encontrado espólio associado. O terceiro individuo era novamente um adulto em decúbito supino numa fosa simples. O individuo só foi exumado na parte superior, tendo a parte inferior ultrapassado os limites da sondagem. Não apresentava espólio associado.

A sondagem IV apresentava dois enterramentos. O primeiro individuo tratava-se de uma inumação primária de adulto em decúbito lateral direito dentro de uma fossa simples escavada na rocha.³²⁷ Este individuo tinha a mão direita ao longo do corpo e teria sido enterrado com os próprios sapatos. O individuo tinha a cabeça virada para norte. O individuo 2 era uma inumação de uma criança com menos de 6 anos o qual foi enterrada no interior de uma caixa de madeira numa fossa simples. A criança estava em decúbito supino com a cabeça orientada a sul. Contrariamente às primeiras sondagens os ossos deste individuo encontravam-se em excelente estado à excepção dos pés que acabariam por não ser identificados.

Na sondagem VII foi encontrado uma sepultura colectiva. Dentro desta sepultura foram encontrados alguns enterramentos primários sucessivos. A sondagem revelou a presença de quatro indivíduos estando apenas o individuo 2 completo. Foi igualmente descoberto

³²⁶SACR (2006) (Serviços de Arqueologia Conservação e Restauro). Relatório de escavação final parte II. Pág. 14

³²⁷Ibidem pág. 15

um depósito secundário onde o número de ossos diversos é bastante evidente. O indivíduo 1 seria uma mulher jovem que terá sido colocada em decúbito supino numa fossa comum, com a mão direita sobre o peito coberta por um sudário. Este enterramento estava parcialmente destruído, conservando-se apenas o crânio, uma parte do torax e o membro superior direito.³²⁸ Esta mulher apresentava uma cor esbranquiçada, pouca calcificação e muita fragilidade nos ossos, estes sintomas referem que muito provavelmente a mulher sofria de Hipoplasia. O indivíduo 2 tratava-se de uma inumação adulta, era o único enterramento que se encontrava completo. O cadáver estava coberto por um sudário dentro de uma caixa, coberto por cal e estava colocado em decúbito supino. O crânio deste apresentava indícios de saponificação e os ossos apresentavam diversas patologias a nível oral, sobretudo cáries, abscessos, perdas dentais, tártaro, hipoplasias entre outras. O indivíduo 3 foi caracterizado como o enterramento mais antigo dos quatro, tratava-se de um adulto colocado em decúbito supino com orientação oposta aos indivíduos 1,2 e 4, isto é com a cabeça para norte. Este cadáver continha ainda elementos de vestuário, como restos de sapatos e botões. O indivíduo 4 tratava-se de um adulto colocado em decúbito supino com as mãos sobre o peito. Este indivíduo acabaria por desarticular alguns ossos das sepulturas dos indivíduos 1,2 e 3.

O espólio associado a todas estas sondagens foi bastante reduzido, porém é possível identificar conjuntos cerâmicos e vítreos de cronologia contemporânea. Foram encontrados botões, objectos metálicos (bronze e ferro) como alfinetes e pregos e inúmeros vestígios de fauna malacológica, microfauna fauna e fragmentos de plástico³²⁹ [Anexo 72-76].³³⁰

A segunda fase de intervenção foi no claustro do convento do Carmo. Foi implantada uma quadricular georreferenciada em todo a área do claustro, nos quadrados G6 e D6 detectou-se uma estrutura que teria sido já posta a descoberta aquando a abertura das valas por um empreiteiro.³³¹ Os trabalhos deram continuidade a outros quadrados da sondagem de maneira a complementar mais informação sobre a estrutura descoberta. Devido à presença de uma conduta de esgotos os trabalhos foram interrompidos. Porém foram ainda

³²⁸ Ibidem pág. 15-16

³²⁹SACR (2001) (Serviços de Arqueologia Conservação e Restauro). Relatório de escavação final parte II. Pág 16-18

³³⁰Apenas foram analisados uma parcela dos materiais associados ao convento.

³³¹SACR (2001) (Serviços de Arqueologia Conservação e Restauro). Relatório de escavação final parte III. Pág. 1-9

observados um número reduzido de fragmentos cerâmicos de cronologia contemporânea. No total da intervenção arqueológica foram estudados 706 fragmentos cerâmicos e 138 vítreos, objectos metálicos e às faunas e microfaunas.

Dentro do conjunto das faunas foi possível identificar restos indeterminados, ossos carbonizados, ossos longos (fémur, tíbias, úmeros), ossos mordidos por carnívoros e ossos animais.

No que respeita ao material cerâmico, foram encontrados diversos fragmentos de bordos, fundos, faianças e porcelanas com decorações diversas. O espólio cerâmico mais significativo apresentava formas abertas (23 fragmentos 23%), seguido por fragmentos com 21 formas fechadas perfazendo um total de 5% da amostra total, 12 alguidares, representando 42% da amostra, 4 pratos (42%), 3 caçoilas (10%), 2 tigelas, 2 taças e dois canos para água (7%), 1 panela e 1 ladrilho (3%). Destes fragmentos 197 eram bojos representando 50% da amostra, 130 bordos (32%), 54 fundos (13%), 15 asas (4%), 3 carenas (1%) e 2 perfis completos (0%).

O estudo inicia-se com os diversos tipos de bordos existentes, sendo os bordos extrovertidos com maior expressão (72 fragmentos representando 44% da amostra total), seguido de 41 bordos espessados (25%); 30 bordos verticais (18%), 10 bordos extrovertidos com aba (6%), 3 bordos extrovertidos ao exterior (2%), 2 bordos extrovertidos com infecção dupla (1%), 2 bordos com aba ao exterior (1%) e 1 bordo engrossado (1%). Os tipos de lábio foram também alvo de estudo. Foram estudados e inventariados 115 tipos de lábio, sendo o lábio boleado o mais expressivo com 63 fragmentos, representando 53% da amostra total. É possível identificar ainda 18 lábios direitos (16%), 11 biselados (9%), 10 arredondados (9%), 3 semicircular (3%), 4 ovalados (3%), 2 angulados (2%), 2 aplanado (2%) e 1 amendoado (1%). O estudo prossegue com o tipo de corpos, tendo-se identificado 13 corpos cónicos invertidos representando quase a totalidade da amostra (81%); foram ainda identificados em expressão muito inferior 2 corpos cilíndricos (13%) e 1 corpo esférico (6%). Quanto aos tipos de fundos podemos encontrar alguma diversidade. Destacam-se os fundos 36 fundos de base plana representando um total de 42% da amostra total, seguidos por 23 fundos planos (27%), 13 de pé base anelar (15%), 8 de fundo convexo (9%), 5 de pé de bolacha (6%) e 1 fundo concavo (1%). Durante a intervenção foram igualmente descobertas asas, porém em quantidades mais reduzidas, sendo a mais expressiva a asa vertical com 12 fragmentos

representando 75% da amostra total; de seguida foram identificadas 6 asas ovais (47%), 2 triangulares (15%), 2 com depressão central (15%), 2 com depressão longitudinal (15%), 2 de pega cega (15%), 1 incompleta (8%), 1 mamilo (6%) e 1 asa com vértice arredondado (6%). Numa segunda fase foi feito um estudo ao fabrico, tipo de cozedura, tratamento da superfície, tipo de cerâmica, tipos de vidrados, posicionamento do vidrado, decoração das faianças, decoração e cronologia. O estudo destas peças clarificou que 375 dos fragmentos cerâmicos são fabricadas a torno representando 96% da amostra total sendo apenas 14 fragmentos feitos manualmente representando 4% da amostra total.

O tipo de cozedura é também claramente evidente, 365 dos fragmentos aparentam ter uma cozedura oxidante (92%), 20 de cozedura mista (5%) e 13 de cozedura redutora (3%). No tratamento das superfícies dos fragmentos denota-se um maior equilíbrio entre as superfícies aguadas, de englobe e as que não têm tratamento. Identificou-se 31 superfícies aguadas representando 38% da amostra, 25 de englobe (31%) e 25 sem tratamento (31%). O tipo cerâmico mais significativo é a cerâmica vidrada com 269 fragmentos representando 63% da amostra total, de seguida encontra-se a cerâmica comum com 137 fragmentos e um total de 31%, a 28 fragmentos de faiança (6%) e 1 porcelana (0%). Dentro do conjunto dos vidrados identificaram-se 104 vidrados com óxido de manganês, totalizando 48% da amostra total, 40 de óxido de estanho (19%), 27 de óxido de cobre (13%), 26 de vidrado com vários óxidos (12%), 11 óxidos de cobalto (5%), 4 óxidos de chumbo (2%) e 3 óxidos ferrosos representando 1% da amostra total. O Posicionamento do Vidrado permitiu compreender que 120 fragmentos possuíam face interna totalizando 56% da amostra total, 82 de ambas as faces (38%) e 13 de face externa (6%). O estudo da faiança foi também incluído neste estudo do espólio associado. Apesar de a faiança ser encontrada numa quantidade muito reduzida foi ainda possível fazer um estudo sobre a sua decoração. O estudo revelou que 14 fragmentos de faiança apresentam uma decoração incompleta representando assim 63% da amostra total. Foram igualmente identificadas 5 decorações geométricas (23%) e 3 fitomórficas (14%). De seguida realizou-se ao tipo de decoração patente em todas os fragmentos decorados, sendo a faiança pintada a mais significativa, com 22 fragmentos representando 33% da amostra, 14 de traço vidrado (21%), 13 caneluras (20%), 10 incisa (15%), 3 cordão plástico (5%), 1 depressão (2%), 1 decoração em óxido de cobalto (2%) e 1 corda seca (2%). Finalmente fez-se um estudo sobre a cronologia destes fragmentos em estudo; 304 dos fragmentos apresentam uma cronologia indeterminada representando assim um total de 79% da amostra, 44

fragmentos são de cronologia contemporânea (11%) e 40 de cronologia medieval moderna (10%).³³²

O espólio arqueológico encontrado pode ajudar a perceber o tipo de vida das comunidades que habitavam no convento. Durante as campanhas arqueológicas foram encontrados diversos tipos de cerâmica, sendo a cerâmica vidrada e comum as mais abundantes da amostra, a faiança e a porcelana contrariamente representavam a amostra mais reduzida, o que poderá indicar que apesar da enorme riqueza existente no convento de Nossa Senhora do Carmo, os baixos níveis de faiança poderão caracterizar o estilo de vida desta ordem como modesto, semelhante ao estilo de vida mendicante. Os enterramentos estão associados ao cemitério da Ordem Terceira onde efectivamente poderia haver sepulturas tanto de homens como mulheres.

Considerações Finais

A Arqueologia da Idade Moderna, também conhecida como Arqueologia pós-medieval é uma especialização da Arqueologia que ajuda a promover o debate sobre a sua origem cronológica no panorama europeu. Historiadores e Arqueólogos nunca chegaram a um consenso sobre os primórdios da Idade Moderna, nos finais do século XX e inícios do século XXI ainda subsistem muitas dúvidas sobre a sua origem cronológica. Alguns autores afirmam que a Arqueologia Moderna teria começado no século XV (1500), outros autores, como Matthew Johnson, defendem que a Idade Moderna começou a partir do século XV até finais do primeiro quartel do século XVIII (1750.) Com o início da Revolução Industrial nasceu um novo conceito a Arqueologia Industrial e contemporânea.³³³ Estudos recentes sobre a Idade Moderna complementam as teorias de Matthew Johnson e determinam que a Idade pós-medieval terá início no século XV até ao primeiro terço do século XVIII.³³⁴ A Arqueologia da Idade Moderna efectua um estudo aprofundado a partir da cultura material dos núcleos urbanos, rurais e marítimos³³⁵ e pretende ainda fazer uma analogia entre as sociedades medievais e as sociedades

³³² SACR (2001) (Serviços de Arqueologia Conservação e Restauro). Relatório de escavação final, parte IV. pág. 1-9

³³³ TARLOW, Sarah e WEST, Susie (1999) – “ *The Familiar Past? Archaeologies of later Historical Britain*”. London. Routledge. Pág. 9-10

³³⁴ GOMES, Rosa Varela (2012) – “ A Arqueologia da Idade Moderna em Portugal – Contributos e problemáticas”. Lisboa. Associação dos Arqueólogos Portugueses. Pág. 13-15

³³⁵ Idem

modernas. Para tal, propõe-se realizar um estudo sistemático e objectivo das transformações urbanísticas e arquitectónicas ocorridas entre o período de transição entre a Idade Média e a Idade Moderna, de maneira a clarificar a importância do planeamento urbanístico nas cidades da Idade Moderna.³³⁶

Em finais do século XX, a Arqueologia conventual começa a ganhar alguma preponderância em Portugal. Com a introdução desta nova disciplina no seio arqueológico tornou-se possível realizar estudos, ainda que parciais, sobre os conventos e mosteiros. Estes estudos acabam por ir ao encontro dos objectivos propostos pela Arqueologia de Idade Moderna, na medida em que pretendem compreender o impacto dos conventos e mosteiros na reorganização do território e da malha urbana da cidade em que se encontram. Assim a vida quotidiana é estudada a partir da cultura material subsistente nas estruturas eclesiásticas. Porém, este estudo não é possível sem a ajuda imprescindível das crónicas históricas e das fontes arquivistas que nos fornecem dados únicos que complementados com outras ciências sociais acabam por interpretar e compreender melhor esta realidade conventual. A presente dissertação ajuda a perceber, no contexto da história da igreja no Mundo, e em Portugal, as razões que levaram ao nascimento de algumas ordens religiosas que se instalaram no concelho de Tavira e qual o seu impacto.

Através de um estudo exaustivo sobre a região de Tavira nos finais da Idade Média e Idade de Moderna provou-se a importância deste período áureo do concelho de Tavira, que permite a remodelação do espaço urbano, o crescimento económico, o aumento demográfico e a construção de inúmeras obras públicas. O estudo individual de cada convento e mosteiro do concelho foi efectuado com base em fontes históricas, arqueológicas, iconográficas, geográficas e arquivistas de forma a coligir o maior número de dados possível a fim de melhor compreender o quotidiano de cada casa conventual. Esta metodologia que se conclui ser adequada a este tipo de estudo permitiu recolher dados que conduziram à construção de uma tabela inédita com a naturalidade dos frades leigos e seus familiares que migraram em plena Idade Moderna para Tavira em busca da fé e prestígio. Deste registo, conclui-se que o concelho de Tavira albergou frades oriundos de diversas partes do país mostrando assim o conhecimento das populações sobre a

³³⁶ Idem

prosperidade de Tavira na Idade Moderna, que ganhou no reinado de D. Manuel I, com a concessão de forais em 1504 e com a atribuição do título de cidade em 1520. Foi também possível concluir que a estrutura religiosa no concelho promovia a ascensão nos cargos religiosos (Anexo 25). Os frades leigos aceites ascendiam ao cargo de frade do coro e guardiões dos conventos se ficassem no concelho. Com os dados recolhidos referentes aos meados do século XIX foi possível fazer um extenso inventário de alfaías religiosas, livros, roupas entre outros bens pertencentes ao Mosteiro de Nossa Senhora da Piedade aquando a sua extinção e progressivo abandono a partir de 1862.

Com base em publicações e relatórios de escavação e do espólio associado aos conventos e mosteiros deste concelho fez-se uma síntese que se considera importante para trabalhos futuros que se venham a desenvolver nesta área.

O anexo 14 permite-nos tirar algumas conclusões sobre a relação entre a localização geográfica e fundação dos conventos. No que respeita aos conventos masculinos pode observar-se que o convento de S. Francisco e da Graça se encontram relativamente perto do perímetro amuralhado. O convento de S. Francisco foi o primeiro convento a ser instalado em Tavira no decorrer da Idade Média. Nesta altura, o castelo ainda desempenhava um papel centralizador. Sendo assim, a primeira casa conventual, o convento de S. Francisco, é aquele que se instala mais perto do núcleo urbano, na margem direita, perto do castelo e que ocupa uma área maior relativamente aos conventos que vêm a ser construídos na margem direita. Presume-se que terá desempenhado um papel muito influente no quotidiano da cidade de Tavira uma vez que é aquele que se mantém durante mais tempo em funções. Este convento terá vivido tempos prósperos como é visível no inventário que o Juiz de Fora fez dos bens materiais do convento [anexo 26].

O segundo convento masculino edificado em Tavira foi o Convento de Nossa Senhora da Graça, em pleno século XVI, perto do castelo e também na margem direita do rio Gilão. Dadas as inúmeras campanhas de obras públicas elaboradas pelo monarca D. Manuel I a partir do século XVI, o convento da Graça não pôde usufruir de um espaço igualmente vasto, indo ocupar a antiga judiaria. Porém é nesta altura que o castelo começa a perder preponderância defensiva uma vez que não estava preparado para fazer face às incursões muçulmanas pelo mar. O castelo torna-se obsoleto, e dá-se um crescimento para fora do núcleo das muralhas, na direcção do rio.

O único mosteiro feminino da Ordem de Cister, em todo o Algarve, é edificado em Tavira e pertence ao mosteiro de Nossa Senhora da Piedade, vulgarmente conhecido como

mosteiro das Bernardas. Não obstante, aquando da sua instalação o castelo ainda ter um papel predominante, este mosteiro é edificado fora do núcleo urbano e talvez por isso, possuía uma vasta horta. Julga-se que este distanciamento relativamente ao perímetro urbano se tenha devido à intenção de manter as monjas afastadas de quaisquer tentações mundanas. Conclui-se, da análise do espólio arqueológico, que o quotidiano neste mosteiro era rico, uma vez que foram encontradas inúmeras peças importadas de grande qualidade como é o caso das peças produzidas nos fornos de Jingdezhen no século XVI, das peças em cerâmica Malagueira, das produções de Manisses e Paterna. Refira-se ainda, no contexto do espólio arqueológico do Mosteiro das Bernardas, que o estudo deste mosteiro só pode ser considerado conclusivo quando se proceder ao estudo de todo o seu espólio. Actualmente há diverso material recolhido nas intervenções arqueológicas realizadas pelas equipas da SACR (Serviço de Arqueologia Conservação e Restauro) e da ERA Arqueologia que necessita de ser inventariado e classificado. Este trabalho pretende ser um contributo para a classificação destes materiais uma vez que nele incluímos algum do espólio gentilmente cedido pela SACR nos anexos [32-35] fotografado, descrito e classificado neste trabalho pelo autor.

Julga-se que esta riqueza tem provavelmente duas origens, a primeira provém dos dotes das monjas que se instalaram no Mosteiro de Nossa Senhora da Piedade e a segunda de actividades como a doçaria e a olaria. Pelo facto de ser o único mosteiro cisterciense feminino, em todo o Algarve, atraiu a elite das mulheres nobres portuguesas.

Como se referiu anteriormente, no século XVII e XVIII o castelo perdeu as suas características defensivas, tornando-se o porto a referência centralizadora da cidade. É talvez por este facto que no século XVII, se instala na margem esquerda, fora da malha urbana, o Convento de S. Paulo e no século XVIII o Convento de Nossa Senhora do Carmo, que possui, de acordo com o anexo 14, a maior área.

O convento de S. António, contrariamente aos dois conventos anteriores, acima referidos, não se instalou perto deste novo núcleo urbano, pensa-se que pelo facto de lhe ter sido doado parte de um antigo rossio público na margem direita do rio Gilão.

Como trabalhos futuros conclui-se pela necessidade de um estudo minucioso do espólio arqueológico dos conventos para uma maior capacidade interpretativa dos quotidianos conventuais.

No que respeita à localização das necrópoles, os dados históricos e arqueológicos não permitem tecer grandes conclusões acerca da localização das sepulturas dos conventos de S. Francisco, Mosteiro de S. Bernardo e Convento do Carmo. É sabido que durante a Idade Moderna, havia uma especial preocupação em salvar a alma do defunto e preservá-la dentro do espaço sagrado de cada casa conventual.

As sepulturas encontradas no Mosteiro das Bernardas datam do século XVI e XVII e estavam consideravelmente afastadas deste, sugerindo que naquele local poderá ter existido uma pequena capela. Porém, não foram referidas no registo arqueológico, quaisquer estruturas relacionadas com esta capela.

O convento do Carmo apresentava um conjunto considerável de enterramentos, foram inumadas cerca de 30 sepulturas, maioritariamente pertencentes ao sexo feminino. Foram ainda encontradas 5 crianças com idades compreendidas entre os 0 e os 6 anos. As sepulturas apresentavam vestígios faunísticos, arqueológicos. Determinados ossos, apresentavam mordidelas, o que leva a crer que após a extinção das ordens religiosas as sepulturas terão sido violadas e, eventualmente, atacadas por animais domésticos como é o caso do cão. As sepulturas apresentavam espólio arqueológico, como botões, medalhas e crucifixos evidenciando a continuidade de antigos rituais que pretendiam preparar para a transição para outro mundo.

Importa realçar a importância do espaço agrícola no contexto do espaço conventual. Como refere Rosa Varela Gomes em de “A Arqueologia da Idade Moderna em Portugal – Contributos e problemáticas” o espaço agrícola é um espaço autossuficiente permitindo a subsistência da comunidade religiosa e garantir algum rendimento às casas conventuais através do comércio dos produtos hortícolas aí produzidos.

A construção de inúmeros conventos, templos e mosteiros ao longo da Idade Moderna permitiu um maior desenvolvimento não só das zonas periurbanas como das zonas rurais potenciando a edificação de quintas que terão sido as principais responsáveis pelo retorno de inúmeros cidadãos, que após o terramoto de 1755, terão regressado às suas propriedades.

Bibliografia

Fontes Manuscritas

AHPL (Arquivo Histórico do Patriarcado de Lisboa), CNSGT (Convento de Nossa Senhora da Graça de Tavira), Mapa do Rendimento do Convento de Nossa Senhora da Graça da Cidade de Tavira, 1820-04-22. [Manuscrito]

Chancelaria D. Manuel, Liv. 34, fl. 55v. (Arquivo Nacional da Torre do Tombo)

[Decretos do IV Concílio de Latrão] Breviarium Extra Vagantium /[Coligido por Bernardus Papiensis. Collectio Alcobacensis III] [Manuscrito]

Fólio 109. Crónica de D. Manuel, parte IV, cap. LXXXV

Profissões de vários conventos [Manuscrito] – “*Convento de S. Francisco de Tavira, entre 1647-1671 (f. 77-130)*”; “ [microfilme – F.563]

Biblioteca Nacional, Alcobacenses, Cód. 116, fls. 462-462v [Manuscrito]

OFM, Província dos Algarves. Província, maço 96, documento 9, pág. 1- 12 [Manuscrito]

“Summario das graças, E Indulgencias concedidas aos confrades do Santíssimo Coração de Jesus, sita no convento de S. Francisco da Cidade de Tavira pelo Santíssimo Papa Benedito XIII”. Pág. 1-5 [Manuscrito]

Obras impressas

ADÃO, Dina; JUNIOR, Miguel Veterano; COSTA, Ricardo (2004) – “ *Tavira. Passear e conhecer*”. Casal de Cambra. Caleidoscópio.

ALMEIDA, Fortunato de (1910) – “ *A história da Igreja em Portugal*”. Coimbra. Imprensa Coimbra.

ANICA, Arnaldo Casimiro (1983) – “ *O Hospital do Espírito Santo e a Santa Casa da Misericórdia da Cidade de Tavira (Da fundação à actualidade – notas)* ” Tavira. Emp. Litogr Do Sul.

- ANICA, Arnaldo Casimiro (1993) – “ *Tavira e o Seu Termo, Memorando Histórico*”; Tavira. Edição da Câmara Municipal de Tavira;
- AZEVEDO, Carlos A Moreira [s.d] – “ *Ordem dos Eremitas de S. Agostinho em Portugal (1256- 1834)* ”. Lisboa. Edição da colecção de memórias de Fr Domingos Vieira OESA.
- BORGES, Nelson Correia (1999) – “ *Arquitectura Monástica portuguesa na época Modena*” IN MSEV, IV série nº7 pág. 45
- CARMO, Eduardo (2001) – “ *O convento de S. Francisco de Tavira e a capela do Sagrado Coração de Jesus*” Tomar. FCT. Pág. 58-65
- CAVACO, Sandra; COVANEIRO, Jaquelina (2005) - “*Claustro do Convento da Graça. Análise dos materiais cerâmicos e faunísticos provenientes dos contextos fechados.*” IN Xelb 6 Actas do 3 encontro de arqueologia do Algarve vol. I. pág. 310- 318
- CAVACO, Sandra e COVANEIRO, Jaquelina (2003) –“ *Intervenções Arqueológicas em Tavira 2001-2003 Balanço das actividades do serviço de Arqueologia, conservação e restauro*” IN Actas do II Arqueológico Algarve. Silves pág. 215-218
- CAVACO, Sandra e COVANEIRO, Jaquelina (2009) “*Gostos e sabores: O caso convento das Bernardas em Tavira*” IN XELB 10 Actas do 7 encontro de Arqueologia do Algarve Silves, pág. 637-655
- COVANEIRO, Jaquelina; CAVACO, Sandra (2006) –“ *Convento da Graça - Alicerces com história*” IN Pousada do convento da Graça “ Tavira. ENATUR. Pág. 35-40; 51-56
- CORRÊA, FERNADO CALAPEZ (1991) – “ *O convento Cisterciense de Tavira, Nossa Senhora da Piedade*”. Faro. Delegação Regional do Algarve.
- COUTINHO, Valdemar (2006) – “ *Estratégias Defensivas na Costa Algarvia nos Séculos XVI e XVII. O caso de Tavira.*” IN “Espirito e Poder. Tavira nos tempos da Modernidade”. Tavira. Câmara de Tavira. Pág. 49-53
- DIAS, Pedro (1994) –“ *A arquitectura gótica em Portugal*”. Lisboa. Edições Estampa.

CORRÊA, FERNANDO CALAPEZ (1991) – “ *O convento Cisterciense de Tavira, Nossa Senhora da Piedade*”. Faro. Delegação Regional do Algarve.

FRANCO, José Eduardo (2010) – “ *Dicionário Histórico das Ordens institutos religiosos e outras formas de vida consagrada católica*” Gradiva. [S.l].

GOMES, Carlos José Pinto (1998) – “ *Estudo Fitossociológico do Barrocal Algarvio (Tavira – Portimão)* ”; Évora. Universidade de Évora.

GOMES, Rosa Varela (2012) – “ *A Arqueologia da Idade Moderna em Portugal- Contributos e problemáticas*” Lisboa. Arqueólogo português, série V. pág. 13-50

GOMES, Saul António (1992) – “*Um Bulário Medieval da Ordem de Santo Agostinho*”. Coimbra. Lusitânia Sacra.

GOMES, Saul António (1998) – “*Visitações a Mosteiros Cistercienses em Portugal: Século XV e XVI*”. Lisboa. IPPAR.

HAUPT, Albrecht, (1888) - “*A Architectura da Renascença em Portugal*”. Lisboa.

KUBLER, George (1998) – “*A Architectura portuguesa chã: Entre as especiarias e os Diamantes, 1521-1706*” Lisboa. Vega D.L.

LAMEIRA, Francisco e CARRUSCA, Susana (2006) “ *A Retabulistica em Tavira nos séculos XVII e XVIII*” IN “ *Tavira nos tempos da Modernidade* “. Tavira. Pág. 77-269

LEAL, Bruno (2006) – “ *Igreja e Vida Religiosa no Algarve no século XVII e XVIII*” IN *Tavira nos Tempos da Modernidade*”. Tavira. Pág. 60-65

LIMA, Luís Caetano (1718) – “*Geografia Histórica dos Estados Soberanos...*”Tomo II, Lisboa. Pág. 305-306

MACIEIRA, Isabel (2004) - “ *A pintura sacra em Tavira*”. Lisboa. Edições colibri.

MAGALHÃES, Joaquim Romero (2012) – “ *O Algarve na Época Moderna*”. Coimbra. UALG.

MAGALHÃES, Joaquim Antero Romero (1970) – “ *Para o estudo do Algarve económico durante o século XVI*”; Lisboa. Edições Cosmos.

MAGALHÃES, Joaquim Romero (2006) – “ *Tavira nos século XVII e XVIII*” IN “Tavira nos Tempos da Modernidade”. Tavira. Pág. 15; 200-214

MARADO, Catarina Almeida de (2010) – “ *A cidade, os conventos e as suas hortas*” IN “ *Cidades e Mundo Rurais. Tavira e as Sociedades Agrárias*” [S.e]. Tavira. Pág. 110-112; 148-149

MARADO, Catarina Almeida (2006) - “ *Os Antigos Conventos do Algarve, um percurso pelo património da Região*”. Lisboa. Edições colibri.

MARADO, Catarina de Almeida (2008) “*Os frades capuchos no Reino do Algarve: processo de instalação e tipologia de localização*” IN *Anais do Município de Faro*. Faro: Câmara Municipal de Faro. Vol.s XXXIII-XXXIV

MARQUES, António de Oliveira (1968) – “ *Introdução à História da Agricultura em Portugal*”. Lisboa. Edições Cosmos.

MARTINS, Susana (2009) – “ *A Evolução Urbana da Cidade de Tavira*” Coimbra. Departamento de Arquitectura FCT.

MEDINA, Victor Joaquim Fialho (1994) – “*A Arquitectura capucha da província da piedade*”. Lisboa: UNL, dissertação em Mestrado em História de Arte

MONFORTE, Frey Manoel (1696) - “ *Chronica da Provincia da Piedade: Primeira capucha de toda a ordem e regular observância de nosso Seraphico Padre S. Francisco.*” Lisboa: Oficina de Miguel Deslandes.

NEVES, Carlos José Jacinto Fernandes (1995) – “ *Mosteiro de S. Bernardo, em Tavira. Proposta de Recuperação e valorização Arquitectónica*”. Dissertação de mestrado em Recuperação do Património Arquitectónico e Paisagístico Universidade de Évora.

PAULO, Luís Campos (2006) – “ *Tavira Islâmica, a Cidade e o Território*”. Lisboa. FSCH-UNL.

SANATANA, Daniel (2001) “*O Convento de Nossa Senhora da Graça de Tavira*”, in Monumentos, nº14, Lisboa, Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, Março de 2001, pág.124-133

SANTANA, Daniel (2006) – “ *Memorial do Convento de Nossa Senhora da Graça*” IN AAVV, Pousada do Convento da Graça, ENATUR- Empresa Nacional de Turismo. Pág. 51-69

SANTOS, Marco Sousa (2015) – “ *Tavira: O Convento ou o Mosteiro das Bernardas*”. Algarve. JAMagazine IN Jornal do Algarve n.º 3026

SEBASTIAN, L (2010) – “ *A Faiança portuguesa no mosteiro de S. João de Tarouca: da restauração à reforma pombalina. As Idades Medieval e Moderna na Península Ibérica.*” IN actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular. Faro: DHAP da Universidade do Algarve. Pág. 57-78

SEBASTIAN, L; PEREIRA, H; GINGA, M; CASTRO, A.S. e (2010) – “ *O levantamento gráfico da igreja e área de escavação do Mosteiro de S. João de Tarouca. A Idade Medieval e Moderna na Península Ibérica*”. IN actas do IV congresso de Arqueologia Peninsular. Faro. DHAP da Universidade do Algarve. Pág. 43-56

SILVA, António Martins da (1993) – “ *A extinção das ordens religiosas, a Dispersão do Património Artístico e o Destino dos Colégios Universitários de Coimbra*” Coimbra. Instituto de História de Arte.

SILVA, Jorge Henriques Pais; CALADO, Margarida (2004) – “ *Dicionário de Termos de Arte e Arquitectura*”. Queluz. Editorial presença.

SILVA, Luís Fraga (2007) – “ *Balsa, cidade perdida*” Tavira. Ed: Campo Arqueológico de Tavira e Câmara Municipal de Tavira.

SILVA, Manuela Santos; SANTANA, Daniel; SALVADO, Isabel; LOPES, Marco (2004) – “ *O Foral de Tavira de 1504: Estudo e transcrição*”. Tavira. Câmara Municipal de Tavira.

SILVA, Paula Correia (2007) – “ *O convento da Graça de Torres Vedras: A comunidade eremítica e o Património*”. Torres Vedras. Camara Municipal de Torres Vedras.

SIMÕES, João Miguel (2008) – “ *O convento da Graça, Antigo mosteiro de São Francisco de Loulé*” – monografia histórico-artística. Lisboa. Edições Colibri.

SOUSA, Bernardo de Vasconcelos (2006) - “*Ordens Religiosas em Portugal: Das Origens a Trento - Guia Histórico*”. Lisboa. Edições Livros Horizonte.

TARLOW, Sarah e WEST, Susie (1999) – “ *The Familiar Past? Archaeologies of later Historical Britain*”. London. Routledge.

VARGAS, José Manuel (2008) – “ *Sobre a fundação do convento das Bernardas*”. Faro. Jornal sotavento nº396

VASCONCELLOS, Damião Augusto de Brito (1999) - “ *Noticias Históricas de Tavira 1242-1840*”. Camara Municipal de Tavira. Tavira.

VV.AA. (1996) – “*História Geral da Europa. Do começo do século XIV ao fim do século XVIII*”. França. Publicações Europa-América. Vol. 2.

VV.AA (2006) – “ *Espirito e Poder, Tavira nos tempos da Modernidade*”; Tavira Câmara de Tavira.

VV.AA. (2010) - “ *Tavira, Cidade das igrejas*”. Tavira. Museu Municipal de Tavira.

VV.AA. [s.d] – “*Tavira, Território e Poder*” “Tavira: Camara Municipal de Tavira.

VASCONCELOS, Damião Augusto de Brito (1937) – “*Noticias Históricas de Tavira 1242-1840*”. Lisboa. Livraria Lusitana.

VAZ, Adérito F (1994) – “ *Toponímia Tavirense na Península Ibérica no contexto europeu e outros continentes*”; Tavira. Camara Municipal de Tavira.

Webgrafia

<http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=trabalhos.resultados&subsid=2956188&vs=57587> (Consultado 10/2/2015)

<http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=trabalhos.resultados&subsid=2477617&vs=2477360> (Consultado 10/2/2015)

<http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=trabalhos.resultados&subsid=2478960&vs=2476974> (Consultado 10/2/2015)

http://www.carmelitas.pt/site/pdf/seculares/Constituicoes_OCDS.pdf (Consultado a 12/5/2014)

http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5677 (Consultado a 12/5/2014)

<http://www.editorialfranciscana.org/portal/index.php?id=5653> (Consultado a 10/9/2014)

<http://digitarq.dgarq.gov.pt/details?id=1991107>) (Consultado a 10/9/2014)

http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5661 (Consultado a 12/9/2014)

<http://www2.fcsh.unl.pt/iem/medievalista/MEDIEVALISTA10/santos1006.html>

(Consultado a 13/9/2014)

<http://www2.fcsh.unl.pt/iem/medievalista/MEDIEVALISTA10/santos1006.html>

(Consultado a 10/10/2014)

<http://digitarq.dgarq.gov.pt/details?id=3767883> (Consultado 11/11/2014)

http://www.pr.gonet.biz/kb_read.php?head=0&num=1708 (Consultado a 14/11/2014)

<http://www.editorialfranciscana.org/portal/index.php?id=5653>(Consultado a 15/12/2014)

http://www.pr.gonet.biz/kb_read.php?head=0&num=1708 (Consultado a 2/10/2014)

http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5657
(Consultado a 10/5/2014)

http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5661
(Consultado a 7/10/2014)

<http://www2.fcsh.unl.pt/iem/medievalista/MEDIEVALISTA10/santos1006.html>

(Consultado a 10/5/2014)

<http://www.ordem-do-carmo.pt/index.php/os-carmelitas/historia.html> (Consultado a

20/1/2015)

<http://rotascister.home.sapo.pt/P1.html> Consultado (29/3/2015)

<http://purl.pt/14704/3/#/902> (Consultado a 22/3/2015)

http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=15692 (Consultado a

1/5/2015)

http://www.snpcultura.org/ordem_cister_heranca_cultural_portugal_europa.html

(Consultado a 14/7/2015)

<http://www.rtp.pt/programa/tv/p31970/e2> (Documentário na rtp2 no dia 28 / 7/2015)

Anexos



Anexo 1: As almadras (armações de atum) de Tavira.



Anexo 2: A pesca garantia a sustentabilidade económica de Tavira.



Anexo 3: O porto de Tavira viria a desempenhar um papel centralizador durante a Idade Moderna.



Anexo 4: Convento de S. Francisco de Tavira
(Carmo,2005)



Anexo 5: Pedra com inscrição gótica que refere o ano de fundação do Convento de S. Francisco.



Anexo 6: Uma das capelas laterais do convento de S. Francisco



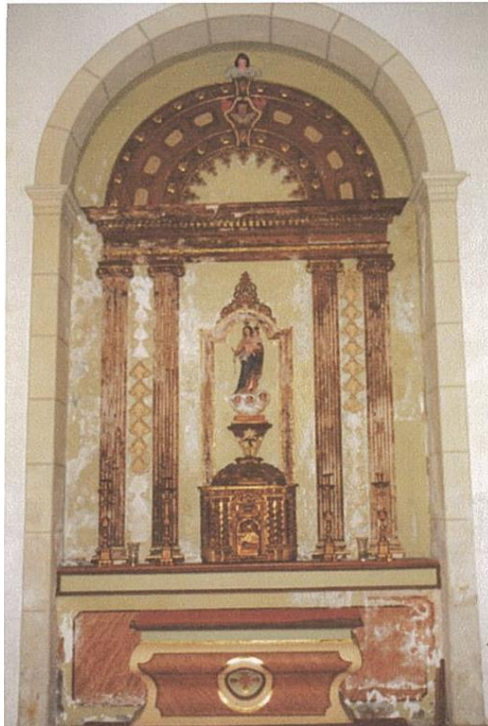
Anexo 7: Sacristia velha, Capitel com elementos decorativos pertencente à sacristia do Convento de S. Francisco.



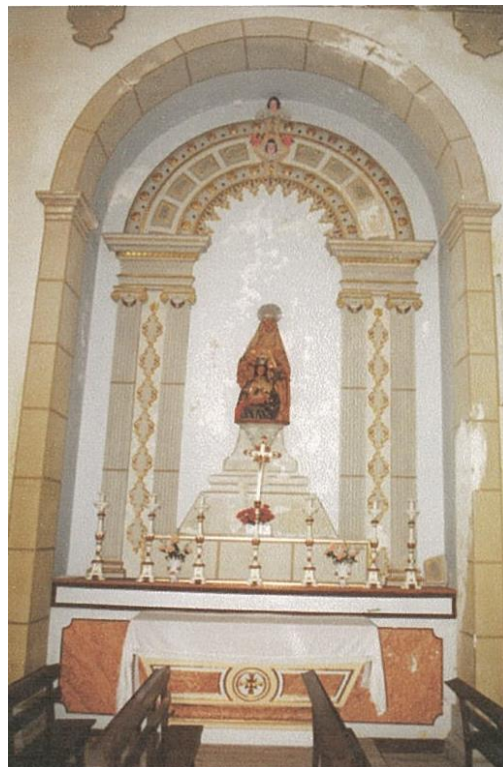
Anexo 8: Sacristia velha, elementos góticos.



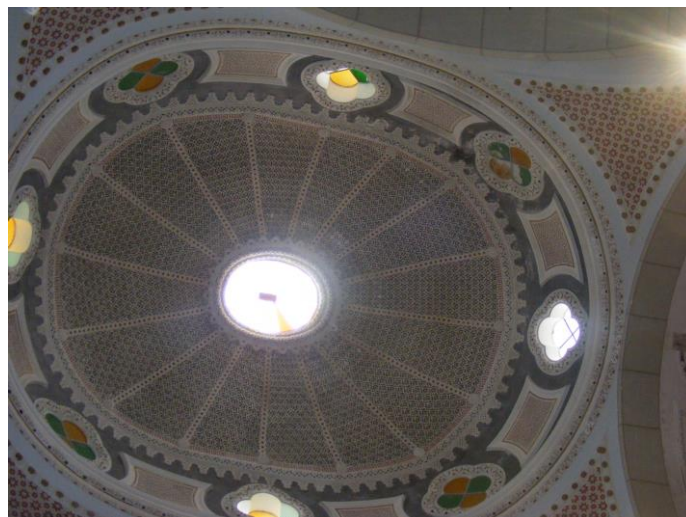
Anexo 9: Capela-Mor do convento de S. Francisco



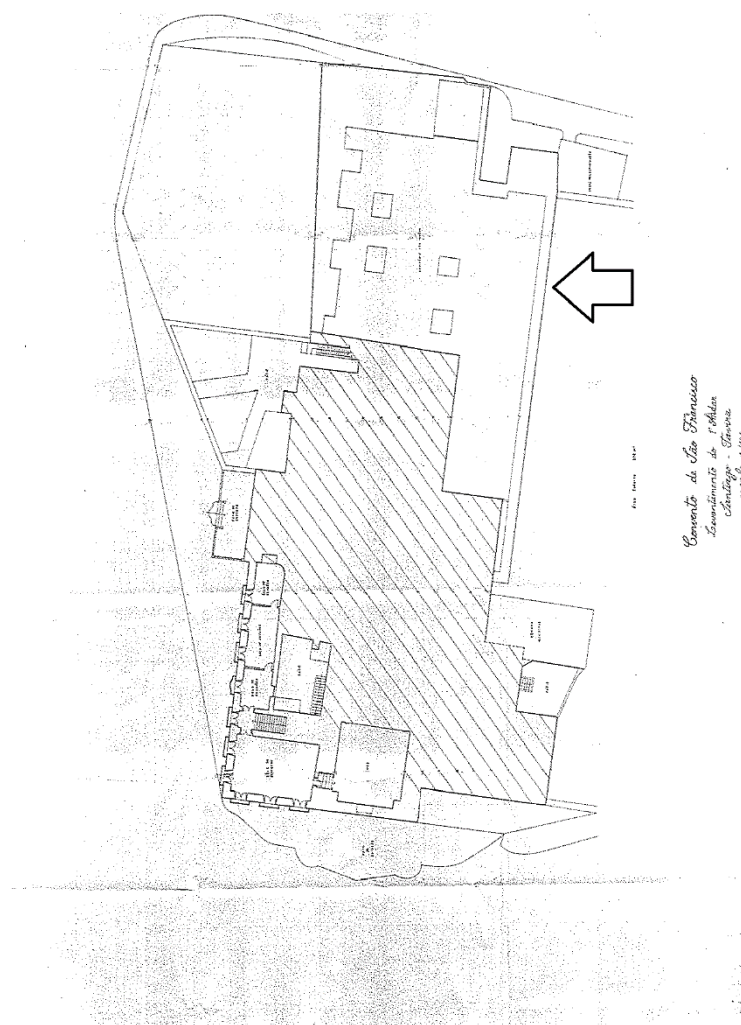
Anexo 10: Altar central tendo uma tribuna dedicada à Nossa Senhora da Conceição.
(Carmo, 2005)



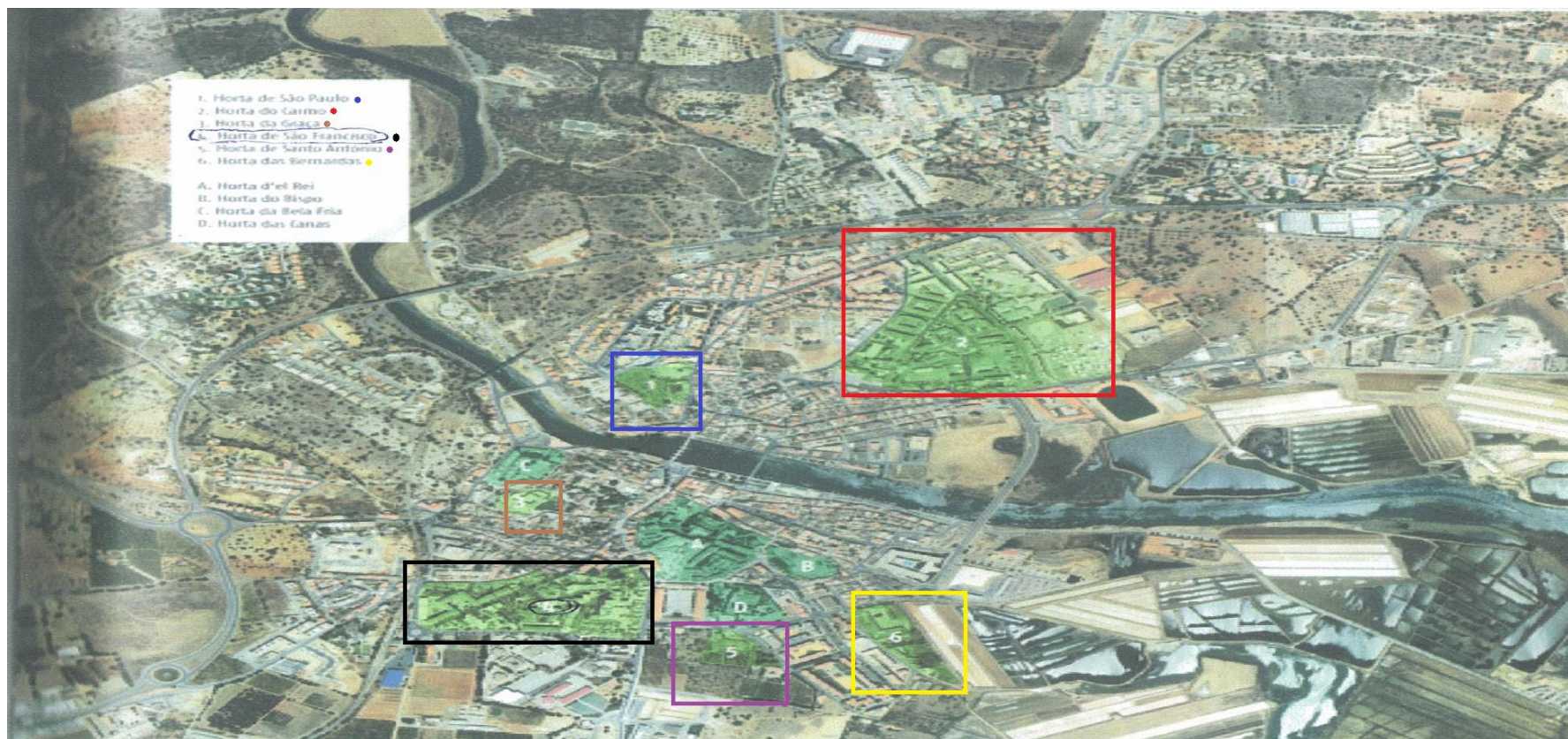
Anexo 11: Capela de Nossa Senhora da Graça, também conhecida como Santa Ana.
(Carmo, 2005)



Anexo 12: Abóbada do Cruzeiro com quatro óculos decorados com elementos vegetalistas



Anexo 13: Planta inédita do século XX onde se vislumbra através da seta a transformação do antigo corpo de igreja a cemitério dos irmãos. Planta gentilmente cedida pela comunidade franciscana de Tavira.



Anexo 14: Mapa ilustrativo das cercas (ou hortas) conventuais de todos os conventos e mosteiros de Tavira. Com o rectângulo azul está representado o Convento de S. Paulo; vermelho o Convento do Carmo; castanho o Convento da Graça; preto o Convento de S. Francisco; roxo o Convento de S. António e por último a amarelo o Mosteiro das Bernardas.



Anexo 16: Guarda-vento de madeira.



Anexo 17: Capela gótica dos Costas



Anexo 18: Capela gótica dos Machados
(Santos, 2011)



Anexo19: Representação de um Machado, localizado na capela dos Machados.
Este símbolo heráldico está associado à protecção do espaço divino.
(Santos,2011)



Anexo 20: Representação de um grafito com o nome Álvaro. Este terá sido um dos principais arquitectos responsável pela edificação da capela.

<http://www2.fcsh.unl.pt/iem/medievalista/MEDIEVALISTA10/santos1006.html>



Anexo 21: Pedra de fecho da abóbada da capela dos Costas. Imagem digitalmente modificada pelo autor de modo a salientar os vestígios escultóricos identificáveis.

<http://www2.fcsh.unl.pt/iem/medievalista/MEDIEVALISTA10/santos1006.html>



Anexo 22: Escultura de Mármore localizada no centro da Horta do Convento de S. Francisco, onde mostra alguns brasões associados à casa conventual.



Anexo 23: Elemento heráldico localizado na antiga horta do ao Convento de S. Francisco.

Nº das capelas	Capela - Dono	Administrador	Concelho /Freguesia do administrador	Tipo de Propriedade	Tributo a pagar ao convento	Valor do tributo
1	Padre Manuel Duarte Bravo	priostado	Santa maria (Tavira)	Fazenda junto a uma fonte coberta	168 Missas rezadas; pão; vinho e Alqueires de azeite	30\$750
2	Gusmão Pessanha	Irmãos da Santa casa da Misericórdia	Tavira	Fazenda no alto do poço das bruxas	11 Missas cantadas; 56 missas rezadas; 50 pais-nossos;	21\$600
3	Vasco Muz	Irmãos do Santíssimo Sacramento de Santa Maria	Tavira	Não se sabe que tipo de propriedade que detinham	1 Missa cantada	\$550
4	D. Genebra	Pedro André	Não refere	Quinta do Sobral	12 Missas rezadas	2000\$
5	Conceição do Calharis	Sargento Mor Joaquim Pedro	Não refere	Fazenda - Morgado dos Baretos	2 Missas cantadas e 7 rezadas	2\$760
6	D. Fria Baretto	Prior Santiago	Não refere	Não se sabe que tipo de propriedade detinha	12 Missas rezadas	2\$080
7	Maria Rodrigues	Francisco Xavier de Pontes	Tavira	Casas na rua de Malforo	1 Missa cantada e 6 rezadas	2\$000

Nº das capelas	Capela - Dono	Administrador	Concelho /Freguesia do administrador	Tipo de Propriedade	Tributo a pagar ao convento	Valor do tributo
8	Maria das Neves	Manuel José Ferreira	Não refere	Casa do poço	1 Missa rezadas	\$200
9	Mathias Pereira de Vasconcelos	Manuel de Campos	Faro	Não refere	3 Missas rezadas	\$600
10	Margarida dos Anjos	Isabel Maria Camacha	Não refere	Fazenda no sítio do Pero Gil	3 Missas de natal	\$750
11	Maria das Neves	Vitória Maria	Não refere	Casa do poço da mais alta?	1 Missa cantada	\$800
12	Ana Conceição	António Gonçalves Vinagre	Não refere	Casas na rua das Capaxeiras	3 Missas rezadas	\$500
13	Maria Dias Magra	Capitão Matheus Pinto	Alarmarem	Lagar Junto à ponte de Almargem(?)	9 Missas rezadas	1\$500
14	Rodrigo Afonso de Mira	Pedro José Dos Reis	Não refere	Fazenda no sítio de S. Pedro	18 Missas rezadas	3000\$
15	Diogo Gonçalves Peruleiro	Joaquim da Costa Paiva	Freguesia de S. Estevão (Tavira)	Fazenda na freguesia de S. Estevão	Esmola para azeite	1\$200
16	Diogo Gonçalves Peruleiro	Jacinto José Barbeiro	Tavira	Casas na rua direita	1 Missa rezada e mais, para cera	\$500
17	Pedro Alves Drago	João do Rego Madeira	Não refere	Fazenda no sítio da capelinha	24 Missas rezadas	4000\$
18	Jerónimo de Elvas	Doutor Joaquim António Mimoso	Não refere	Casas na rua Nova Grande ponte do Rossio da cadeia	7 Missas rezadas	1\$200

Nº das capelas	Capela - Dono	Administrador	Concelho /Freguesia do administrador	Tipo de Propriedade	Tributo a pagar ao convento	Valor do tributo
19	João Bayão e sua mulher	António da Esperança Mareante	Tavira	Casas junto ao largo do convento	4 Missas rezadas	\$750
20	Jerónimo de Elvas	Joana Palerma	Alarmarem	Fazenda no cabo da Alarmarem	1 Missa cantada	\$500
21	Jerónimo de Elvas	Manuel Velho	Freguesia da Bela fria	Casas na Bela fria	Esmola para azeite	\$250
22	Padre Índias	António Pereira	Freguesia da Bela fria	Casas na Bela fria	2 Missas rezadas	\$300
23	Domingos Fernandes Drago	Sargento-mor Manuel Marques Neves	Não refere	Fazenda no sítio do Baldes	45 Missas rezadas	7\$500
24	Diogo Gonçalves	Isabel Maria Camacha	Não refere	Fazenda no sítio de S. Margarida	1 Missa cantada	\$600
25	Santo André	Maria Teresa	Tavira	Casas no sítio dos Moiros (rua mal foro?)	4 Missas rezadas	\$750
26	D. Inês de Noronha	António Correia Morgadinho	Freguesia de Santa Luzia	Fazenda no sítio de S. Luzia	1 Missa Cantada e 2 rezadas	1\$125
27	Damião Rodrigues	Doutor João José de Matos	Tavira	Fazenda no sítio da Calada arredores desta cidade	2 Missas cantadas e 30 rezadas	6\$200
28	António da Cunha de Mello	D. Barbara de Brito	Não refere	Não Refere	1 Missa cantada	\$500

Nº das capelas	Capela - Dono	Administrador	Concelho /Freguesia do administrador	Tipo de Propriedade	Tributo a pagar ao convento	Valor do tributo
29	Capela da Sr ^a da Boa Morte e Coração de Jesus	Confraria do Sagrado Coração de Jesus	Não refere	Não Refere	12 Missas Cantas nos 4º Domingos de cada mês; 12 procissões nos primeiros Domingos; Festa do Santíssimo Coração de Jesus no dia de Vésperas Cantadas; Missa e Sermão no mês de Novembro; Missa pelos irmãos nos Domingos de cada Mês e uma Missa rezada na capela dos defuntos	16\$360
30	Catarina Guerreira	José Fernandes	Tavira	Fazenda no sítio da Margarida	12 Missas rezadas	2\$150
31	Padre Afonso Fernandes Brabo	S. Maria da Luz e suas irmãs	Freguesia da Luz	Uma Orta na Freguesia da Luz	1 Missa cantada; 8 Rezadas e esmola para azeite	3\$300
32	Confraria da S. António	Irmãos da Confraria	Não refere	Não refere	Trezena do Santo Vésperas, missa e sermão	7\$200

Nº das capelas	Capela - Dono	Administrador	Concelho /Freguesia do administrador	Tipo de Propriedade	Tributo a pagar ao convento	Valor do tributo
33	Confraria da Luz	Irmãos da Confraria	Não refere	Não refere	Festa da Nossa Senhora da Missa, Sermão e aniversário pelo mês de Novembro3\$4	4\$300
34	Srª do Rosário	Rodrigo da Costa Carvalho	Não refere	Não refere	6 Alqueires de azeite; 12 velas de quarta; 1 Meio antel no dia das Candeias; festa da Irmandade, missa e sermão2\$	2\$400
35	Santa Graça	Juiz, escrivão e tesoureiro	Não refere	Não refere	1 Missa cantada cada mês e 10 rezadas; festa, missa cantada e sermão6\$	6\$700

Nº das capelas	Capela - Dono	Administrador	Concelho /Freguesia do administrador	Tipo de Propriedade	Tributo a pagar ao convento	Valor do tributo
36	Venerável da ordem 3ª	Irmãos de Menza	Não refere	Não refere	1 Missa todos os Domingos e Segundas de cada mês; aniversário; procissão da Sinza; festa das Chagas que consta nas vésperas; Missa e dois Sermões8\$4	8\$400
37	Santa Barbara	Doutor Domingos João Lial da Gama	Não refere	Não refere	Segundo o livro das descargas passarão os foros da capela para a sua casa e por oferta da uma missa cantada e um sermão	2\$320
38	Não refere (apenas refere que foi fundada por várias pessoas)	Manuel Pires	Não refere	Fazenda no sítio de S. Margarida	12 Missas rezadas	2\$000
39	Domingos Fernandes Drago	José Miz Parente	Não refere	Fazenda no sítio de S. Margarida	30 Missas rezadas	6\$000
40	Alexandre Dias	José Correia de Freitas	Não refere	Fazenda no sítio de S. Margarida	7 Missas rezadas	1\$200

Nº das capelas	Capela - Dono	Administrador	Concelho /Freguesia do administrador	Tipo de Propriedade	Tributo a pagar ao convento	Valor do tributo
41	Branca Rodrigues	António da Costa	Tavira	Fazenda no sítio da Asseca	12 Missas rezadas	2\$000
42	Catarina da Rocha	António Gonçalves	Não refere	Fazenda junto ao sítio do Maroquil	17 Missas Rezadas	4\$375
43	Sebastião Fernandes de Brito	Romão António de Vargas	Não refere	Propriedade que possuiu nos termos do Padroin e Almodôvar	120 Missas Rezadas; e 1050\$ para cera	21\$000
44	Aranhas	Simão de Sousa	Freguesia de Estoi	Herdade da freguesia de Estoi	1 Missa Cantada\$	\$500
45	D. Isabel Corte Real	Domingos Gonçalves	Freguesia da Alago	Fazenda no sítio dos Calços	60 Missas rezadas	10\$000
46	Padre Índias	Manuel de Sousa Neto	Moncarapacho - Concelho de Faro	Fazenda junto à aldeia de Moncarapacho	3 Missas rezadas	\$500
47	Diogo Gonçalves Peroleiro	Sezilia Ruiz Correia	Não refere	Fazenda no sítio de Entremontes	3 Missas rezadas	\$500
48	Martinho da Cunha	António Pacheco	Não refere	Fazenda no sítio da Morteira	Festa de S. Gregório	2\$500
49	D. Luiza de Mello	João Carlos, Urano, Machado, Cunha, Mendonça e Mello	Castro Marim	Quinta no sítio de Marim	120 Missas Rezadas	20\$000
50	D. Francisca Cunha	João Carlos	Não refere	Não refere	1 Festa de Santo Amaro e 2 missas rezadas	3\$000

Nº das capelas	Capela - Dono	Administrador	Concelho /Freguesia do administrador	Tipo de Propriedade	Tributo a pagar ao convento	Valor do tributo
51	Jerónimo de Elvas e Dona Inês de Noronha	Capelão Manuel Domingues	Moncarapacho - Concelho de Faro	Fazenda junto a Moncarapacho	1 Missa cantada e 10 rezadas	2\$500
52	D. Brites Mca (Malaca?) Africana	João da Costa	Moncarapacho - Concelho de Faro	Fazenda junto a Moncarapacho	2 Missas rezadas e 1000\$ para azeite	1\$350
53	António da Cunha de Mello	Manuel Viegas Pereira	Não refere	Não refere	1 Missa Cantada	\$820
54	Martinho da Cunha	Domingos de Mca (Malaca?)	Freguesia de Guelfes	Fazenda em Faro	12 Missas rezadas e 1000\$ para azeite	3\$000
55	Padre Índias	Francisco Gonçalves	Moncarapacho - Concelho de Faro	Orta no sítio Giam, freguesia de Moncarapacho	4 Missas rezadas\$	\$600
56	Diogo Gonçalves Peroleiro	Manuel do Goanda Fragoso	Não refere	Fazenda no sítio das Pereirinhas (Moncarapacho)	2 Missas Cantadas e 5 rezadas	2\$500
57	Bartolomeu Gramacho	Henrique Pereira	Não refere	Fazenda no sítio das Pereirinhas (Moncarapacho)	6 Missas rezadas	1\$100
58	Jerónimo de Elvas	Maria Ruiz	Não refere	Fazenda no sítio das Areias	4 Missas Rezadas	\$600
59	Catarina Conceição Marchana	António José	Não refere	Fazenda no sítio das Areias	1 Missa rezada	\$270
60	D. Inês de Noronha	Domingos Dias	Não refere	Sítio das Pereirinhas	9 Missas cantadas	1\$500

Nº das capelas	Capela - Dono	Administrador	Concelho /Freguesia do administrador	Tipo de Propriedade	Tributo a pagar ao convento	Valor do tributo
61	Santo André	Capelão António Miranda	Não refere	Fazenda na Moita Redonda	1 Missa cantada	\$600
62	Padre Índias	D. Catarina Pimentel	Freguesia de Santa Catarina (Tavira)	Fazenda no sítio das Laranjeiras	12 Missas Rezadas	2\$000
63	D. Brites Mca (Malaca?) Africana	António Ruiz Barriga	Freguesia de Santa Catarina (Tavira)	Fazenda no sítio das Laranjeiras	Esmola para azeite	2\$000
64	Pedro Afonso Fernandes Brabo	Marcos da Costa	Não refere	Não refere	1 Missa cantada e sermão a S. Catarina	1\$500
65	Padre Índias	Catarina Pimentel	Freguesia de Santa Catarina (Tavira)	Fazenda na freguesia de S. Catarina	2 Missas rezadas	\$400
66	João Bayão	Capelão Manuel de Abreu	Castro Marim	Fazenda na freguesia de S. Estevão (Tavira)	3 Ofícios e missas cantadas; 7 missas cantadas (Ofício); 18 missas rezadas; Cera e Azeite	14\$800
67	Doutor Henrique Nunes Lial	Doutor Desembargador João Lial da Gama	Não refere	Morgado	12 Missas rezadas	1\$800

Nº das capelas	Capela - Dono	Administrador	Concelho /Freguesia do administrador	Tipo de Propriedade	Tributo a pagar ao convento	Valor do tributo
68	Capelão Manuel Nunes	Manuel Marques Neves	Não refere	Não refere	Missa rezada todos os Domingos e dias Santos na Ermida do Calvário	20\$000
69	António da Cunha de Mello	Capelão José Furtado	Não refere	Fazenda na freguesia de S. Estevão	2 Missas cantadas	1\$425
70	Santo André	Domingos Ruiz Melrinha	Não refere	Casas na rua direita (Tavira?)	13 Missas Rezadas	2\$215
71	Loupo de Mello	Teresa Joaquina	Não refere	Fazenda na Freguesia da Luz	2 Missas Rezadas	\$400
72	Miguel Da Cruz	D. Catarina Pimentel	Não refere	Fazenda em Santa Catarina (Tavira)	19 Missas rezadas e 1850\$ para azeite	5\$000
73	João Bayão e sua mulher	Capelão António de Oliveira Nobre	Não refere	Fazenda em Moncarapacho (Faro)	36 Missas rezadas	6\$000
74	D. Cecília	Alferes Pedro da Costa	Não refere	Fazenda na freguesia da conceição (Tavira)	1 Missa	\$190
75	Mor de Vale	Lourenço José	Não refere	Fazenda no sítio de Valongo	1 Missa cantada	\$320
76	Catarina de Baptista	Pedro José Dos Reis	Não refere	Casas no fim da Rua Nova Grande	9 Missas	1\$060

Nº das capelas	Capela - Dono	Administrador	Concelho /Freguesia do administrador	Tipo de Propriedade	Tributo a pagar ao convento	Valor do tributo
77	Maria Ribeira	Alferes Manuel Madeira de Cacela	Não refere	Não refere	1 Missa rezada em cada Domingo e dia Santo; 240\$ esmolos; 3 Missas de Natal; 2 missas de 150; 2 missas de 180 (por cada dia santo)	19\$000
78	Vasco Raposo da Costa	Catarina Cordeira	Não refere	Fazenda na freguesia de Cacela	36 Missas rezadas	6\$000
79	Filipa da Fonseca	Manuel do Nascimento	Não refere	Fazenda no sítio da Borrage?	6 Missa e esmolos para azeite e cera	1000\$
80	Capela dos Mortos Defuntos	Lourenço de Sá	Não refere	Casas junto ao bairro Mal foro	8 Missas rezadas	1\$427
81	Capela dos Mortos Defuntos	Jerónimo Vicente	Não refere	Fazenda no sítio da Margarida	18 Missas	3\$025
82	Martinho da Cunha	Doutor Luís de Fora	Não refere	Casas na Rua de Mal foro	8 Missas	1\$400
83	Capela dos Mortos Defuntos	Manuel Ruiz	Não refere	Fazenda no sítio da Campina, Freguesia da Luz	3 Missas rezadas	\$500

Anexo 24: valores tributários a serem pagos pelos administradores das capelas do Convento de S. Francisco. <http://digitarq.dgarq.gov.pt/details?id=1991107>

Ano	Irmão - Conversão de Frade Leigo para Frade do Coro	Parentes	Naturalidade dos frades e seus parentes	Responsáveis do convento
6 Maio de 1645	Fernando da Cruz	Damião Rangel Macedo; Ana Maria	Lisboa	Fernando da Cruz; Frei Miguel da Ressureição e Frei Luís da Ressureição; Frei Manuel
23 de Dezembro 1647	Francisco de Joseph	João de Migueis; Maria Costa	Beja	Francisco de Joseph; Frei Miguel da Ressureição; Marcos da Silveira
22 de Fevereiro de 1649	Luís de Santa Apolónia	Luís Ramos Da cunha; Apolónia Antunes	Montemor-o-Novo	Luís de Santa Apolónia; Miguel da Ressureição; João das Neves; Frei Luís Ressureição
21 de Agosto de 1649	Irmão Duarte da Conceição	Filho de Vicente de Matoso de Moura e Isabel Ruiz da Costa	Faro	Frade Duarte da Conceição; Miguel da Ressureição; João do Deserto; Marco da Silveira (guardião da igreja)
25 de Novembro de 1649	Irmão Francisco da Apresentação	Filho de Paulo Adrião das Naus e Maria Rolão (?)	Faro	Manuel da Expição; Francisco da Apresentação; Marco da Silveira; Frei Emanuel da Anunciação
25 de Março de 1650	Irmão Gaspar do Rosário	Francisco do Rosado e Francisca Mártires	Évora	Marco da Silveira; Gaspar Rosário; Frei Francisco Braz
19 de Abril de 1650	Irmão Boaventura da Conceição	Manuel Vicente Castanho e Maria de João	Faro	Frei Emanuel da Anunciação; Frei Boaventura da Conceição; Frei Francisco Braz; Manuel da Expição

Ano	Irmão - Conversão de Frade Leigo para Frade do Coro	Parentes	Naturalidade dos frades e seus parentes	Responsáveis do convento
23 Julho de 1651	João de Santo André	João Francês e Maria Foz	França /Évora	Frade André de S. Bento; Jerónimo da Encarnação; João de Santo André; António da Purificação
23 de Setembro de 1652	Manuel de Nossa Senhora da Ajuda	Manuel da Cruz e Aldenfa Dinis	Setúbal	Manuel da Nossa Senhora da Ajuda; António da Purificação; André de S. Bento; Francisco Boaventura
9 de Dezembro de 1652	António do Rosário	Pedro Fernandes e Estevina Ruiz (?)	Lisboa (Olivais)	António do Rosário; Francisco de S. Bento; Paulo da Soledade
10 de Maio de 1653	Diogo de Assunção	Roque Rodrigues E Maria Folha	Serpa	Frei Luís da Graça; Frei Francisco de S. Bento; Frei Fernando; Cristóvão de S. Boaventura; Diogo da Assunção; falta um apelido
10 de Maio de 1653	Francisco da Paixão	Bento Marques e de Maria Jimenez	Vila da Serra	Cristóvão de Boaventura; Frade Luís da Graça; Francisco de S. Bento; Frei Fernandes de (?)
10 de Julho de 1653	Manuel do Espírito Santo	António Carraça; Luísa Marques	Vila de Serpa	Francisco de S. Bento; Cristóvão de S. Boaventura; Luís da Graça; Loureço de (?)
10 de Janeiro de 1654	Filipe de S. António	Manuel Claro Isabel Hermes	Estremoz	Francisco de S. Bento; Luís da Graça; Filipe de Santo António; Lourenço de Santa Luzia; Frei António
4 de Fevereiro de 1654	Sebastião de Jesus	António Rodrigues; Maria de Santos	Lamego	Sebastião de Jesus; Francisco de S. Bento; Luís da Graça; Lourenço de Santa Luzia; Cristóvão de S. Boaventura
18 de Maio de 1654	Diogo de S. Bernardino	António Vaz Nunes e Maria Soares	Vila de Mouro	; Francisco de Bento; Diogo de S. Bernardino; Lourenço da S. Luzia

Ano	Irmão - Conversão de Frade Leigo para Frade do Coro	Parentes	Naturalidade dos frades e seus parentes	Responsáveis do convento
24 de Junho de 1656	Domingo das Chagas	Agostinho Ribeiro e Domingas Nunes	Faro	Domingos de Chagas; António Viegas; António do Deserto
24 de Junho de 1656	Francisco de Santo António	Manuel Barradas; Ana Machagua	Serpa	António Viegas; Manuel de S. António; António do Deserto (possível novo escrivão)
7 de Março de 1657	Manuel do Rosário	Luís Varela e Catarina Varela	Tavira	António Viegas; António do Deserto; Bento da Saudade; Manuel do Rosário
7 de Março de 1657	Amaro da Conceição	António de Carvalho Maria do Ó	Seia	Amaro da Conceição; Francisco de S. Bento; Frei João (?); Vicente Roseiro; António do Deserto;
18 de Agosto de 1657	António da Assunção	Diogo Fernandes; Maria Mendes	Vila de Portel	António do Deserto; António da Assunção;
10 de Outubro de 1657	Francisco de Santa Maria	João Garcia e Maria das Neves	Évora	Francisco de Santa Maria; Luís de Santa Maria e (?)
29 de Julho de 1658	Sebastião de S. António	Francisco Braz e Francisca Lopes	Alcobaça	Sebastião de S. António; Luís de Santa Maria e (?)
13 Abril de 1659	António da Ressureição	Simão Duarte e Mariana de Vilelo	Tavira	Manuel de Araceli; António da Ressureição; Manuel de Christo; Manuel de S. Tiago
14 de Dezembro de 1659	Manuel da Conceição	Domingos Dias; Maria de Mira	Cela (Alcobaça)	Luis de Santa Maria; Manuel de Cristo; Manuel da Conceição; Manuel de S. Tiago; Manuel de Araceli;

Ano	Irmão - Conversão de Frade Leigo para Frade do Coro	Parentes	Naturalidade dos frades e seus parentes	Responsáveis do convento
16 (não refere o mês) de 1660	Manuel do Espirito Santo	Nome principal? Da Costa; Maria Fonseca	Lisboa (Freguesia dos Anjos)	Manuel de Christo; Manuel do Espirito Santo; Francisco da expiação; Manuel de Araceli;
19 de Abril de 1661	Domingos da Ressureição	Sebastião Veloso; Leonor Jorge	Ourique / Loulé	Domingos da Ressureição; João do Espirito Santo; Manuel de Cristo; Filipe de S. José
26 de Maio de 1661	Francisco da Assunção	João Ruiz Nogueira; Margarida Pereira	Loulé	; Manuel Cristo; Francisco da Assunção; António de Santo; Filipe de S. José; Frei João (?)
11 de Maio de 1662	Manuel de Santa Clara	Pedro Gonçalves; Vicentina Francisco	Lisboa (Freguesia dos Anjos)	Manuel de Cristo; Filipe de S. José; Manuel de Santa Clara
11 de Maio de 1662	Manuel de S. Jacinto	Pero Gonçalves Jorge; Serafina Matos	Vila de Sines	Manuel de Cristo; Manuel da Ressureição; Manuel Jacinto;
15 de Junho de 1663	Cristóvão de S. Joséph	Lourenço Pantoja; Catarina Beja	Viana do Alentejo	Cristóvão de S. José; Filipe de S. José e Francisco de S. José
20 de Maio de 1664	Pedro de S. Bernardo	João Gomes; Maria Duarte;	Évora	Manuel de S. Luís; Pedro S. Bernardino; Manuel da Paixão; António de S. Bernardo
28 de Maio de 1664	Dionísio de S. Jerónimo	Manuel Lavrador; Maria Narciso	Montemor	Manuel de S. Luís; Dionísio de S. Jerónimo; António de S. Bernardo; Manuel da Paixão

Ano	Irmão - Conversão de Frade Leigo para Frade do Coro	Parentes	Naturalidade dos frades e seus parentes	Responsáveis do convento
16 de Julho 1664	Pedro de Santiago	Manuel de Conde	Lisboa	Manuel da Paixão; António de S. Bernardo; Manuel de S. Luís; Pedro de Santiago; João de (?);
11 Março 1665	Lourenço dos Arcanjos	Manuel Pires; Joana Lopes	Évora	Manuel de S. Luís; João da Encarnação; Lourenço dos Arcanjos; Manuel da Paixão; António de S. Bernardo
22 de Abril de 1665	Manuel da Cruz	Francisco Pereira; Manuel Lopes	Tavira	Luís de sacramento; João de S. Estevão; Manuel da Paixão; Manuel da Cruz; João Da Expição.
16 de Maio de 1665	João de Santa Engrácia	Francisco Dias; Grácia Gomes	Lisboa	João de S. Engrácia; Lourenço de S. ?; João da Expição; Manuel da Paixão;
28 de Outubro de 1665	Francisco de Inácio	João Azevedo; Mariana de Castro	Lisboa	Luís de Sacramento; Manuel da Paixão; Francisco de Inácio; Lourenço de S. Luís
10 de Dezembro de 1665	Manuel de S. Vicente	André Vaz Miguel; Isabel Cruz	Portalegre	Lourenço de S. Luís; Manuel de S. Isabel; Manuel da Paixão; Manuel de S. Vicente; Luís da Assunção
22 de Julho de 1667	Gregório da Conceição	Francisco Pires e Maria Gomes	Lisboa	João de Santo António; Manuel de Cristo; António de Santa Clara; Manuel de S. Isabel
12 de Maio de 1667	Luís de Santa Isabel	António Lisboa Ferreira; Maria Luísa de Moura	Vila de Almeida (Guarda)	Luís de Santa Isabel; Manuel de Santa Isabel; Lourenço de S. Luís;
11 de Setembro de 1667	Manuel de S. Boaventura	João Rodrigues; Teresa Fernandes	Beja	Manuel de Cristo; Manuel de Santa Isabel; João de Santo António; Manuel Madre Deus

Ano	Irmão - Conversão de Frade Leigo para Frade do Coro	Parentes	Naturalidade dos frades e seus parentes	Responsáveis do convento
13 de Junho de 1668	Manuel de Padoa	Domingos Ramos; Maria dos Reis	Beja	Fernando Sacramento; Manuel de Monte Alicerne; Manuel de Padoa
10 De Agosto de 1668	Francisco da Prociuncula	Paulo Gomes; D. Ana de Castro	Tavira	Manuel do S. Isabel; Fernando Sacramento; Manuel do Monte; Luís de S. Braz
5 de Maio de 1669	Joseph de S. Boaventura	Paulo Rodrigues; Águeda de Silva	Beja	Fernando do Sacramento; António da Paixão; Manuel do Espirito Santa Clara; Luis de S. Isabel; António de Santa Clara

Anexo 25: Tabela referente à profissão dos frades no Convento de S. Francisco.

<http://porbase.bnportugal.pt/ipac20/ipac.jsp?session=143P8873B8T41.1837715&profile=porbase&source=~!bnp&view=subscriptionssummary&uri=full=3100024~!608037~!0&ri=1&aspect=subtab11&menu=search&ipp=20&spp=20&staffonly=&term=profissoes+conventos&index=.GW&uindex=&aspect=subtab11&menu=search&ri=1>

<i>titollo dos hornamentos /</i>
<i>Item hũa vestimenta de chamallote verme/ lho com seus savastros de velludo / com suas allmatjqwas e alluas / novas etc. /</i>
<i>//[p. 4 v.] Item duas vestjmentas de damasco brancas / com suas alluas husadas etc. /</i>
<i>Item dous mantos de velludo pretos sem / alluas /</i>
<i>Item outro manto de chamallote vermelho / husado /</i>
<i>Item hũa vestjmenta de broquado, Ja velha / com sua allua /</i>
<i>Item seys vestjmentas de panno de / llnho brancas com suas alluas husadas /</i>
<i>Item nove arquetas foradas de seda com / seus corporaes dentro husados /</i>
<i>Item tres toalhas llavradas de seda de / ponto Reall de estante husadas /</i>
<i>Item quatro palleos de panno de llnho / husados e hũ panno do Regaço / do croçefiço de llnho /</i>
<i>Item majs trjnta vestjmentas velhas / dellas de llnho e dellas de zarzaganja /</i>
<i>Item seys allmatjqwas de llnho velhas /</i>
<i>Item duas capas de chamallote velhas / hũa llaranJada e outra vermelha /</i>
<i>Item duas allmatjqwas de chamallote / vermelhas husadas /</i>
<i>Item hũ pedaço de manto velho de / çytjm velho mujto Roto preto /</i>
<i>Item çynquo sobrepelljzes de llnho dos / cantores e do medoajro bõas /</i>

<i>Item tres sobrepelljzes de moços velhas Rotas /</i>
<i>//[p. 5] titollo dos panos d armar /</i>
<i>Item dous pannos d armar velhos de / ffiguradas de llam /</i>
<i>Item outro panno d armar de toda lam / mais novo que ho de çyma /</i>
<i>Item duas allcatifas velhas que seruem / com os frades etc. /</i>
<i>Item outro panno d armar de toda llam / da sorte do de çyma /</i>
<i>Item outro panno d armar de toda / llam mais pequeno husado da / sorte dos de çyma /</i>
<i>Item outro panno da pajxam de noso senhor / de llinho da capella mor Ja velho grande /</i>
<i>Item hũ frontall de toda llam novo do / alltar mor /</i>
<i>Item outro frontall husado de toda llam / do alltar mor /</i>
<i>Item outro frontall Ja velho de toda / llam do alltar mor /</i>
<i>Item allanbell [³³⁷] husado que selue de / frontall do alltar mor /</i>
<i>Item outro allanbell velho que serue / de frontall do alltar de sant antonjo /</i>
<i>Item dous frontaes velhos de llam /</i>
<i>Item hũ baneall [?] de gamte velho /</i>
<i>Item hũ panno de pallma de ginne [?] / velho que serue de frontall /</i>

³³⁷ Lambel.

//[p. 5 v.] <i>Item</i> hũs pannos de sarJa vermelha husa/ dos com <i>que</i> cobre o Retauollo do / alltar mor /
<i>Item</i> quatro pannos pretos com suas / Jmages com <i>que</i> se cobrem hos / alltares na coresma /
<i>Item</i> hũ frontall de panno de lljnho velho /
<i>Item</i> hũ veo de seda velho com <i>que</i> se cobre / o croçyfjço /
<i>Item</i> hũa boceta com entoucaduras / da Jmagem de nosa senhora de pouca / vallia e de uzo na djta boceta tres / pannos de lljnho do Regaço do croçy / fiço /
<i>Item</i> hũa saya de nosa senhora de veludo / avellutado velha /
titollo dos lljuos /
<i>Item</i> çynquo mjsaes de pena velhos de / porgamjnho/
<i>Item</i> dez galhetas d estanho dellas velhas / e dellas quebradas / Item das quaes cousas acyma conteudas / ho djto Jujz entregou lloguo / hy no djto moestejro ha antonio mou / rato cauallejro morador em ha djta / çydade esto <i>que</i> se segue <i>Item</i> hũa / vestjmenta de chamallote vermelha //

Anexo 26: Inventário que o Dr. Francisco Dias, Juiz-de-fora de Tavira, fez da prata e ornamentos do Convento de S. Francisco de Tavira


<http://digitalq.dgarq.gov.pt/details?id=3767883>




Anexo 27: Mosteiro de S. Bernardo vulgarmente conhecido como Convento das Bernardas



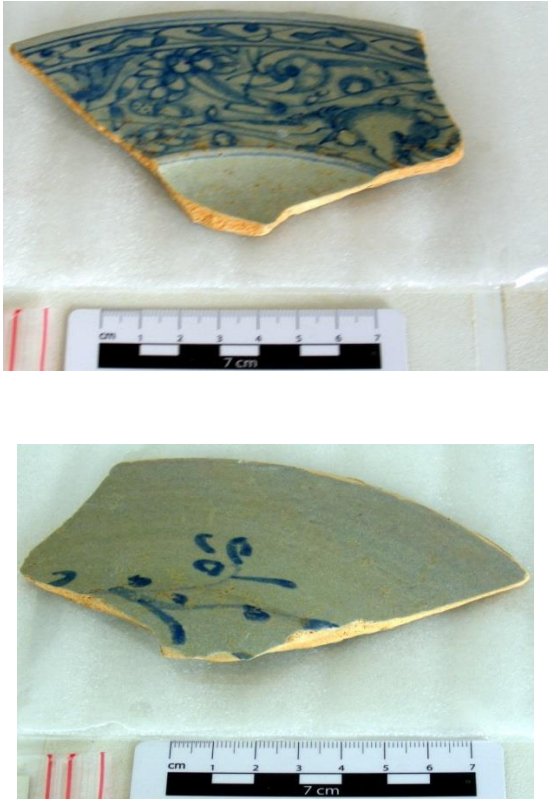
Anexo 28: Cascas de ovo encontrado em contexto arqueológico

Descrição	Cronologia E observações	Fotografia
<p>Bordo de panela inédito do século XVII inerente à segunda fase de campanhas arqueológicas.</p>	<p>Século XVII</p> <p>Material inédito gentilmente cedido pelo SACR.</p>	


Anexo 29: Bordo em cerâmica do século XVII inédito encontrado durante a segunda fase de campanhas arqueológicas realizadas no Mosteiro das Bernardas.

Descrição	Cronologia E observações	Fotografia
Asa com mamilo. Asa de pasta laranja bem depurada cozida em ambiente oxidante.	Século XVII Material inédito gentilmente cedido pelo SACR. Produção de cerâmica pintada a branco (?)	

Anexo 30: Asa com mamilo em cerâmica do século XVII encontrada durante as escavações arqueológicas do Mosteiro das Bernardas.

Descrição	Cronologia E observações	Fotografia
<p>Fragmento cerâmico de prato. Pasta clara e bem depurada, foi realizado a torno e apresenta uma cozedura oxidante. Apresenta decorações com motivos vegetalistas</p> <p>Reverso do fragmento de prato. Decoração com motivos vegetalista.</p>	<p>Século XVII</p> <p>Material inédito gentilmente cedido pelo SACR.</p>	

Anexo 31: Prato e fragmento de prato em cerâmica do século XVII encontrados durante as escavações arqueológicas do Mosteiro das Bernardas

Descrição	Cronologia E observações	Fotografia
<p>Fragmentos de azulejos contemporâneos com decoração vegetalista.</p>	<p>Século XVII/XVIII</p> <p>Material inédito gentilmente cedido pelo SACR.</p>	

Anexo 32: Fragmentos de azulejo do século XVII /XVIII encontrados nas escavações do Mosteiro das Bernardas

Objectos	Valores	Observações
Praceamento branco, rico a ouro com galeões também de ouro, composto de uma casula		Bom estado
Duas dalmáticas com sebestas de veludo encarnado, duas espadas, e três manipulam no valor		
de setenta e dois mil reiz	72\$000	Bom estado
Frontal da fazenda no valor de trinta mil reis	30\$000	Bom estado
Paramento branco, rico, composto de uma casula, duas dalmáticas, duas estolas e três manipulas de Damasco seda branca tecido à oura.	48\$000	Bom estado
Paramento composto de una casulas duas dalmáticas duas estolas três manípulos (colar) de Damasco Branco de seda	50\$000	Mau estado
Capa de asperges (capa de padre) de lhama de ceda branca a ouro com galão também de ouro.	8\$000	Bom estado
Hua capa ao asperges e damasco de ceda branco com galões de retros no valor	8\$000	Bom estado
Um véu de himbris de Damasco de seda branca (?)a ouro	14\$000	Bom estado

Objectos	Valores	Observações
Um véu de hombros de Damasco de Seda branca com franja de ouro	2\$400	Bom estado
Um pavilhão (tecido?) de chama (lamina) de prata com galão e franja de ouro	24\$000	Bom estado
Um dito de Damasco de seda branco	6\$000	Em uso
Um frontal de Damasco de seda branco	4\$800	Em uso
Un casula de damasco de seda branca estola e manípulo	7\$200	Bom estado
Um paramento de Damasco de seda (?) com sebasta encarnado e galões de ouro composto de uma cazula duas	30\$000	Bom estado
Dalmáticas, duas estolas e três manípulos		
Um paramento de Damasco de seda roxo com galões de (?) composto de una casula duas dalmáticas		
Três estolas e três manípulos	28\$800	Bom estado
Doiz frontais de damasco de seda roxo	3\$800	Em uso
Hua cazula estola e manípulo de damasco de seda roxo	4\$800	Em uso

Objectos	Valores	Observações
Hua capa de asperges de damasco de seda branco roxo com granja retroz	3\$000	Em uso
Hum paramento de Damasco preto com galões de retroz (retalhos) amarello composto dumas cazulas	48\$000	Bom estado
Duas almeiteiras duas estelas e três manípulos e capa de asperges		
hua Cazula de Damasco de seda preta com galões de retroz (retalhos) amarello	\$800	Mau uso
Hum pano de estante de couro de Damasco de seda branco	\$300	Mau uso
Hum paramento de veludo (?) encarnado com sebastez (?) amarelos feídos (tecidos) a ouro composto		
de uma cazula duas dalmáticas, duas estolas e três manípulos	36\$000	Bom estado
Hua capa de asperges de damasco de seda encarnado sebasto (sebastro - verdez)	8\$000	bom estado
Uma cazula, estola e manípulo de Damasco de seda encarnada	4\$800	Em uso
Uma capa de asperges de damasco encarnado com galões de retroz	2\$000	Bom estado

Objectos	Valores	Observações
E três panos de estante de altar de Damasco de seda encarnado branco e roxo	\$300	Bom estado
Dois frontais de damasco de seda encarnado	1\$600	Em uso
Uma capa de asperges de Damasco de seda verde	9\$600	Bom estado
Uma cazula, estola, e manípulo de damasco verde	3\$000	Mau estado
Una cazula, estola e manípulo de Damasco de seda vermelhas com galoes de troz	9\$600	Mau estado
Um frontal de Damasco de seda verde	\$800	Mau Estado
Dez Lamelas de Damasco de seda encarnado	4\$000	Mau Estado
Hum Arco de Damasco de seda encarnado de couro de pernas (?)	6\$000	Bom estado
Hum arco de damasco de seda encarnada de bocal da tribuna com pernas supreteiras (suporte?)	1\$500	Bom estado
Hum guarda fixo de seda encarnado	\$240	Bom estado
Hum dito de velas	\$400	Bom estado
Hua leva de Damasco de seda encarnado	4\$000	Bom estado
Duas pastais encarnadas de cális com véus competentes de seda	1\$000	Bom estado

Objectos	Valores	Observações
huma delos branca de caliche com o véu competente de Damasco feído de retroz (retalhos)	1\$000	Em uso
calixe branco com o véu competente de damasco ao teído (tecido) de retroz (retalhos) a ouro	2\$000	Em uso
Uma pasta verde de caliche com o véu competente de seda	\$300	Em uso
Pasta preta de caliche como véu competente de seda	\$200	Em uso
Vinte 20 pernas de Damasco de seda encarnado	4\$000	Mau estado
Duas sanefas e quatro pernas de chita	2\$000	Bom estado
Um arco de Damasco de seda encanado, com as pernas respectivas da capela-mor	6\$000	Bom estado
Uma pasta roxa e caliche com véu de chama	1\$500	Usado
Um pano de púlpito de damasco de seda banco lavrado com galão e franja de ouro	20\$000	Bom estado
Dois (?) de Damasco de seda encarnado	\$800	Bom estado
Dois ditos de dito de seda roxo	\$200	Mau estado

Objectos	Valores	Observações
Uma colcha de seda roxa de ramos brancos	3\$000	Mau estado
Um frontal de Damasco de seda verde com sebastas amarela	6\$000	Bom estado
Um Palio de Damasco de seda roxo com galão de retroz (retalhos)	10\$000	Bom estado
Um pálio de seda branco	2\$000	Bom estado
Pendão (pendente, brasão) de seda roxo com galões e borlas de ouro	18\$000	Bom estado
Um guião de Damasco de seda roxo com galões e borlas de ouro	14\$000	Bom estado
Sanefa de Damasco a roxo para render	1\$000	Bom estado
Uma túnica e cetim roxo de Senhor Jesus	3\$000	Bom estado
Um véu de seda branco teído a ouro e franja também de ouro da custodia do convento	3\$000	Bom estado
Três alâreis de Bretanha no valor	2\$100	Bom estado
Sete alvas de pano de linho	3\$500	Em uso
Hua toalha de paninho de altar com rendaz	3\$000	bom estado
Hua toalha de paninho de altar	1\$600	Em uso

Objectos	Valores	Observações
Duas credenciais	1\$000	Bom estado
Duas credenciais	\$500	Bom estado
Três tiras de pano de linho param caixão	\$300	Bom estado
Quatro toalhas de pano de linho de comunhão	\$480	Mau estado
Um lançol (lençol) de cambraia do Senhor morto	\$600	Bom estado
Três toalhas de lavatório	\$480	Bom estado
Cinco cíngulos (?)	\$500	Bom estado
Quatro amitas (camisas?) de pano de linho	\$320	Bom estado
Dois corporais de cambraia de linho	1\$200	Bom estado
Oito Sanguinhos (tinta para tingir tecidos)	\$160	Bom estado
Um Sino do peso de trinta arrobas	192\$000	Bom estado
Um Sino de vinte arrobas	128\$000	Bom estado
Um Sino de dez arrobas	6\$400	Bom estado
Uma sineta do peso de uma arroba	6\$400	Bom estado
No dia 22 Fevereiro de 1862 o administrador do concelho Thomaz Bernardino de Mello		

Objectos	Valores	Observações
	Total 993 580	
Esta conforme representação de fazenda do Distrito de Faro de 1862		
Representante do José Theodoro Ramalho		

Anexo 33: Redacção das roupas e alfaias da igreja do convento das freiras de Nossa Senhora da Piedade da ordem de S. Bernardo.

Designação dos maços de papéis	Livros, documentos e papéis que contem
Nº 1	Livros importantes em actual serviço de títulos de foro e juro, livros 1-,2-,3-,4-,5-,6-,7, 8-, 9-, 10-,11-,12 Sessenta e seis títulos avulsos importantes de foro e juro acompanhado a uma relação assinada pelo a Administrador do convento. Livros importante em actual serviço, nº 1 e 2 pertencentes ao Extinto convento das freiras de Loulé e quinze títulos avulsos cuja utilidade se ignora.
Nº 2	Dois livros de receitas e despesas ou comunicados? Apontadores '-três livros denominados - bolsaria?- Um outro Denominado - feitoria - um outro denominado - receita da Alarmarem - um outro denominado - Índice geral- um outro Denominado de - recibos - um outro denominado de - despesa de feitoria - um outro denominado - revistas - um outro Denominado de - foros e propinas - um outro denominado de - privilégios - e um outro denominado de - espólio -
Nº 3	Dez livros antigos de títulos de foros e juro - Um maçam e 127 cartas de sentença - um outro de 171 títulos de foro e juro e uma porção de papéis, e pergaminhos velhos, tudo em serviços.
Nº 4	Vinte livros antigos de títulos de foro e juro sem serviços.
Nº 5	Dezanove livros antigos de títulos de foros e juro sem serviços. Tavira trinta de Janeiro de 1862 - o Administrador do Concelho José António Monteiro. Administração do concelho de Tavira número 132- Mestríssimo? Senhor Tinoco? Em cumprimento do ofício d'essa repartição de fazenda, numero 91 de 25 de Janeiro próximo? Passado tomado posse por parte da fazenda nacional de duas moradoras? De casas pertencentes ao convento das Religiosas de Nossa Senhora da Piedade da Ordem de S. Bernardo d' esta cidade contiguas do mesmo convento que tem servido para habitações dos

Designação dos maços de papéis	Livros, documentos e papéis que contem
Nº 6	<p>Empregados do convento rogo a vossa Senhoria se digna dizer-me se devo mandar por em hasta pública d' arrendamento</p> <p>Os referidos prédios. Outro sim rogo-a Nossa Senhoria me deixou? Acha conveniente que continue suspensa (?) a posse e Depósito de algumas alfaias, pratos, quadros e outros objectos que acinada (?) existem no referido convento em quanto Permanecer aqui (?) a religiosa D. Cândida Clara D' Assiz - Deus guarde (?) a Nossa Senhoria de Tavira, 11 de Março de 1862 Mustrissimo Senhor delegado do tesouro n'este Distrito de Faro o Administrador do concelho Homeoz (?) Bernardino de Mello.</p> <p>Numero 184 Mestrissimo Senhor- respondendo ao officio de Vossa Senhoria, numero 132 d' onze do corrente mês tenho a dizer-lhe que nenhuma duvida há em que se ponham de arrendamento as suas casas contiguas ao antigo convento Suas freiras de S. Bernardo d' esta cidade. Em quanto os officios, pratos (?) quadros e objectos a que vossa Senhoria se Refere no citado officio, tenho a dizer-lhe que se esses objecto são pertencentes ao uso do convento, e não da igreja não Deve obstar a temporária permanência na Casa da Religiosa D. Cândida Clara, a que se tome d' elles posse e se arrecadem em quanto porem aos objectos ao culto existentes na Igreja, e alfaias indispensáveis ao mesmo culto, acervem-se a Conversar ali athé que o governo de sua majestade resolva de a mesma igreja deve ou não ser profanada = Deus guarde a vossa senhoria repartição de fazenda ao Distrito de Faro treze 13 de Março de 1862 Mestrissimo Senhor administrador do Concelho de Tavira servindo de Delegado do Tesouro = official = José Maria Paola (?) Lobo</p>
Nº 7	<p>Telegrafia eléctrica = número sessenta e cinco = Tavira 18 do corrente às 9.55 minutos da manhã = mestrissimo Senhor Delegado do Tesouro, Faro - texto* havendo sido agraciada com 20 000 reis mensais a religiosa D. Cândida Clara de Assis deste</p> <p>Extinto convento de Tavira por decreto de 13 de Fevereiro ultimo. Diário número trinta e sete e não havendo na recebedoria</p> <p>Ordem alguma, com prejuízo desta Senhora. Peço se me diga o que há para providenciar como convier = o administrador do concelho= Thomaz de Mello.</p>

Designação dos maços de papéis	Livros, documentos e papéis que contem
Nº 8	<p>Numero 189 = Ministro da fazenda = Telegrafia eléctrica = Mestríssimo Senhor administrador ao concelho de Tavira = texto=</p> <p>Não tenho ordem alguma do ministério da Fazenda com relação ao seu telegrama datado d'hoje, por isso nada podemos fazer. = Repartição do distrito de Faro, dezoito de Março de 1862 = servindo de Delegado do Tesouro = oficial = José Maria Paola Lobo</p>
Nº 9	<p>Urgente = Mestríssimo amigo e Senhor = Isto do convento das freiras aqui está como um ovo. Constando à Religiosa quando veio ordem para a posse dos bens, que lhe davam a escolha d' ir viver para onde quisesse, tratou logo de alugar casas, que tem</p> <p>por sua conta, à mais de 40 dias.</p>
Nº 10	<p>do bello e recomendado administrador, o senhor Padre (?) Júlio, e por que conta com os seus 20 000 reis mensais; porém não</p> <p>se lhe dando aviso ou intimação para sahi, ali se conserva contra sua vontade, nada sabe do que se passa; nem do que tem a fazer;</p> <p>se o padre Júlio tem instruções ocultando-as por que assim lhe convém, e deseja continuar com a Chapelaria do Convento, e não</p> <p>sei que mais, porque diz que ainda não foi demitido de administrador; servido por criados do convento. Peço pois ao meu amigo</p> <p>me diga como isto fica ou deve ficar, para responder a uma pergunta que se me faz. Sou com estima e consideração de Vossa</p> <p>Senhoria afectuosa amigo obrigado = Tavira dezasseis de Março de 1862 = José Francisco Travassos Neves.</p>

Anexo 34: Livros e documentos pertencentes ao Mosteiro das Bernardas

Designação dos prédios hipotecados	Avaliações	Sítio	Freg.	Conc.	Originais e Mutuários	Mutuário	Import. dizimo	Data dos títulos	Cartoriais em que foram lavrados os títulos	Nos livros, textos, e folhas	Total
Uma fazenda que consta de terras e matos tem uma cerca com Figueiros (?); parte do Nascente com fazenda do padre João de Britto, Norte com limites poente com João José e Sul com Estrada.	200\$000	S. Marcos	S. Maria	Tavira	Manoel do Rozário	Manoel do Rozário	2\$000	12 de Abril 1858	João Leite de Mello = Tavira	nº5 avulso	
Uma morada de casas altas sitas na Borda D' Água desta cidade constam de cinco altos e seis baços, varanda, quintal, poço d' água e parte pela Nascente com casas de Manoel Rodrigues Moleiro pelo Sul com uma direita ponte com casas de José Joaquim D' Andrade com a dita Borda D' Água	1.200\$000	Rua Direita	S. Maria	Tavira	Francisco Joaquim da Fonseca e Souza	José Gomes da Jaulona(?)	2\$500	25 de Março de 1792	Francisco de José da Fonseca Tavras	Nº20 e (?) Livro nº12	
Uma Fazenda no sítio da Fonte Salgada consta de todo o arvoredo e parte da Nascente com Manoel Fernandes, poente com a quinta do Mestre norte (?) com José Palermo, e Sul com a Estrada que vai para a Almargem	500\$000	Fonte Salgada	S. Maria	Tavira	João Pereira	Manoel Ignacio Inglez	6\$250	2 de Janeiro de 1785	Caetano José de Brito Tavras	Nº18, fl 135 Livro 10	

Designação dos prédios hipotecados	Avaliações	Sítio	Freg.	Conc.	Originais e Mutuários	Mutuário	Import. dizimo	Data dos títulos	Cartoriais em que foram lavrados os títulos	Nos livros, textos, e folhas	Total
Uma morada de casas na Borda D' Água da Asseca (?), com casas de Francisco Gonçalves, com a dita Borda D' Água, e com a sua da Asseca e hipoteca também fazenda do sítio da Campina, Nascente e Norte com Manoel António Neves, Poente Com Manoel José Bernardo Coelho e sul com a azinhaga do Poço.	500\$000	Borda D' Água do Asseca	S. Maria	Tavira	João António das Neves	João António das Neves	2\$500	5 de Fevereiro de 1845	Cartas Manoel Nogueira Mimoso = Tavira	Nº32 e 33; Fl 189 e 195; Livro 20	13\$250
Uma morada de cazas na rua da Fonte que consta d' Altos e baixo se partem com herdeiros de José Fialho Freire e sua oculta S. Maria e outras confrontações	700\$000	Rua da Fonte	S. Maria	Tavira	Francisco Mendes Gago	D. Maria (?) Vaz Velho	13\$250; 1\$500	5 de Abril de 1754	Clemente d' Oliveira Mattos Tavira	Nº36, fl 224, Livro 2	
Uma fazenda	500\$000	Pedra do Gato	S. Maria	Tavira	José Rodrigues Mercatudo	Luiz Rodrigues de Louzas	2\$000	24 de Maio 1841	João Lopes Ferro = Tavira	Nº 45, fl 244, livro 12	
Uma morada de Casas térreas na rua do Sapal que constam duas casas e partem da nascente João Baptista, Norte e Sul	70\$000	Rua do Sapal	S. Maria	Tavira	João da Cruz	Manoel Baptista Bombazina	1\$500	13 de Novembro de 1812	José Correia de Freita Tavira	Nº52, fl 261, livro 12	

Designação dos prédios hipotecados	Avaliações	Sítio	Freg.	Conc.	Originais e Mutuários	Mutuário	Import. dizimo	Data dos títulos	Cartoriais em que foram lavrados os títulos	Nos livros, textos, e folhas	Total
Uma morada de casas na rua Nova Pequena que confronta da nascente com Veríssimo José Gomes, Norte e Poente com cazado concelho e sul com a dita rua e também está hipotecada uma fazenda denominada do concelho = na freguesia da Luz que consta de duas hortas com pomares de espinho vinhas, e confronta pela nascente com a camada que vai da estrada real para o mar, sul com Joaquim da Conceição Franco, Norte e poente com o desembargador	1:000\$000	Rua Nova Pequena	S. Maria	Tavira	José Quintino Dias	António Vicente Nizetto	30\$000	20 de Março de 1842	José Correia de Freitas Tavira	Nº 54 e 55, fl 265 nº 268, Livro 12	
Uma fazenda no sítio da Capelinha e redores desta cidade, que consta de terras de pão e confronta Sul com Bernardo Dias e nascente com Manoel António Neves, norte com herdeiros de José Fernandes Mareantes.	800\$000	Capellinha	S. Maria	Tavira	José Faleiro da Costa e Maria do Rozário	Maria de S. José	3\$800	17 de Maio de 1828	José Joaquim de Carvalho Tavras	Nº30 fl 197 livro 30	51\$250 (total dízimos)

Designação dos prédios hipotecados	Avaliações	Sítio	Freg.	Conc.	Originais e Mutuários	Mutuário	Import. dizimo	Data dos títulos	Cartoriais em que foram lavrados os títulos	Nos livros, textos, e folhas	Total
A quinta parte das cassas altas e baixas que sua filha Margarida de Santa Anna lhe deixou que constam de uma varanda e partem com a rua da Ribeira, e cazas d' António Dias Mareante, com cazas de Manoel Rodrigues Cunha e com outras confrontações	400\$000	Borda-d'água da ribeira	S. Maria	Tavira	Capela Luiz Taborda	José Pires Sadio	51\$250; \$ 894	25 de Março de 1748	José de Oliveira Vasconcellos Tavira	Nº29 fl 284 Livro 1	
Uma morada de cazas na Praça da Alagoa, consta d' altos e baixos e parte da Nascente com a rua do Fumeiro, Norte com cazas de D. Margarida Bernarda, poente com a Alagoa a Sul com Manoel Joaquim Tavares	1:000\$000	Lagoa	S. Maria	Tavira	D. Maria Theresa Tavares	João António de Seixas	2\$500	5 de Setembro de 1837	Carlos Manoel Nogueira Mimoso = Tavras	Nº2 fl 18 Livro 10	
Cinco moradas de cazas terreas contiguas que possuem na rua do Sapal da Ribeira desta cidade que partem pela nascente sul com a rua do Sapal, Norte com a rua da Caridade, Poente com cazas de José Sadio	60\$000	Rua da Caridade	S. Maria	Tavira	António Pires Mochias (?)	José Pereira Mimoso; José da Praça; José D' Araújo; D. Maria José Madeiras	2\$000	26 de Janeiro de 1803	João Lopes Ferro Tavras	Nº28 fl 191 livro 10	

Designação dos prédios hipotecados	Avaliações	Sítio	Freg.	Conc.	Originais e Mutuários	Mutuário	Import. dizimo	Data dos títulos	Cartoriais em que foram lavrados os títulos	Nos livros, textos, e folhas	Total
Uma morada de Cazas altas sitas na rua Direita, e partem da Nascente, digo e partem do Norte com a dita rua, Sul com cazas de José Bernardo Choralhas, poente com António Pires Padinha	300\$000	Rua direita	S. Maria	Tavira	António Baptista Ribeiro	António Baptista Ribeiro	1\$500	19 de Fevereiro de 1857	Manuel Diogo Tavares Tavras	Nº36 avulso	
Uma fazenda no sítio das Vargens dos Piões, freguesia de Santa Maria desta cidade e parte da Nascente com Estrada, Poente e Sul com D. Maria da Conceição, Norte com António Faleiro	200\$000	Vargens dos Piões	S. Maria	Tavira	Manuel Pereira Puga	Viúva de Manoel Pereira Puga	2\$500	3 de Novembro de 1851	Joaquim José D' Andrade e Castro = Tavira	Nº22 avulso	60\$544 (total)
Uma fazenda no sítio da Capelinha que consta de terras de pão, e todo o arvoredado e confronta pela nascente com fazenda de Manoel António Neves, norte com vinha de José Donal, Sul com Francisco de Paula Neves poente com a estrada Real	1:000\$000	Capelinha	S. Maria	Tavira	Manoel Joaquim da Conceição	Manoel Joaquim da Conceição	2\$500	2 de Outubro de 1857	Manoel Diogo Tavares Tavras	Nº47 avulso	

Designação dos prédios hipotecados	Avaliações	Sítio	Freg.	Conc.	Originais e Mutuários	Mutuário	Import. dizimo	Data dos títulos	Cartoriais em que foram lavrados os títulos	Nos livros, textos, e folhas	Total
Uma fazenda no sítio de S. Marco consta de todo o arvoredado, vinha e terras de pão e parte pelo Sul com a estrada, poente com a fazenda de Francisco Digo com fazenda de Caetano José de Britto, Nascente com a Estrada de Galize, e com as mais confrontações.	1.200\$000	Marco	S. Thiago	Tavira	Domingues Rodrigues Pacheco	Sucessores D' António Dias do Rego	6\$000	11 de Maio de 1796	Francisco José da Fonseca Tavras	Nº39 fl 224 livro 12	
Uma fazenda de raiz no sítio da Pintasilga, freguesia de S. Thiago desta cidade, consta de todo o arvoredado e parte do Norte com D. Anna Rosa Benedita da Trindade Arez, poente com o Padre José Benigno Contreiras, Sul e Nascente com a azinhaga do poço das bruxas	2:400\$000	Foz	S. Thiago	Tavira	António d' Oliveira Nobre	José Lopes Mascarenhas; Manoel Pedro e Pedro António	2\$627	2 De Abril de 1783	Caetano José de Britto Tavras	Nº16 fl 102 livro 8	74\$774
Uma fazenda no sítio D' Asseca que consta de Oliveiras, terras de pão e parte pela Nascente com a Ribeira D' Asseca, poente com Francisco da Costa, Norte com o mesmo, Sul com herdeiros de Francisco José Moreira	2:400\$000	Asseca	S. Thiago	Tavira	José do Carmo Vieira d' Aragão	João Lopes Mascarenhas; Manoel Pedro e Pedro António	6\$000	28 de Novembro de 1794	Caetano José de Britto Tavras	Nº27 fl 216 livro 20	

Designação dos prédios hipotecados	Avaliações	Sítio	Freg.	Conc.	Originais e Mutuários	Mutuário	Import. dizimo	Data dos títulos	Cartoriais em que foram lavrados os títulos	Nos livros, textos, e folhas	Total
Uma porção de fazenda no sítio de Santa Luzia e consta de todo o arvoredo vinha e terras de pão e parte da Nascente com João José de Mattos, pelo Sul com estradas das pedras, pelo Poente com fazenda d' André Dias Correa; Norte com a Estrada Real que vai para Faro	4:000\$000	Santa Luzia	S. Thiago	Tavira	Catharina da Franca	D. Maria da Encarnação Mattos	30\$000	10 de Novembro de 1783	Caetano José de Britto Távira	Nº18 fl 111 e livro 9	
Uma morada de Casas altas à Porta D' Affeição que consta de cinco altos, adega e seleiros e parte pelo Norte com a rua do Poço do Alamo, nascente com a rua de S. Francisco, com frente para a rua Nova Grande	700\$000	Rua das Portas da Affeição	S. Thiago	Tavira	Luiza Roza	Maria da Glória Campos	1\$500	14 de Fevereiro de 1791	José de Britto Alvélos Távira	Nº24 fl 172, Livro 12	
Uma fazenda no sítio do Patarinho, redores desta cidade, consta de todo o arvoredo e terras de pão e confronta pela Nascente com fazenda do Desembargador José Bernardo, pelo Sul com hua porção de fazenda d'uma capella de que o devedor e administrador, pelo poente com fazenda do Morgado José de Mello Pereira, e pelo Nascente com Estrada Real	1.000\$000	Patarinho	S. Thiago	Tavira	Anacleto Xavier de Barros	João da Cruz	6\$000	14 de Outubro de 1796	Caetano José de Britto Távira	Nº 41, fl 232, Livro 12	112\$271

Designação dos prédios hipotecados	Avaliações	Sítio	Freg.	Conc.	Originais e Mutuários	Mutuário	Import. dizimo	Data dos títulos	Cartoriais em que foram lavrados os títulos	Nos livros, textos, e folhas	Total
Uma Courela de fazenda no sítio da Calhada freguesia de S. Thiago consta de terras de pão e confronta pelo Norte com o Ribeiro, Nascente, Sul e Poente com Rodrigo José de Sá Aboim e assim mais uma fazenda no sítio da Balieirada mesma freguesia, que consta de todo o arvoredado e terras de pão confronta pelo Norte com a Estrada de Santo Estevão, Sul com a Estrada da Campina, Nascente com Thereza de Jesus e poente com a Canada.	200\$000	Calhada	S. Thiago	Tavira	D. Maria Gertrudes Travassos	D. Maria Gertrudes Travassos	1\$250	7 de Novembro de 1846	António José Rodrigues Guimarães Tavira	Nº83 fl 376, livro 12	
Uma fazenda no sítio da Calhada, freguesia de S. Thiago que consta de todo o arvoredado e terras de pão e parte da Nascente com Miguel Rodrigues Soares, Poente com fazenda d' António e Jesus e Sul com fazendas de Gertrudes viúva de Rodrigo Pereira de Silva	600\$000	Calhada	S. Thiago	Tavira	Francisco da Cunha	D. Joaquina Roza Ferreiras Mascarenhas	5\$000	20 de Agosto de 1802	José de Britto Alvellos Tavira	Nº28, fl 178, livro 9	

Designação dos prédios hipotecados	Avaliações	Sítio	Freg.	Conc.	Originais e Mutuários	Mutuário	Import. dizimo	Data dos títulos	Cartoriais em que foram lavrados os títulos	Nos livros, textos, e folhas	Total
Uma morada de cazas na Atalaia que confrontão com cazas de José António Pescador, e com as de João Jesuz Pescada, e com a horta do bispo e com as mais confratações	200\$000	Atalaia	S. Thiago	Tavira	José Correa de Freitas	Catharina	2\$000	2 de Dezembro de 1812	João Lopes Ferro Tavras	Nº 56, fl 270 livro 12	
Uma fazenda no sítio de S. Pedro que conta de terras d' hortar e terras de pão e confronta pelo Nascente com Veríssimo José Gomes, Norte com Estrada Real, Sul com o ribeiro chamado Assoga / Afoga (?) buços, poente com Veríssimo José Gomes	200\$000	S. Pedro	S. Thiago	Tavira	José António de Jesuz	José António de Jesuz	2\$500	19 de Setembro de 1817	José Joaquim de Carvalho Tavira	Nº60 fl 290 Livro 12	129\$021
Uma fazenda no sítio da Foz redores desta cidade que consta de todo o arvoredo e terras de pão e parte da nascente com a Estrada Norte poente com Veríssimo José dos Santos, Sul com D. Joana Tavares	800\$000	Foz	S. Thiago	Tavira	Francisco de Paula D' Andrade	Barão das Capelinhas	5\$000	4 de Dezembro de 1814	José Correia de Freitas Tavira	Nº 9 fl 85, livro 9	
Uma fazenda no sítio de S. Margarida que consta de terras de pão e todo o arvoredo, Norte com Manoel Fernandes, sul com os herdeiros de Manoel Almirante, nascente com os mesmos	2.800\$000	Santa Margarida	S. Thiago	Tavira	Francisco de Souza	José do Nascimento	5\$625	12 de Março de 1836	António José Rodrigues Tavira	Nº 80 fl 367, Livro 12	

Designação dos prédios hipotecados	Avaliações	Sítio	Freg.	Conc.	Originais e Mutuários	Mutuário	Import. dizimo	Data dos títulos	Cartoriais em que foram lavrados os títulos	Nos livros, textos, e folhas	Total
Uma morada de cazas altas na rua de S. Thiago e partem com a dita rua, e com cazas d' António Pires Hortelão e com cazas de D. Verónica e com Selleiro público	400\$000	Rua de S. Thiago	S. Thiago	Tavira	Manoel Joaquim Pacheco	D. Maria Antónia Basilica do Coração de Jezuz e sua irmã D. Anna	2\$000	24 de Novembro de 1803	José de Britto Alvellos Tavira	Nº122 fl 111 Livro 9	
Uma morada de cazas sobre Maria das Olerias e partem com casas demolidas do beneficiado Duarte Correia de Freitas e com cazas do tenente Rodrigo Xavier e rua corrente, e travessa das cruces	500\$000	Rua das Olerias	S. Thiago	Tavira	Joaquim José Guedes d' Almeida	Tenente João José d' Almeida	1\$500	25 de Junho de 1785	João Lopes Ferro Tavras	Nº12 fl 99 Livro 9	
Uma morada em cazas altas as portas da Afeição e confronta da Nascente com cazas de D. Joaquim Sá, Sul com a horta D'el-rei, poente com cazas de Felizardo José de Torres, e Norte com a dita rua.	500\$000	Portas da Afeição	S. Thiago	Tavira	Mariana Franca	Mariana Franças	1\$200	28 de Fevereiro de 1857	Manoel Diogo e Tavares Tavira	Nº37 avulso	144\$346
Uma morada de Cazas terreas na rua do Aquartelamento confronta pelo Norte com João Taveira, Sul com a sua Nascente com Miguel dos Anjos, poente com João Lopes	500\$000	Aquartelamento	S. Thiago	Tavira	José Pedro Frio	José Pedro Frio	1\$200	30 de Junho de 1857	Francisco de Paula Neves Tavira	Nº39 avulso	

Designação dos prédios hipotecados	Avaliações	Sítio	Freg.	Conc.	Originais e Mutuários	Mutuário	Import. dizimo	Data dos títulos	Cartoriais em que foram lavrados os títulos	Nos livros, textos, e folhas	Total
Uma fazenda no sítio da Barroqueira que consta de todo o arvoredo, vinha e terras de pão, parte de Nascente com Margarida de Britto, Sul com fazenda de Baltazar Dias, Norte com o Padre Martinho Corrêa da Silva e poente com João Rodrigues	450\$000	Barroqueira	S. Estevão	Tavira	Manoel da Costa de Britto	Maria das Virgens	7\$500	17 de Junho de 1761	Fernando Clemente das Veigas Tavira	Título avulso	
Uma fazenda que consta de Figueiras e terras de pão na freguesia de S. Estevão parte do Norte com Miguel da Palma, poente com João Evangelista; nascente com Mariana do Cavaco e Sul com Manoel Martino Carrasqueira	400\$000	S. Estevão	S. Estevão	Tavira	José d' Oliveira	Thomazias Xavier de Lacerda	2\$500	6 de Outubro de 1849	Pedro José de Jesuz Tavras	Nº36 fç 237 Livro 9	
Uma fazenda no sítio do poço do vale freguesia de S. Estevão, consta de terras de pão e todo o arvoredo parte da Nascente com os herdeiros de António Viegas Arelho, Norte com eles outorgantes, Sul com a entrada Real	300\$000	Poço do Vale	S. Estevão	Tavira	João de Mendonça Nunes	João de Mendonça Nunes	2\$000	11 de Dezembro de 1839	José Antonio Neves Tavras	Nº72 fl 335 Livr 12	

Designação dos prédios hipotecados	Avaliações	Sítio	Freg.	Conc.	Originais e Mutuários	Mutuário	Import. dizimo	Data dos títulos	Cartoriais em que foram lavrados os títulos	Nos livros, textos, e folhas	Total
Uma fazenda no sítio do Morgado, digo no sítio de Montes Agudo, Freguesia de S. Estevão consta de todo o arvoredo, vinha e terras de pão e parte da nascente com Custódio da Costa com a Ribeira da Asseca, sul com a estrada que vem de S. Brás, Poente com António Gago	400\$000	Montes Agudo	S. Estevão	Tavira	Domingo s Horta de Mendonça	Francisca Marias	5\$000	26 de Agosto de 1809	José de Britto Alvellos Tavira	Nº 36 fl 216 livro 10	165\$546
Uma fazenda no sítio do Monte Agudo, freguesia de S. Estevão que consta de todo o arvoredo, vinha, cazas e ramada, confronta pela nascente com fazenda de Domingos de Mendonça da França; e a dos herdeiros de Manoel de Britto Norte com o referido Domingos de Mendonça, Sul com a de Manoel Martins e Poente com António Gago Correia.	450\$000	Montes Agudo	S. Estevão	Tavira	Manoel Jacinto	Manoel Jacinto	5\$000	2 de Março de 1855	António da Trindade Viana Tavira	Nº14 avulso	
Uma fazenda no sítio dos Barrocais, freguesia de Santa Catharina, consta de terras limpas e matozas, confronta do Norte com o concelho, Sul com Francisco Cabrita, nascente com Maria da Palma, poente com Manuel António	150\$00	Barrocais	S. Catharina	Tavira	João José Lúcio	João José Lúcio	5\$000	2 de Junho de 1857	Manuel Diogo Tavares Tavira	Nº38 Avulso	

Designação dos prédios hipotecados	Avaliações	Sítio	Freg.	Conc.	Originais e Mutuários	Mutuário	Import. dizimo	Data dos títulos	Cartoriais em que foram lavrados os títulos	Nos livros, textos, e folhas	Total
Uma fazenda no sítio do serro de Leiria, freguesia de S. Catharina que consta de todo o arvoredo e trás de semear, parte da nascente com a Canada que vem do Bengado, Sul com os herdeiros de Manoel Gomes, ponte com herdeiros de Brites Correa, Norte com Manoel Gonçalves	80\$000	Serro de Leiria	S. Catharina	Tavira	Bartholomeu Viegas	Manoel de Jesuz	3\$000	20 de Janeiro de 1786	João Lopes Ferro Tavira	Nº14 fl 103 livro 9	
Duas fazendas na freguesia de S.Catharina, a primeira no sítio do Almarjão e parte da Nascente com o ribeiro Norte e Poente com Egnácia Maria, Sul com Manoel Gago e a segunda no sítio da Torre e parte da Nascente com a herdade de Rozaria Maria, Norte com Francisco Viegas, ponte e sul com o ribeiro do Lagar	200\$000	Almarjão e sítio da Torre	S. Catharina	Tavira	Faustino José Barrada e João Souza Carrusca	Faustino José Barradas e João Souza Carrusca	6\$000	24 de Agosto de 1842	Carlos Manoel Nogueira Mimoso = Tavira	Nº 90 fl 396 Livro 12	184\$546
Uma fazenda no sítio do Julião, freguesia de S. Catharina consta de todo o arvoredo e parte da nascente com João Fernandes, Norte com os limites da Serra, ponte com fazenda de Maria Antónia e Sul com o Ribeiro D' Asseca.	100\$000	Julião	S. Catharina	Tavira	Francisco José	Francisco José	4\$000	19 de Julho de 1830	António Caetano Galvão de Mello = Tavira	Nº 82 fl 374 Livro 12	

Designação dos prédios hipotecados	Avaliações	Sítio	Freg.	Conc.	Originais e Mutuários	Mutuário	Import. dizimo	Data dos títulos	Cartoriais em que foram lavrados os títulos	Nos livros, textos, e folhas	Total
Duas fazendas na freguesia de Santa Catharina a primeira confronta do Nascente com Aldeia, poente com Manoel Lopes, Norte com os limites e sul com a Estrada, a segunda confrontada Nascente com herdeiros d' António Martins, poente com Sebastião Martins, digo Sebastião Rodrigues, Norte com João Estevão e Sul com o ribeiro do Estreito	100\$000	Aldeia e Caza Velha	S. Catharina	Tavira	Maria da Graça	José dos Reis	4\$000	21 de Julho de 1882	João Guerreiro de Oliveira Tavira	Nº 63 fl 307 Livro 12	
Uma fazenda no sítio dos Carvalhos freguesia de S. Catharina que consta de todo o arvoredo e terras de pão e confronta Nascente com Maria do Cercado viúva, poente com Manoel da Graça Sul com António Martins das Alcarias, Norte com João Correa	90\$000	Carvalho	S. Catharina	Tavira	Custódio Gago	Custódio Gago e Maria Viegas	3\$500	8 de Fevereiro de 1830	José Joaquim de Carvalho Tavira	Nº 49. fl 304 livro 12	
Uma fazenda no sítio da Palmeira freguesia da Luz que consta de todo o arvoredo, vinha e terras de pão e parte da Nascente com António José Julião, Norte com João António, ponte com fazenda do Desembargador João Leal, e Sul com António Dias	60\$000	Palmeira	S. Catharina	Tavira	José Rodrigues	Francisco Luiz	2\$900	5 de Março de 1783	Francisco de Xavier Correia Tavras	Nº19 fl 142 Livro 10	198\$952

Designação dos prédios hipotecados	Avaliações	Sítio	Freg.	Conc.	Originais e Mutuários	Mutuário	Import. dizimo	Data dos títulos	Cartoriais em que foram lavrados os títulos	Nos livros, textos, e folhas	Total
Uma fazenda no sítio de Brejo, freguesia da Luz que consta de todo o arvoredo e terras de pão e parte pelo Nascente, Sul e poente com o capitão João Ignacio Tavares Perez, Norte com Manuela de Souza	200\$000	Brejo	Luz	Tavira	Pedro Pacheco Peres	Maria da Conceição viuva de Francisco Lourenço	5\$000	16 de Agosto de 1800	José de Britto Alvellos Tavira	Nº41 fl 248 Livro 10	
Uma Courella de fazenda no sítio da Campina freguesia da Luz, que consta de terras de pão e vinha, que confronta pelo Norte com José Pisco Júnior, Sul com courellas de José Coelho de Carvalho Nascente com Sebastião Buesco, poente com D. Maria Furtadas	150\$000	Campina	Luz	Tavira	António Correa Pontes	António Correa Pontes	5\$000	21 de Agosto de 1852	Francisco das Neves Paula Tavras	Nº 29 avulo	
Uma fazenda horta no sítio das solteiras freguesias de Conceição que consta de todo o arvoredo com água de pé e parte pela nascente com António Rodrigues Brabo, Norte e Sul com a viúva do Arez Poente cm a mesma	1.000\$000	Solteiras	Conceição	Tavira	José Cláudio Xavier Henriques	José Arez da Trindade Franco	10\$00	29 de Abril de 1837	Carlos Rodrigues de Sequeira Tavira	Nº78 fl 360 Livro 12	

Designação dos prédios hipotecados	Avaliações	Sítio	Freg.	Conc.	Originais e Mutuários	Mutuário	Import. dizimo	Data dos títulos	Cartoriais em que foram lavrados os títulos	Nos livros, textos, e folhas	Total
Uma fazenda o sítio da Cumeada, freguesia da Conceição, consta de todo o arvoredo e parte da Nascente e Sul com os herdeiros de Francisco Ignácio d' Oliveira, Norte com estrada, ponte com os herdeiros de Manoel António	1:000\$000	Cumeada	Conceição	Tavira	José Cláudio Xavier Henriques	José de Vasconcellos	2\$000	1 de Fevereiro de 1841	João António Neves = Tavira	Nº 30 avulso	
Uma fazenda no sítio de Alvisquer, freguesia da Conceição e confronta pelo Norte com fazenda de José Cláudio Ourives, sul com Estrada Real; Nascente com D. Maria José d' Oliveira, poente com D. Cândida Martha d' Oliveiras	500\$000	Alvisquer	Conceição	Tavira	Francisco Cândido Alves de Oliveiras	Francisco Cândido Alves de Oliveiras	1\$500	21 de Março de 1850	Francisco de Paula Neves Tavira	Nº8 avulso	222\$452
Uma quinta denominada Monte Alegre no sítio da Almargem, consta de todo o arvoredo e parte da Nascente com o Alferes José António Sá, poente com terras da Almargem, Norte com a estrada que vai para Lisboa, Sul com o dito Almargem	400\$000	Monte Alegre	Conceição	Tavira	Maria Theresa Travassos	Maria António viúva de Manoel Christino	7\$500	7 de Fevereiro de 1788	João da Costa Magalhães Tavras	Nº19 fl 114 livro 9	

Designação dos prédios hipotecados	Avaliações	Sítio	Freg.	Conc.	Originais e Mutuários	Mutuário	Import. dizimo	Data dos títulos	Cartoriais em que foram lavrados os títulos	Nos livros, textos, e folhas	Total
Uma fazenda na freguesia da Conceição, que consta de todo o arvoredo e terras de pão parte da Nascente com a Quinta do Carrapeto, Norte com a fazenda D' André Vaz, poentes com herdeiros de José Rodrigues Grilo e Sul com a Estrada Real	400\$000	Não refere	Conceição	Tavira	Serafim António Neves	António da Silva	4\$000	5 de Janeiro de 1803	José Correia de Freitas	Nº52 fl 263 Livro 12	
Uma fazenda no sítio d'Estiramanténs, freguesia de Moncarapacho que consta de todo o arvoredo vinha e terras de pão e parte da Nascente e Sul caminho D' Asseca, Norte e ponte com Maria Laureana	600\$000	Estiramanténs	Moncarapacho	Tavira	António de Sarre de Mendonça; Manoel de Sarre; Gaspar (?); Manoel de Sarre Nascimento; Teixeira de Mendonça; José Afonso; José de Sarre Mendonça	Maria das Virgens; José Viegas Cavaco; Manoel de Sarre de Mendonça; José de Sarre de Mendonça	11\$000	2 de Março de 1848	Pedro José de Jesus Tavira	Nº 52 fl 263 Livro 12	

Designação dos prédios hipotecados	Avaliações	Sítio	Freg.	Conc.	Originais e Mutuários	Mutuário	Import. dizimo	Data dos títulos	Cartoriais em que foram lavrados os títulos	Nos livros, textos, e folhas	Total
Uma fazenda no sítio do Barrocal, freguesia de Moncarapacho que consta todo o arvoredo vinha e terras de pão e parte com fazenda de Sebastião Rodrigues, com fazenda de Domingos Rodrigues de Mendonça e com fazenda de Domingos Ignez e com fazendas de Romão de Souza	160\$000	Gião	Moncarapacho	Tavira	João Rodrigues Taborda	Domingos Rodrigues	4\$868	2 de Fevereiro de 1729	Manoel Correa de Carvalho Tavira	Nº 41 fl 847 Livro 4	209\$220
Uma fazenda de raiz no sítio do Quintã, freguesia de Moncarapacho que consta de todo o arvoredo e terras de pão e parte com fazenda de João Revez Pereira e com Bartholomeu Afonso e Canada do concelho e com Domingos d' Andrade	400\$000	Quintão	Moncarapacho	Olhão	Manoel d' Andrade	Custódio Domingos Palermo Junior	3\$250	30 de Março de 1708	Agostinho d' Andrade Tavira	Nº34 fl 289 Livro 4	
Uma fazenda junto ao rio Tronco, freguesia de Moncarapacho que consta de todo o arvoredo vinha e terras de pão e parte do poente com Canada para o mar e com a canada pública, Nascente com Manoel Domingues, Norte co Manoel Mendonça	3:000\$000	Murteira	Moncarapacho	Olhão	Lourenço Pereira de Carvalhi	Francisco Rodrigues do Passo	1\$225	18 de Agosto de 1857	Bento Freire Tavira	Nº 4 fl 36 livro 5	

Designação dos prédios hipotecados	Avaliações	Sítio	Freg.	Conc.	Originais e Mutuários	Mutuário	Import. dizimo	Data dos títulos	Cartoriais em que foram lavrados os títulos	Nos livros, textos, e folhas	Total
Uma fazenda de raiz no sítio a Fornalha freguesia de Moncarapacho consta de todo o arvoredo, vinha e terras de pão e parte da Nascente com herdeiros de Pedro Affonso e poente com Domingos Viegas,Norte com António da Graça, Sul com a Estrada Real e huma courella no sítio da Laranjeira que consta de todo o arvoredo e parte da nascente com o estrada e canada que vai para o mar, poente com os herdeiros de Manoel Rodrigues Lobo, Norte com herdeiros do Francisco Affonso e Sul com herdeiros de Simão Rodrigues	600\$000	Fornalha	Moncarapacho	Olhão	Manoel Soares Valente	Alberto Simão	5\$873	30 de Dezembro de 1873	João Lopes Ferro Taviras	Nº20 fl 121 Livro 9	260\$169
Uma courella de vinha e horta no sítio do Gião freguesia de Moncarapacho a qual consta de árvore do mimozo e d' espinho e terra d'hortas e parte da nascente com metade da dita horta que é dos herdeiros de Mário do Nascimento, pelo mar com Josefa Maria, Poente com Manoel Viegas, e pelo norte com a Estrada	400\$000	Gião	Moncarapacho	Olhão	Duarte Palermo	Manoel Pereiras	2\$000	27 de Novembro de 1781	Francisco Xavier Correa Taviras	Nº 84 fl 212 Livro 12	

Designação dos prédios hipotecados	Avaliações	Sítio	Freg.	Conc.	Originais e Mutuários	Mutuário	Import. dizimo	Data dos títulos	Cartoriais em que foram lavrados os títulos	Nos livros, textos, e folhas	Total
Um cercado de vinha no sítio da Fornalha e parte com a Estada que vai para cidade com Eugena Pereira viúva de Manoel Pereira e outra courella no sítio do Laranjeiro, que consta de terras de pão e parte com a estrada que vai para o mar e fazenda de Manoel Vieiras	100\$000	Fornalha	Moncar apacho	Olhão	António Fernandes	Padre João dos Santos Tavares olhão	\$750	18 de Outubro de 1787	João Lopes Ferro tavras	Nº14 fl 123 Livro 12	
Uma fazenda no sítio das areias, freguesia de Moncarapacho que consta de todo o arvoredo e parte do norte com fazenda de João Gonçalves, pelo Sul com fazenda de Manoel Fernandes, Nascente com João de Britto	200\$000	Areias	Moncar apacho	Olhão	Anna Jacinta Paarras	Manoel Rodrigues	4\$150	10 de Novembro de 1788	Francisco Xavier Correia Tavras	Nº 18 fl 148 Livro 12	
Uma fazenda de raiz no sitio d' Estramantens freguesia de Moncarapacho consta de todo o arvoredo, vinha e terras de pão e parte da Nascente com Alagoa, Nascente com Coronel D' Engenheiros José de Sande, Nascente com Francisco Correia, poente com Manoel da Costa	100\$000	Estiranaments	Moncar apacho	Olhão	António dos santos	António Dias	2\$500	2 de Junho de 1790	Francisco Xavier Correia Tavras	Nº28 fl 108 Livro 12	269\$512

Designação dos prédios hipotecados	Avaliações	Sítio	Freg.	Conc.	Originais e Mutuários	Mutuário	Import. dizimo	Data dos títulos	Cartoriais em que foram lavrados os títulos	Nos livros, textos, e folhas	Total
Uma fazenda no sítio de Murteira freguesia de Moncarapacho consta de todo o arvoredo e terras de pão parte da Nascente com Pedro dos Santos, Sul com Manoel Rodrigues, Nascente com a estrada que se aproxima do Moinho, poente com Antão Pacheco	300\$000	Murteira	Moncarapacho	Olhão	António Soaares Alvidro	António Soares Alvidro	3\$500	22 de Fevereiro de 1803	José de Britto alvellos Tavira	Nº 29, fl 194 livro 10	
Uma fazenda no sítio da Cabeça, freguesia de Moncarapacho, consta de terras limpas e matozas e parte da nascente com o caminho que vai para Foufiana (?), poente com os foreiros, Norte com terras do concelho	130\$000	Cabeça	Moncarapacho	Olhão	Manuel Afonso Araus (?)	Joaquim das Neves	4\$500	5 de Agosto de 1808	António Maneira de Costas	Nº59 fl 398 livro 5	
Uma fazenda no sítio da Maragota, freguesia de Moncarapacho consta de todo o arvoredo, vinha e terras de pão e parte do Norte com Manuel Correia, Poente com Alfeire Veríssimo Ferreira	150\$000	Maragota	Moncarapacho	Olhão	Joaquim José Deniz	Joaquim Pereira Netto	4\$500	6 de Agosto de 1811	Francisco José da Fonseca Távira	Nº23 avulsos	

Designação dos prédios hipotecados	Avaliações	Sítio	Freg.	Conc.	Originais e Mutuários	Mutuário	Import. dizimo	Data dos títulos	Cartoriais em que foram lavrados os títulos	Nos livros, textos, e folhas	Total
Uma courella de fazenda no sítio da Foufiana (?), freguesia de Moncarapacho que consta de todo o arvoredado vinha e terras de pão e parte da Nascente com fazenda de Pedro Pacheco Peres, Poente com o mesmo, Norte com o concelho e Sul com elles devedores.	1:500\$000	Foufiana	Moncarapacho	Olhão	Rodrigo Pereira Nobre	Manoel Ignácio de Joaquim; José Gago de Sequeira; Domingos Antunes da Palma	30\$000	2 de Agosto de 1804	José de Britto Alvellos Taviras	Nº22 fl 164 Livro 10	
(não há informação sobre a fazenda)	50\$000	Pereira	Moncarapacho	Olhão	Não há informação	Domingos Rodrigues	\$400				312\$969
Uma fazenda no sítio da Foufiana, freguesia de Moncarapacho que consta de todo o arvoredado e terras de pão e parte do Norte com o concelho, nascente com o alferes Rodrigo Pereira Nobre, Sul com o concelho da serra da cabeça, poente com Francisco d' Andrade, Manoel Viegas de Cavaco e João Domingues	1:200\$000	Foufiana	Moncarapacho	Olhão	Pedro Pacheco Peres	Herdeiros de Pedro Pacheco Peres	30\$000	11 de Agosto de 1804	José de Brittos Marcos Tavira	Nº 9 Avulsos	
Uma fazenda	100\$000	Fornalha	Moncarapacho	Olhão	Não tem informação	Magdalena Cruz	2\$880	Não tem informação	Não tem informação	Não tem informação	

Designação dos prédios hipotecados	Avaliações	Sítio	Freg.	Conc.	Originais e Mutuários	Mutuário	Import. dizimo	Data dos títulos	Cartoriais em que foram lavrados os títulos	Nos livros, textos, e folhas	Total
Uma fazenda no sítio do poço na vila de Alhão, consta de terras de pão e confronta pelo Norte com a Estrada que vai para Faro, Sul com Joaquim Fernandes, Nascente com a Estrada Real, poente com José da Palma	400\$000	Alhão	Guelfes	Olhão	José dos Santos	D. Thomazia Xaiver de Lacerda	5\$000	20 de Outubro de 1840	António José Rodrigues Guimarães Távira	Nº71 fl 331 Livro 12	
Um monte no sítio da Charneca freguesia de Pechão consta de todo o arvoredo e terras de pão e parte da Nascente com Francisco Gonçalves Charneca, Poente com o caminho da igreja, Norte com Manoel Ignacio e sul com o caminho que vai para Guelfe	200\$000	Charneca	Pechão	Olhão	Maria do Rozário, viúva de António Caetano Guerreiro	Maria do Rozário	2\$500	15 de Outubro de 1857	Luiz Henriques; Duan Labord (?) Faro	Nº 19 Avulsos	355\$349
Uma morada cazas na vila d' Olhão e parte da Nascente com a rua da Solidads (?), Norte com Manoel Rodrigues Português, poente com a rua de Joaquim do Ó, e Sul com António Ramos	400\$000	Olhão	Não refere	Olhão	João Thomaz de Castanha do e Castro	João Thomaz de Castanha do e Castro	4\$400	30 de Novembro de 1842	Carlos e Manuel Nogueira Mimoso Távira	nº 37 fl 240 Livro 9	

Designação dos prédios hipotecados	Avaliações	Sítio	Freg.	Conc.	Originais e Mutuários	Mutuário	Import. dizimo	Data dos títulos	Cartoriais em que foram lavrados os títulos	Nos livros, textos, e folhas	Total
Um armazém na rua do Berro na vila d' Olhão e parte da nascente com António Martins Raimundo, Poente com António Martins Raimundo, Poente com a rua Norte com Manoel Viegas Seguro e Sul com Joaquim Viegas	200\$000	Rua do Berro	Não refere	Olhão	João Thomaz de Castanha do e Castro	João Thomaz de Castanha do e Castro	3\$000	2 de Fevereiro de 1849	Domingos Cardozo Gomes Faro	Nº 38 fl 244 livro 9	
Uma herdade denominada a = a corte =em Castro Marim que parte com a herdade ds Herdeiros de Jorge Coelho Valente e terras de António mestre do Azinhal e com uma courella de vinha que está no rio que parte com o Ribeiro e com vinhas de Catharina de Graças	1:000\$000	Corte	S. Thiago	Castro Marim	João da Ponte Cabreira	Sebastião da Guarda Cabreira	6\$013	24 de Novembro de 1722	Manoel Correa de Carvalho = Tavira	Nº 57 fl 490 Livro 5	
Uma fazenda que consta de caza palheiro, ramada, eixo d' alvenaria e poço d' agua parte da Nascente coma viúva de Lourenço Fernandes e outros, Norte com a Estrada, Poentes com Manoel da Palma Saramago e outros, e Sul com o ribeiro do rio Seca	2:000\$000	Rio Secca	S. Thiago	Castro Marim	Não tem informação	Silvestre Falcão e João da Palma Nunes	2\$500	Não refere	Não refere	Não refere	369\$262

Designação dos prédios hipotecados	Avaliações	Sítio	Freg.	Conc.	Originais e Mutuários	Mutuário	Import. dizimo	Data dos títulos	Cartoriais em que foram lavrados os títulos	Nos livros, textos, e folhas	Total
Metade d'um Lagar de Azeite na Vila de Castro Marim que conta de duas cazas e parte com a outra metade de Gil Vaz Curvo e todo em roda parte pela Nascente com elles devedores, Norte com a rua corrente Poente com Gil Vaz Curvo, Sul com o caminho do lagar e huma courella de vargem na herdaade da " corte" e confronta por todos os lados com elles devedores e huma fazenda na Ilha da Lezíria da dita villa que consta d' Oliveiras e terra de pão dividida em três courellas, a chamada fazenda parte da nascente com o concelho Sul e poente com a barrada que parte pela nascente com João da Ponte, Norte e Sul com o rio da Lezíria a chamada Misericórdia parte pela nascente, Norte e poente com herdeiros de José Guerreiro	200\$000	Castro Marim	S. Thiago	Castro Marim	D. Maria Jacinta d' Alvellos e Brito e D. Francisca Barbara d' Alvellos	João da Ponte e Cabreira	4\$000	3 de Junho de 1727	João Lopes Ferro Távira	Nº8 fl 88 Livro 12	
Uma horta nos redores de Castro Marim e parte da Nascente com terras de Lourenço José Teixeira, Norte com terras da ordem, Sul com João Baptista Mascarenhas	600\$000	Redores da Villa	S. Thiago	Castro Marim	Anna Cândida Xavier da Fonseca	António Ribeiro Fernandes	2\$500	11 de Abril de 1812	João Lopes de Ferro, Távira	Nº50 fl 256 Livro 12	

Designação dos prédios hipotecados	Avaliações	Sítio	Freg.	Conc.	Originais e Mutuários	Mutuário	Import. dizimo	Data dos títulos	Cartoriais em que foram lavrados os títulos	Nos livros, textos, e folhas	Total
Uma courella de fazenda no sítio do rio Seco, consta de vinha e parte da Nascente e Sul com herdeiros de Francisco Madeira Pires, Norte com herdeiros de Manoel da Palma, poente com Domingos Martins	140\$000	Rio Secco	S. Thiago	Castro Marim	João Monteiro da Fonseca	António da Silva Ruço	2\$100	16 de Dezembro de 1761	José Leopoldo da Silva	Nº 15 fl 101 Livro 11	323\$462
Uma courella de fazenda no sítio d' Alagoa freguesia de vila Reaal que consta de terras de pão e parte da Nascente com vargem do Padre José Xavier de Mello, Norte com o mesmo, poente com a courella de sua filha, e sul com alferes Manoel Madeira	200\$000	Alagoa	Cacella	Vila Real de Santo António	Lourenço Madeiras	Doutor Matheus António Pereira da Silva e seus irmãos	2\$210	2 de Setembro de 1783	Francisco Xavier Correia Távira	Nº 46 avulso	
Uma fazenda no sítio da Nova, freguesia de Cacella consta todo o arvoredor, vinha e terras de pão e parte da Nascente com fazenda de João da Ponte Cabreira, ponte com a caminhada Norte e Sul com Estrada Real	800\$000	Nova	Cacella	Vila Real de Santo António	Miguel da Tindade	Padre António Basílio de Oliveira	2\$500	17 de Março de 1792	Caetano José de Britto Távira	Nº 27 fl 180 Livro 12	

Designação dos prédios hipotecados	Avaliações	Sítio	Freg.	Conc.	Originais e Mutuários	Mutuário	Import. dizimo	Data dos títulos	Cartoriais em que foram lavrados os títulos	Nos livros, textos, e folhas	Total
Uma fazenda no sítio da Nova, freguesia de cacella consta de todo o arvoredo, vinha e terras de pão e parte pela nascente com João da ponte, poente com a (?) que vem da Serra, Norte com a estrada e Sul com estrada que vai para Villa Real	800\$000	Nova	Cacella	Vila Real de Santo António	Miguel da Trindade	Padre António Basílio de Oliveira	2\$000	11 de Junho de 1793	Francisco José da Fonseca Távira	Nº 32 fl 198 Livro 12	
Uma quinta	8:000\$000	Nova	Cacella	Vila Real de Santo António	Francisco José Horta Machado	Visconde D' Hortas	12\$000	11 de Dezembro de 1804	José de Brito Alvellos Távira	Nº10 fl 17 Livro 9	
Uma quinta no sítio da Ponte de Loulé, freguesia e Termo de Silves, que consta de todo o arvoredo terras de pão e castanheiras e parte pela Noite com a herdade da Universidade de Coimbra, Poente e Sul com o Rei	1:200\$000	Ponte do Adelouca	Santa Maria	Silves	Filipes Alistão Moniz Corte Real	Herdeiros de Manoel Raimundo Moniz Corte Real	30\$000	14 de Janeiro de 1794	Caetano José de Britto Távira	Nº3 fl 40 Livro 12	452\$172

Designação dos prédios hipotecados	Avaliações	Sítio	Freg.	Conc.	Originais e Mutuários	Mutuário	Import. dizimo	Data dos títulos	Cartoriais em que foram lavrados os títulos	Nos livros, textos, e folhas	Total
Uma fazenda que consta de vinha, figueiras, amendoeiras, oliveiras e terras de pão e parte pela Nascente com a fazenda do Guarda Mor da Saúde Bernardo Pedro Pargana (?) Sul com o Sapal de S. Pedro, Norte Com Simão Barbudo Pinto e poente com o açude (?) das moinhas	400\$000	Abicada	Nossa Senhora da Conceição	Portimão	José António Paulo de Macedo	Joaquim Pedro Judias (?)	\$750	24 de Junho de 1803	Não refere	Nº10 fl 87 Livro 1	
Uma fazenda	400\$000	Abicada	Nossa Senhora da Conceição	Portimão	José António Paulo Macedo	José António Paulo Macedo	\$890	1 de Novembro de 1800		Nº11 fç 138 livro 1	
Uma morada de cazas terras na travessa que vai da rua de S. Sebastião para o chafariz na villa de Loulé partem da Nascente com o quintal de João Gomes Mendes, Norte com as cazas de António Rodrigues Poente com azinhaga pública, Sul com quintal de João Gomes Mendes	30\$000	Travessa do Arco	Loulé	Loulé	Ruy Diniz de Olivais	Joaquim de Souza Mialha	\$800	25 de Setembro de 1726	Manuel Nobre = Loulé	Nº 7 fl 56 Livro 8	

Designação dos prédios hipotecados	Avaliações	Sítio	Freg.	Conc.	Originais e Mutuários	Mutuário	Import. dizimo	Data dos títulos	Cartoriais em que foram lavrados os títulos	Nos livros, textos, e folhas	Total
Uma fazenda nos redores da Vila de Loulé que consta de toda a árvore, vinha e terras de pão e parte da Nascente com o capitão Francisco de Paulas Galvão, Norte com elle devedor Poentes com fazenda dos compradores, chamada a do Pombal e Sul com o dito Cafutão (?) Francisco de Paula	600\$000	Redores de Loulé	Loulé	Loulé	Capitão José Xavier Botto	Doutor José Alves d' Oliveira	23\$700	29 de Julho de 1832	João Francisco d' Oliveira Loulés	Nº 9 fl 133 Livro 1	459\$312
Uma Fazenda no sítio de Val , freguesia de Loulé que parte da Nascente com António da Rocha, norte com quem deva d partir, poente com Miguel Correia, Sul com José Souza	20\$000	Val Sisnado	Loulé	Loulé	António Joaquim	Manuel Fernandes	\$948	26 de Junho de 1766	José Rodrigues da Silva Loulés	Nº20 fl 105 Livro 1	
Uma cerca com arvoredos	400\$000	Cazas no Lagar Novo	Loulé	Loulé	Simão José de Azevedo e Silva Lobo	Manoel Henriques Azaredo (?)	15\$000	1 de Agosto de 1814	Não refere	Nº7 fl 29 livro 10	

Designação dos prédios hipotecados	Avaliações	Sítio	Freg.	Conc.	Originais e Mutuários	Mutuário	Import. dizimo	Data dos títulos	Cartoriais em que foram lavrados os títulos	Nos livros, textos, e folhas	Total
Uma courella de fazenda no sítio da Mão freguesia de Loulé que consta de terras de pão e figueiras e parte da Nascente com Maria de Jesuz e com a Estrada Norte com a estrada, poente com Miguel Correia, e Sul com a Estrada e uma courella de figueiras no sítio do val sinado, que parte da Nascente e Nortes com José de Souza e sul com a estrada	30\$000	Vargem da Mão	Loulé	Loulé	Manoel dos Santos	José Mendes	\$ 763	1 de Julho de 1765	José Rodrigues da Silva	Nº 26 fl 142 Livro 1	
Uma cerca no sítio de Afra, freguesia de Loulé que consta de arvoredo e terras de pão e partes da Nascente com Manoel Correia Nobre com Marcos Viegas, Poente com as foreiras e sul com as estradas	12\$000	Afra	Loulé	Loulé	Manuel Guerreiro	António Guerreiro do Soalheiro	\$ 872	12 de Junho de 1765	Francisco de Xavier de Mendonça e Britto Loulé	Nº 3 fl 18 livro 20	
Uma fazenda no sítio do vale que consta de todo o arvoredo, vinha e terras de pão e parte da Nascente, Norte e Sul com a Estrada, poentes com quem deva de partir	40\$000	Vales	Loulé	Loulé	Veríssimo António Lobo	D. Maria de Pilar	\$627	28 de Junho de 1765	Manuel Coreia Netto Loulé	Nº4 fl 26 livro 2	476\$012


Designação dos prédios hipotecados	Avaliações	Sítio	Freg.	Conc.	Originais e Mutuários	Mutuário	Import. dizimo	Data dos títulos	Cartoriais em que foram lavrados os títulos	Nos livros, textos, e folhas	Total
Uma fazenda no sítio do val da Roza que parte da Nascente com herdeiros do Padre Felício da Silva, poente com Estrada que vai para a cabanita, Norte om fazenda foreira a Belchior Navarro e mar com azinhaga que vai para fazenda dos ditos herdeiros do Padre Felício e compõe-se de terras de pão, figueiras, oliveiras e Alfarrobeiras e mais arvores com cazas	120\$000	Val da Roza	Loulé	Loulé	António Azevedo da Silva	Manuel Guerreiro Martinho	5\$000	18 de Maio de 1782	Francisco António de Matos	Nº 1 fl 2 livro 9	
Um monte que consta de cazas com terras de pão, figueiras, oliveiras, alfarrobeiras, amendoeiras, parte da Nascente com António Vieira, Norte com herdeiras de Manoel Coelho de Val de Judes, poente com José Martinho Prata, e mais com Manoel da Pontes	50\$000	Charneca	Boliqueime	Loulé	Domingos Martins Menezes	Manoel Joaquim Mendes boliqueime	2\$000	18 de Novembro de 1795	Francisco António Correia Loulé	Nº 3 fl 10 Livro 10	
Uma quinta no Lagar do Algoz	1:000\$000	Algoz	Algoz	Loulé	Francisco de Paula Lobo Pessanha	Sebastião Madeira de Gama	30\$000	20 de Abril de 1844	Não refere	Nº13 fl 48 livro 10	

Designação dos prédios hipotecados	Avaliações	Sítio	Freg.	Conc.	Originais e Mutuários	Mutuário	Import. dizimo	Data dos títulos	Cartoriais em que foram lavrados os títulos	Nos livros, textos, e folhas	Total
Um Pomar...	1:300\$000	Pomar	Salin	Loulé	D. Maria da Gama Lobo	Sebastião Madeira da Gama	15\$000	30 de Novembro de 1822	Não refere	Nº13 fl 48 Livro 1	528\$012
Uma vinha nos subúrbios de Faro e confronta com a Estrada de S. Miguel e estada do poente e com os jardins os Chinfrins, e com aa vinha d' António Pedro.	400\$000	Suburbios da cidade de Faro	S. Pedro	Faro	Thereza Francisca Manoela de Figueiredo	António Joaquim Ramalho	5\$000	24 de Dezembro de 1802	Francisco José da Fonseca Tavira	Nº 11 fl 86 livro 10	
Umas terras no sítio do Almarginho, freguesia de Faro que consta de terras de pão e parte da Nascente e poente com a quinta dos Fialhos da Piedade de Tavira, Norte com a Estrada que vai de Faro para Estoy e com quem haja de partir.	1:200\$000	Almarginho	S. Pedro	Faro	Manoel de Figueiredo Mascarenhas Manoel	Herdeiros de Manuel Christovão Mascarenhas	60\$000	22 de Agosto de 1785	António José Rodrigues Loulé	Nº 12 fl 40 livro 1	
Uma fazenda que consta de vinha e figueiras, e confronta pela nascente com João Cândido daa Cruz Pinto, poente com estrada que vai para Aldeia d' Estoy, Norte com estrada pública e herdeiros de Sebastião Alves Centeio, e sul com o D. Dião (?) Joaquim Manoel Basquinho	500\$000	Val de Cães	S. Pedro	Faro	Paula Joaquina Candida Basquinho (?)	D. Paula Joaquina Basquinho	18\$000	11 de Setembro de 1950	António da Trindade Viana Faro	Nº12 avulso	


Designação dos prédios hipotecados	Avaliações	Sítio	Freg.	Conc.	Originais e Mutuários	Mutuário	Import. dizimo	Data dos títulos	Cartoriais em que foram lavrados os títulos	Nos livros, textos, e folhas	Total
Uma fazenda no sítio dos Sorrateiros, freguesia de Estoy a qual consta de terras de pão e todo o arvoredado e parte da Nascente com serventia que vai para a Alcaria Branca, poente com Estrada Real que vai para a Aldeia, Norte com a outra estrada que vai para Aldeia e sul com a Fazenda de António Reis	100\$000	Serrateiros	Estoy	Faro	Maria Thereza de Mendonça	Francisco de Paula Britto	4\$500	8 de Março de 1782	Caetano José de Brito Távira	Nº 29 fl 195 livro 9	610\$512
Uma horta no sítio dos Nalarinhos, freguesia de S. Brás e parte da nascente com o caminho que vai para a Fonte. Norte com Bartholomeu Arraes, poente com Maria Viegas e Sul com Domingos Gonçalves	40\$000	Nalarinhos	S. Braz	Faro	Diogo Gonçalves	Joaquim Peres do Farrobo	2\$500	8 de Janeiro de 1770	Francisco Clemente Veiga Távira	Nº 8 fl 64 livro 7	
Uma courela de fazenda no sítio do Medronhal freguesia de Santa Barbara e parte de todo os lados com Manoel de Britto e com elles foreiros	20\$000	Medronhal	Santa Barbara	Faro	António Viegas	Viana António Mendonça	\$846	4 de Maio de 1755	Clementes mello de Sares Faro	Nº30 fl 192 livro 2	
Não tem informação	Não refere	Não refere	Não refere	Não refere	Real Mosteiro dos Desterros de Lisboa	Real Mosteiro dos Desterros de Lisboa	35\$000	Alvará de 30 Novembro de 1794	Não refere	Não refere	
Não tem informação	Não refere	Não refere	Não refere	Não refere	Fazenda nacional	Fazenda nacional	41\$624	Não refere	Não refere	Não refere	690\$122

Designação dos prédios hipotecados	Avaliações	Sítio	Freg.	Conc.	Originais e Mutuários	Mutuário	Import. dizimo	Data dos títulos	Cartoriais em que foram lavrados os títulos	Nos livros, textos, e folhas	Total
Tavira 30 de Dezembro de 1858 a Presidente João Pedro Vasconcelos D. Cândido Clara Xavier O escrivão da fazenda Francisco											


Anexo35: Descrição das escrituras de empréstimos feitos com fundos do Mosteiro de Nossa Senhora da Piedade (Bernardas). Designação de Propriedades hipotecadas, o seu valor e situação.

Descrição	Cronologia E observações	Fotografia
<p>Fragmentos de azulejos contemporâneos com decoração vegetalista.</p>	<p>Século XVII/XVIII</p> <p>Material inédito gentilmente cedido pelo SACR.</p>	

Anexo 36: Fragmentos de azulejo do século XVII /XVIII encontrados nas escavações do Mosteiro das Bernardas

Descrição	Cronologia E observações	Fotografia
Fragmentos de azulejos contemporâneos com decoração vegetalista.	<p>Século XVII/XVIII</p> <p>Material inédito gentilmente cedido pelo SACR.</p>	

Anexo 37: Fragmentos de azulejo do século XVII/XVIII inédito inerente à segunda fase de campanhas arqueológicas. Material gentilmente cedido pelo SACR.

Descrição	Cronologia E observações	Fotografia
Fragmentos de azulejos contemporâneos com decoração vegetalista. Pasta bem depurada.	Século XVII/XVIII Material inédito gentilmente cedido pelo SACR.	

Anexo 38: Fragmento de azulejo do século XVII/XVIII inédito inerente à segunda fase de campanhas arqueológicas. Material gentilmente cedido pelo SACR.



Anexo 39: Convento de Nossa Senhora da Graça


Capital	Nomes dos Devedores	Juros
114\$400	Francisco Ignácio	5\$720
450\$600	D. Maria Joana de Mello de Madeira Aragão	2\$240
111\$100	D. Maria Joaquina Roza de Oliveira	5\$555
200\$000	Maria da Conceição Mendonça	10\$000
100\$000	Manoel Ignácio	5\$000
130\$000	Bento José Mariante	6\$500
60\$000	Ana Joaquina	5\$000
160\$000	Manoel Viegas	3\$000
200\$000	os herdeiros de D. Maria Joana de Guarda	10\$000
50\$000	António Roiz Bravo	2\$500
40\$000	João Fernandes	2\$000
223\$000	Francisco de Chagas	11\$150
9\$000	José Pereira	\$450
81\$000	os herdeiros de José Mendonça	4\$050
100\$000	José Miz da Fuzeta	5\$000
90\$000	Herdeiro de Jorge Martins	4\$500
130\$000	Pedro Guerreiro	6\$500
20\$000	José de Souza	1\$000
32\$000	Herdeiros de Joaquim Viegas	1\$600
86\$000	João José de Mattos	4\$300
25\$000	João Soares	1\$250
225\$000	João Vito	11\$250
50\$000	Manoel Luiz Pintor	2\$500
100\$000	Herdeiro de Custódio de Jesus	5\$000
80\$000	Manoel Correia	4\$000

Capital	Nomes dos Devedores	Juros
100\$000	Herdeiros de Francisco Chagas	5\$000
50\$000	José Lopes	2\$500
50\$000	Silvestre Falcão	2\$500
300\$000	António Joaquim Farto	15\$000
20\$000	Custódio Martins	1\$000
33\$000	Manoel D' Assunção	1\$650
40\$000	André Correa	2\$000
40\$000	José de Jesus	2\$000
100\$000	Francisco Peres	5\$000
100\$000	Herdeiros de Caetano José de Brito	5\$000
100\$000	Padre Manoel da Graça	5\$000
15\$000	Josefa Maria de Jesus	\$750
72\$500	Francisco de Paula de Aragão	3\$625
60\$000	João Baptista e sua irmã	3\$000
100\$000	Herdeiro de António Xavier	5\$000
203\$320	Fábrica de Santiago desta cidade	10\$166
23\$600	José Correa	1\$180
60\$538	Joaquim de Guivarra	3\$020
375\$000	As cazas de Carne de Lisboa	18\$750
4.405\$058		


Anexo 40: Mapa dos Capitais do Convento de Nossa Senhora da Graça da Cidade de Tavira.

Rendas e Foros	Valores
Recebe anualmente de foros	233\$500
Dona de 50 pessas de figo a 500\$ como se vende em 1820	25\$000
Dona de 240 alqueires de trigo a 360 como se vende em 1820	86\$400
Dona de 30 Alqueires de cevada a 200	6\$000
Dona da fazenda chamada Quinta huns anos por outros (?)	50\$000
	400\$900
Total de todo o rendimento = 621\$106	


Anexo 41: Mapa que mostra rendas foros deste convento de Nossa Senhora da Graça

Acrónimo	Descrição	Cronologia e observações	Fotografia
03/MMT/C/89	<p>"Púcaro de pasta clara. Apresenta coloração vermelha e pasta pouco depurada (...) apresenta forma fechada, colo cilíndrico e corpo globular com canelura, bordo recto e lábio ligeiramente arredondado, base plana e asa de secção irregular com duas caneluras. De fabrico a torno e cozedura oxidante, apresenta defeitos de fabrico a nível da asa e do acabamento final"</p>	<p>Século XV</p> <p>Produção valenciana</p>	


Anexo 42: Púcaro em cerâmica do século XV encontrado durante as escavações arqueológicas do Convento de Nossa Senhora da Graça em Tavira.

Acrónimo	Descrição	Cronologia e observações	Fotografia
05/MMT/C/1699	<p>“Fundo de manga de farmácia com decoração em corda-seca total representando palmetas invertidas. De pasta clara bem depurada de coloração rosa, apresenta vestígios de uma cozedura oxidante. O exterior encontra-se revestido de corda-seca total, com motivos vegetalistas a azul e branco sobre o vidrado amarelo, sendo que o interior e encontra revestido a vidrado branco, mal conservado e com concreções calcárias. Apresenta na uma base uma possível marca de oleiro realizada com três traços paralelos a negro”</p>	<p>Século XVI</p> <p>Produção Sevilhana</p>	


Anexo 43: Manga de farmácia em cerâmica do século XV encontrada durante as escavações arqueológicas do Convento de Nossa Senhora da Graça em Tavira.

Acrónimo	Descrição	Cronologia E observações	Fotografia
05/MMT/C/1699	<p>“Taça de perfil semiesférico, base plana e lábio arredondado. De pasta clara, foi realizada a torno e indica uma cozedura oxidante. Apresenta decoração pintada a azul e reflexos metálicos (...) na face interna, junto ao bordo foi desenhada a azul uma linha, a qual é seguida por outras duas, paralelas, no arranque da base. Da primeira destas duas, saem linhas mais finas que se ligam aos elementos vegetalistas presentes no bordo.</p>	<p>Século XVI</p> <p>Produção sevilhana</p>	


Anexo 44: Taça em cerâmica do século XV encontrado durante as escavações arqueológicas do Convento de Nossa Senhora da Graça em Tavira.

Acrónimo	Descrição	Cronologia E observações	Fotografia
05/MMT/C/1694	<p>“Pequeno pote de duas asas circulares, das quais só resta uma, pé anelar, colo cilíndrico e corpo globular. Apresenta pasta pouco depurada, de coloração alaranjada, a qual foi modelada a torno e cozida em ambiente oxidante. A metade superior do corpo, bem como o colo e as asas, foram revestidos de vidrado melado, mal distribuído, não formando uma linha uniforme”</p>	<p>Século XV</p> <p>Produção Granadina</p>	


Anexo 45: Pote em cerâmica do século XV encontrado durante as escavações arqueológicas do Convento de Nossa Senhora da Graça

Acrônimo	Descrição	Cronologia E observações	Fotografia
03/MMT/C/91	<p>“Bordo de prato, de função decorativa. Apresenta forma algo côncava, aba pendente, lábio biselado, no exterior e remate arredondado. A pasta apresenta-se clara, de coloração rosa, bem depurada. De cozedura oxidante e fabrico a torno, apresenta gramática decorativa bastante diversificada, estando presente no bordo e em ambas as superfícies. Na superfície interna e no bordo a decoração foi realizada em reflexos metálicos, representando motivos que lembram notação musical de forma repetitiva. Sobre a decoração a reflexos metálicos foram aplicadas, de forma rítmica, linhas radiais azuis, as quais rematam no bordo em ondas.</p>	<p>Século XIV /XVI Produção Granadina</p>	 <p>The photograph shows two fragments of a ceramic plate rim. The fragments are light-colored with a pinkish hue. They feature blue radial lines that end in wavy patterns at the rim. A scale bar is visible on the right side of the image, indicating the size of the fragments.</p>


Anexo 46: Prato do século XIV/XVI em cerâmica encontrado durante as escavações arqueológicas do Convento de Nossa Senhora da Graça.

Acrónimo	Descrição	Cronologia E observações	Fotografia
05/MMT/C/169 8	<p>“Taça de perfil semiesférico com pé anelar e lábio arredondado. De pasta clara, foi realizada a torno e indicia uma cozedura oxidante. Apresenta decoração pintada a azul e reflexos metálicos quase desaparecidos. A sua gramática decorativa é bastante rica. Sobre o vitrado branco foi pintado um quadrado a azul. De cada ângulo do quadrado sai uma elipse também esta pintada a azul. Nos espaços entre as elipses, existem restos de reflexos metálicos, formando motivos vegetalistas”</p>	<p>Século XIV</p> <p>Produção Granadina</p>	


Anexo 47: Taça em cerâmica do século XIV encontrada durante as escavações arqueológicas no convento de Nossa Senhora da Graça.

Acrônimo	Descrição	Cronologia E observações	Fotografia
05/MMT/C/1697	<p>” Pequeno púcaro de uma asa (desparecida) a qual arranca desde a base até à zona do bordo. Da pasta pouco depurada, foi fabricada a torno sendo depois cozida em ambiente oxidante. As suas superfícies não tiveram qualquer tratamento. Na sua carena suave apresenta duas caneluras pouco profundas e paralelas”</p>	<p>Século XV</p> <p>Produção lisboeta</p>	


Anexo 48: Púcaro em cerâmica do século XV encontrado durante as escavações arqueológicas do Convento de Nossa Senhora da Graça

Acrônimo	Descrição	Cronologia E observações	Fotografia
05/MMT/C/1692	<p>“Fragmento de possível jarrinha de pasta vermelha e pouco depurada, a qual foi cozida em ambiente oxidante. Apresenta corpo globular no qual está representado, com pintura branca, um entramado de seis linhas verticais entrecortadas por dez linhas horizontais, as quais são rematadas por linhas que, na diagonal, tombam para a base. Nas zonas onde não exibe decoração, foi alvo de um espatulado muito discreto, realizado em espátula fina”</p>	<p>Século XV</p> <p>Produção cerâmica pintada a branco</p>	

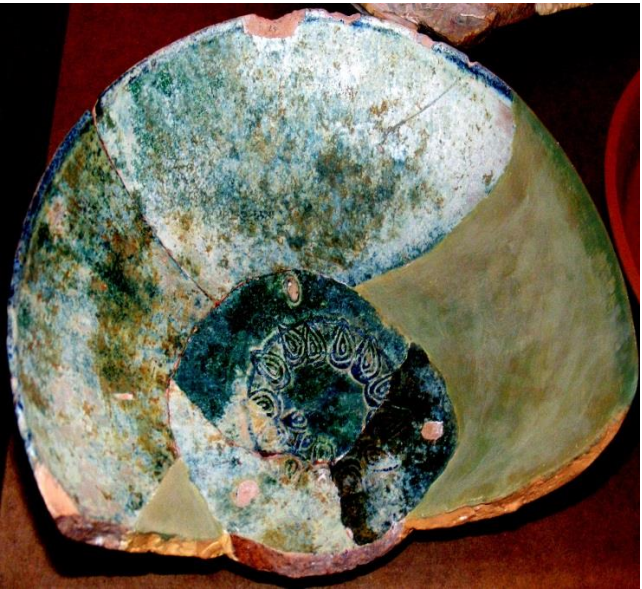
Anexo 49: Possível fragmento de jarrinha em cerâmica do século XV encontrado durante as escavações arqueológicas do convento de Nossa Senhora da Graça

Acrónimo	Descrição	Cronologia E observações	Fotografia
05/MMT/C/1695	<p>“Pichel de pasta clara e depurada, esmaltado a branco, excepto no pé anelar. Apresenta uma asa que arranca da carena, mas que apenas se solta do corpo quase junto ao colo cilíndrico. De bordo recto e lábio arredondado, apresenta caneluras abaixo do mesmo. Foi realizada a torno, a que seguiu cozedura oxidante”</p>	<p>Século XV</p> <p>Produção Teruel</p>	


Anexo 50: Pichel em cerâmica do século XV encontrado durante as escavações arqueológicas do Convento de Nossa Senhora da Graça.

Acrónimo	Descrição	Cronologia E observações	Fotografia
05/MMT/C/1700	<p>“Panela de pasta laranja, pouco depurada, cozida em ambiente oxidante. De corpo globular, base ligeiramente convexa, apresenta bordo plano com lábio espessado para o exterior. Possui duas asas com nervura central”</p>	<p>Século XV</p> <p>Produção de cerâmica pintada a branco</p>	

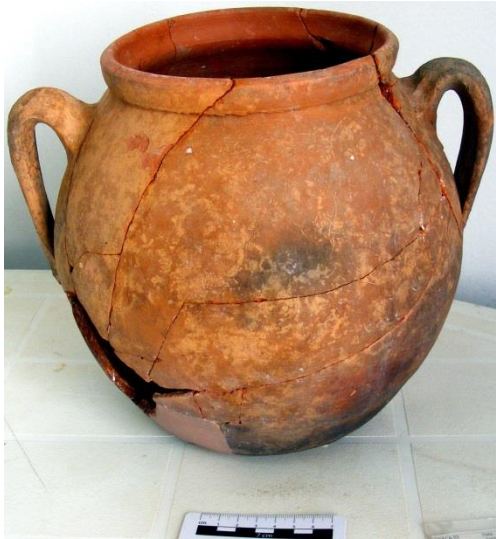
Anexo 51: Panela em cerâmica do século XV encontrada durante as escavações arqueológicas no Convento de Nossa Senhora da Graça.

Acrónimo	Descrição	Cronologia E observações	Fotografia
05/MMT/C/1696	<p>“ Grande prato de pé anelar e bordo em aba. De pasta clara e bem depurada, foi realizada a torno e teve cozedura oxidante. Apresenta pintura azul ao nível do bordo e do bojo. No primeiro, apresenta motivos geométricos dispostos ao longo da aba. Quanto ao bojo a gramática decorativa é muito rica e diversificada. Atravessando o bojo, foi realizado um motivo epigráfico “al-‘afiya (“bem estar”), o qual se encontra definido por duas linhas finas (...) sensivelmente a meio do campo epigráfico, saem quatro linhas formando duas possíveis elipses, diametralmente opostas, dentro das quais se entrelaçam motivos fitomórficos e vegetalistas (“ árvores da vida”). Os espaços ente o campo epigráfico e as elipses foram deixados em branco”.</p>	<p>Século XIV</p> <p>Produção de Granada</p>	


Anexo 52: Prato em cerâmica do século XIV encontrado durante as escavações arqueológicas no Convento de Nossa Senhora da Graça

Acrónimo	Descrição	Cronologia E observações	Fotografia
03/MMT/C/87	<p>“Taça de vidro branco, de fabrico a torno e cozedura oxidante. Forma aberta com lábio ligeiramente arredondado, parede exterior recta com carena donde inflecte para a base, no interior apresenta uma carena côncava. D pasta clara, de coloração amarelo pálido, bem depurada, com elementos não plásticos de dimensões inferiores a 1mm (...) esta peça servia para consumo de alimentos sólidos ou semilíquidos. Apresenta, na superfície externa e diametralmente opostos, dois elementos de preensão, pouco funcionais e que têm um caracter meramente decorativo. Possui algumas imperfeições no bordo e no vidro, fruto de um fabrico pouco cuidado (...) em alguns locais o vidro encontra-se irisado, destacado e algumas concreções calcárias (...)”</p>	Século XV/XVII	

Anexo 53: Taça vidrada em cerâmica do século XV/XVII encontrada durante as escavações arqueológicas do Convento de Nossa Senhora da Graça.

Acrónimo	Descrição	Cronologia E observações	Fotografia
	<p>Panela de pasta laranja, com pouca depuração, cozida em ambiente oxidante. Apresenta um corpo globular, base convexa, lábio espessado para o exterior e compreende duas asas com nervura central.</p>	<p><u>Século XV (?)</u></p> <p><u>Material não publicado</u></p>	

Anexo 54: Panela em cerâmica do século XV (?) encontrada durante as escavações arqueológicas no Convento de Nossa Senhora da Graça.

Acrónimo	Descrição	Cronologia E observações	Fotografia
	<p>Panela de pasta branca, bem depurada e cozida em ambiente redutor.</p> <p>Apresenta um corpo globular, base convexa, lábio espessado para o exterior.</p> <p>O bordo encontra-se incompleto e compreende duas asas com nervura central.</p>	<p>Século XV (?)</p> <p>Material não publicado</p>	

Anexo 55: Panela em cerâmica do século XV (?) encontrada durante as escavações arqueológicas do Convento de Nossa Senhora da Graça.



Anexo 56: Antigo Convento de S. Paulo



Anexo 57: Horta do antigo Convento de S. Paulo



Anexo 58: Horta do convento de S. Paulo. Visualização de um muro a nordeste (possível vestígio de cerca conventual?)



Anexo 59: Interior do antigo Convento de S. Paulo <http://alenteverde.blogspot.pt/2014/09/igrejas-de-tavira-7-igreja-do-antigo.html>



Anexo 60: Retábulo principal do antigo Convento de S. Paulo

<http://alenteverde.blogspot.pt/2014/09/igrejas-de-tavira-7-igreja-do-antigo.html>



Anexo 61: Portal com uma inscrição: “DOMVS DEI EST ET PORTA CAELI.gln / PALVS EREMITARVM AVCTOR ET MAGISTER” (Residência de deus e da porta do céu Paúlos Eremitas Avctor? (Actor?) E magistério. (Foto Tomé Silva)



Anexo 62: Sino doado pela ordem do Carmo ao convento S. Paulo. Sino do século XIX (1852) em mau estado de conservação. (Foto Tomé Silva)



Anexo 63: Sino doado pela igreja de S. Maria do Castelo no século XVIII (1781). Sino em mau estado de conservação (Foto Tomé Silva)



Anexo 64: Vestígios de talha dourada associados ao antigo convento de S. Paulo

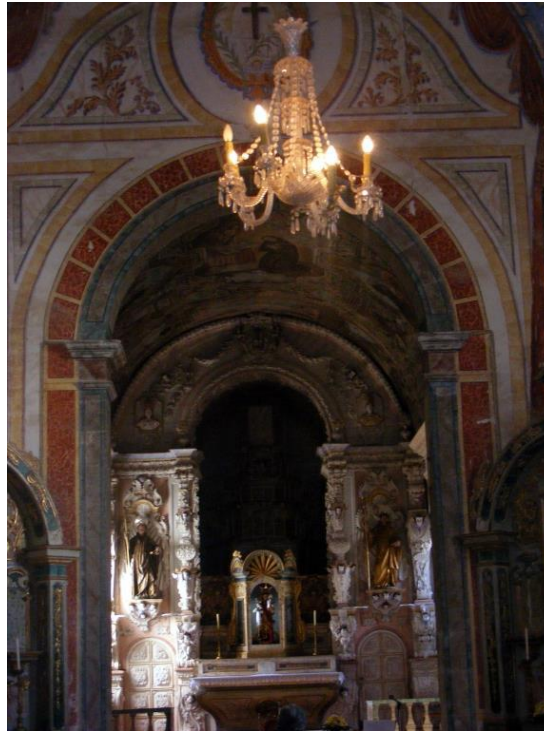
<http://alenteverde.blogspot.pt/2014/09/igrejas-de-tavira-7-igreja-do-antigo.html>



Anexo 65: Antigo Convento de S. António (Foto Tomé Silva)



Anexo 66: Antiga Horta do Convento de S. António (Foto Tomé Silva)



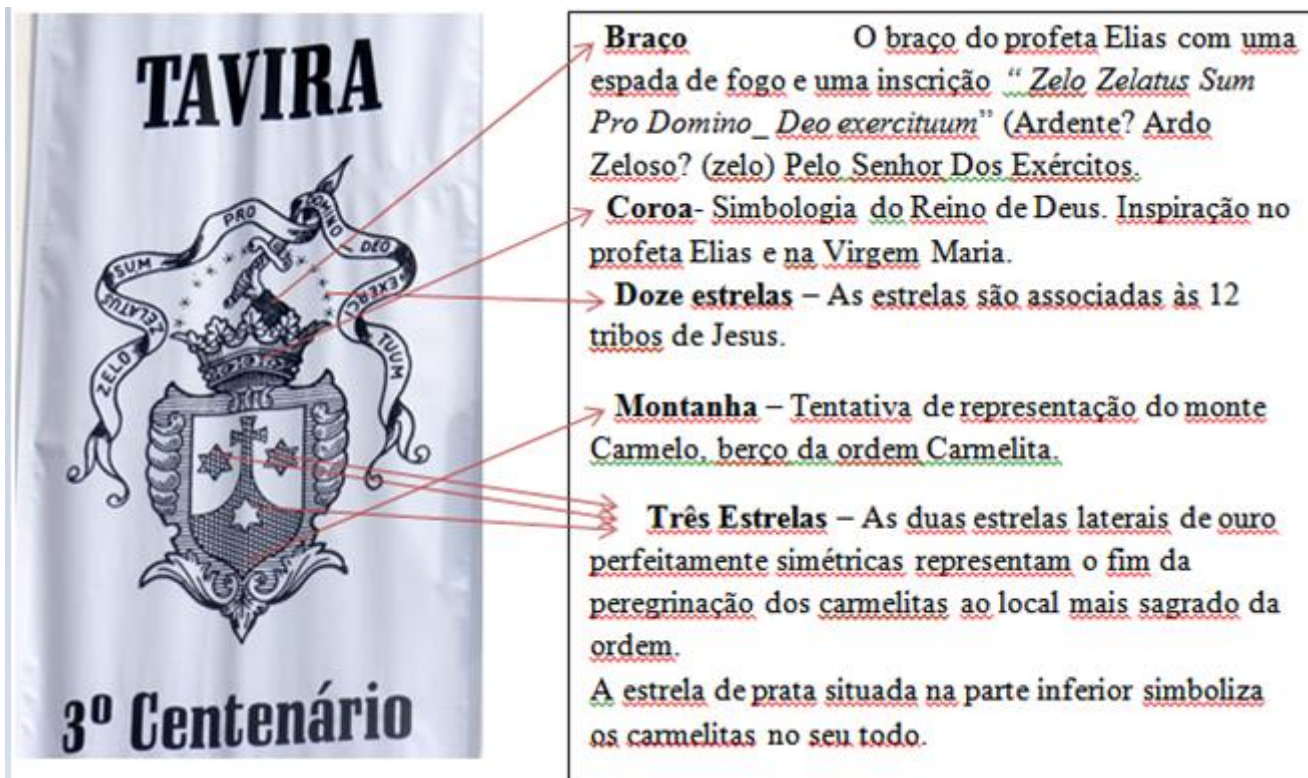
Anexo 67: Interior do antigo convento de S. António. Decorações em estilo maneirista. (Foto Tomé Silva)



Anexo 68: Representação de S. António associado ao antigo convento de S. António (Foto Tomé Silva)




Anexo 69: Antigo Convento de Nossa Senhora do Carmo. Actual Centro de Ciência Viva de Tavira. Do seu lado esquerdo encontra-se a antiga Igreja de Nossa Senhora do Carmo. <http://www.tavira.cienciaviva.pt/img/conventocarmo.jpg>



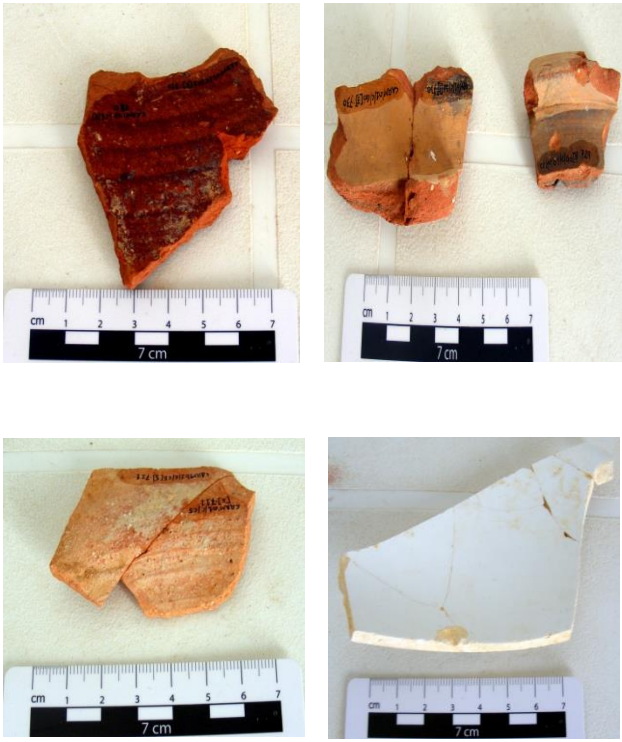
Anexo 70 Quadro explicativo da simbologia Carmelita




Anexo 71: Simbologia Carmelita associado ao convento de Nossa Senhora do Carmo de Tavira.

Descrição	Cronologia E observações	Fotografia
Vaso de flores (?) pasta laranja e cozedura oxidante.	Século XVIII	

Anexo 72: Vaso de flores (?) de cronologia contemporânea (século XVIII) inerente à primeira fase de campanhas arqueológicas do Convento de Nossa Senhora do Carmo de Tavira.

Descrição	Cronologia E observações	Fotografia
1 – Fragmento de pote (?) 2- Fragmento de alguidar (?) 3-Fragmento indeterminado 4 – Fragmento tigela (?)	Século XVIII	 <p>The 'Fotografia' column contains four photographs of ceramic fragments. The top-left photo shows a large, reddish-brown fragment with a ruler below it. The top-right photo shows two smaller reddish-brown fragments with a ruler below them. The bottom-left photo shows two light brown fragments with a ruler below them. The bottom-right photo shows a white, curved fragment with a ruler below it. All rulers are marked in centimeters from 1 to 7.</p>



Anexo 73: Fragmentos de cerâmica vidrada contemporânea encontrada durante a escavação arqueológica no Convento de Nossa Senhora do Carmo.

Descrição	Cronologia E observações	Fotografia
<p>1 – Asa de cerâmica correspondente a um vaso (?)</p> <p>2- Pequeno gargalo de uma garrafa (?)</p> <p>3- Fragmento de alguidar (?)</p> <p>4- Fragmento de taça (?)</p>	Século XVIII	 <p>The photographs show four distinct ceramic fragments. The top-left image shows a fragment with a dark, possibly glazed, area and a ruler below it. The top-right image shows a small, hollow, cup-like fragment with a ruler below it. The bottom-left image shows a fragment with some text or markings and a ruler below it. The bottom-right image shows a fragment with a dark, possibly glazed, area and a ruler below it.</p>

Anexo 74: Fragmentos de cerâmica vidrada contemporânea encontrada durante a escavação arqueológica no Convento de Nossa Senhora do Carmo.

Descrição	Cronologia E observações	Fotografia
1 – Fragmento vidrado 2- Fragmento de prato (?) esmaltado a verde.	Século XVIII	

Anexo 75: Fragmentos cerâmicos contemporâneos encontrados durante a escavação arqueológica no Convento de Nossa Senhora do Carmo.

Descrição	Cronologia E observações	Fotografia
1-3 – “Fragmentos de cerâmica em faiança”	Século XVIII Industrial (?)	 

Anexo 76: Fragmentos de cerâmica em faiança contemporâneos encontrados durante as escavações arqueológicas no Convento de Nossa Senhora do Carmo.

